

CÉSAR CORDEIRO VIEIRA

INCURSÕES DE UM POETA NO FOLHETIM: RESGATE DE

'CENAS DA VIDA DE ESTUDANTE'

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

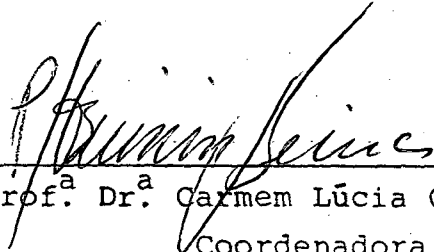
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LITERATURA BRASILEIRA

ORIENTADORA: ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

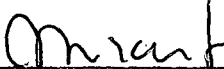
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

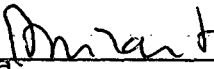
- 1988 -

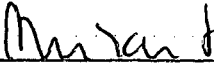
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras - Especialidade Literatura Brasileira - e aprovada em sua forma final pelo programa de pós-graduação.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Lúcia Cruz Lima  
Coordenadora

Banca examinadora:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zahidê Lupinacci Muzart  
Orientadora

81)   
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Zilberman

82)   
Prof.<sup>a</sup> Janete Gaspar Machado

À MARIA HELENA, Companheira,  
Amiga, Amor...

À LARISSA e PEDRO, ninhos de amor,  
luzes da minha vida.

## SUMÁRIO

	Pág.
. RESUMO	
. RESUME	
. NOTAS SEM COMPROMISSO	
1. INTRODUÇÃO GERAL: SOBRE A PESQUISA OU COMO FOI REALIZADA A PESQUISA .....	10
2. CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA DE LACERDA COUTINHO .....	12
. Notas .....	19
3. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE .....	21
. Notas .....	34
4. NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO DO TEXTO .....	36
. Nota .....	42
5. TRANSCRIÇÃO DO TEXTO: 'CENAS DA VIDA DE ESTUDANTE' .....	44
5.1. 'O qui-pro-quo' .....	44
5.2. 'Eduardo' .....	84
6. NOTAS EXPLICATIVAS .....	154
6.1. Primeira narrativa .....	154
6.2. Segunda narrativa .....	170



	Pág.
7. BIBLIOGRAFIA .....	189
7.1. Do autor.....	190
7.2. Sobre o autor .....	193
7.3. Geral .....	197
8. ANEXOS .....	205
8.1. Cronologia da publicação do folhetim	
8.2. Reprodução do Cabeçalho de "O Despertador"	
8.3. Reprodução xerográfica das fotos do folhetim	

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o resgate do texto de Cenas da vida de estudante do escritor Lacerda Coutinho, até então disperso no jornal desterrense do século XIX — O Despertador. Temos aqui, pela primeira vez a sua versão integral, possibilitando a leitura sem interrupções e o conhecimento do único romance do autor.

A nossa pesquisa apresenta : um capítulo introdutório onde é ressaltada a importância de Lacerda Coutinho no cenário da literatura catarinense do século XIX; estudo sobre a vida e obra do autor.

Na apresentação é feita a caracterização do modo como foi publicado o romance e o resumo do enredo. Observamos a questão de gênero, o estilo da época — e concluímos que o autor possui fortes tendências realistas. Fizemos também em rápida análise a caracterização das personagens, e observações dos processos narrativos.

A parte mais importante do nosso trabalho é a que traz a transcrição de Cenas da vida de estudante, com as normas adotadas e as notas explicativas.

Estabelecemos um quadro das datas de publicações e o apresentamos em anexo assim como as reproduções das fotografias do romance como documento para futuros pesquisadores.

## RESUME

Le but de cette recherche a été celui de mettre à jour le texte du feuilleton Scènes de la vie d'étudiants de Lacerda Coutinho, jusqu'alors perdu dans le journal O Despertador, de Desterro au XIX siècle.

Notre travail présente: a) un chapitre d'introduction où l'importance de Lacerda Coutinho dans la littérature de Santa Catarina est étudiée; b) un autre chapitre sur la vie et l'oeuvre de l'auteur.

En rapide analyse, nous avons fait la caractérisation des personnages et l'observations des procédés narratifs. En outre, nous donnons les caractéristiques du mode comme le feuilleton a été publié, nous étudions la question du genre et de l'école littéraires du roman,

La partie la plus importante de notre travail est celle de la transcription du roman, des normes adoptées et les notes explicatives.

## NOTAS SEM COMPROMISSO:

Resgatar o texto inédito das Cenas da vida de estudante de Lacerda Coutinho é a proposta básica deste trabalho, cuja realização foi motivada, ou mesmo impulsionada, pelo gosto/prazer da re/descoberta de um autor catarinense praticamente desconhecido do público leitor. O autor deixou uma produção literária esparsa em jornais e entre os seus trabalhos consta o romance que apresentamos nesta pesquisa. Passando anteriormente pela experiência de poeta, ele escreveu as Cenas da vida de estudante durante o período em que viveu no Rio de Janeiro como estudante de medicina.

O prazer da pesquisa surgiu do envolvimento com o texto, com o ritmo do texto, com o ritmo do escritor. O ato de reconstituir o romance foi um ato criativo, na medida em que exigiu deste pesquisador uma postura de entrega, de mergulho mesmo no universo do texto inédito e esparso nas folhas amareladas do jornal O Despertador. Mas, apesar dessa entrega, houve o afastamento necessário à pesquisa, como também uma postura crítica diante do texto.

Todavia a tarefa de resgatar um texto não é fácil. E este trabalho só se tornou possível, graças à colaboração

de diversas pessoas, às quais quero fazer público o meu agra  
decimento. Em primeiro lugar ao Professor Iaponan Soares, Di  
retor do Arquivo Público Estadual pela sugestão,  
pelo empréstimo de material de grande importância e  
por me ter cedido as cópias de jornais, onde foi publicado  
o folhetim de Lacerda Coutinho. Em seguida, quero agradecer  
à professora Doutora Regina Zilberman pela orientação e su-  
gestão das fotos. Outras pessoas colaboraram de várias mane-  
ras, possibilitando a realização do trabalho: aos funcioná-  
rios do arquivo que pacientemente aguardavam a minha saída  
retardatária da biblioteca; a minha dedicada orientadora, pro-  
fessora Doutora Zahidê L. Muzart, que aceitou um trabalho já  
iniciado quando fiquei sem orientador e me acompanhou todo  
o tempo, ora aprovando minhas idéias, ora conduzindo a mi-  
nha relação com o texto.

Quero agradecer ainda:

À Secretaria da Educação do Estado de Santa  
Catarina.

À Universidade Federal de Santa Catarina.

À CAPES.

A meus colegas e professores do curso de Pós-  
Graduação em Literatura Brasileira.

Aos profs. Janete, Elvira e Celestino Sachet.

A meus pais, Oscar e Aurea

A meus tios Enôr e Enedina

A Terezinha, ao deputado Iraí Zílio e Duda

A Deus e a todos que direta ou indiretamente  
me ajudaram neste trabalho.

## INTRODUÇÃO GERAL

### SOBRE A PESQUISA OU COMO FOI REALIZADA A PESQUISA:

O meu primeiro contacto com Cenas da vida de estudante foi através das fotocópias do romance no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina em Florianópolis. Não foi possível porém dar andamento à pesquisa através dessa fonte, devido à ilegibilidade da cópia e, conseqüentemente, às dificuldades de compreensão do texto.

Abandonando, então, as cópias do romance, parti para a localização da coleção do jornal O Despertador onde o mesmo fora publicado em forma de folhetim.

Tendo realizado esta etapa do trabalho, fiz uma leitura sem compromisso da fortuna crítica do autor, que é pequena aliás. Nesse ponto a pesquisa exigiu mais tempo de permanência com o texto de Cenas da vida de estudante e devido à impossibilidade de retirar os jornais da biblioteca, a sugestão da professora Doutora Regina Zilberman de fotografar o romance tornou-se essencial para dar prosseguimento ao trabalho.

De posse das fotos, procedi à cópia do texto atua

lizando-o segundo certas normas, tendo o máximo cuidado de não violentá-lo em nenhum sentido. Depois essa cópia foi datilografada e revisada.

A etapa seguinte foi a de comparar os escritos, isto é, as fotos com a atualização ortográfica a fim de certificar-me da fidelidade ao romance de Lacerda Coutinho.

Por exigência da pesquisa, elaborei as normas para a atualização do texto procurando esclarecer, o quanto possível, os princípios que nortearam a transcrição, com a finalidade de entregar ao leitor o texto atualizado.

O passo final do trabalho foi o estudo para a apresentação do romance. Neste estudo localizei o gênero do romance, as características do autor e da época em que foi escrito e o foco narrativo.

Todavia esse estudo não foi exaustivo, por não ser este o objetivo principal do trabalho. É uma apresentação onde se ressaltam as principais características do texto e a sua importância na historiografia brasileira. Desse modo, a preocupação maior reside em situar a obra dentro do panorama das Letras Nacionais.

O presente trabalho tem dois pontos fulcrais: a pesquisa de resgate do texto e a apresentação crítica, tornando-o pronto para possível edição.

A história da literatura em Santa Catarina, não pode, de agora em diante, desconhecer o romance Cenas da vida de estudante, na minha opinião, o início do Realismo aqui no Desterro.

## CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA DE LACERDA COUTINHO

1841<sup>1</sup>- A 15 de dezembro nasceu José Cândido de Lacerda Coutinho em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, no Estado de Santa Catarina. Filho de João Francisco de Souza Coutinho e de Cândida Júlia de Lacerda Coutinho. Foi criado no seio da mais alta sociedade desterreense, pois seu pai foi funcionário provincial de elevada hierarquia. Recebeu a melhor instrução que havia na Província na época. Aprendeu inclusive muito bem o latim e a métrica, segundo nos conta Henrique Fontes no seu livro intitulado Lacerda Coutinho.

1860- Foi colaborador da Tesouraria, quando já demonstrava suas aptidões poéticas.

1862- Seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina.

1863- Iniciou o curso de medicina. A 08 de setembro deste ano, principiou a publicação em folhetim do romance Cenas da vida de estudante, no jornal de seu partido, com o qual colaborou após ter mudado para o Rio. A publicação do romance



nesse jornal se estendeu até 1865<sup>2</sup>.

1866- No quarto ano de medicina, foi nomeado aluno pensionista do Hospital Militar da corte, em 16 de maio, e contratado em 04 de agosto do mesmo ano como interno do Hospital de Corrientes. Em 04 de dezembro foi rescindido o contrato através do qual serviu no citado Hospital.

Neste mesmo ano, publicou Greenhalgh<sup>3</sup>, poema de inspiração "lírico-épica", estilo este provindo da sua vivência na guerra. É dedicado ao "venerando Sr. Ricardo Greenhalgh, tio e protetor da gloriosa criança"<sup>4</sup>, herói morto na Batalha do Riachuelo. Esse poema é considerado pela crítica a sua estreia triunfal na literatura brasileira. Nele, Lacerda Coutinho demonstra ser exímio manipulador da arte poética, além de exibir o seu saber clássico. Abrindo-lhe o triunfo as portas do Paço Imperial, foi convidado por D. Pedro II, através de José Feliciano de Castilho, a frequentar as palestras literárias lá realizadas. Ele foi somente uma vez e nunca mais voltou, por haver sofrido contradições do "régio mecenas"<sup>5</sup>. Dizia serem defeituosos alguns versos seus, mas ele sustentou a respectiva métrica, e o imperador "o marcou com o lápis fatídico da legenda"<sup>6</sup>. Desse momento em diante, conta-nos Araripe Júnior, Lacerda Coutinho nunca mais se libertou da atmosfera deprimente causada pela inveja e injustiças que sofreu o seu espírito sensível.

1868- Obteve demissão do lugar do aluno pensionista do Hospital Militar, então com o posto de segundo tenente, em 07 de

abril. Lá, obteve também medalhas de reconhecimento aos seus méritos e dedicação.

Formou-se em medicina, apresentando sua tese de doutoramento sob o título Teoria das Secreções<sup>7</sup>. Versa sobre as secreções internas, em particular, a urinária, e influências que modificam a proporção da uréia na urina; pneumonia; o valor da costura metálica em cirurgia e dos casos em que deve ser preferida a costura vegetal; da asfixia por submersão<sup>8</sup>.

Imprimiu na Desterro comédia em um ato - Quem desdenha quer comprar.

1869- De volta à Terra Natal foi, o Dr. Lacerda Coutinho, nomeado segundo médico cirurgião do Hospital Militar em 07 de abril.

Dedicou versos a uma menina moça - Emília.

Foi contratado novamente pela Presidência da Santa Catarina para coadjuvar o serviço do Hospital Militar da Província.

1870- A pedido seu, foi rescindido o contrato de coadjuvante no Hospital Militar da Província a fim de retornar à Corte onde começou a sua clínica médica nos bairros da Saúde e Gamboa.

- Dedicou poemas Aos voluntários do Desterro (mês de março).

- Colaborou com o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro.

- Entre este ano e o de 1874, traduziu na Gazeta de Notícias o romance de Daudet Fromont Jeune et Risle aîné e as Índias Negras<sup>9</sup> de Júlio Verne.

- 1872- Em 26 de setembro obteve medalha com o passador de prata pelos serviços prestados no Paraguai.
- 1874- Colaborou até 1886 também com o Mosquito, encoberto sob vários pseudônimos como: Pio da Piedade, Napoleão da Silva, Ferrão de Aguiar, Ferro ab Aquilare, Crispim Crispiniano, J. Serrão, Antônio Pio, Mestre Nicácio e Pio, bedel aposentado.
- 1874- Publicou: Sonhos de Glória, flores de esperança, num tom diferente das obras anteriores, além da novidade de ser soneto.
- 1875- Em 21 de janeiro, casou-se com Dona Adelaide<sup>10</sup>, filha de João José Coutinho, presidente da Província de Santa Catarina.
- 1877- Transferiu sua residência para a Freguesia do Engenho Novo, onde clinicou como especialista em doenças de criança, durante dez anos. E daí passou a clinicar em Botafogo, centro da cidade e São Cristovão até 1890.
- 1879- Em 21 de novembro, obteve a exoneração a pedido de lugar de Presidente da Câmara Sanitária Paroquial da Freguesia do Engenho Novo, tendo sido elogiado pelos serviços prestados até então a esse órgão.
- 1889- Viver, versos em o Mosquito.

1885- Andaluzia, versos em o Mosquito.

1886- A meia noite versos em o Mosquito.

- Fundou o "Centro Catarinense" no Rio de Janeiro, sendo conferido a si a posição de presidente desta mesma associação, onde redigiu dois importantes manifestos. Num deles, apelava para que Santa Catarina fosse uma das primeiras províncias a acabar com a escravidão. No outro, apelava para o preenchimento da vaga do Senado deixada pelo falecimento do almirante Barão da Laguna.

1890- Abandonou de vez a medicina, ingressando no funcionalismo público, ao ser nomeado a 09 de maio por Benjamim Constant como 2º oficial da Secretaria de Estado da Instrução Pública, Correios e Telégrafos.

1891- Foi promovido a diretor da primeira seção da Secretaria da Instrução Pública, Correios e Telégrafos.

1893- A 11 de janeiro, foi designado para substituir em seus empreendimentos o Diretor Geral da mesma Secretaria.

1895- A 12 de novembro foi confirmada a designação mencionada acima. E no exercício desse cargo permaneceu até os últimos dias.

1900- A 02 de novembro faleceu no Rio de Janeiro.

- 1901- Após a sua morte, João Francisco de Lacerda Coutinho, seu filho, reedita Greenhalgh.
- 1910- Foi publicado Ovidianas, por seu filho João Francisco.
- 1913- Seu filho publicou Páginas Soltas, coletânea de versos do autor, incluindo o poemeto de 1866.
- 1917- Lendas escandinavas, obra em prosa, cujo título original: Dânica história, também foi publicada por seu filho.
- 1942- João Francisco de Lacerda Coutinho publicou o poemeto épico: Centenário do nascimento do sr. José Cândido de Lacerda Coutinho.
- 1943- Henrique da Silva Fontes publicou Lacerda Coutinho, o ensaio mais completo até então sobre o ilustre catarinense, incluindo uma seleção dos melhores poemas.

OBSERVAÇÕES:

- a) Consta que Lacerda Coutinho deixou duas comédias: Casa para alugar e A mona domingueira (ambas perdidas e sem referência de data).
- b) O nome de Lacerda Coutinho é lembrado pela Academia Catarinense de Letras, sendo ele patrono da cadeira de número 23, cujo fundador foi Altino Flores.

c) Não temos conhecimento de que haja alguma produção literária do autor nos seus últimos 14 anos. Provavelmente colaborou com jornais do Rio de Janeiro, tais como: Jornal do Comércio , Gazeta de Notícias e o Mosquito .

## NOTAS

1. Henrique Fontes, no seu trabalho, deixa claro que o centenário do nascimento de Lacerda Coutinho, comemorado em 1942, estava com um ano de atraso. Alguns, sem ter prestado a devida atenção às palavras do crítico (autor indispensável ao estudo da vida e da obra de Lacerda Coutinho), concluíram que o poeta e prosador desterrense houvesse nascido cem anos antes - 1842, portanto. Autores que colocam o ano de nascimento de Lacerda Coutinho como sendo 1842: Teobaldo da Costa Jamundã, Osvaldo Ferreira de Melo Filho, Escragnolle Dória, Ramiz Galvão, Osvaldo Cabral, Liberato Bittencourt. Nereu Corrêa, em Como quem acha um tesouro, p.26, afirma que Lacerda Coutinho nasceu em 1845. Augusto Victorino Alves Sacramento Backe é o mais impreciso, quando diz ter sido o nascimento de Lacerda Coutinho "pelo ano de 1835". Já outros críticos estão de acordo com Henrique Fontes, precisando o ano em 1841: Celestino Sachet, Arnaldo S. Tiago e Walter F. Piazza.

2. Os poucos que se aventuraram a escrever sobre Lacerda Coutinho desconhecem que Cenas da vida da estudante foi publicado em folhetim entre 8 de setembro de 1863 e o início de 1865. Todos são unânimes em afirmar que a publicação se deu em 1863 e 1864. Além disso, ninguém escreveu nada a respeito dessa obra.

3. Henrique Fontes diz ter sido Greenhalgh escrito em 1865. Mas se este poema é fruto de sua vivência na Guerra do Paraguai, não pode ter sido escrito em 1865, pois Lacerda Coutinho esteve lá em 1866. Portanto, esta última data é a mais confiável.
4. "Catarinenses ilustres". In: — Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, vol. VI, 1917, p.236.
5. Expressão usada por Henrique Fontes em Lacerda Coutinho, p.45.
6. Id. ibidem.
7. Escragnolle Dória, ao se referir a tese, chama-a Teoria das Sensações.
8. Informação extraída do Dicionário bibliográfico brasileiro - Blacke.
9. O nome da obra de Júlio Verne é Índias Negras e não Júlias Negras, como diz Walter Piazza que provavelmente, ao estudar com o manuscrito, confundiu o "I" com "J" e o "n" com "u".
10. Segundo o texto "Catarinenses ilustres" da Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, vol. VI, 1917, o nome da esposa de Lacerda Coutinho era Adelindes Casimira de Lacerda Coutinho. Walter Piazza em seu estudo bibliográfico sobre o Presidente Coutinho diz que ela se chamava Adelindes da Silva Coutinho. (p.18)



## APRESENTAÇÃO DO ROMANCE

### SOBRE O JORNAL ONDE FOI PUBLICADO O ROMANCE:

No mês de setembro de 1863, tem início a publicação, no jornal 'O Despertador', do romance de Lacerda Coutinho, Cenas da Vida de Estudante. O jornal já circulava desde janeiro do referido ano, sob a direção de José Joaquim Lopes Júnior, na tipografia de sua propriedade situada na rua da Trindade nº 1.

Publicado às terças e sextas-feiras, o formato inicial de O Despertador era de 36 x 28 cm, aumentando no segundo ano, isto é, 1864 para 46 x 36cm. Modificou-se ainda por volta do quinto ano de publicação. Inicialmente, o preço da folha avulsa era de 160 réis e as assinaturas semestrais custavam 4\$000 pagos adiantadamente, 4\$500 pelo correio. Em 1871, já ampliado em formato, seu preço sobe para 240 réis a folha avulsa e também o preço da assinatura que obedece a seguinte tabela:

anual: 10\$000;

semestral na capital: 6\$000;

semestral por porte pelo correio: 6\$500;

anual com porte pelo correio: 11\$000

Este jornal está entre os de maior longevidade no Desterro do século XIX. Durou 22 anos e desapareceu em agosto de 1985.

Sabe-se ainda que era formado de quatro páginas, sendo que, ao folhetim, destinou-se o rodapé das duas últimas, dispondo-se o texto em três colunas em cada uma das páginas.

O Folhetim-romance de Lacerda Coutinho aparece no final do suplemento (anexo contendo quatro páginas) nas edições de número 134, 147 e 199.

#### ALGUMAS NOTAS SOBRE O FOLHETIM:

##### Conceitos:

1. Folhetim "S.M. Seção literária de um periódico, que ocupa ordinariamente a parte inferior de uma página; fragmento de romance publicado dia a dia num jornal".<sup>1</sup>

2. "Não sendo um gênero literário definido, dispondo de extraordinário poder de adaptação, o folhetim poderia servir de modo inexcusável à cu-

*riosidade pública, que se pousa a capricho em todos os ramos sem se deter em nenhum gênero em que cabem todas as coisas, as frívolas e as sérias, as que são o tema das conversas de um as que são acontecimentos que interessam a história".<sup>2</sup>*

Sobre o etimologia da palavra, utilizamos os esclarecimentos de Marlyse Meyer em sua pesquisa sobre o gênero folhetinesco. "Diz o Littré: feuilleton, diminutif de feuille; feuille, diminutif de feuille; termo de relieur; petit cahier composé de 8 pages; article de littérature inséré au bas du journal, contient souvent aussi des romans".<sup>3</sup>

O termo em si designa uma forma de narrativa que surgiu na França em meados do século XIX, em plena época do Romantismo. Consiste em uma forma específica de narrar, articulada a uma forma específica de publicar, num veículo específico: o jornal.

Uma das várias modalidades do gênero<sup>4</sup> é o folhetim-romance que inicialmente fora batizado com o nome de folhetim-jornal, tradução do original molde francês feuilleton-journal.

Muito em moda no século XIX este gênero tinha uma conotação pejorativa e segundo Marlyse Meyer era considerado pela crítica como uma "forma menor de ficção em prosa".<sup>5</sup>

Além desse tratamento depreciativo, contribuiu, para diminuí-lo, o aspecto lúdico, isto é, o folhetim destinava-se a um público mediano com o intuito da diversão - Literatura leve, que servia de passatempo para os leitores e de chamariz para maior venda do jornal, já que o romance era seriado. Dessa forma obrigava à compra de todos os números, aumentando as vendas.

Nos moldes do folhetim-romance é que Lacerda Coutinho escreveu Cenas da vida de estudante, seu primeiro e único romance. Colaborador, durante vários anos do jornal, do partido político de sua família - O Despertador - o autor apresentava-se ao público leitor apenas com as iniciais do seu nome: "LC".

O folhetim é um tipo de narrativa que se ajusta ao intuito satírico. Cenas da vida de estudante traz em sua composição narrativa traços de humor e comicidade. A cena grotesca da entrada de Luíza na sala:

"Ela arrasta pela mão um ente feminino, a julgar pelo traje, pequeno, amarelo, enfezado e creio que, até coxo. É impossível imaginar uma cara mais esquipática e um corpo mais ridículo".<sup>6</sup>

O engano dos dois moços em relação ao nome da personagem:

" - Eu pensei... digo eu hesitando... isto é... Suponho... que a outra... quero dizer... aquela senhora que aqui estava esta manhã...

(...)

Júlia! penso eu. Não era Luíza! Júlia!... E eu que tanto desejava que ela se chamasse Julieta. Eis aí porque ela sorriu-se quando lhe disse o meu nome... Mas onde está ela! quero vê-la..."<sup>7</sup>

Estes exemplos são alguns momentos do romance que despertam o riso do leitor.

É na busca da crítica pelo humor e/ou ironia que

Lacerda Coutinho se diferencia de seus congêneres da província que procuram imitar o folhetim francês mais melodramático. Daí sua originalidade e seu interesse. Por esses traços podemos situar o autor numa linha próxima ao Realismo, aparentando-se, talvez, ao Manuel Antônio de Almeida de Memórias de um sargento de Milícias.

Utilizando o recurso do corte - técnica que aguça a curiosidade do leitor, uma vez que corta a narrativa no momento culminante de uma cena — Lacerda Coutinho garante a vendagem do jornal O Despertador durante meses.

Surpreende no folhetim de Lacerda Coutinho o modo como é tratado o intertexto social<sup>8</sup> no desenvolvimento da narrativa. Abordando temas da época em que foi escrito, como o amor impossível, que é a tônica das duas narrativas, Cenas da vida de estudante faz uma crítica aos valores sociais predominantes no Brasil dos anos de 1800. Dessa forma as relações sociais e humanas são tratadas com seriedade, embora os toques de humor sejam transparentes no discurso, para aguçar ainda mais essa crítica.

Se o corte da narrativa banaliza a realidade do texto literário, o discurso do autor, por outro lado, compromete Cenas da vida de estudante com uma literatura séria, que tem o que dizer, além da função de distrair.

O compromisso do autor com o público leitor do

folhetim é mantida na maneira divertida de apresentar dois jovens estudantes da província e suas peripécias na cidade grande. Por outro lado, o romance atinge um nível de seriedade, deixando a descoberto aspectos da vida social e cultural do país.

#### RESUMO DO ENREDO:

Cenas da vida de estudante tem duas partes, duas narrativas independentes, cujo elo é a personagem — um estudante de medicina vindo da província para o Rio. São histórias que falam de amor, bem ao gosto da época, mas com um toque original: não têm 'happy-end'.

A desventura, tema da primeira história, é sugerida logo no início da narrativa, quando o próprio título O quê pro-~~quê~~ já indicia confusão.

A grande 'cena' de Cenas da vida de estudante é o fato amoroso. Na primeira narrativa é a paixão entre Júlio e Júlia e seus dissabores. Todavia, a trama episódica tem seus alicerces na questão sócio-econômica da realidade dos personagens. Estes são representativos da época em que fora escrito o folhetim: O estudante, a mocinha casadoura, o comerciante, o fazendeiro, a literata, a dona de casa e o escravo.

Com fidelidade ao real, Lacerda Coutinho constrói o destino de suas personagens em torno do conflito amor X dinheiro. O poder econômico entra na história como um obstáculo

ao amor, impedindo, portanto, um final feliz.

No decorrer da primeira narrativa Júlio descobre que sua amada é casada com um médico que cuidou dos pais dela quando estavam enfermos. O casamento de Júlia com o médico foi uma maneira de pagar os honorários médicos, uma vez que sua família era pobre, sem condições financeiras. Esta situação torna a concretização do amor deles impossível. Como se vê o enredo tem um fundo romântico.

Convidada para um jantar com seu namorado, Júlia não comparece por uma questão de honra. D. Joaquina, tia da moça, que conhece os sentimentos dos dois, muito simpatiza com o rapaz e até gostaria de ver a sobrinha casada com ele, mas pede-lhe que contenha os seus impulsos amorosos para o próprio bem de Júlia. Ele promete fazer tudo em nome do amor que sente por ela. Assim termina a primeira narrativa, sem uma definição da situação dos dois apaixonados. Era costume ao finalizar uma história o uso da palavra 'FIM' indicando o término do romance. Lacerda Coutinho não usa este recurso, reforçando ainda mais o clima de indefinição, deixando no ar a expectativa do leitor. Acabou? Como? Nada fica definido, a única pista que tem o leitor do término da primeira narrativa é que o autor assina com suas iniciais - "LC" - sugerindo então o seu final.

Na segunda narrativa temos Eduardo e Elvira, jovens apaixonados e também impedidos de realizarem o seu amor. Como na primeira narrativa, o fator econômico é o grande vilão, o que gera os conflitos e desencontros do par amoroso.

Os dois se conhecem num omnibus no Rio de Janei-

ro. Ele, estudante de medicina, vindo de Minas Gerais, sente-se atraído à primeira vista pela moça. Ela, acompanhada da mãe, cochicha em seu ouvido alguma coisa que o rapaz não entende e deixa-o intrigado.

Toda a situação do primeiro encontro sugere que ambos já se conheciam e estavam predestinados um ao outro como no caso dos jovens apaixonados de Macedo no romance A moreninha.

Só mais tarde, o rapaz recorda-se do encontro em que conhecera a moça, há muitos anos atrás, ocasião em que salvou-a de uma situação difícil. Nesta altura da narrativa, o amor já existe e os dois estão pensando em casar-se. Informado das novidades da vida amorosa de Eduardo, o pai dele transporta-se para o Rio de Janeiro, a fim de impedir o casamento, porque o seu filho já estava prometido a uma prima rica. A fortuna deveria permanecer na família e não se dispersar com casamento fora do círculo familiar.

No último capítulo da segunda narrativa, intitulado Dois homens zangados, o pai de Eduardo encontra-se com o pai de Elvira, na tentativa de persuadi-lo a desistir do casamento dos dois jovens. Dessa forma abrupta, indefinida, termina a segunda história, deixando o leitor surpreso sem saber como termina o caso de amor entre Eduardo e Elvira. Nem a palavra 'FIM' é utilizada para dar um fecho, sequer as iniciais do autor aparecem para sinalizar o final.

Mas o fato de não ter dado esse costumeiro tratamento à narrativa de folhetim, pode não significar que o roman-



ce esteja incompleto. Podemos supor que a palavra 'continua' em lugar de 'FIM' tenha sido uma intromissão do redator. Outro dado que nos leva a crer que o final surpreendente tenha sido realmente a intenção do autor é o fato de Lacerda Coutinho escrever poemas nas edições seguintes ao último capítulo da segunda narrativa. Teria sido proposital este recurso de finalizar a história de maneira inesperada? A segunda narrativa está incompleta? Em relação a este aspecto do romance, a dúvida permanece e ficamos com o questionamento do leitor: Acabou? Como? Será que a história continua? Podemos fazer deduções, mas não chegamos a uma conclusão a este respeito.

### Os títulos:

De modo geral, os títulos de Cenas da vida de estudante são longos. Esta característica lembra as obras do século XVIII, quando era comum o uso de títulos que resumissem o assunto da narrativa.<sup>9</sup>

No romance de Lacerda Coutinho cada título atua como um resumo do assunto referido no capítulo, tal como os títulos das obras dos séculos XVII, XVIII e algumas do século XIX.

Escolhemos apenas os mais sugestivos para demonstrar este recurso utilizado pelo autor das Cenas da vida de estudante.

O autor diz em três páginas o que poderia dizer em duas palavras — título do primeiro capítulo, onde discorre a respeito das desventuras de um provinciano (ou dos provincianos em geral) na corte. Também questiona a situação de escritor da província X escritor da corte.

Para mostrar o ambiente onde viviam os dois estudantes e a entrada em cena da personagem moleque, Lacerda Coutinho intitula o segundo capítulo de Quartos de estudante. O Moleque de D. Joaquina .

É interessante e longo o título do Capítulo III: D. Joaquina. O que ela me queria. Começo a felicitar-me por ter vindo à casa de D. Joaquina . Composto por três fragmentos, este título sintetiza o assunto que será tratado no capítulo — apresentação da personagem D. Joaquina, suas intenções em relação ao estudante e a reação do personagem Júlio ao saber que D. Joaquina aprova o seu namoro com Júlia.

Cada título portanto funciona como uma sinopse do assunto referido e contribui dessa forma para aumentar a expectativa do leitor em torno da leitura do romance.

#### PERSONAGENS:

Cenas da vida de estudante é um romance construído em torno da personagem — narrador da primeira história, que aparece apenas como narrador na segunda. A ilusão do provinciano em relação à corte é desmistificada ao longo do relato de

suas vivências no Rio de Janeiro,

O romance coloca em cena o próprio ato da criação literária com o auto-questionamento feito pelo escritor durante a narrativa. A reflexão crítica corta o fio narrativo, desviando dessa forma a atenção do leitor. Tais procedimentos são observáveis na leitura do texto das Cenas da vida de estudante. Citar exemplos isolados não ilustra bem a situação.

Um dado observado no romance e que é muito interessante, pensando-se na época em que foi escrito, é o diálogo narrador - leitor. Ao final do primeiro capítulo da primeira narrativa, o leitor se infiltra no texto e discute com o narrador, mostrando-se enfadado com o longo intróito. Este leitor torna-se personagem do romance e discute com o narrador provinciano:

*"Mas quem lhe encomendou este sermão? O que tem o Sr. com tudo isso? Quem é o Sr. que nos massa há boa meia hora e ainda não disse ao que veio? É um leitor zangado (da corte já se sabe) que me interrompe no melhor das minhas filosóficas considerações".<sup>10</sup>*

De modo geral, as personagens podem ser definidas como planas, ou seja, "construídas através de uma única idéia ou qualidade".<sup>11</sup>

Há personagens que desfilam no romance denunciando situações e fatos da época. Eduardo e Elvira, o par romântico, e o seu amor à moda dos anos 1800. Ele representa o jovem estudante, cheio de vida e ardente em suas paixões; ela, a moça virtuosa, prendada e fiel. A literata, mulher medíocre e enfado

nha, que decora poesias das folhinhas e incomoda as pessoas recitando versos sem saber a que autor pertence, deixa transparecer a crítica realizada pelo autor e sua posição machista.

Na segunda história vemos vários personagens sem relevância no enredo. Aparecem apenas na apresentação de uma cena. Nessa linhagem está o cobrador do omnibus e o leão. Este último aparece como elemento para reforçar a nobreza de caráter de Elvira, que não se deixa seduzir pela beleza e charme do 'formoso leão'.

" - Serã ela loureira? pensava ele consigo mesmo.

E, respondendo a sua própria pergunta, acrescentou, olhando de esguelha para o seu elegante vizinho, o qual assestava descaradamente o pince-nez sobre o gentil vis-a-vis:

- Não; este olhar não é o de uma loureira, e demais, se o fosse, aqui achava quem lhe fizesse muito mais conta do que eu".<sup>12</sup>

O escravo da família Passos de boa aparência e bom trato, indicia a bondade e generosidade da família do ex-negociante. Temos ainda D. Margarida, mãe de Elvira; a prima de Eduardo que é apenas mencionada na história.

O mesmo acontece com D. Maria Pereira da segunda história. Ela é apenas citada, jamais aparece e fala.

O autor modela as personagens de maneira crítica, tendendo à descrição grotesta, onde o alvo é a sociedade.

"D. Joaquina é uma senhora de cinquenta a cinquen-  
ta e dois anos de idade, baixa e gorda; lesta e animada  
nas suas gesticulações e trazendo em contínua mo-  
bilidade dois olhinhos verdes, vivos como os de  
um rato. Tem bons dentes e lábios constantemente  
arregaçados por um malicioso sorriso, que se con-  
verte as mais das vezes em estrepitosa gargalha-  
da".<sup>13</sup>

"O terceiro jogador parece menos idoso do  
que o precedente; é gordo vermelho, estúpido e in-  
tratável. Chama-se Vieira e é antigo sócio de  
Duarte Passos, Os únicos livros que conhece são  
os do comércio. São ama três coisas no mundo: o di-  
nheiro, o vinho, e a filha do seu amigo sobre a  
qual nutre secretas pretensões. É major da guarda  
nacional e eleitor na sua freguesia".<sup>14</sup>

As personagens femininas Júlia e Elvira são des-  
critas fisicamente segundo o ideal de beleza feminino do romantis-  
mo: morenas um pouco pálidas, cabelos negros, lábios corados,  
olhos negros, delicadas e frágeis e sempre cercadas de uma  
aura de pureza.

Os traços que definem o seu caráter são a nobre-  
za, a majestade, a dignidade. São personagens que se encaixam den-  
tro do ideal romântico e seguem os ditames do romance francês.

## NOTAS:

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Pequeno dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, S.A., 1974.
2. MEYER, Marlyse. "Folhetim para almanaque ou Rocambole, a ilíada de realejo". In: — Almanaque, 14 — Cadernos de Literatura e ensaio: Modos menores de ficção. São Paulo, Brasiliense, 1982, p.7.
3. Idem.
4. Idem. op. cit., p.8.
5. Idem. op. cit., p.11.
6. COUTINHO, Lacerda. Cenas da vida de estudante. 1<sup>a</sup> narrativa, cap. VI, l.59 a 62.
7. Idem. op. cit., 1<sup>a</sup> narrativa, cap. VI, l. 78 a 87.
8. FERREIRA, Edda Arzúa. O texto literário: a prática da interpretação. Florianópolis, Lunardelli, 1983.
9. Como exemplo citamos os títulos da obra de Marivaux — Les caprices de Marianne.

10. COUTINHO, Lacerda. Cenas da vida de estudante. 1<sup>a</sup> narrativa, cap. I. l. 115 a 119.
11. BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo, Ática, 1985, p.40.
12. COUTINHO, Lacerda. Cenas da vida de estudante. 2<sup>a</sup> narrativa, cap. I. l. 108 a 113.
13. Idem. op. cit., 2<sup>a</sup> narrativa, cap. I, l. 30 a 35.
14. Idem. op. cit., 2<sup>a</sup> narrativa, cap. III, l. 33 a 38.

## NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO DO TEXTO

Cenas da vida de estudante de Lacerda Coutinho é um romance publicado em folhetins no jornal desterrense, O Despertador. Essa obra foi publicada em 28 edições do jornal, entre 8 de setembro de 1863 e 17 de março de 1865 (ver quadro da cronologia da publicação dos capítulos, em anexo).

Assinalo que este romance-folhetim nunca foi publicado em livro. Partimos, pois, da única versão existente na coleção de jornais da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis. Isso se, em parte, facilita o trabalho, também o dificulta já que não há outra versão impressa a cotejar com aquela. De modo que muitas dúvidas nos ficaram. Tentamos resolvê-las da melhor maneira possível.

A nossa idéia básica foi a de tornar o texto acessível a possíveis leitores e facilitar aos pesquisadores o estudo da literatura do século XIX no Desterro.

Na transcrição de Cenas da vida de estudante, procurou-se reproduzir com o máximo de fidelidade o texto base do jornal O Despertador, atualizando-o de acordo com o sistema ortográfico oficial. Os fatos gráficos, aqui relatados, e as adaptações ortográficas ao sistema atual não descaracterizam de modo



algum o texto do escritor.

Procuramos situar Cenas da vida de estudante em sua época e, para tal, consultamos obras anteriores ao surgimento do texto em questão, como dicionários e guias ortográficos.

Abaixo, seguem os critérios usados para a realização da transcrição:

1. Ao final dos dois textos seguem-se notas explicativas. Na elaboração dessas notas, o nosso objetivo foi o de facilitar a leitura dos textos esclarecendo as palavras, expressões, nomes próprios que não são facilmente explicados pelos dicionários de hoje.<sup>1</sup> Os estrangeirismos que aparecem em itálico no original são sublinhados na transcrição.

2. Foi feita a atualização e simplificação ortográfica pelo sistema vigente (1943 e 1971), respeitando-se, sempre que possível, fatos lingüísticos da época e do estilo do autor como a contração da preposição "de" com a vogal inicial da palavra seguinte: Por exemplo — "d'olhos" (1ª narrativa, cap. II, 1.7); e ou "d'estudantes" (1ª narrativa, cap. II, 1.11). Em relação ao estilo do autor, ele usa, algumas vezes, o verbo ser ao invés de estar:... "dize-lhe que sou com ele em um minuto". (2ª narrativa, cap. VIII, l. 274 e 275).

3. Erros óbvios, tipográficos, ou aparentemente autorais foram corrigidos e são examinados nas notas explicativas.

4. Foi respeitada a paragrafação do texto-base.

5. Respeitamos a pontuação do autor, salvo nos casos de omissão ou engano (muito óbvios), capazes de dificultar a compreensão do leitor. Esses casos foram assinalados em notas explicativas. Eliminou-se ponto em títulos e subtítulos, a não ser que ele os divida em dois ou mais segmentos. Após a numeração da história e dos capítulos também não deve haver ponto.

6. Conservou-se a mesma divisão de capítulos, com seus títulos numerados através de algarismos romanos, como no texto do jornal; com as iniciais do nome do autor ("L.C.") no final da primeira história e a palavra "continua" após o final do capítulo VIII da segunda narrativa.

7. As linhas foram numeradas na transcrição de cinco em cinco para facilitar o estudo do texto.

8. Foram eliminados os cabeçalhos trazidos no jornal, os quais, na sua apresentação, compunham-se de: Títulos da sessão do jornal ("FOLHETIM"), o nome da obra, divisão em partes indicada por numeral ordinal, títulos e subtítulos dos capítulos (estes três últimos só são eliminados no caso de continuação das edições anteriores).

9. Os estrangeirismos, abundantes no texto, foram conservados na forma idêntica à do original. Inclusive o grifo desses termos, já presente no jornal, também foi mantido.

10. Obedecendo às normas ortográficas vigentes, acrescentou-se acento aos nomes próprios, como: Júlio, Luíza, Araújo, rua da Misericórdia.

11. Foram simplificados os casos de consoantes geminadas. Exemplo: bela < bella. Porém, em 'Avellar', conservou-se o "e" geminado, muito comum hodiernamente em sobrenomes, pois estes geralmente conservam-se intactos com o passar das gerações.

Referindo-se a este sobrenome, manteve-se a diferença que aparece no texto do jornal entre o do pai e o do filho do segundo texto: "Manoel d'Avellar" e "Eduardo de Avellar". (Se a preposição "de" do nome de Eduardo fosse apostrofada, formaria um cacófono — doda).

12. As aspas permaneceram inalteradas. Numa carta dentro do texto temos, por exemplo, aspas no início de cada parágrafo quando uma personagem reproduz a fala da outra.

13. Na primeira história a fala do moleque de Dona Joaquina foi registrada com suas características sócio-linguísticas, ou seja, um português do povo, ocorrendo o apócope do "r" (1ª narrativa, cap. II, l. 63 e 68). Este aspecto foi respeitado na transcrição. Qualquer modificação deste tipo incorreria em interferência no estilo do autor.

14. As abreviações foram atualizadas: "Vm.<sup>cê</sup>" (no texto "V.<sup>m</sup>"), "Il.<sup>ma</sup>" (no texto "Ill.<sup>ma</sup>") e "C.<sup>ia</sup>" (no texto "C.<sup>a</sup>"); uniformizadas e, em alguns casos, desdobradas, isto é, escritas por extenso. Sra. quando vem antes de nome próprios ou simi-

lar; por extensão, Senhora quando não acompanha nome próprio. O mesmo ocorre com "Dr." (doutor) e "D." (dona) e "Sr." (Senhor).

Outras abreviaturas permaneceram intactas por corresponderem à forma usual empregada atualmente.

Exemplos:

"S. Sebastião"

"V.<sup>a</sup>" (para viúva)

O colega de Júlio é designado pela inicial "R". (pois é assim que figura no texto original). O nome do correspondente de Manoel d'Avellar no texto é assinado no final de uma carta: "J. F. Teixeira". O autor, Lacerda Coutinho, registra, ao final suas iniciais "L.C." — uma forma de permanecer num semi-anonimato.

15. Modernizou-se o uso do apóstrofo em "deste", "desta", "dele", "daí"... Conservou-se em "d'Avellar", "d'água", "q'não" "d'antemão"...

Em casos como estes últimos, respeitou-se a oscilação no uso do apóstrofo.

16. Procedeu-se à atualização ortográfica em palavras em que se procurou distinguir o uso de "s"/"z", "s"/"c", e "ç", etc.

17. Por serem antigos, os jornais de onde foi

retirado o texto, apresentam algumas vezes partes rasgadas. Outras, a encadernação da coleção suprimiu as primeiras letras da margem direita e às vezes ainda cortou-se demais a esquerda, tornando incompletas as palavras no final de algumas linhas. As letras e palavras não legíveis no texto original aparecem na transcrição entre < >.

**NOTA**

1, Tomei por base as seguintes obras:

ALMEIDA, Horácio de. Dicionário de termos eróticos e afins.

ALMEIDA, Manoel Antônio de. Memórias de um sargento de milícias. (Edição crítica de Cecília de Lara; direção do professor José Aderaldo de Castello).

AMORA, Antônio Soares et alii. Presença da literatura portuguesa.

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.

AZEVEDO, Autur. O tribofe (estabelecimento do texto, notas e estudos lingüísticos de Raquel Teixeira Valença).

CALDRE e FIÃO, José Antônio do Vale. O Corsário. (6<sup>a</sup> ed. com nota preliminar do prof. Guilhermino César).

CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 30. ed. (edição crítica de Walnice N. Galvão).

Dicionário de aforismos, provérbios e refranes.

Dicionário de música.

GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Frei Luís de Sousa e Viagens na minha terra.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Pegueno dicionário da Língua Portuguesa.

LAFONT & BOMPIANI. Dictionnaire des auteurs.

—————. Dictionnaire des oeuvres.

—————. Dictionnaire des personages: Litteraires et dramatiques de tous le temps et de tous les pays - (Poésie - Théâtre - Roman - Musique).

Maravilhas da música universal.

PROENÇA, M. Cavalcanti. "Geografia de Alencar". In: — José de Alencar - Ficção completa e outros escritos.

La opera; Enciclopedia del arte lírico.

SPALDING, Tassilo Orfeu. Dicionário de mitologia grego-latina.

# CENAS DA VIDA DE ESTUDANTE

## PRIMEIRA

O QUI-PRO-QUO<sup>1</sup>

*História de um dia*

### I

5

O AUTOR DIZ EM TRÊS PÁGINAS O QUE PODERIA DIZER EM DUAS PALAVRAS.

#### Pequeno cavaco a um leitor da corte

São oito horas da manhã.

As sólidas rodas das carroças de há muito abalam as calça-  
10 das desta leal e heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Ja-  
neiro<sup>2</sup>, aturdindo os ouvidos e enlameando as calças dos paci-  
ficos madrugadores. A esta hora já o provinciano novato pode  
lembrar-se com saudades da calma e silêncio do seu humilde tor-  
rão, ouvindo entre a vozeria das quitandeiras e o badalejar das  
15 campainhas das vacas tourinas<sup>3</sup>, o infalível - camaló<sup>4</sup> - e o ca-  
denciado<sup>5</sup> - foifói<sup>6</sup>. Pobre provinciano! Quão diversa te figuras-  
te a primeira cidade da América do Sul! Em vez dos edifícios  
grandiosos e dos imponentes monumentos que antevias, em vez dos  
templos de grave e majestosa aparência, e dos chafarizes de ar-  
20 te aprimorada, deparas, logo ao saltar no cais do Pharoux,<sup>7</sup> com  
o Paço,<sup>8</sup> a Capela Imperial e o Chafariz do Largo do Paço,<sup>9</sup> e tiras  
pelos Domingos os dias Santos. Saúdas respeitosamente essas re-  
líquias dos tempos coloniais e vais andando teu caminho, dei-  
xando adivinhar pela carranca alongada a decepção por que pas-  
25 sas. Em lugar dos passeios e jardins públicos, em que tantos  
gozos te prometias, só achas uma amostra de passeio que tem



muita coisa bonita - um peixe-boi<sup>10</sup> tão recatado e escrupuloso em  
 mostrar o focinho aos respeitáveis visitantes, que mais parece  
 peixe-vaca<sup>11</sup> do que peixe-boi<sup>12</sup>; um menino de chumbo que é útil ain-  
 30 da brincando, e não só útil como até oficioso; pois encarrega-  
 -se (sem que ninguém lho<sup>13</sup> peça) de refrescar as tíbias daqueles<sup>14</sup>  
 que se lhe acercam sem a devida cautela & &<sup>15</sup>. Mas em compensação  
 não possui o principal predicado - o espaço. Desejarias procu-  
 rar ali sem despesa e sem muita fadiga um pouco de solidão e de  
 35 silêncio. Estimarias embrenhar-te por sombrias alamedas, dei-  
 xando abandonar-se o espírito às cogitações vagas e melancóli-  
 cas que nos sugere a solidão das florestas. Não desgostarias,  
 mesmo, de que um vestido de musselina branca e vaporosa, um  
 discreto chapeuzinho de palha de Itália passeando isolados e  
 40 vagarosamente no fim de uma ala de copados troncos te viessem  
 despertar desse incerto cismar, vibrassem em teu coração uma  
 corda mais cheia e mais alegre e te fizesse passar do gênero  
 elegíaco para o erótico, do ideal para o positivo, do metafísico  
 para o palpável. Em vez disto porém o que encontras? Ai! mí-  
 45 sero provinciano. Buscas o silêncio e o isolamento, não? Pois  
 bem, mil vozes garrulas e de timbres diversos te ferirão os ou-  
 vidos e te atordoarão, formando uma harmonia mais desagradável  
 do que a do choro de lobos famintos que perseguiram Mazeppa<sup>16</sup> na  
 sua corrida desesperada. Mais infeliz do que o herói de Byron,<sup>17</sup>  
 50 nem ao menos terás feito jus ao teu martírio; nem poderás dizer  
 como talvez dissesse o maganão apesar dos seus sofrimentos: Mais  
vale um gosto do que quatro vinténs<sup>18 e 19</sup>. Terás livres os membros, mas  
 não te prestarão eles o serviço que deveu o formoso donzel ao  
 seu poldro indômito e infatigável; o qual, mau grado as urzes  
 55 e os espinhos, lá o levou a porto seguro. Ver-te-ás apertado  
 por uma cáfila de denodados passeadores, que emperrarão em pas-  
 sear, a despeito, cada qual, dos martírios que inflige aos seus

concorrentes.

Serás empurrado, acotovelado; faltar-te-á o chão debaixo  
60 dos pés, e pisarás, ora sobre os joanetes de um velho militar  
que te receitará mil bombardas, ora sobre as calosidades de uma  
encarquilhada matrona que te praguejará pela surdina.

Enfim, acossado pelas facécias insulsas de muito leão<sup>20</sup> apa-  
tetado, e pelas risadinhas mofadoras de muita careta arrebrica-  
65 da e delambida, com o fato alagado de suor e o chapéu amarrota-  
do, conseguirás alcançar o portão da saída. Deixarás, porém,  
por despojos no campo da batalha, um pedaço da corrente do re-  
lógio no colchete de uma mamã,<sup>21</sup> e um bolso do paletó no cabo re-  
torcido de uma bengala de janota.<sup>22</sup>

70 E os teatros?

Nem falar nisso é bom. Basta dizer, que irás a um Dramá-  
tico onde se canta pessimamente, e a um Lírico onde se recita  
ainda pior.<sup>23</sup> Só no Alcázar Lirique<sup>24</sup> poderás apreciar alguma coisa  
assim, assim<sup>25</sup> pois ali todas as cantoras são - de premiêres chan-  
75 teuses de genre et de célébrités parisiennes.<sup>26</sup> Misero provincia-  
no! Sonhaste uma mina inesgotável de tesouros e recursos, e és  
tu a mina que não te cansam de explorar os velhacos e gatunos  
com que te esbarras em qualquer esquina. Ora é um cambista de  
teatro que te impinge à porta uma cadeira para o espetáculo da  
80 véspera; e compras por uma bagatela de 2\$000 ou 1\$500 um sole-  
ne desapontamento e a honra de passar por gatuno tu mesmo. Ora  
- é um officioso que se te oferece para mostrar-te o peixe-boi<sup>27</sup> do  
passeio público, e que, a propósito disso, munge-te com sofre-  
guidão a bolsa, e vai chuchando o café, os sorvetes e o mais  
85 que escorre. Ontem era um larâpio que, aproveitando o pasmo em  
que te mergulhara a ascensão dos irmãos Buislay no largo do  
Rocio,<sup>28</sup> prova-te que, se é grande a habilidade dos acrobatas em  
ir de baixo para cima, não o é menos a sua, porém de cima para

baixo, isto é, cortando-te o bolso posterior da sobrecasaca, e dei-  
 90 xando cair pela abertura a caixa de rapé e o lenço de seda. Ho-  
 je é uma camélia,<sup>29</sup> que... Chitom!<sup>30</sup>... em que apuros me ia eu me-  
 tendo! - Era bastante este simples artigo<sup>31</sup> para encher um grosso  
in folio.<sup>32</sup> Não; nada direi das aventuras amorosas do provincia-  
 no na corte, e entretanto não deixam de ser interessantes. Po-  
 95 bre provinciano! repito. Tu, o galo de tua aldeia, és aqui uma  
 espécie de peru desasado, a quem até os estudantes fedelhos, ra-  
 ça de pintos malcriados e piadores, divertem-se em debicar. Cai  
 na ébia de revoltar-se contra tão insólito procedimento e tu -  
 talvez juiz de paz mais votado de tua freguesia por duas ou  
 100 três vezes - curvar-te-ás ante a facha de um perrengue e encan-  
 zinado inspetor de quarteirão. Tu - o influente eleitor sem cu-  
 jo poderoso auxílio não ocuparia agora uma cadeira na câmara  
 temporária o teu bojudo representante, verás erguida sobre ti  
 a robusta manopla de um pedestre ou permanente que te olhará de  
 105 esquelha, e que não porá a menor dúvida em levar ad vincula<sup>33</sup> o  
 Senhor Eleitor e juiz de paz mais votado.

E tudo isto por que, Santo Deus!? Porque quiseste ensinar  
 a um gaiato atrevido que das províncias vêm punhos vigorosos e  
 corações valentes, assim como chapéus antiquados e casacas de  
 110 rabo-de-bacalhau.<sup>34</sup>

Porém o mais curioso é que, de volta aos pátrios lares, na-  
 da dirás dos tristes lances e amargas decepções por que passas-  
 te. Contarás maravilhas desta Paris americana, anunciando que  
 aqui te divertiste muito!

115 - Mas quem lhe encomendou este sermão? o que tem o Sr. com  
 tudo isso? Quem é o Senhor que nos maça há boa meia hora e ainda  
 não disse ao que veio?

É um leitor zangado (da corte já se sabe) que me inter-  
 rompe no melhor das minhas filosóficas considerações.

120 Agora eu:

- Não se esquite, meu caro Senhor; vou já satisfazer as suas questões, pontual e ordenadamente, segundo as fez.

- Quem me encomendou o sermão? Quem encomendou a Vossa Mercê<sup>35</sup> as suas interpelações - o despeito.

125 Aposto que desejaria Vossa Mercê<sup>36</sup>, agora, perguntar-me ainda:

- Despeito?... e por quê?

Sou tão obsequioso que vou incluir a resposta a esta na da sua segunda pergunta.

130 - Sou provinciano, meu amável leitor - eis aí tudo explicado. Passei por algumas, senão por todas, as provações de que falei, e não deve estranhar que eu delas me recorde, pois bem sabe que: Quem dá esquece, mas quem apanha lembra-se.

135 Quem sou e ao que venho? Sou o que Vossa Mercê<sup>37</sup> saberá mais adiante e venho dizer-lhe, além do que disse, o mais que verá, se tiver paciência e quiser fazer-me a honra de continuar a ler.

Quanto ao fraseado da sua última pergunta, ainda algumas palavras; serão poucas, e depois entraremos em matéria como se diz nas câmaras.

140 Acha que sou maçante, não? Serei; confesso mesmo que o sou. Mas escute; uma vez que leu até aqui, dê-me ainda por algum tempo a sua benévola atenção.

145 Pode depois chamar-me maçante ou o que melhor lhe parecer. Olhe; isso é um hábito inveterado, ou antes, uma herança de família que só abandonarei por morte, porque: (deixe passar mais este provérbio) o que o berço dá, só a cova tira. E agora voltemos ad inceptum.<sup>38</sup>

## II

## QUARTOS DE ESTUDANTES. O MOLEQUE DE D. JOAQUINA

São 8 horas, marcadas exatamente pelo respeitável e monumental cronômetro do meu amigo, colega e companheiro de quarto  
 5 R.<sup>1</sup>

Antes de me apresentar e o meu amigo à apreciação do leitor, digno-se este de lançar uma vista d'olhos pela humilde residência destes seus criados.

Achamo-nos em um quarto de segundo andar, à rua da Misericórdia<sup>2</sup> número<sup>3</sup> não sei quantos.  
 10

Quartos d'estudantes, já adivinha o leitor o que nele encontrará.

Duas camas de ferro, prolongadas com as paredes laterais; uma mesa, que não poderia desconvir à célebre Pitonisa de Del-  
 15 fos<sup>4</sup> visto como não conta mais de três pés, mas, arrimada à parede do fundo, vai suportando-se e suportando um mundo de objetos heterogêneos, tais como: livros, cachimbos, uma flauta, um gargalo de moringue improvisado em castiçal, (esta peça curiosa pertence ao amigo R.), dois semipentes, uma escova de fa-  
 20 to inteira, uma dita para cabelo, sem cabo & &<sup>5</sup>; duas cadeiras em bom uso, dois baús, um lavatório sofrivelmente deteriorado, que ainda conserva a bacia, mas por contrapeso possui, em lugar de jarro, um moringue ao qual já falta um bico, dois vasos...de  
 25 forma comum, e finalmente por baixo da mesa e dentro de um caixão de sabão, um crânio, um arcabouço et reliqua comitante  
caterva<sup>6</sup>, tudo de mistura com botijas de graxa, escova para botins e sapatos velhos.

O assoalho do aposento, de ordinário, tapizado de camisas sujas, ceroulas e meias em idênticas circunstâncias, acha-se hoje  
 30 desafrentado, graças à visita que nos fez ontem a Srª Maria

Pereira, roliça Faialense<sup>7</sup> que se encarrega da nossa roupa branca, mediante uma retribuição não muito leve que lhe pagamos o mais pontualmente que podemos.

As paredes são decoradas com paletós, calças e mais atavios, pendurados à maneira de troféus e fazendo companhia a  
35 dois ou três quadros que representam cenas um tanto livres.

Esquecia-me dizer que temos uma janela que olha para a rua. Descrito o cenário passemos aos atores.

O amigo R.,<sup>8</sup> rapagão de 22 anos, bem disposto e fornido de  
40 carnes, estirado na cama e ainda in minoribus<sup>9</sup>, resmungava estremunhado contra o ruído que vai na rua e que o não deixa dormir mais meia hora. Eu cá já estou lavado, penteado, e de calças enfiadas. Pouco me importando com a algazarra que me vem de fora, só atendo aos brados com que o meu estômago de vinte anos  
45 me pede almoço.

Fica o leitor sabendo que tenho vinte anos, e saiba mais que conservo ainda todos os meus dentes.

Com estes predicados posso ir longe em aventuras amorosas.

Estou, pois, quase vestido e ocupo-me, agora, em dar um  
50 laço todo elegante e pretencioso na minha gravata de seda preta.

- Então! estás sempre resolvido a sair já? pergunta-me R. entre dois bocejos.

- De certo; uma vez que tens tanto sono, deixa-te em paz, e vou pedir a Carceller<sup>10</sup> a minha clássica xícara de café com  
55 leite.

- Monstruoso apetite! rosna o meu amigo que come por trinta.

Vou retorquir-lhe quando batem à porta.

- Quem é?

60 - Se é macho entre, diz o R., e se é fêmea... entre também.

A cabeça de um moleque introduz-se pela porta entreaberta, mostrando duas longas fileiras de dentes alvos e largos.

Parece-me ter já visto esta cara, aí pela escada, algumas  
65 vezes. Não me engano. É o moleque da minha vizinha do 1º andar, a Srª D. Joaquina de não sei o quê.

- O que queres?

- Minha sinhá manda dizê ao Sinhô estudante que faça favô  
de chegã até lá, que qué falã com vosmecê.<sup>11</sup>

70 - Mau! digo eu com meus botões, Rapaz, olha que aqui moram dois estudantes. A qual manda chamar tua Senhora?<sup>12</sup>

- Não sei, não, Sinhô.<sup>13</sup>

Não está mã esta! O recado tanto se pode entender comigo  
como com meu colega, e, demais, este estorvo à satisfação do  
75 meu estômago, não me quadra de maneira alguma.

- Provavelmente, digo eu ao R., o negócio é contigo, pois que não tenho a honra de entreter relações com a nossa respeitável vizinha.

- Está enganado... torna vivamente o preguiçoso, embainhan-  
80 do-se de novo nos lençóis e voltando-se para a parede; está enganado - nem tive ainda sequer o prazer de me avistar com ela. É contigo, não resta a menor dúvida.

- Mas bem vês que preciso sair já...

- Tanto melhor!... Como o recado não se refere a nenhum de  
85 nós positivamente, e como não se deve fazer esperar uma Senhora, segue-se que aquele que se achar em circunstâncias de mais prontamente satisfazer ao seu pedido, é obrigado a executá-lo; ora, Vossa Mercê<sup>14</sup> está quase vestido, enquanto que eu trajo, pouco mais ou menos,<sup>15</sup> como um gladiador romano, logo...

90 É lógico. Dou aos diabos a dialética do meu amigo, e disponho-me, suspirando, a livrar-me,<sup>16</sup> o mais breve possível, desta maçada.

- Moleque, dize a Senhora<sup>17</sup> que já lá vou.

O moleque parte, e eu atiro-me pelas escadas atrás dele, 95 perseguido pelas risadas do R. que não se envergonha de escarnecer a vítima da sua preguiça.

### III

D. JOAQUINA. O QUE ELA ME QUERIA. COMEÇO A FELICITAR ME POR TER VINDO À CASA DE D. JOAQUINA.

Eis-me à porta de D. Joaquina!

5 Apenas anuncia o moleque a minha chegada, ouço logo uma voz aflautada que me grita:

- Entre, Senhor Estudante! Queira fazer-me o favor de entrar.

Franqueio resolutamente o limiar, e acho-me cara a cara com a minha respeitável vizinha que vem pressurosa e toda risonha ao 10 meu encontro, trava-me da mão, leva-me quase de rastos a uma cadeira, e sem dar-me tempo, nem para dizer-lhe - bom dia - senta-me nela quase a força, senta-se noutra, bem pertinho de mim, acompanhando todas estas manobras de um chuveiro de palavras que não posso reproduzir por felicidade do leitor.

15 - Como são atenciosos os Estudantes de hoje! diz ela apenas sentada. Que pérolas! que moços obsequiosos e delicados. Prontos a servir, não sabem fazer-se esperar. Ainda bem não o mandei chamar e já o Senhor aqui! Muito bem, Senhor Estudante; muito bem! É assim que se devem comportar os moços de boa educação. Ah! Estudantes do meu tempo! corja de malandros depravados! Não respeitavam nada, Senhor Estudante, nada! nem sexo, nem idade. Eram o 20 terror da gente de bem. Mas, agora, o caso é outro! Já não se ouve mais algazaras e berreiros pelas ruas. Já não se vê vidraças quebradas e cabeças rachadas... Acabou tudo, graças a Deus!

25 Enquanto a boa Senhora faz a apologia da ilustrada classe a que



tenho a honra de pertencer, recobro eu o fôlego que me fez perder a sua arrebatada recepção, e inclinando-me de vez em quando em sinal de adesão e agradecimento, ocupo-me em tirar as feições a minha amável interlocutora.

30 D. Joaquina é uma Senhora de cinquenta a cinquenta e dois anos de idade, baixa e gorda; lesta e animada nas suas gesticulações e trazendo em contínua mobilidade dois olhinhos verdes, vivos como os de um rato. Tem bons dentes e lábios constantemente arregaçados por um malicioso sorriso, que se converte as mais  
35 das vezes em estrepitosa gargalhada.

Depois de ter apreciado suficientemente o físico de D. Joaquina, levo a vista em derredor para reconhecer o terreno, segundo o meu louvável costume. De repente<sup>1</sup> levanto-me deixando escapar um grito de admiração.

40 - O que é? pergunta-me D. Joaquina, algum tanto assustada. Sofreu alguma pontada?

Abrira-se uma das portas laterais e por ela entrara uma moça alta, delicada e bem feita. Deparando com um estranho, fez um movimento como para retirar-se, mas vendo que eu me havia aper-  
45 cebido da sua presença, adiantou-se de novo, com as faces incendiadas de pejo, fez-me uma graciosa inclinação de cabeça e foi sentar-se a uma mesa de costura.

Ainda comovido por esta aparição angélica, mal posso gaguejar algumas palavras, que, nem eu mesmo entendo, em respos-  
50 ta a sua engraçada vênia. A moça sorriu-se.

- Apre! Que susto me causou! Diz D. Joaquina, compreendendo a causa do meu violento abalo.

É na verdade, nada mais compreensível.

Imagine o leitor uma moça de dezenove anos quando muito.  
55 Um rosto do mais belo contorno; negros e sedosos cabelos harmonizando-se perfeitamente com a tez entre morena e clara; nariz

irrepreensível; lábios rubros e frescos, que serrados seduzem e abertos deslumbram pela candidez e brilho das pérolas que resguardam; e sobretudo, uns olhos negros, úmidos, voluptuosos... Ah!

60 que por uns olhos como estes, bem sei eu do que seria capaz!

Como ela é bonita nesta atitude! A fronte pura em que parece pairar uma nuvem de tristeza descansando sobre a mãozinha aristocrática; os longos cílios supitando-lhe os lampejos do olhar fascinador...

65 - É minha sobrinha, diz-me D. Joaquina. E voltando-se para a linda moça:

- Apresento-te o nosso vizinho o Sr.... como é mesmo a sua graça?

- Júlio, minha Senhora.

70 A moça bonita ergue para mim os seus olhos formosos e sorri-se de novo.

Achará feio o meu nome? Não é possível. Ainda se eu me chamasse Mateus...

75 - A gosto! A gosto! grita D. Joaquina, atirando-me outra vez sobre a cadeira.

Irre! que punhos vigorosos! Deus me livre de jogar algum dia o soco com D. Joaquina! Que formidável boxer<sup>2</sup> se podia arranjar daqui, sujeitando-se ela aos preceitos da arte<sup>3</sup> filantrópica, tão cultivada pelos amigos ingleses!

80 - Não imagina o quanto simpatizo com o Senhor, prossegue a respeitável Senhora. Basta-lhe ser Estudante...

- Obrigado, minha Senhora.

- Gosto muito de Estudantes. Tenho um afilhado que já estudou na Escola central, por sinal que foi reprovado no 1º ano...  
85 injustamente, já se vê. E tanto foi assim que reconheceram a capacidade do rapaz e lá o admitiram outra vez... como porteiro.

Se eu tivesse um filho, mandá-lo-ia para a Escola de Medi-

cina, não é lá que estuda?...

- Sim, minha Senhora.

90 - Infelizmente não tenho filho... não devo ter filho, acrescentou suspirando. Sou solteira... compreende?...

- Perfeitamente, minha Senhora.

Lanço os olhos para a linda sobrinha. Abaixou a cabeça, mas vejo que está muito corada. Por que será? Não sei, porém em to-  
95 do o caso é bom sinal. O pudor é a melhor salvaguarda de uma moça. Decididamente esta menina agrada-me muito.

- E entretanto, não me faltaram bons e vantajosos partidos, continua D. Joaquina exalando um novo suspiro. E por que não me casei eu? Porque não quis: esquisitices de moça bonita;  
100 eu fui bonita... já fui muito bonita mesmo...

- Ainda hoje, minha Senhora...

- Lisongeiro! interrompe D. Joaquina vibrando-me um olhar tão ardente que seria capaz de chocar ovos de um jacaré (fêmea).

Que diabo fui eu dizer! Querem ver que a velha apaixonasse por mim? Há de ser curioso! Para afugentar este mau pensamento, volto-me para a sobrinha, e por minha vez dardejo-lhe um olhar dos tais chocadores.<sup>5</sup> Vejo-a corar e empalidecer sucessivamente. Não há dúvida que lhe causo impressão... mas de que gênero? Ai! que malvada suspeita vem deitar-me água na fervura!  
110 Se o meu olhar produzia efeito idêntico ao da tia! Santa Bárbara! Esta idéia é horrível! Quem me tirará esta dúvida? Bom, eila que olha para mim agora... abaixa de novo os olhos... É claro que... não compreendo...

- Que tal acha minha sobrinha, Sr. Júlio? pergunta D. Joa-  
115 quina.

A esta súbita e inesperada interpelação sinto o abalo e o terror do tico-tico que vê desabar sobre si a pérfida armadilha. Volto-me para a velha tão arrebatadamente como se um cão

me tivesse filado a perna por este lado. Um maldito estorvo na  
 120 garganta embarga-me a voz... Tusso... tusso mais... nada! Estou  
 tão perturbado que a custo ouço a moça dizer a tia num tom le-  
 vemente queixoso:

- Ora titia!...

Afinal, consigo engolir o tal estorvo da garganta e res-  
 125 pondo ainda meio engasgado e com maior desazo do mundo:

- Mas.. é bem bonita...

E só depois de haver deixado escapar esta estúpida sensa-  
 boria, é que ocorrem mil frases espirituosas com que tirar-me  
 da entalação! Estou perdido! O que pensará de mim esta velha?...  
 130 Que me importa isso? Mas o que pensará de mim esta moça? Ah! que  
 tristíssima idéia fará ela agora de mim! Sou capaz de jurar que  
 se está rindo a minha custa... Vejamos...

Contra a minha expectativa a linda sobrinha não se ri do  
 meu fiasco, parece-me até ler no seu olhar tanta benevolência!  
 135 tanto interesse! Dar-se-á caso que lhe tenha agradado o meu ri-  
 dículo desazo?... As mulheres têm às vezes certas singularida-  
 des!... Até a mesma D. Joaquina não mostra ter-se apercebido de  
 coisa alguma. É célebre!

Boas Senhoras!<sup>6</sup> excelentes. Senhoras!<sup>7</sup> cada vez gosto mais  
 140 da sobrinha... e da velha também.

- Acha minha sobrinha bonita, não? Pois bem, dizem todos  
 os que me conheceram no meu bom tempo, que eu era então o seu  
 fiel retrato...

Tenho vontade de dizer-lhe como li em uma comédia espanho-  
 145 la cujo título não me lembra:

- Com efeito! a mudança foi completa! Calo-me, porém,  
propter decentiam.<sup>8</sup>

- Ora, acontecia comigo, prossegue D. Joaquina, o que a-  
 contece presentemente com ela: os olhares dos rapazes devoravam-

150 -me...

- Minha tia, diz a linda sobrinha, desta vez, num tom de exprobação bem pronunciado.

Que voz maviosa! que doce voz! Era só o que faltava para acabar de derrotar-me! E a tal Sr<sup>9</sup> D. Joaquina? Não é bem fol-  
155 gazona?

- Cala-te; não sabes o que dizes. Pergunta a este maganão do Sr. Júlio, e ele te dirá se tenho razão ou não. Bem se vê que já estás no rol das velhas...

Visivelmente contrariada, a moça levantou-se e foi para a  
160 janela. D. Joaquina sacode os ombros e alonga o lábio inferior, como quem diz: Anda lá, não sabes o que fazes.

Pois faz muito bem! Sou eu quem lho afirmo,<sup>10</sup> Sr<sup>11</sup> D. Joaquina ... (à parte, bem entendido) Posto que seja eu o prejudicado, pois deixo por algum tempo de embevecer-me na contemplação da-  
165 quele rosto encantador, acho que ela faz muito bem.

- Fui bem desarrazoada em não casar-me! não acha, Sr. Júlio?

Acho, pois não! Estou mesmo pensando nisso agora! pois não! O que eu procuro achar é a decifração do seu já estás no rol das  
170 velhas, que não deixou de causar-me sua apreensão. Quereria ela significar que a sobrinha é casada? Não! não pode ser! não quero que assim seja! Se eu não sinto aqui cheiro de marido... e esses malditos<sup>12</sup> que têm um almiscar mais ativo do que o do zorrilho... Ai! o que disse eu! Perdoem-me os veneráveis pais de  
175 família... Eu ando desnorteado... Não me vão agora supor um Faublas ou um Tunante de igual quilate... Nada!... Sou homem de bem. Acato muito a respeitável confraria<sup>13</sup> Pretendo até entrar nela, mais dia, menos dia...

- Olhe, Sr. Júlio (é D. Joaquina que fala ainda). Tome o  
180 meu conselho: não morra solteiro.

- Acredite, minha Senhora,<sup>14</sup> que não penso noutra coisa. É o meu mais belo sonho.

- Ah! sim? Aposto que já tem uma paixãozinha?

- Pode apostar sem susto. Mas não uma paixãozinha como a Senhora<sup>15</sup> diz - é uma paixão, muito séria, muito profunda e que há de durar toda a minha vida, digo eu ao tom mais trágico que posso arremedar, e em voz de baixo profundo.

A formosa sobrinha volta-se vivamente para dentro. Acho-a mais pálida. Será possível que eu esteja mais adiantado do que pensava!

- Então são já amores velhos? Acode D. Joaquina.

- Velhos e novos ao mesmo tempo. Velhos porque são os primeiros que tenho - é o meu primeiro amor! acrescento eu, passando do trágico para o sentimental. Novos porque datam de pouco tempo. Estas últimas palavras disse-as eu fitando na encantadora sobrinha um olhar que procurei tornar muito expressivo.

- E é correspondido? pergunta-me a moça com voz trêmula.

É a primeira vez que a mim se dirige, e a par do prazer que me causa a sua pergunta,<sup>16</sup> que interpreto toda a meu favor, experimento um desgosto real.

Como? Pois não me compreendeu? Então os meus olhos não prestam para nada! E dizem os gaiatos que eu uso de pince-nez<sup>17</sup> somente pro formula!<sup>18</sup>

- Não sei, minha Senhora,<sup>19</sup> respondo eu.

- Ui! exclama D. Joaquina. Como é que não sabe, moço?

- Porque não tive ainda ocasião de perguntar àquela a quem amo...

- Não é possível!...

- Não acha possível, minha Senhora,<sup>20</sup> digo eu encarando ousada mente a linda sobrinha, que eu não tinha tido ainda ocasião de perguntar-lhe se corresponderá ao meu amor?

- Sim... murmura ela. Noto em seu semblante uma ligeira expressão de prazer, depois o seu rosto se anuvia e parece-me ver tremer-lhe uma lágrima nos negros cílios.

215 Para encobrir sua emoção, volta-se ela de novo para a rua.

O que significa isto? Aqui há coisa... Sinto chiar-me hor-  
rivelmente uma orelha... O pior<sup>21</sup> é que não distingo qual das  
duas! Estou também tão comovido! Comovido, sim... Pois duvi-  
dam? Supõe-me por ventura algum descrido? Persuadem-se por me  
220 verem gracejar, de que sou um homem de mármore? Não! mil vezes  
não! Isto é um hábito de que hei de usar até in extremis.<sup>22</sup> Mas  
nem por isso deixo de ter um coração muito sensível:

Sou feito de carne e osso  
Por força me hei de dobrar.

225 - Esse seu amor há de ser fogo de palha, diz D. Joaquina  
que não percebeu, ou talvez fingiu não perceber a mudança que  
se operou na sobrinha. O senhor tem-me cara de maganão...

- Por quem é! não fale assim, minha Senhora<sup>23</sup>... O amor que me  
possui é um incêndio inextinguível, que em falta de alimento me  
230 devorará o coração, deixando-o em cinzas. Será pois o último.  
Por esse amor, abandonarei pátria e família; por ele esquece-  
rei os meus prazeres da mocidade e os meus sonhos de glória e  
de ambição... será o sol dos meus dias e a estrela das minhas  
noites... será a minha última lembrança da terra e a minha pri-  
235 meira aspiração ao céu!... Será o maravilhoso hatchis<sup>24</sup> que me a-  
dormecerá para o mundo real, e me transportará a um mundo fan-  
tástico e misterioso onde somente reinarão os prazeres e os ri-  
sos. Sem este amor que me anima, viverei vida efêmera, sem o  
sentimento e sem a idéia. Amarrado ao próprio cadáver como Eu-  
240 rico,<sup>25</sup> ou antes, cadáver galvanizado, caminharei por entre aque-  
les que ainda podem sentir e amar, até que cesse o influxo mag-  
nético a que obedecerei, e me deixe repousar dessa vida forçada

e fictícia...

245 Paro para tomar respiração. Já não posso mais. Esta tirada  
violenta dita de quase um só fôlego estafou-me o entusiasmo. D.  
Joaquina está sensibilizada. Quanto à gentil sobrinha de quem  
eu não despregava os olhos, observei que lhe causei viva im-  
pressão. Vi-a estremecer por vezes e levar a mão à frente. Tam-  
bém, quem me ouvisse declamar com todo o fogo essa confissão de  
250 amor, não poderia deixar de acreditar que me ia ainda in petto  
un picciol fuóco.<sup>26</sup> O que é certo, zombaria a parte, é que esta  
moça me agrada muito e muito. Que me inspirou um sentimento bem  
terno, e que se o seu moral, como me parece, corresponder ao  
físico, não porei dúvida em dar-lhe todo o meu amor.

255 - Pelo que diz, devo concluir que tornará cedo o meu con-  
selho? pergunta D. Joaquina.

- Assim o espero.

A sobrinha voltou-se ainda uma vez para dentro. Os seus  
lábios descorados abrem-se em um sorriso tão triste que me cor-  
260 ta o coração. Quantos sinais de sofrimento em todo o seu sem-  
blante encantador! Mas o que a faz sofrer?... Ah! se eu não a-  
tendesse senão ao meu coração, já me teria lançado a seus pés,  
suplicando-lhe que me confiasse o motivo da sua tristeza, e se  
estivesse em meu poder o removê-la, por Deus que o faria! Cus-  
265 tasse-me isso um ano... dois anos de vida... Duvida-o alguém?  
Se assim é, faz muito mal; porque ainda não lhe dei o direi-  
to de duvidar de mim.

- Minha tia, diz a sobrinha de D. Joaquina procurando dis-  
farçar o tremor da sua voz comovida. Já têm passado muitos es-  
270 tudantes.

O Sr. Júlio tem, de certo, deveres a cumprir e não é jus-  
to, que havendo já abusado da sua bondade por tanto tempo, se-  
jamos causa de que falte a esses deveres.



Compreendo. Deseja que eu me retire. Obedecer-te-ei, anjo,  
 275 que pareces sofrer com a minha presença. Obedecer-te-ei, e pos-  
 sa a minha ausência restituir-te a tranqüilidade. Fico também  
 triste.

Entretanto levanto-me e tomo o meu chapéu.

- Ah! E eu ainda não lhe disse o porquê o mandei chamar...  
 280 A sua companhia é tão agradável que me fez esquecer tudo! É ver-  
 dade que eu esperava que o Senhor almoçasse conosco hoje, e por-  
 tanto teríamos tempo de sobra... Mas virá para jantar, ouviu?  
 ... Vou sempre dizer-lhe...

- Minha tia, diz a interessante moça, o Sr. Júlio não po-  
 285 de esperar mais tempo, e uma vez que volta logo...

- Tens razão, menina. Não o detenho mais... E a Sr<sup>a</sup> 27 Bibi  
 que não apareceu ainda? ajunta ela falando com a sobrinha. Me-  
 teu-se-lhe em cabeça fazer hoje para o almoço, o bolo da sua  
 invenção... há de comê-lo sozinha... é incorrigível!...

290 - Titia, interrompe ainda uma vez a moça, que cõnscia do  
 costume da tia, prevê já um longo arrazoado sobre a demora da  
 tal cozinheira, padeira ou o que quer que é. Logo haverá tem-  
 po...

- Forte pressa tens de ver o Sr. Júlio pelas costas...

295 - Eu, não minha tia, pelo contrário...

- Está bom! Vá Sr. Júlio. Mas não falte logo, sim?

- Sim, minha Senhora<sup>28</sup>.

A linha sobrinha notou a minha tristeza.

300 - Sr. Júlio; esta manhã não me sinto boa; tenho dores de  
 cabeça... não pude fazer-lhe boa companhia... Mas ao jantar es-  
 tarei melhor... e então verá como sou amável!... Conversaremos  
 muito e reabilitar-me-ei no seu conceito... Bromete não fal-  
 tar?

- Juro-o até, exclamo eu, louco de prazer...

305 - Agora és tu quem demora o Sr. Júlio... Até logo, Sr. Júlio.

- Adeus, Sr. Júlio... adeus... - diz a formosa sobrinha.

Não sei que estranha inflexão lhe notei na voz, quando proferiu a palavra - adeus -! Por que não me diria: - até logo?

310 go? -

Saio de casa de D. Joaquina e disponho-me a subir a minha escada, quando ouço ainda a voz da velha:

- Sr. Júlio... escute.

Retrocedo.

315 - Duas palavras só. É esquisito que o Senhor se vá, sem saber ao que veio...

- Ora, minha Senhora<sup>29</sup>...

- Ouça, Senhor. Um moço solteiro e sem família como o Senhor é, precisa de uma pessoa que se encarregue da sua roupa, que a faça lavar e engomar...

320

- Justo... Justo...

- Ui! como o Sr. está apressado! Eu concluo já. Minha sobrinha... a Luíza... conhece!

- Pois não! minha Senhora<sup>30</sup>...

325 - Ah! já a viu?...

- Pois não! pois não! tantas vezes!

Em que pensa esta Senhora<sup>31</sup> que se esquece de que levei uma hora seguramente a olhar para a sobrinha!

- Bem; isso é outro caso... Pois bem; a Luíza deseja en-

330 carregar-se...

- Com muito gosto!... com muito gosto!...

- Já ninguém se pode entender com o Senhor!... apre! que pressa! Enfim sabe o que Luíza quer, não?

- O que ela quer? sei... pois não! e está servida.

335 - Logo, então, ajustaremos as condições...

- Sim; minha Senhora<sup>32</sup>... até logo.

- Até logo, Sr. Júlio.

## IV

O QUE FARIA ACREDITAR A SR<sup>a</sup> MARIA PEREIRA QUE EU ESTOU DOIDO.

Que feliz achado! que preciosíssima descoberta!... vou eu dizendo ao subir a escada que leva ao nosso aposento. E eu que nunca suspeitei a existência deste tesouro! Aqui... tão perto de mim... no 1º andar... e eu que nunca vi... Luíza! oh, minha formosa Luíza!... Luíza!... Bem podiam ter-lhe dado outro nome... acho-o um tanto prosaico... preferia que se chamasse Julieta... mas enfim, o que é verdade é ser ela uma linda moçona... que olhos! que boca! que todo! Que ferro para o amigo R.! Oh! minha futura e adorável caseira! vais preencher de hoje em diante o vácuo que sentia no coração... como vou ser feliz!

Todo preocupado com estes pensamentos chego ao nosso quarto. O R. está quase vestido. Apenas entro, pergunta-me logo:

15 - Então?... o que queria a velhota?

Em lugar de responder-lhe, pergunto-lhe também:

- Onde está o meu canivete?... a tua navalha? um escalpelo?... qualquer coisa que corte... anda, homem! dá-mo cá depressa...

20 - Ah!... compreendo!... um ataque... uma apoplexia...

- Leve-te o diabo mais as apoplexias...

- É uma lanceta que queres talvez...

- Ora não me aborreça... ah! isto mesmo serve... digo eu agarrando a navalha com que o meu amigo corta o fumo para o cachimbo.

- Sangrar com uma navalha de cortar fumo?

- E quem te disse que vou sangrar, animal? estás doido? tor

no-lhe eu, avançando para o baú e abrindo-o.

30 O R. contempla-me estupefato; mas vendo que tiro as camisas que ainda ontem trouxe a Sr<sup>a</sup> Maria Pereira, e que as amarroto freneticamente, agarra-me no braço, gritando:

- Doido estás tu!... larga demônio!... que acesso é esse?!

...

Fico furioso.

35 - Então, não sou senhor do que é meu?

- Sim; mas não do que é meu... E que tal está a maluquice? Tinha-me enganado com o baú.

- Tem razão, Sr., digo eu; desculpe... enganei-me. Felizmente só amarrotei duas camisas...

40 - Esse pouco... 400 réis perdidos! suspira o R. procurando reparar as avarias que lhe causei.

Entretanto abro eu o meu baú e começo a tratar as minhas camisas do mesmo modo que as do R., com grande pasmo deste que murmura:

45 - Está doido!... não há dúvida...

- Mas não me explicarás o que quer dizer tudo isto? pergunta-me ele ainda.

- Já lhe falo, meu caro Senhor. ~~Tenha~~ a bondade de esperar um pouco, respondo eu servindo-me da navalha para livrar as camisas e ceroulas dos respectivos botões. Finda esta operação, esfrego, por algum tempo, no chão, toda esta trapalhada; depois olho satisfeito para a minha obra que representa o valor de 6\$000 rs atirados pela janela e finalmente volto-me para o R. que continua a dizer:

55 - Está doido!... não há dúvida...

- Talvez, meu amigo, talvez; mas não imaginas quanto é agradável esta loucura!... Aposto que, quando souberes tudo, acharás muito natural o meu modo de proceder!...<sup>3</sup>

- Hum...ponho-lhe dúvida...

60 - Ouve.

E relato-lhe minuciosamente o que se passou em casa de D. Joaquina.

- Mas, para que todo este açodamento... este desperdício inútil? pergunta ele.

65 - Para quê? Para ver-me já debaixo da tutela dessa mulher arrebatadora... quero ter direito a ir lá, a todo o momento, saber da minha roupa... quero já enfiar-me nestas camisas que me transmitirão o contato das suas mãos tão delicadas!... tão apetitosas... hão de produzir em mim o efeito de um eletróforo<sup>4</sup>...

70 Que sensações! que gozos!...

Enquanto falo, R. acaba prontamente de vestir-se. Parece-me preocupado.

- Então? não me achas razão agora?

75 - Homem, não sei o que te diga... Mas deixemos estas ninharias... Não vais almoçar?

- Eu já não sinto a menor vontade de o fazer... o meu apetite, agora, é todo de outro gênero; mas enfim, para não perder o costume, vamos.

- Nada... eu não vou... não tenho fome também.

80 Almoçarei depois de sair da aula. Tenho que escrever ainda a meu pai; bem sabes que sai amanhã o vapor para o Norte...

- Pois não me disseste que lhe havias já escrito?

85 - Sim... disse... é verdade... mas esqueceu-me dizer-lhe coisa muito importante, e é-me forçoso acrescentar um post scriptum<sup>5</sup>, que não será breve.

- Mau!, digo eu comigo mesmo; não ter fome um gastrônomo destes... lembrar-se, a esta hora, de acrescentar post-scripta<sup>6</sup>... hum... os diabos me levem se ele não me disse, ontem, que já

tinha levado as cartas ao correio... Começo a desconfiar do  
 90 melro. Parece-me que lhe noto um ar sorrateiro e sonso muito  
 meu conhecido e com o qual estou horrivelmente prevenido, pois  
 é sempre anúncio de alguma peça que me prepara. Mas o que pre-  
 tenderá ele?... Com que fim?... Não... não... ele é meu amigo...  
 tenho certeza disso... nada devo receiar dele, que me prejudi-  
 95 que; além de que não se deve desconfiar dos amigos.

- Então, até já, digo-lhe eu, pondo o chapéu e saindo.

- Até já, responde R., que já está sentado à mesa, dispon-  
 do os preparativos de escrita.

V

O QUE FARIA A SR<sup>a</sup> MARIA PEREIRA CONCLUIR QUE R. É TÃO DOIDO  
 COMO EU. DOIS PARA UMA

Ao passar pela porta de D. Joaquina, encurto o passo.

5 Quem sabe se não a abrirão agora? E nesse caso poderei, tal-  
 vez, ver ainda a encantadora Luizinha, e merecer dela um sorriso  
 daqueles com que ela soube cativar este frágil e demasiadamente  
 sensível mortal...

Baldada esperança! Nem ao menos aparece por aqui o maldi-  
 10 to moleque... poderia obter dele certos esclarecimentos de que  
 muito preciso. Mas enfim... logo estarei mais adiantado. Por en-  
 quanto trataremos de chegar ao boulevard Carceller<sup>?</sup> onde me  
 espera o quotidiano café com leite. Ainda da porta da rua le-  
 vanto os olhos para as janelas do primeiro andar. Nada!... ab-  
 15 solutamente nada!... e não posso deixar de exalar um profundo  
 suspiro. Em compensação, porém, parece-me ter visto na minha  
 janela a cabeça do R. que se retirou rapidamente, apenas olhei  
 para cima. Não presto maior importância a este incidente, e  
 saio.

20 Chego sem novidade à casa v<sup>a</sup>3 Carceller, Filho e Guimarães. Entro, sento-me a uma das mesas, e apesar do meu pouco apetite, faço honra ao modesto almoço. Satisfeita esta importantenecessidade, volto em busca do amigo R. que já deve ter concluído o seu longo post-scriptum.<sup>4</sup>

25 Apenas ponho o pé no primeiro degrau da escada, retiro-o logo, e retrocedo sufocando um grito de espanto...

É ele!... é o traidor!... saindo de casa de D. Joaquina... Ouçamos o que dizem...

- Até logo... Cá o espero com o Sr. Júlio...

30 É a voz de D. Joaquina.

- Não faltarei, minha Senhora, responde o p<sup>er</sup>fido, e escuto-lhe os passos na escada do segundo andar.

Mal ouço girar uma chave na fechadura, compreendo que está desimpedida a barra e torno a entrar.

35 Não me é possível descrever as tumultuosas sensações e a aluvião de pensamentos que me acodem de tropel...

Indigno e falso amigo!... era este o post-scriptum<sup>5</sup> que tinhas a escrever!... tolo... tolo eu que me deixei iludir!...tolo ou antes cego que não quis conhecer o laço que me armavas...

40 e fiem-se lá em amigos... Ah! eu adivinho o que maquinas e o que foste fazer à casa dessa mulher desassisada q'não põe escrúpulo em receber qualquer badameco que se lhe apresenta, esquecida de que tem uma sobrinha tão bonita! - Até logo - disse ela, e acrescentou - Cá o espero com o Sr. Júlio - ... vai

45 jantar comigo e com ela... comigo não, que lá não pretendo ir...

Vai traidor... vai... mancha com teu hálito peçonhento essa flor pura e cândida... O quê?... nada! isso queria o patife... nada! hei de ir... Oh! se hei de ir... hei de contraminar-lhe os fanos... vou já disparatar com ele... vou... Mais bem inspirado,

50 porém, resolvo-me a corresponder a astúcia com astúcia: a pagar  
traição por traição.

Firme neste propósito, subo mansamente a escada, a fim de  
surpreender a fera desprevenida no seu antro. A porta está en-  
treaberta, mas, para maior segurança, limito-me a espiar pelo  
55 buraco da fechadura.

Que diabo está ele fazendo em côcaras?... Estará... não...  
não está... Vejo-lhe os braços em perfeita atividade... mas as  
mãos!... não posso saber o que fazem as mãos!... Está perfei-  
tamente de costas para mim o maldito!... Bom! - volta-se para  
60 cá. Ah!... Não posso conter uma homérica gargalhada e entro  
no quarto... Foi-se-me todo o furor!...

Sobressaltado, põe-se o R. de pé, largando em meio a sua  
obra e olhando-me com um ar desapontado que mais me faz rir...  
Adivinhem o que fazia o meu amigo?... Ora... estava aplicando  
65 a sua roupa branca, o mesmo processo que empreguei com a minha,  
nem mais, nem menos!...

Finalmente tornando a si do primeiro abalo, o R. ri-se tam-  
bém, e diz-me com todo o descaro.

- Meu prezado Júlio. Sobeja razão tinhas quando me dizias,  
70 que eu aprovaria o teu procedimento. Não só o acho muito natu-  
ral, mas até o imito, como vês.

E sem me dar tempo de responder-lhe, trava-me o braço e pu-  
xa-me para o vão da janela.

- Escuta; diz-me ele, vou explicar-te a minha conduta que  
75 te deve parecer muito repreensível, e que, na realidade, não  
deixa de o ser. Mas estou certo de que me desculparás, tu que  
sabes, melhor que ninguém, a que excessos nos obriga esta fra-  
queza que herdamos do nosso primeiro pai...

- Muito bem exordiado; passemos a narração.



80 - Não me interrompas; ouve e julga-me depois.

A maneira poética e animada por que me descreveste a interessante Luizinha...

- Obrigado.

85 - ... causou-me um invencível desejo de apreciar por mim mesmo esse cofre de graças, tão avantajado por ti. A tua presença era-me então... desnecessária... bastante desnecessária mesmo...

- E o Senhor descartou-se de mim, mandando-me almoçar.

90 Não precisa entrar em explicações sobre esse fato, avalio-o perfeitamente...

- Não... não... Mas, em suma, eu precisava ficar só. Para realizar esse desideratum,<sup>6</sup> o mais depressa possível, deixei-me ficar em casa, alegando o pretexto que sabes, e apenas saíste, postei-me à janela, na esperança de que a bela vizinha não se  
95 dedignaria de aparecer.

- Bem me tinha parecido!...

- Efetivamente; mal havias saído à porta da rua, vi-a chegar àquela janela... a última. Não me restou dúvida que fosse a mesma de quem me falaras, (apesar de achá-la muito acima da  
100 tua poética descrição), porque, além de não me constar a existência de outra moça em casa de D. Joaquina, disse-me o coração que tinha à vista a fada que te enfeitiçara. Compreendi então os teus transportes e arrebatamento, e vítima, como tu, do mesmo encantamento, não me pude furtar ao seguinte raciocínio: a  
105 nossa amável vizinha, não se pronunciou ainda em favor do meu amigo; é mesmo possível que não se pronuncie nunca...

- Agradeço-lhe a hipótese gratuita...

- Deixa-me estabelecer o meu dilema... De duas uma; (pensei eu) ou ela gosta de Júlio, ou não. No primeiro caso - ce-

110 do-lhe o terreno; no segundo - apresento-me candidato e talvez  
 seja mais bem sucedido. E o que ainda é melhor: em nenhum dos  
 dois casos prejuizo ao meu amigo, que o não suponha tão tres-  
 loucado que queira ser amado à tort et à travers.<sup>7</sup>... Fiquei por-  
 tanto,<sup>8</sup> completamente tranqüilo...

115 - E, na verdade, é muito tranqüilizador o tal argumentum  
cornutum!<sup>9</sup> Queira Deus que se não espete nas pontas que voltou  
 contra mim... Não quero indagar se é ou não rigoroso o seu di-  
 lema; prescindindo da questão lógica. Não sei, porém, se terá<sup>10</sup> mo-  
 ralmente experimentado a mesma tranqüilidade.

120 - Ora... pois não!... uma é resultado da outra, porque...

- Tá... tá... tá... A razão manda muitas vezes o que o  
 coração desaprova. Mas não entremos em discussão. Nunca chega-  
 remos a um acordo. O que está feito, está feito. Declarou-me a  
 guerra. Pois bem, disputemos o amor da bela do primeiro andar,  
 125 acrescento eu, resignando-me a este concurso, em que vou ser  
 talvez levado à parede, mas que infelizmente não há meios de  
 recusar.

Até o meu amor próprio, se conspira contra mim.

- Façamo-nos, porém, guerra leal e a descoberto, continuo  
 130 eu, bem resolvido a atraioá-lo na primeira ocasião que se me  
 oferecer.

- Aceito! guerra franca e leal! diz o meu amigo que pensa  
 provavelmente do mesmo modo que eu; e, para prova da minha sin-  
 ceridade, vou contar-te os passos que tenho dado, e o que pude,  
 135 por hora, obter. Quando a nossa Luizinha...

Experimento um horrível estremecimento, quando este indig-  
 no diz a nossa Luizinha...

- ... chegou a janela, ergueu logo os seus lindos olhos

negros para os nossos domínios. Pela primeira vez, e também pe-  
140 la última, como verás, cruzaram-se os nossos olhares.

Tirei-lhe muito respeitosamente o meu chapéu, e fui cor-  
respondido com toda a amabilidade. Depois, voltou-se ela para  
o lado da rua por onde seguias, e quando desapareceste no coto-  
velo da rua, retirou-se da janela, sem me conceder mais um sim-  
145 ples olhar sequer ao menos. Confesso-te que fiquei mediocremen-  
te satisfeito com este intróito. O ciúme, companheiro insepará-  
vel do amor, fez-me ver, na coincidência da sua retirada com o  
teu desaparecimento, um princípio de inclinação por ti...

- Ora, qual! interrompo eu, interiormente lisonjeado com  
150 esta notícia que acredito piamente.

- O que é verdade é que não me dei por vencido; tanto as-  
sim que, daí a alguns minutos, batia à porta de D. Joaquina.  
Foi esta quem me recebeu. Depois de lhe haver dito quem era e  
de expor-lhe o fim da minha visita, isto é, que lhe ia pedir  
155 por obsêquio, o que tão espontaneamente te oferecera, tive de  
ouvir os seus longos arrazoados e teorias sobre economia do-  
méstica, que deixei passar incólumes, tão empenhado estava em  
descortinar a verdadeira causa da minha visita e tão preocupado  
e zangado por não lobrigá-lo. Falou também de ti, e com muitos  
160 elogios, cumpre-me confessar; falou-me de tudo, em suma, menos  
daquilo que me interessava.

Conhecendo, afinal, que já seria inconveniente prolongar  
por mais tempo a minha estada em sua casa, tomei, desanimado,  
a resolução de retirar-me. Foi então que a palradora velha lem-  
165 brou-se de desculpar a sobrinha que não podia aparecer, por  
estar se preparando para ir à casa de uma prima, acrescentando  
que pouco se demoraria lá. Deu-me ainda muitos conselhos, que

me julguei dispensado de guardar de memória, e acabou convidando-me para jantar hoje com ela; convite que me reconciliou com a sua garrulice.

Eis aqui o resultado que obtive por hora e que, assim mesmo, não é pequeno.

- Não, não por certo. Estás, portanto, resolvido a aproveitar-te do oferecimento de D. Joaquina?

- Se estou! Mais do que nunca... responde ele, olhando para o relógio. Ai! são horas de aula, mas antes disso quero concluir o meu trabalho que interrompeste tão fora de propósito. E dizendo isto, esfregou desapiadadamente no assoalho as alvas camisas já amarrotadas, que tanto deram que fazer às unhas da Sr.<sup>a</sup> Maria Pereira.

E chamava-me doido!

- Para que todo este açodamento? este desperdício inútil? pergunto-lhe eu por minha vez.

- Os heróis do paganismo sacrificavam às divindades cuja proteção queriam conseguir; eu também, como eles, faço o sacrifício que me deve facilitar as boas graças da deusa a quem adoro.

Além disso, preciso de um pretexto que cooneste<sup>12</sup> as minhas visitas à casa de D. Joaquina, que pode afinal encordoar<sup>13</sup> com elas; e, ou eu muito me engano, ou ela não simpatizou muito comigo.

Agora podemos ir, acrescentou ele, finda a operação.

- Vamos.

## VI

### O QUI-PRO-QUO<sup>1</sup>. UMA PARA TRÊS

Passa apenas um quarto de 1 hora da tarde.

Não obstante ser ainda muito cedo, eu e o R. dispomo-nos,  
 5 desde já, a entrar em campo, com todas as probabilidades de  
 bom êxito, isto é: procuramos, cada um por sua parte, arranjar  
 os nossos toilettes<sup>2</sup> do modo o mais elegante que podemos, e es-  
 tudamos, in mente<sup>3</sup>, o plano que se nos mostra mais azado, as ma-  
 neiras que nos parecem mais apropriadas para a conquista que  
 10 ambos projetamos. Neste momento solene de ansiosa espera, ne-  
 nhum de nós fala, mas, em compensação, cada qual pensa por qua-  
 tro. Não sei o que se passa lá no interior do meu amigo; quanto  
 a mim, sinto uma espécie de desânimo que não é de bom agouro.  
 Eia! coragem! jacta est alea!<sup>4</sup>

15 O medo antes do combate é meia derrota, e portanto nada  
 de medo.

Enfim... soa a hora aprazada. Passamos um último exame em  
 toda a nossa pessoa, damos um derradeito toque ao penteado e  
 depois, sem nos podermos mutuamente encobrir a emoção que nos  
 20 possui, exclamamos a um tempo:

- Até que afinal!

Já estamos em meio da escada. Paro.

- Sabes ainda alguma coisa de História? Pergunto eu ao R.

- Tudo, a exceção de datas e nomes próprios.

25 - Queres dizer; à exceção de tudo?...

- Não; mas a que vem isso agora?

- Recordas-te, ao menos, da formosa Helena, causa de ruína  
 de Tróia?

- Sofrivelmente.

30 - Deves também lembrar-te do acordo a que chegaram os seus  
 numerosos pretendentes?

- Sim; comprometeram-se a respeitar a escolha da requesta-  
 da princesa, e ainda mais: a protegê-la.

- Justamente. Já vejo que estás mais forte do que eu pensa-  
 35 va. Pois bem; proponho-te um igual pacto: Ulisses<sup>5</sup> respeitará e  
 projetará a ventura de Menelau.<sup>6</sup>...

- Seja, mas parece-me que escolheste um exemplo de mau a-  
 gouro...

- Por quê?

40 - Porque verdadeiramente Helena<sup>7</sup> não pertenceu, nem ao rei  
 da Ítaca,<sup>8</sup> nem ao irmão de Agamenon.<sup>9</sup>

Talvez ele tenha razão e por isso calo-me, . . . . .  
 . . . . . 10

- Sejam bem vindos, meus Senhores, nos diz D. Joaquina, vindo  
 45 receber-nos à porta. Pedro! Pedro! grita ela, voltando-se para  
 dentro.

O moleque apareceu.

- Vai dizer a nhã Luizinha, que já estão aqui os moços.

Queiram ter a bondade de sentar-se. Minha sobrinha é a me-  
 50 nina mais acanhada e tímida que tenho visto. Se a não vou bus-  
 car lá dentro, é muito capaz de se deixar ficar por lá. Consin-  
 tam que os deixe por um momento. Vou dar ânimo a Senhora<sup>11</sup> medrosa.

- Tímida? acanhada? diz-me o R. apenas saiu a velha. Não  
 foi isso o que me disseste...

55 - Nem o que eu presenciei.

- Esta Sr<sup>a</sup><sup>12</sup> D. Joaquina não tem a bola muito certa...

- Assim me parece também.

A volta de D. Joaquina interrompe os caridosos juízos que  
 formulávamos a seu respeito. Ela arrasta pela mão um ente femi-  
 60 nino, a julgar pelo traço, pequeno, amarelo, enfezado e creio  
 que, até, coxo. É impossível imaginar uma cara mais esquipática  
 e um corpo mais ridículo...

- Ora aqui lhes trago a moça vergonhosa... Minha sobrinha

Luizinha, meus Senhores. A pouca demora que aqui teve o Sr. Júlio, esta manhã, e o longo tempo que esta Senhora<sup>13</sup> em ataviar-se não deixaram que então a apresentasse.

Sinto um horrível calafrio percorrer-me todos os membros. Olho para o R. O pobre rapaz está mesmo uma lástima! Que carranca desolada! Quanta raiva e aflição nesse semblante ainda há pouco tão animado!

Com que gosto me riria eu, se pudesse! Mas ah! Por ele faço eu idéia do que me vai por casa. Devo estar com uma cara de afugentar as bruxas.

Assim mesmo achamos ainda forças para cumprimentar esse repugnante aleijão cuja aparição e existência não sabemos explicar.

A megera nem nos correspondeu...

- Eu pensei... digo eu hesitando... isto é... supunha... que a outra... quero dizer... aquela senhora que aqui estava esta manhã...

- Ah! atalha D. Joaquina, soltando uma das suas temíveis gargalhadas... entendo... entendo... aquela era a minha sobrinha Júlia... Pois deveras <eu não> lhe expliquei tudo?...

Júlia! penso eu. Não era Luíza!... Júlia!... E eu que tanto desejava que ela se chamasse Julieta. Eis aí porque ela sorriu-se quando lhe disse o meu nome... Mas onde está ela! quero vê-la!...

Então o Senhor supunha... Ah! percebo... continuou D. Joaquina rindo-se cada vez mais. O seu engano foi todo por culpa minha. E eu pensei ter-lhe dito claramente... Também o Senhor tinha tanta pressa!... Nem deu tempo a que Luíza o viesse ver...

Depois moderando-se um pouco disse:

- Mas o Senhor falou-me de modo que entendi ter já conhecimen-

to de Luizinha... que já a tinha visto. Mas enfim vou explicar-  
 95 lhe tudo. Minha sobrinha Júlia não mora comigo. É casada (e  
 carregou nesta palavra.) Vinha hoje passar o dia conosco, mas  
 o marido que é um velho rabujento veio buscá-la, há de haver  
 meia hora, dizendo que não podia passar sem ela em casa.

A pobre menina não teve outro remédio senão obedecer-lhe.  
 100 Esta é que é Luizinha ou Bibi, como o Senhor quiser.

Casada!... casada!... Oh! minhas esperanças de amor e de  
 ventura, morreste quando vos cria a ponto de ser realizadas! Jú-  
 lia! perdi-te para sempre! E entretanto eu me lisonjeava de ha-  
 ver lido em teus olhos tanto interesse por mim! Perdi-te para  
 105 sempre... para sempre?... quem sabe?

- Retirou-se há de haver meia hora, diz ainda D. Joaquina.

- Não está mais aí! murmuro eu, sem poder encobrir o meu  
 descontentamento.

- Não; mas antes de ir-se, pediu-me que lhe desse este  
 110 recado, palavra por palavra: diga ao Sr. Júlio que não pude  
 cumprir a minha promessa, porque tenho também a cumprir sérios  
 deveres, e esforço-me por desempenhá-los fielmente. Peça-lhe  
 finalmente da minha parte que não fique mal comigo por isso.

Entendo. Ela fuge-me. Estou convencido de que não foi  
 115 seu marido quem lhe ordenou que voltasse para casa. Mas por  
 que fuge? Por que receia desagradar-me? O que significavam a-  
 queelas lágrimas?... tudo enfim? Ah! se eu me atrevesse a su-  
 por!...

- Então em que pensa Sr. Júlio? pergunta D. Joaquina.

120 - No recado de D. Júlia, minha Senhora<sup>14</sup>.

- Ah! pobre menina! Não encontrou o que merecia.

O marido que já não é nenhuma criança, é um rabujento que  
 lhe faz passar uma vida bem aborrecida.



- Mas como se resolveu D. Júlia, tão bela, tão moça, tão  
125 cheia de encantos, a desposar esse Senhor?

- Ora, foi um desses casamentos por conveniência.

A mãe dela é minha irmã, que Deus tenha em sua santa glória, julgou que não podia entregar a filha em melhores mãos do que as do Sr. Pedrozo, que tinha seu par de contos e que, supunha minha irmã, era homem de juízo... juízo tem ele tanto como o meu moleque Pedro. Pois há de acreditar que ainda tem pretensões a namorado? Um sujeitinho que é mais velho do que eu cinco anos.

Ora, eu fiz cinqüenta bem contadinhos no domingo de Páscoa, veja lá o Senhor que tal é a criança.

- Que lindo quadro! diz o R., afastando-se como para examinar uma pintura, mas na realidade para disfarçar o seu mau humor. Provavelmente lembra-se da asneira que fez em estragar a sua roupa branca.

140 - Eis aí como se sacrifica o porvir de uma moça tão digna de melhor sorte, digo eu em meia voz.

- Não acuse os mortos, moço, torna-me D. Joaquina, assegurando-se de que na distância em que se acha não a pode ouvir o R. Minha irmã julgou que dava um passo muito acertado, e  
145 demais... escute.

O Pedrozo era boticário de minha irmã, a qual, viúva, pobre e quase sempre doente, devia-lhe já uma boa quantia. Meu falecido cunhado havia também contraído para com ele um empenho considerável. Além disso era o mesmo Pedrozo quem adiantava  
150 a minha irmã o dinheiro com que ela ocorria as suas precisões. Vendo-se às portas da morte, não saía da idéia a triste mãe, que, apenas fechasse os olhos, seria vendida, para amortização da dívida, uma casinha, único bem que possuía, e que sua filha

ficaria reduzida à miséria.

155 Demais, a delicadeza que afetava o Pedrozo, nunca lhe falando em dinheiro, nunca pondo dúvida em adiantar-lho; tudo isso foi causa de que, apenas lhe tocou ele em casamento, pegou-lhe logo na palavra, não vendo nele mais do que o homem generoso que lhe arrancava a filha das garras da indigência.

160 - E a infeliz moça foi votada a uma sorte mil vezes pior<sup>15</sup> que a miséria.

- Escute; disse D. Joaquina lançando um olhar um tanto desconfiado para o R.

Posto que muito me cativassem a atenção as revelações da  
165 velha, havia, contudo, alguns minutos, que eu ouvia, vagamente, uma espécie de diálogo que se travava por detrás de mim. Eu distinguia a voz do meu amigo a qual respondia uma outra voz, rouca e surda, que nem me foi preciso voltar-me para saber que era a da encantadora Luíza.

170 R. tinha conseguido domesticar o monstro arisco, que já começava a deitar os manguitos de fora.<sup>16</sup>

Este rapaz é de uma habilidade espantosa! Que diabo pretenderá ele desta rapariga?

Vendo que o meu colega está entretido com a sobrinha, fez-me D. Joaquina sinal para que a acompanhasse, chegando-se para  
175 a janela.

- Confio muito no Senhor.

- Muito obrigado minha Senhora<sup>17</sup>.

- Estou convencido de que é um excelente moço. Quanto ao  
180 seu amigo...

- Não o é menos...

- Não duvido, mas... eu cá me entendo. Escute; vou falar-lhe com toda a franqueza. Depois que soube, há pouco, do enga-

no em que involuntariamente o fiz cair, compreendi muita coisa,  
185 que nem sequer me passava pela imaginação.

Recordando o seu modo de proceder esta manhã e cotejando-o com o desta tarde, concluo...

O que minha Senhora?<sup>18</sup>

- Que minha sobrinha Júlia não deixou de causar-lhe sua  
190 impressão.

- Imensa! imensíssima! minha Senhora<sup>19</sup>... Já vê que correspondo a sua franqueza, com outra igual.

- Muito bem. Agora, ouça e porte-se com juízo e segundo o seu bom coração.

195 Todo o erro de minha irmã consistiu em duvidar de mim. Não me julgou digna de confiar-me sua filha; duvidou do meu coração. E entretanto eu amaria e amo Júlia com a mesma ternura de uma mãe. Os meus braços que se abriram para uma, continuou D. Joaquina designando Luíza com o olhar, não se fechariam para  
200 a outra.

Júlia não teria sido rica, mas seria feliz.

Achar-lhe-ia um marido moço e digno como o Senhor... Não é verdade que o Senhor a faria feliz?

- Oh! minha Senhora<sup>20</sup>, pois duvida?

205 - Não. Pobre Júlia! Ela não se veria encadeada a um velho repulsivo, que a amofina com desgostos e a martiriza com ridículos ciúmes... a... um brutal...

- Pois ele atrever-se-ia?...

- Modere-se meu filho. Permita-me que o trate assim... Ele  
210 ainda não chegou a esse ponto... Tocar na filha de minha irmã!... na sua infeliz mártir!... Olhe, Sr. Júlio; eu sou uma criatura inofensiva, mas se ele cometesse tal indignidade...era eu muito capaz de quebrar-lhe na cara todos os seus frascos de

drogas e beberragens. Esse homem, cujo ciúme impõe à triste mo-  
 215 ça a norma de proceder à mais rigorosa e acabrunhadora, é, en-  
 tretanto um velho libertino... um devasso... um bandalho... Mas  
 não falemos mais nisto... Bem vejo que o estou afligindo...

- Oh! como a Senhora<sup>21</sup> não imagina... Mas diga-me... peço-lhe  
 que me não oculte a verdade... Foi D. Júlia que se quis reti-  
 220 rar esta manhã para casa... Não foi esse infame Pedrozo quem a  
 veio buscar... fale D. Joaquina e... pelo amor de Deus! não me  
 queira enganar...

- Que moço este! Ainda bem que eu não lhe disse nada...foi  
 ele quem tudo adivinhou... E Júlia que tanto se empenhava para  
 225 que o Sr. o não soubesse...

- Ela evita-me... Não lhe sou pois indiferente!... exclamo  
 eu, sem poder conter-me. Não lhe sou indiferente!... e quem sa-  
 be se me não farei amar?...

- Meu Deus!... Não fale tão alto... Que de coisas está o  
 230 Senhor, aí, a dizer... Quem lhe meteu tudo isso na cabeça?...

- É o coração quem mo diz, e o meu coração nunca mente...

- Pois bem; seja assim... Serei mais franca ainda... con-  
 fessarei mesmo que, sem o pensar, despertou o Sr., na pobre  
 menina, um sentimento que seu marido nunca lhe soube inspirar...  
 235 Mas não conceba vãs esperanças. É uma chama que se extinguirá  
 com a mesma rapidez com que se acendeu...

Filho da imaginação, mais do que do coração, Júlia conse-  
 guirá sufocar esse sentimento que apenas nasce, e ainda assim,  
 ferido de morte pela voz do dever que o condena.

- Ela ama-me!... ama-me!... oh Júlia!... Júlia!... eu  
 240 ainda serei feliz!... digo eu, não ouvindo mais do que a con-  
 firmação da minha esperança.

- O que diz, Senhor? atalha D. Joaquina, com uma severidade

que me gela o sangue nas veias. O que pretende? O que espera?...

245 Que importa que seja amado, se nada mais obterá do que uma  
esperança que nunca será coroada? Quanto a minha sobrinha, pros-  
seguiu ela, enternecendo-se gradualmente, a infeliz achou mais  
um espinho para a sua coroa de mártir, mil vezes mais pungente  
que todos os outros... Não lhe procure voltar esse espinho con-  
250 tra o coração...

Não queira converter a vítima pura e resignada em uma mu-  
lher culpada e digna dos seus sofrimentos... Peço-lhe por tudo  
quanto o Senhor tem de mais caro no mundo... por sua mãe... por  
ela mesma...

255 É a voz da razão e do dever que sai dos lábios de D. Joa-  
quina. Curvo-me a essa voz poderosa; nada posso responder-lhe...  
Mas como essa razão me parece cruel!... como esse dever se me  
figura absurdo! Ah! dêem-me os epítetos os mais afrontosos... a-  
cusem-me... julguem-me... condenem-me muito embora, mas eu não  
260 posso deixar de confessar que a idéia de possuir, um dia, a  
mulher que transformou todo o meu ser, domina nele cada vez  
mais imperiosamente!

- O jantar está servido! grita o moleque Pedro, chegando  
à porta do fundo.

265 - Dê-me o seu braço, diz-me D. Joaquina e ajuntou em voz  
baixa.

- Lembre-se das minhas últimas palavras...

- Sr. R., diz ela ainda, faz-me o obséquio de conduzir mi-  
nha sobrinha?

270 - Pois não, minha Senhora<sup>22</sup>, com todo o gosto! Passamos à sala  
de jantar.

Bem diverso do que eu o tinha ideado nos meus belos sonhos,  
corre este triste e desanimado. Os gastos da conversação são

feitos apenas pelo R. que parece muito satisfeito e (quem o diria!)  
 275 pela interessante Luísa que está na maior intimidade com o meu  
 colega, por quem mostra decidida predileção. O que posso asse-  
 gurar é que não me zango por isso, nem pretendo fazer-lhe a  
 guerra. Provo-lhe, deste modo, ser mais amigo dele do que ele  
 meu.

280 Não se me dá de apostar que o espertalhão procura dos ma-  
 les o menor, e faz a corte à horrenda donzela, para que ela lhe  
 faça abatimento de um vintém em cada peça de roupa que lhe  
 mandar lavar ou engomar.

Pelo que me toca, como pouco e falo ainda menos. A lem-  
 285 brança de Júlia a cada momento me preocupa e contrista. Pobre  
 moça! Como deve sofrer! Tudo me está explicado - as suas lágri-  
 mas... a sua tristeza...

D. Joaquina está também distraída, e, de vez em quando, o-  
 lha-me com ar compadecido.

290 Boa mulher! Estou certo de que muito estimaria ter-me por  
 sobrinho.

Levantamo-nos, finalmente, da mesa, e vamos para a sala  
 esperar o café.

A Sr.<sup>23</sup> Luísa propõe-nos, então, as suas condições as quais  
 295 subscrevo, sem lhes prestar a menor atenção.

Depois de mais algum tempo que passamos tratando de assun-  
 tos sem importância, levanto-me para me retirar. O R. imita-me e  
 despedimo-nos das duas Senhoras<sup>24</sup>.

- Sr. R., diz Luísa com a sua voz áspera e desagradável, que  
 300 debalde procura tornar adocicada; espero que haja de aparecer  
 por cá de vez em quando.

- Não deixarei de aproveitar-me de tão lisongeiro e honro-  
 so convite, responde o meu amigo, inclinando-se com toda a ga-

lanterna.

305 - Não se esqueça de nós, diz-me D. Joaquina. Venha ver-  
nos algumas vezes. E acrescenta em voz mais baixa:

- Falaremos dela... contar-lhe-ei tudo quanto souber a  
seu respeito... É o mais que posso fazer em seu favor... Mas  
ainda uma vez lhe suplico: não abuse do que a sua penetração lhe  
310 fez descobrir...

Pobre Senhora!<sup>25</sup> Pretende apagar o incêndio com líquido combustí-  
vel.

Por única resposta aperto-lhe vivamente a mão e saio.

- Que negócios trataste tu com aquela horrenda caricatura?  
315 pergunto ao R. logo que o pude fazer sem receio.

- Meu amigo, percebi que a velha era toda por ti, e tratei  
de procurar também um aliado.

- Ah!... E o que conseguiste por seu intermédio?

- O que te esteve a dizer a velha? pergunta-me ele igual-  
320 mente.

- Nada...

- Justamente o que alcancei da sobrinha, torna-me ele, sor-  
rindo ironicamente.

Ainda persiste na luta! Embora! Nem quero exigir dele o  
325 cumprimento do nosso pacto... Não, que me seria preciso desco-  
brir-lhe o meu segredo... Nada lhe direi. Insista muito embora  
nas suas pretensões... não o temo mais.

Ah! D. Joaquina! Bem conheço que a Senhora<sup>26</sup> fala em nome da  
honra e da razão... mas eu estou louco... não discorro... e  
330 farei... o que puder.

# CENAS DA VIDA DE ESTUDANTE

## SEGUNDA

EDUARDO

### I

#### NO Ombibus<sup>1</sup>

5

- Então, quando sai?

- Daqui a um quarto d' hora.

- Ainda um quarto d' hora de espera!... Não há outro omni-  
bus<sup>2</sup> ou diligência que parta mais cedo?

10

- Não Sr.

Este curto diálogo travava-se no Largo de S. Francisco de  
Paula,<sup>3</sup> um dos menores da cidade do Rio de Janeiro, no dia 21  
de julho de 1862, entre um recebedor do ombibus<sup>4</sup> do Rio Comprido<sup>5</sup>  
e um moço de boa aparência que se mostrava bastante apressado.

15

Quem tiver boa memória recordar-se-á que no Rio de Janei-  
ro, durante toda a tarde e noite do dia 21 de julho, choveu a  
bom chover.

20

Um quarto antes das duas horas da tarde em que começa a  
ação que vamos escrever, caía já um ligeiro chuvisco, que não  
era mais do que o prelúdio de uma dessas tremendas cargas d' água,  
que inundam as ruas da cidade, colocando os viandantes surpreen-  
didos na alternativa de sangrar as algibeiras, ou de cavalgar  
no dorso de algum preto de ganho, o que é muito mais barato e  
divertido.

25

Isto dito, voltemos aos nossos dois interlocutores.

- Ainda um quarto d' hora de espera... repetiu o moço a-



pressado, puxando pelo relógio. Prefiro tomar um tálburi.<sup>6</sup>

- Como quiser, redarguiu o recebedor.

O moço abriu o relógio, porém um corpo estranho se lhe in-  
30 terpôs entre os olhos e o mostrador, envolvendo tanto o relógio  
como a mão que o sustentava.

Era um lenço de finíssima cambraia, um lenço de moça e de  
moça elegante.

O mancebo levantou a cabeça e viu, moldurado pelo postigo  
35 que lhe ficava superior, um desses rostos de mulher que vistos  
uma vez não se esquece mais e que fazem o tormento de um cora-  
ção apaixonado.

Era o tipo perfeito da beleza brasileira.

Pálida, não dessa cor desbotada que caracteriza uma natu-  
40 reza minada pela enfermidade, mas daquela que deixa entrever o  
sangue generoso através da epiderme.

Seus olhos brilhantes e negros como os cabelos, estavam  
em perfeita harmonia com os lábios, por ventura um pouco gros-  
sos, porém de contorno voluptoso e provocador.

45 Não era necessário ser grande fisionomista para conhecer  
do todo desse gentil semblante que, se aquela mulher amasse  
algum dia, saberia amar como ninguém.

O nosso mancebo pensou provavelmente como nós, pois des-  
franziu imediatamente o sombrinho que, de leve, se carregara com  
50 este pequeno incidente.

- Mil perdões, Senhor, modulou a moça do omibus<sup>7</sup> e na sua  
voz doce e sonora percebia-se uma emoção de modo algum justi-  
ficada pela pouca importância do fato.

O mancebo estremeceu ao som dessa voz, sem que ele próprio  
55 soubesse por que, mas assim mesmo, respondeu à súplica da moça  
com a galanteria que era de esperar da sua boa aparência, res-

tituindo o mimoso lenço que uma mão delicada e elegantemente calçada se estendia para receber.

E sem mais importar-se com as horas que marcava o seu cronômetro, guardou-o logo e encaminhou-se para a portinhola do pesado veículo, dizendo por último ao recebedor:

- Pare em Mata-porcos.<sup>8</sup>

Dos oito lugares no Omnibus,<sup>9</sup> apenas dois estavam por ocupar, além do primeiro da esquerda que pertencia ao recebedor: eram o terceiro e quarto da direita. Ao lançar a vista para o interior, deixou o moço escapar um sinal, quase imperceptível, de descontentamento. O assento fronteiro aquele que ocupava, à esquerda, a moça do lenço, tinha sido tomado por um desses homens de apurado pretencioso trajajar, de maneiras afetadas e de voz açucarada que constituem em toda a parte um tipo bem conhecido e extremado, e que são designados pelos nomes de: dândi,<sup>10</sup> leão,<sup>11</sup> taful<sup>12 13</sup> & conforme o teatro de suas proezas. O que também não sofria contestação é que era ele um bonito rapaz, e isto explica o descontentamento do novo passageiro.

Entretanto se a sua modéstia o fazia duvidar de si mesmo, não era ele dos que mais deviam recear a concorrência. Posto que se não pudesse dizer bonito, possuía uma dessas fisionomias francas e abertas que agradam à primeira vista. Seu olhar era firme e leal. Negros e bastos supercílios de ordinário unidos por uma contração que se tornara habitual, deixavam adivinhar que ele tinha tanto de bom como de irascível.

De resto, todos os seus gestos e movimentos denunciavam um certo descuido e pouca opinião de si, o que é, quase sempre indício de um mérito real.

Reduzido a optar entre os dois últimos lugares da direita, preferiu o terceiro e foi sentar-se ao lado do formoso leão.<sup>14</sup>

Apenas acomodado, cumprimentou a moça do lenço e a uma outra senhora que se achava a par dela, e a qual, a despeito dos anos, conservava ainda bastante semelhança com a moça para dar logo a conhecer que era sua mãe. Ao tirar o seu chapéu descobriu o moço uma fronte inteligente e pensadora. No ângulo esquerdo superior dessa fronte elevada podia-se notar uma cicatriz estreita e de uma polegada<sup>16</sup> de extensão, pouco mais ou menos. Mencionamos esta pequena particularidade porque, como verá o leitor, não deixa de ter sua importância.

As duas Senhoras<sup>17</sup> corresponderam à saudação do mancebo com muita amabilidade, e a linda filha o envolveu em um longo olhar que, por muito expressivo deixou-o em completa indecisão. Ele leu nesse olhar tanta benevolência, tanto interesse e ao mesmo tempo tanto prazer, que não pôde compreendê-lo.

Dir-se-ia que essa moça que o encarava tão estranhamente o conhecia de muito perto e de longa data, mas contra essa suposição protestavam as suas mais recuadas reminiscências.

Contudo ao fitar esse rosto delicioso, sentia o mancebo despertarem-se-lhe vagas e fugitivas lembranças de alguém cujo nome lhe não podia ocorrer, e no seu interior se passava alguma coisa de estranho que ele não sabia explicar.

- Será ela loureira? pensava ele consigo mesmo.

E, respondendo a sua própria pergunta, acrescentou, olhando de esquelha para o seu elegante vizinho, o qual assestavades-caradamente o pince-nez<sup>18</sup> sobre o gentil vis-a-vis:<sup>19</sup>

- Não; este olhar não é o de uma loureira,<sup>20</sup> e demais, se o fosse aqui achava quem lhe fizesse muito mais conta do que eu.

A moça pareceu adivinhar-lhe o pensamento: sorriu-se, e, como querendo confirmá-lo, voltou-se de perfil para o atrevido leão<sup>21</sup> e derramou sobre o feliz recém-chegado os doces eflúvios do seu olhar magnético.

O mancebo não sabia o que pensar desta súbita e pronunciada simpatia.

120 Neste momento uma violenta rajada de vento enfiou-se pelos postigos do Omnibus<sup>22</sup>, impelindo a chuva que começou a cair em torrentes. A moça voltou-se rapidamente, como para suspender a pequena vidraça do seu postigo.

O recém-chegado levantou-se a meio e inclinando-se para  
125 ela:

- Se me permite, minha Senhora<sup>23</sup> disse ele...

Especulando o mesmo movimento as suas mãos se encontraram. Sem saber o que fazia, ele apertou ternamente essa mãozinha delicada.

130 A moça estremeceu, mas não retirou a mão sem haver brandamente correspondido ao sinal do ousado mancebo.

Tomou este de novo o seu lugar, com os olhos em fogo e o coração a querer saltar-lhe do peito.

Por sua parte fizera-se a moça muito corada. Já não  
135 olhava tão a miúdo.

O seu olhar era muito menos ousado, mas em compensação era tão terno! E os dois moços se entregaram ao encanto dessa muda e eloquente correspondência enquanto a boa mamã<sup>24</sup> que não prestava ou fingia não prestar atenção a esse inocente derrico<sup>25</sup>, divertia-se em ver o que se passava no largo.  
140

Veio arrancá-los ao seu enlevo uma pequena alteração entre o formoso leão<sup>26</sup> e o seu vizinho da esquerda, homem reforçado, de feições vulgares e de modos mais vulgares ainda.

Trazia ele debruçada sobre o ombro uma criança adormecida.  
145 Despertado em sobressalto pelo ruído da chuva que açoitava violentamente as vidraças do omnibus<sup>27</sup>, soltou o fedelho um agudo guincho que se foi aninhar no ouvido do moço elegante, e com um mo-

vimento do braço arrancou-lhe de cima do nariz o dourado pince-  
nez.<sup>28</sup>

150 O leão<sup>29</sup> voltou-se rubro de cólera para o pai da criança.

- Senhor! faz-me o obséquo de aquietar o seu menino?

- Aquietá-lo? Pois não está ele quieto? Que te parece?...

<heim>... que dizes, Mamede? O Senhor a modo que não gosta de  
crianças?...

155 - Muito pouco, e ainda menos que me vazem os olhos.

- Vazar-lhes os olhos?... E que tal? Mas eu vejo-lhos em  
perfeito estado... Só se foi... heim?... que te parece, Mamede?

O Sr. Mamede não respondia às interpelações de seu pai pe-  
la simples razão de não falar ainda, mas desforrava-se em gri-  
160 tar cada vez mais alto.

Vendo que não havia partido a tirar com tais sujeitos, in-  
clinou-se o moço leão<sup>30</sup> para fora, gritando:

- Então, Senhor recebedor? saímos ou não?

- Daqui a pouco, respondeu o outro da porta. Falta preen-  
165 cher mais um lugar.

- Tomo-o eu, diz um homem gordo e baixo, de cerca de cin-  
quenta anos de idade, que chegou todo esbaforido, e enfiou-se  
lestamente no ômnibus.<sup>31</sup>

O recebedor entrou logo após; ouviu-se o sinal de partida  
170 e o ômnibus<sup>32</sup> começou a rodar.

- Oh meu Doutor! por aqui? exclamou o gordo recém-chegado, mal  
deu com os olhos no moço que o precedera, apertando-lhe amigavel-  
mente a mão e tomando assento a sua direita.

- E o Senhor também, meu caro banqueiro? respondeu aquele a  
175 quem o gordo chamava Doutor. E eu que julgava acudir tarde ao em-  
prazamento! Há de confessar que desmentiu hoje a sua proverbial  
pontualidade...

- É verdade, meu jovem amigo o Sr. Eduardo... Mas o que

quer? O homem põe e Deus dispõe. Negócios imprevistos e impre-  
 180 teríveis obrigaram-me a faltar ao nosso ajuste. Figure o Senhor...

E o gordo banqueiro principiou a expor a Eduardo os negó-  
 cios que o tinham retido. O moço parecia ouvir muito atentamen-  
 te as suas razões, porém os seus olhos constantemente cravados  
 na moça do lenço provavam exatamente o contrário.

185 A moça inclinou a cabeça para sua mãe, e disse-lhe algumas  
 palavras em meia voz.

Por mais que aplicasse o ouvido, Eduardo apenas pôde per-  
 ceber as últimas: rua do Hospício.<sup>33</sup>

A Senhora<sup>34</sup> idosa fitou então no mancebo um olhar curioso e in-  
 190 dagador, como que procurando reconhecê-lo, e depois respondeu  
 em voz baixa, mas não tão baixa que não a pudesse ouvir o man-  
 cebo que era todo ouvidos.

- Não... não é ele...

A moça fez um momozinho de impaciência.

195 - Tenho certeza, minha mãe, acrescentou ela em tom um pou-  
 co mais alto. A mãe encolheu levemente os ombros dizendo:

- Não pode ser.

- Já vê pois, Doutor, que não foi culpa minha, disse o  
 homem gordo, terminando a sua exposição.

200 - Não compreendo, respondeu irrefletidamente o mancebo  
 todo preocupado com as palavras trocadas entre as duas senhoras.

- Como! não compreende? Pois é bem claro, retrucou viva-  
 mente o outro.

- Perdão, disse Eduardo fazendo-se vermelho, queria dizer  
 205 não contesto. Antes mesmo de dar-me as suas muito valiosas ra-  
 zões já eu o havia desculpado. Sei perfeitamente que o meu ami-  
 go não falta voluntariamente a um compromisso por muito insig-  
 nificante que seja.

- Bom, isso agora é outro falar. Passemos ao que serve.

210 Diga-me, está já resolvido a ir passar as férias deste ano com seu pai?

- Não, agora menos que nunca.

- Não creio.

- Pois verá.

215 - O Doutor não resistirá ao pedido de uma moça bonita...de uma priminha que tanto o estima... de sua noiva enfim...

Ora, por favor: não falemos mais disto, interrompeu Eduardo, visivelmente contrariado com a direção que ia tomando a conversa...

220 - Pelo contrário, disse o indiscreto gorducho que não entendeu ou não quis entender o eloqüente olhar que lhe dirigiu o mancebo; pelo contrário é só disso que me devo ocupar... Bem sabe que aqui sou eu quem representa seu pai... eu, seu correspondente e amigo velho que recebi dele o direito de o aconselhar e guiar...

225 - Meu pai supõe-me ainda uma criança...

- E o que é mais o Senhor, meu amiguinho? Pois já se julga velho com 21 anos apenas? Vinte e um anos! quem é que não tem vinte e um anos hoje em dia? Seu pai é um homem honrado, de muito bom senso e que sabe o que lhe convém.

230 - Conheço perfeitamente meu pai, tornou o moço que começava a impacientar-se.

Mas o gordo correspondente não se amedrontava de caretas.

235 - Não parece, prosseguiu ele; se o Senhor o conhecesse como diz, estaria convencido de que tudo quanto ele faz é para seu bem, e que se insiste por este casamento...

- Por quem é, meu amigo, deixemos para logo este negócio, a ocasião é mal escolhida...

240 - Toda a ocasião é própria para se tratar daquilo que é lícito e bom, mas enfim, faça-lhe a vontade... logo conversare-

mos.

Eduardo estava desesperado. Apenas o velho correspondente falara de sua noiva, a moça do lenço empalidecera, lançando-lhe um último olhar, tão magoado, tão cheio de exprobações que o mancebo sentiu-se comovido até o íntimo d'alma. Depois ela voltou o rosto e não olhou mais para a sua frente. De todo o coração amaldiçoava o pobre moço a indiscrição do velho amigo de seu pai. Pareceu-lhe haver distinguido lágrimas naqueles olhos que o fitaram tão expressivamente e a profunda aflição que lhe assoberbou o coração, mostrou-lhe que essa moça que via pela primeira vez, o havia seriamente impressionado.

- Ora isto já é demais! não se pode tolerar! quem tem crianças tão incômodas e desenvoltas não as faz viajar de omni-bus.<sup>35</sup>

É ainda o leão às bulhas com o pai do Sr. Mamede e com o próprio Sr. Mamede, o qual, muito pouco versado nas conveniências sociais e não tendo lido nunca as<sup>36</sup> Regras de civilidade, havia achado de bom gosto borrifar as calças do vizinho com um líquido amarelado que pouco se assemelhava às odoríferas essências de que usava o elegante rapaz.

- O que foi? pergunta o homem que parecia dono do armazém de molhados; o que foi? Ah! tocou-lhe também o seu bocadinho? console-se comigo que estou com as coxas e partes circunvizinhas numa perfeita sopa. És um tratante Mamede! És um gaiatão!... heim?

- Que o Senhor, que é pai ou que ao menos o parece...

- Que o sou... que o sou... nada de dúvidas!

- Pois bem; o Senhor... é justo que sofra as inconveniências do seu menino mas eu que...

- Nenhuma parte teve na... entendo... mas também foram só uns pinguinhos...



Por última resposta o leão<sup>37</sup> voltou-se para o recebedor.

- Faz-me o favor de mandar parar, disse ele.

- É mesmo o que ia fazer agora, acudiu o outro servindo-se  
275 do apito que trazia ao pescoço.

Depois dirigindo-se a Eduardo acrescentou:

- Estamos em Mata-porcos.<sup>38</sup>

O velho correspondente levantou-se e puxou Eduardo pelo braço.

- Vamos, Doutor, vamos! em que está pensando.

280 - Ah! desculpe, meu amigo; mas não posso acompanhá-lo...

- Como! não pode?...

- Prometi a um amigo, que mora aqui adiante, falar-lhe hoje, antes das três horas, sobre negócio de suma importância.

- Ora... isso pode ficar para mais tarde... e depois não  
285 vê como chove? Vai voltar todo ensopado...

- Não, levo guarda-chuva...

- Há de servir-lhe de muito! e a lama do caminho?...

- Paciência! mas prometi...

- Mas a mim também me prometeu...

290 - Meu amigo; o Senhor mesmo reconheceu hoje que os maiores compromissos preterem os menores...

- Sim, mastigou o velho, olhando com desconfiança para a moça da esquerda, sim... mas dê-me, ao menos, a sua palavra em como estará em minha casa, o mais tardar, até às três  
295 meia.

- Está dito.

- Neste caso até já.

O homem gordo saiu precedido pelo lindo leão<sup>39</sup> que preferiu a chuva e a lama aos borrifos do Senhor Mamede.

300 O omnibus<sup>40</sup> pôs-se de novo em movimento. Daí a cinco minutos, a Senhora <sup>41</sup> idosa fez sinal ao recebedor. Ouviu-se, ainda uma vez, o estridulo do apito e o omnibus<sup>42</sup> parou de frente duma casa de bo-

nita aparência, com o seu jardinzinho na frente, limpo e cuidadosamente tratado, como os têm quase todas as chácaras do Rio  
305 Comprido.

Eduardo que não perdia o menor movimento das duas Senhoras deu-se pressa em sair e ofereceu a mão a Senhora<sup>43</sup> idosa que desceu em primeiro lugar e agradeceu a sua delicadeza com um sorriso muito afetuoso. Mas a linda filha fingiu não ver essa mão que para  
310 ela se estendia; saltou levemente, e tomando o braço de sua mãe encaminharam-se ambos para a casa em frente a qual parara o veículo. Enquanto este se afastava, enquanto mãe e filha desapareciam por detrás dos arbustos e latadas do jardim, o pobre Eduardo franzido de dor e de desespero ficava pregado no mesmo  
315 lugar com os olhos fitos na casa em que havia entrado a mulher que o fascinara, sem dar atenção à chuva que lhe açoitava o rosto e lhe alagava o fato.

## II

### UM DEVEDOR QUE RECORDA AO CREDOR A SUA DÍVIDA

Eduardo de Avellar é um dos estudantes mais esperançosos da Faculdade de Medicina da Corte, onde frequenta atualmente as aulas do 5º ano.

Entusiasta pela ciência, inteligente como um demônio, e estudioso como poucos, goza da estima e consideração de toda a Faculdade.

Filho único de um rico fazendeiro de Minas que bebe os  
10 ares por ele, dispõe de uma mesada que bastaria a fazer nadar em prazeres quatro ou cinco caniados<sup>1</sup> da minha bitola.

Entretanto porta-se ele com uma moderação verdadeiramente notável. Eu também sou assim; com uma pequena diferença: o que ele faz por índole faço eu por não ter outro remédio.

15 Freqüenta pouco as sociedades em que as suas boas relações lhe dão fácil ingresso e onde a sua boa presença e espírito cultivado lhe granjeariam triunfos de todo o gênero.

Raras vezes é visto nos teatros e nunca no Alcázar<sup>2</sup>.

A palavra cancã<sup>3</sup> causa-lhe calafrios...

20 Deus dá nozes a quem não tem dentes, diz o provérbio e diz muito bem.

Por certo quem se referisse a mim e ao meu colega não poderia dizer com o poeta:

Ambo florentes aetate. Arcades ambo<sup>4</sup>.

25 Os projetos do velho Avellarsão, ou antes eram, apenas concluisse o mancebo o seu curso médico, mandá-lo à Europa em companhia da noiva que lhe escolheu; uma priminha que morre de amores pelo ingrato, o qual retribui o seu extremo com o mais injusto desdém. Será ela feia, desengraçada, pobre ou tola?

30 Nada disso; é bonita, rica, espirituosa e amável. Por que desdenha pois, Eduardo<sup>5</sup>, o amor de sua prima? É porque não é o seu ideal! Deve ser bem bom o poder se ter um ideal! Se me fosse permitido ter também um ideal, já me contentava com um que reunisse a metade dos dotes da prima de Eduardo.

35 Mas qual! Por mais que me estafe em escrever a parentes e parentas, para que me arranjem um partidinho menos mau, e que me dispense de aturar por mais tempo o Cruveilhier<sup>6</sup> e o Beclard,<sup>7</sup> obtendo sempre a mesma e desoladora resposta: "Meu amigo. Temos deitado barro a muitas paredes, porém sempre infrutuosamente.

40 Dizem as moças que és muito feio, e as velhas que és um doido. Trata portanto de concluir os teus estudos: talvez sejas então mais bem visto". E que tal? feio e doido! Então eu não presto para nada? Nem por dentro nem por fora?...

Sempre sou bem infeliz! Tão infeliz que a única vez que  
45 tirei um prêmio na loteria me não era dos maiores, verificou-se

no dia seguinte haver sido por engano!...

Deixemos porém, de falar de mim, e voltemos ao meu amigo Eduardo, a quem deixamos em bem tristes circunstâncias.

50 Havia cinco minutos, pouco mais ou menos que o pobre rapaz se conservava exposto ao mau tempo e sempre na mesma atitude. A sua roupa estava completamente molhada e ele começava a tiritar de frio.

55 Para cúmulo de infelicidade um violento acesso de defluxo veio complicar a sua já tão lamentável situação. Uma longa série de estrondosos espirros obrigando-o a repetidas curvaturas e caretas o tornavam imensamente digno de lástima. Tiveram, porém, para ele, a vantagem de despertá-lo do seu entorpecimento.

60 - Só esta me faltava, murmurou ele. Se ela me estivesse vendo!... como não se havia de rir!

Lançou um olhar inquieto para a casa onde se recolhera a moça do omibus<sup>8</sup> e afastou-se rapidamente cerca de trinta passos. Parou, então, de novo e continuou a espirrar muito a seu gosto.

65 - Maldito falador! rosnavia ele, sempre interrompido pelos teimosos espirros. Que necessidade tinha ele de falar-me de... de... hi... hi... hi...

- Dominus tecum!<sup>9</sup> articulou por detrás dele uma voz jovial.

- Muito obrigado, respondeu o moço de mau humor voltando-se para o obsequioso importuno.

70 Era um homem de estatura regular, de fisionomia franca e alegre, trazendo suíças talhadas à inglesa, já quase de todo brancas e um abdômen bastante desenvolvido.

75 Um riso meio irônico, meio amigável deixava-lhe ver belos dentes alvos e iguais. Trajava com muito aceio e revelava logo à primeira vista o homem de boa sociedade.

- Não tem de quê; tornou o recém-chegado. O senhor está

bastante constirpado!...

- Não o felicito pela penetração.

O homem das suíças à inglesa fingiu não ouvir e continuou:

80 - Perdõe a indiscrição. Está a espera do omnibus<sup>10</sup> das três?

- Sim, senhor.

- Dar-se-á caso que lhe tenham receitado para o defluxo os passeios de omnibus?<sup>11</sup>

- E o que é que fazsupor isso?

85 - <É que o>vi apear-se, há pouco, de um omnibus,<sup>12</sup> e me diz que está a espera de outro parece-me...

- O que me parece é que o Senhor pretende divertir-se a minha custa!...

- Deus me livre disso! O Senhor zanga-se por muito pouco.

90 Faz mal.

Não se deve tratar por esse modo os amigos velhos. Será possível que já se não recorde de mim?

- Curioso seria recordar-me eu do Senhor, quando tenho plena convicção de o ver pela primeira vez.

95 - Pela primeira vez?... Já vejo que se esqueceu completamente de mim. Muito bem. Faz-lhe isso muita honra.

- Continua?...

- O quê?

- Ora; a zombar comigo, está visto!

100 - Nada, meu jovem amigo, nada. Digo apenas que muito honroso lhe é o haver esquecido aquele a quem prestou tão relevante serviço...

- Os diabos me levem se o compreendo! O Senhor provavelmente toma-me por outro...

105 - Perdão... tomo-o por quem é... pelo Senhor mesmo...

- Sabe quem eu sou? Sabe o que sou?

- Não tenho essa honra...

- Com mil diabos, Senhor! É levar ~~(muito longe)~~ a zombaria! De duas uma: ou o Senhor explica-se convenientemente ou então expli-  
110 co-me eu, e juro-lhe que lhe não há de ser muito agradável a minha explicação...

- E o Senhor a zangar-se! ... olhe que me zango também... Escute, peço-lhe que me escute e responda com sinceridade as minhas perguntas. Havemos de entender-nos perfeitamente e aposto  
115 que depois não há de querer mais brigar comigo.

- Deus o permita...

- Amém. Mas não seria melhor que fôssemos até a minha casa... ali... onde há um portão verde. Explicar-nos-emos lá muito melhor do que aqui, incomodados por esta maldita chuva.

120 - Nada, respondeu Eduardo que nem olhou para o lugar que lhe indicava o outro. Nada, estamos aqui muito bem.

- Nem por isso... Mas já que assim o quer, vá feito.

- Por muito infiel que seja a sua memória, há de lembrar-se do que se passou no dia 18 de abril do ano corrente?

125 - Pois confesso-lhe que faz ainda muito favor a minha memória.

- Como? Não é possível! Pois houve tanta coisa nesse dia! Olhe, ouve ofício em comemoração da Paixão e Morte do nosso Salvador em diversas igrejas; procissão do Enterro à noite...

130 - Ah! porque não disse logo. - Sexta-feira Santa? Lembro-me, lembro-me... pudera não... Esse dia trago-o eu assinalado aqui... E dizendo estas palavras, Eduardo levantava a aba do chapéu e mostrava a cicatriz de que acima falamos.

135 - Justo! é isso mesmo! exclamou o outro, transbordando de prazer... Se eu estava certo de que era o Senhor mesmo...

- Mas diga-me que relação pode haver...

- Toda!... toda!... meu bom amigo... na noite de Sexta-feira Santa... na ocasião da procissão... aquelas duas Senhoras<sup>13</sup>

que tão generosamente livrou o Senhor dos insultos de meia dúzia  
 140 de borrachos, os quais com o favor do tumulto intentavam des-  
 respeitá-las...

- Na rua da Quitanda,<sup>14</sup> esquina da do Hospício<sup>15</sup>...

- Isso! isso... eram minha mulher e minha filha... Uma  
 onda de povo me havia separado delas... quando as tornei a en-  
 145 contrar, foi no momento em que o Senhor expunha com tanta genero-  
 sidade a sua pessoa em defesa de suas pobres Senhoras<sup>16</sup> desconhecidas.

- Fazia o meu dever.

- Sim, meu bom e nobre amigo, atalhou o homem das barbas  
 à inglesa, travando-lhe calorosamente a mão... sim... quando  
 150 acudi... acudia também a polícia que nos desembaraçou daquela  
 cáfila de bêbados... Já o encontrei ferido... Instei com o Senhor...  
 lembra-se?... para que me acompanhasse afim de pensarmos a sua  
 ferida, mas o Senhor, furtando-se precipitadamente às minhas ins-  
 tâncias e agradecimentos entranhou-se no meio da multidão e não  
 155 o vi mais até hoje...

- Não valia a pena... Mas não tratemos mais disto. Ainda  
 há pouco falei-lhe com algum arrebatamento, mas bem vê...

- Pois não... pois não... Não tem dúvida... eu também fui  
 assim quando moço.

160 - Além de que acabo de sofrer contrariedades que bastan-  
 te me afligem, e contribuíram para o mau humor de que lhe dei  
 provas. Mas estou convencido de que me desculpa, não é assim?

- Pois ainda o pergunta? Meu amigo, hoje não o largo mais.  
 Havemos de fazer cabal conhecimento. Princípio por dizer-lhe que  
 165 chamo-me José Duarte Passos, negociante retirado, antigo sócio-  
 capitalista da extinta firma Duarte Passos, Vieira & Cia<sup>17</sup>

O mancebo inclinou-se e disse por sua vez:

- E eu - Eduardo de Avellar estudante de medicina.

- Bela e nobre profissão é a que escolheu meu caro amigo e  
170 Senhor Doutor, tornou Passos inclinando-se também. Com os brio-  
sos sentimentos que possuí, agouro-lhe um brilhante porvir.

E enfiando sem cerimônia o seu braço no do mancebo:

- Hoje janta comigo. Celebremos este feliz encontro com  
um calicezinho de Champanhe<sup>18</sup>...

175 - Mas... interrompeu Eduardo.

- Por favor! não me recuse esta graça! continuou o outro  
empuxando-o sempre. Quero apresentá-lo a minha Senhora<sup>19</sup> e filhas. Elas  
passaram o dia de ontem em casa de uma parenta e voltaram a  
pouco... vi-as passar dali... da janela do meu amigo Vieira. É  
180 verdade... O Senhor deve tê-las visto...

Dizendo isto haviam chegado em frente à casa em que ha-  
viam entrado as Senhoras<sup>20</sup> do Omnibus.<sup>21</sup>

- Chegamos disse Passos, convidando-o por um gesto a en-  
trar.

185 - Como, pois é aqui?...

- Sim, não lhe mostrei ainda agora...

- Não prestei muita atenção... Neste caso, as Senhoras<sup>22</sup> com  
que viajei...

- Eram minha mulher e minha filha, que muito estimarão ter  
190 ocasião de agradecer-lhe o imenso serviço de que lhe somos devedo-  
res... E aproveitando a estupefação do mancebo o foi levando  
por uma aléia de roseiras e jasmineiros que ia terminar na  
porta principal do edifício.

Eduardo sentia-se agitadíssimo. Mil diversos pensamentos  
195 lhe atravessavam o espírito. Era ela!

Estava explicada a simpatia da moça encantadora e as meias  
palavras que lhe ouvira trocar com sua mãe. E ele não a conhe-  
ceu! É verdade que só a viu uma vez à noite... no meio de um



tumulto... oculto o rosto por um véu... Como é bela!

200 E quanto ele é feliz por lhe ter podido prestar um serviço! Vê-la ainda uma vez... falar-lhe em liberdade...justificar-se... O mancebo não cabia em si de contente...

### III

#### ELES SE ESTENDEM

Quem, pelas 9 horas da noite desse mesmo dia penetrasse no jardim do comendador Duarte Passos, e levantando-se à altura 5 das janelas lançasse um olhar curioso para a sala de visitas do ex-negociante, presenciaria alguma coisa não inteiramente des- pida de interesse.

Para satisfazermos ao leitor, tentaremos a perigosa esca- lada em risco de sermos apreendidos<sup>1</sup> como ratoneiros. E não nos 10 limitaremos a ver no que em nada nos avantajariamos ao menos ágil dos garotos. Ouviremos tudo... não perderemos a menor pa- lavra, por muito baixo que seja o tom, por muito abafada que seja a voz em que for proferida. Como o conseguiremos? É segre- do. Permita o leitor que lhe revelemos os alheios, mas que en- 15 cubramos os nossos.

Contente-se com os fins, mas por favor não nos pergunte os meios.

A um canto do salão, em roda de uma pequena mesa de jogo três velhos se entretêm ao solo<sup>2</sup> - Um deles é o dono da casa.

20 Os outros são amigos da família e que a visitam assiduamen- te. O que se assenta à direita do comendador é um homem de ses- senta anos, alto, seco, grave, calvo e barbeado de fresco. Usa de grandes óculos de aros de ouro sobre o nariz curvo é adunco como o bico de um papagaio. Vê-se obrigado a voltar-se a meio 25 todas as vezes que se quer dirigir a algum dos parceiros porque

a sua imensa gravata branca a que faz continuação um par de collarinhos armados de pontas ameaçadoras não lhe permite mover o longo e delgado pescoço. Fala sempre com uma morosidade e gravidade pedantesca que lhes assentam às mil maravilhas.

30 Este homem é o Senhor Procurador Araújo. É rico, casado e sem filhos, o que é uma pena, pois pertence a uma espécie que merece ser conservada.

O terceiro jogador parece menos idoso do que o precedente; é gordo, vermelho, estúpido e intratável. Chama-se Vieira e é 35 o antigo sócio de Duarte Passos. Os únicos livros que conhece são os do comércio. Só ama três coisas no mundo: o dinheiro, o vinho, e a filha do seu amigo sobre a qual nutre secretas pretensões. É major da guarda nacional e eleitor na sua freguesia.

No fundo do salão recostadas em um divã, conversam duas 40 Senhoras, qualquer das quais já passou a quarentena.

Uma é a Senhora<sup>3</sup> do comendador com quem já travamos conhecimento. A outra é uma mulher alta e magra, ativa e circunspecta. Passaria por irmã do Sr. Araújo, se se não soubesse que era sua esposa. Pertence a pior classe de mulheres: é literata.<sup>4</sup>

45 À direita e como para fazer diversão a esses grupos d'antiquinhas, um mancebo e uma moça ambos formosos, ambos regorgitando de amor e de vida parecem estranhos a tudo quanto se passa em redor deles. Quem são já o adivinha o leitor.

A filha do comendador sentada ao piano, deixa errar sobre 50 o polido marfim os dedos delicados. Os sons que arranca ao melodioso instrumento, às vezes destacados e francamente acentuados, parecem escapar-se a medo. Outras vezes precipitam-se tumultuosos e febrilmente acelerados.

Para um ouvido hábil, seriam esses sons as indicações ter- 55 mométricas do estado de agitação em que se achava a moça.

Eduardo, o feliz Eduardo, está junto dela, devorando-a com

os olhos e recolhendo com a avidez as suas palavras pronunciadas em voz trêmula e comovida.

60 Fiéis ao cumprimento da nossa promessa, ouçamos o que dizem.

- Se soubesse quanto me fez sofrer hoje... diz o Estudante.

- E eu? acredita que nada sofri?

- Tratar-me com tanta crueldade... julgar-me... condenar-me, sem me ter ouvido...

65 - E não tinha razão?

- Não.

- Apesar de estar intimamente convencida do contrário, juro-lhe que muito me arrependi do que lhe fiz, quando...

- Quando?...

70 A filha do comendador sorriu-se, e acenando-lhe com os olhos para uma das janelas:

- Vê aquela cortina?... a do lado esquerdo?... Não se acha um pouco desviada do portal?...

- Sim; estou vendo.

75 - Pois bem; essa circunstância não é casual...

- Perdão... mas não compreendo.

- Quero dizer que, apenas nos separamos hoje, fiz dali o meu ponto de observação, e que tudo vi...

80 - Tudo?... disse Eduardo, a quem a lembrança dos espirros fez tornar-se excessivamente vermelho.

- Sim, tudo; respondeu a moça sorrindo-se.

- Entretanto não quer acreditar nos meus juramentos...

- E sua prima?

85 - D. Elvira! suplico-lhe que não me fale mais de minha prima... Nunca serei seu esposo... juro-o pelas cinzas de minha mãe...

Ainda não me acredita?

O semblante de Elvira radiou de prazer.

- E resistirá à vontade de seu pai?

90 - Sim; porque amo-a. Mas não creio, contudo, que me seja preciso fazer ao amor o sacrifício de um dos sentimentos que, me são mais gratos. Meu pai estima-me deveras e não procurará contrariar os votos do meu coração, mormente quando souber quão alto situei as minhas esperanças, e o quanto sou imerecedor do  
95 objeto da minha escolha.

Depois de uma curta pausa, o mancebo continuou:

- E se o obstáculo vier, pelo contrário, da parte de seu pai? Terá a mesma coragem que eu?...

- Meu pai é tão bom! Se soubesse como ele me ama...

100 Não... não será ele quem se oponha a minha felicidade...

- Mas... se, infelizmente, assim acontecesse!... Se ele já tivesse em mente outros projetos a seu respeito?...

- Se ele intentasse sufocar o primeiro... o único sentimento de amor que desabrochou em meu coração, eu não lhe desobedeceria... não!... porque a minha morte preveniria a  
105 minha desobediência.

- Como é isso? exclamou o comendador.

A moça estremeceu empalidecendo.

Eduardo voltou-se para a mesa de jogo...

110 - Então, não sabe que corto paus?

- Ah! sim... é verdade, respondeu Vieira, a quem se dirigia o comendador. Estava distraído, acrescentou ele lançando um olhar rancoroso sobre os dois moços, que tranqüilizados continuavam a conversar em voz baixa.

115 - Tenho espadas, disse o comendador jogando.

- Corto, torna o Sr. Araújo recolhendo a vaza, e jogo

mais copas.

- Cubro, disse Vieira.

- Não pode ser...

120 - Como? não pode ser?... O Sr. joga oito e eu cubro de ás.

- O Senhor cortou-me indevidamente uma manilha. Tinha copas... negou-me copas... não devia negar-me o ás de copas.

- Não há tal...

- Faz-me o obséquio de examinar a sua segunda vaza?...

125 - Tem razão... não sei como foi isso...

- Ora, major, atalhou rindo-se o comendador. Onde tem Vieira<sup>5</sup> hoje a cabeça? Está pensando na próxima formatura do batalhão?

- Sr. Vieira! Por quem é... auxilie a minha memória...

É a Senhora<sup>6</sup> literata quem fala.

130 - Como? minha Senhora<sup>7</sup>...

- Não são de Castilho<sup>8</sup> estes dois versos deliciosos:

Saudade! gosto amargo d'infelizes  
Delicioso pungir d'acerbo espinho!

- Isso creio que veio na folhinha do ano passado...

135 - Na folhinha!... céus!... que horror!...

Um sorriso de comiseração distendeu os lábios do Procurador.

- Sr. Araújo, diz a ilustrada Senhora<sup>9</sup>, tenha paciência, não há remédio senão recorrer a sua infalível erudição.

140 O Procurador empertigou-se todo na sua cadeira e pronunciou enfaticamente a seguinte sentença:

- Esse pensamento... essa idéia... esse arrojo imaginativo... não pode ser doutro que não do visconde d'Almeida Garrett.<sup>10</sup>

145 - Justamente! exclamou a Senhora<sup>11</sup>.

Araújo batendo as palmas. Justamente!... Garrett!... É  
 isso mesmo... O autor da D. Branca<sup>12</sup>... o cantor do príncipe dos  
 cantores da língua portuguesa.

150 - Obrigada Sr. Araújo. Eu estava certa de que o Senhor não  
 me havia de deixar mal.

E depois de mimosear ainda com um sorriso o grave Procura-  
 dor, continuou a atormentar a sua infeliz vítima, que limitava-  
 se a dizer de quando em quando, e nem sempre a propósito:

- Oh! sim... como é belo!... meu Deus! ...Oh!...

155 Ebocejava a pobre Senhora a ponto de quase deslocar a man-  
 díbula.

Entretanto os dois moços não perdiam tempo.

- Nunca amou? perguntava o Estudante.

- Nunca.

160 Eduardo mordeu o tênue bigode, o que é nele indício de dú-  
 vida.

A moça pareceu compreendê-lo, pois acrescentou logo:

- Duvida?

- Não... não... Por que duvidaria?... Eu também nunca

165 amei...

- Oh! essa agora...

- Continua a desconfiar de mim? É bem injusta para comi-  
 go...

- Eu?... Não... mas é que... os homens...

170 - São uns monstros... pode ser. Mas juro-lhe que digo a  
 verdade: nunca amei... Apenas uma vez...

- Uma vez... repetiu a moça encarando-o ansiosamente.

O mancebo havia ficado pensativo e o seu olhar tornara-se  
 fixo e preocupado.

- 175 - Uma vez... insistiu ela ainda.
- Meu Deus!... murmurou o estudante como se falasse consigo mesmo. Mas é realmente espantoso!...
- O quê?... o que é que acha tão espantoso?...
- Escute D. Elvira, tem lido Hoffmann?<sup>13</sup>
- 180 - Alguma coisa.
- A Senhora<sup>14</sup> o julgará como talvez todos o julguem: - um poeta de imaginação fantástica e arrojada, e que teve a arte de vibrar no século XIX com tal mestria a corda do maravilhoso, a ponto de, não direi somente cativar a atenção, pois ele o
- 185 conseguirá em qualquer tempo, mas ainda, de impressionar profundamente; porém que era ele o primeiro a não acreditar no que dizia. Não é assim?
- Pouco mais ou menos. Mas qual o fim a que pretende chegar?
- 190 - Logo o verá. Eu concordo com o seu e com o juízo de todos menos, todavia, na última parte.
- Creio, e creio inabalavelmente, que Hoffmann<sup>15</sup> dizia realmente o que via e o que sentia.
- Ora!...
- 195 Mas se eu tenho motivo para crê-lo...
- O Senhor?
- Eu mesmo.
- Então acredita na afinidade misteriosa estabelecida entre dois espíritos que se adivinham e que se buscam, na influência poderosa e oculta, na força desconhecida que mantém essa
- 200 afinidade e que os aproxima um do outro?
- Oh! se acredito! E tenho razões para isso. Se eu lhe disser que há quatro anos que a amo!...
- Entretanto que, há pouco mais de dois meses, viu-me pela

205 primeira vez?...

- É verdade.

A moça não pôde sustentar uma risadinha tão clara e argentina que chamou a atenção dos jogadores e das duas Senhoras<sup>16</sup> que conversavam no divã.

210 - Aposto que o Doutor te está contando alguma das suas travessuras de estudante, disse o comendador, e acrescentou recolhendo a vaza que fizera:

- Oh! os estudantes... os estudantes...

- São uma formidável canalha!... rosnou entre dentes o Sr. 215 Vieira. E ainda há pais que os consintam junto de suas filhas! Deus sabe o que estará dizendo aquele devasso!...

- Não, não, meu pai, disse a moça. O Sr. Eduardo falava-me de Hoffmann.

Ao ouvir o nome de Hoffmann a Senhora<sup>17</sup> literata deu um salto no 220 divã, estremeando como o cavalo de guerra ao clangor das tubas do combate.

- Hoffmann!<sup>18</sup> exclamou ela. O jurista poeta! o músico literato! É apologista de Hoffmann,<sup>19</sup> Senhor doutor?

- Nem dele, nem de poeta algum, minha Senhora<sup>20</sup>. Detesto os poetas; respondeu o estudante que supôs livrar-se desse modo da 225 incômoda literata.

- Detestar a poesia! gritou indignada a Sr.<sup>21</sup> Araújo. É realmente incompreensível! Eis aí o que se lucra com o estado da ciência! Ao passo que sô se adquire a certeza do nada que podemos 230 saber, e o desânimo que daí resulta, perde-se o gosto daquilo que nos suaviza a existência, daquilo em que nos podemos elevar... elevar... sem que ninguém nos diga: - basta!... o gosto da poesia, enfim! O que seria a ciência sem as letras? Um pomar em que não se encontrariam flores. Uma for que não teria



235 perfume. Separai o útil do agradável, e o útil não será mais  
útil.

Ingeri a substância e proscreei o exercício - morrereis  
por excesso de substância. Limitai-vos à aridez e ao positivis-  
mo da ciência, repeli as letras, e será o mesmo que proscreever  
240 o riso do rosto do homem, que se tornará monótono e fastidioso a  
ponto de fazer morrer de tédio...

O estudante estava pálido de raiva, e ia talvez dizer al-  
guma inconveniência, quando a filha de Duarte Passos veio em  
seu auxílio.

245 - Não se aflija assim, D. Escolástica... A poesia tem fe-  
lizmente inúmeros e fervorosos partidários... minha mãe, por  
exemplo. Não é assim, minha mãe?

- Tens razão, respondeu esta, lançando-lhe um olhar mali-  
cioso que a moça corou. Tens razão; sou eu, aqui, a única pes-  
250 soa que gosta de poesia.

E exalou um daqueles suspiros de resignação que, traduzi-  
dos em linguagem vulgar, querem dizer: "Seja tudo pelo amor de  
Deus!"

- Pois faz muito bem, disse a furibunda literata, aferran-  
255 do-se de novo a sua desditosa presa.

Eduardo respirou. Estava livre! Porém o Sr. Vieira, a quem  
muito agradara a intervenção da Sr.<sup>22</sup> Araújo, tornou-se mais ver-  
melho, se é possível, e foi tal o seu desespero que passou com  
um solo<sup>23</sup> de duas vazas perdidas.

#### IV

#### UM AMOR MAIS VELHO DO QUE SE SUPUNHA

- Vamos... fale... estou ansiosa por ouvi-lo, disse a fi-  
lha do comendador, apenas desembaraçada da velha literata.

5 - Vou contar-lhe coisas que a devem surpreender, D. Elvira.

Vou falar-lhe dos meus delírios, e d'antemão prevejo que me tomará por um louco... Mas não importa. Não sei se conseguirei convencê-la do que lhe vou dizer, mas, ainda uma vez lhe juro - nada há para mim de mais verdadeiro. Quando, nessa  
10 noite em que tive a ventura de prestar-lhe o pequeno serviço pelo qual se me mostra tão grata, acudi ao grito de angústia que lhe arrancara o receio do insulto, não foi somente a generosidade que me impeliu em sua defesa.

Não. Um outro sentimento, mais poderoso, havia senhoreado  
15 de mim. Eu tinha reconhecido a sua voz. Esse grito de angústia, eu já o tinha ouvido a um fantasma de mulher, num dos sonhos de visionário, e essa mulher era a Senhora<sup>1</sup>...

- Eu?!...

- E tão profunda foi a impressão causada pelo meu sonho  
20 que, horas depois de chamado à realidade, pareceu-me ouvir ainda esse grito de dor, e emprestei, à mulher que o exalava, as feições do meu fantasma - as suas feições, minha Senhora<sup>2</sup>...

- Meu Deus! Sabe o Senhor que me está seriamente assustando?...

Mas, por favor... quem era essa mulher de quem fala?

25 - Não sei. Posso unicamente dizer-lhe<sup>3</sup> que, durante algumas horas, amei aquela mulher como... como a amo.

Os olhos de Elvira exprimiam um secreto desassossego, e foi como voz mal segura que ela disse ao mancebo:

- Por quem é... começo a não compreendê-lo... peço-lhe que  
30 se explique, que me diga tudo... tudo, ouviu?

-<sup>4</sup> Não é de balde que se é moço e ardente... Posso assegurar-te que as sedutoras feições da tua imaginação não agredirão mais o teu por demais sensível coração, uma vez que nele impere alguma das divindades do nosso mundo real, as quais, juro-te que

35 valem mais cento por cento do que as mais deliciosas criações da  
imaginação a mais romanesca. Assim, pois, entramos desde já em  
curativo. Para principiar, levo-te ao fogo d'artifício no lar-  
go da Mãe do Bispo. Aí acharás muito com que ressarcir a eva-  
poração do teu fantasma. Eia; apronta-te e partamos. São nove e  
40 meia, e às dez começa a folia. Então? O que esperas?

"- Não... não vou... respondi eu. Dispensa-me ainda por  
hoje. Amanhã estarei a tua disposição; mas hoje... não posso...  
não quero.

Rogos, instâncias e até ameaças, tudo foi posto em prática  
45 pelo meu colega, para demover-me do meu propósito, e tudo inu-  
tilmente. Vendo, afinal, que nada havia a esperar, despediu-se  
de mim e partiu. Apenas o vi sair, tomei a precaução de fechar  
a minha porta, e entreguei-me ao tortuoso curso das minhas me-  
ditações.

50 - E foi só isso? perguntou Elvira. Parecia-me ter-lhe ou-  
vido falar em uma mulher...

- Lá chegarei. A minha aventura continua ainda.

- Ah! ainda bem.

- O meu amigo se havia, pois, retirado. Mas as suas pala-  
55 vras ressoavam ainda aos meus ouvidos. Sem o querer as minhas  
cogitações tomavam uma direção nova. Secreto pressentimento de  
contínuo me assaltava e me fazia estremecer. Uma luta violenta  
se travava no meu espírito e contribuía para aumentar a pertur-  
bação e o atordoamento em que eu me achava. Sem consciência do  
60 que fazia, ergui-me subitamente e saí.

O rapazinho que me serve de criado, dormia no aposento ime-  
diato ao meu. Acordei-o, ordenei-lhe que fechasse a porta e to-  
mando o primeiro chapéu que me caiu debaixo das mãos, desci ra-

pidamente as escadas e achei-me na rua. Eu caminhava com passo  
65 apressado, porém vacilante como o de um homem ébrio. Perfeitamente  
estranho aos rumores que se levantavam ao redor de mim,  
eu via tudo como através de um véu caliginoso. Parecia-me laborar  
em um sonho extravagante. Achava-me nesse estado de apatia e de  
entorpecimento em que a alma cede o lugar a outra,<sup>5</sup> na  
70 frase do conde Xavier de Maistre<sup>6</sup>. Um vigoroso impulso, seguido  
de um grito de susto veio arrancar-me ao meu torpor. A violência  
do choque foi tal que me fez ir de encontro a uma parede. Mas eu  
nada senti e somente prestei atenção a esse brado doloroso, a essa  
voz que era a voz do meu fantasma, a mesma que  
75 eu tinha acabado de ouvir no meu sonho.

Eu tinha chegado, pela rua da Ajuda,<sup>7</sup> a entrada do largo da  
Mãe do Bispo, que estava então apinhado de curiosos, e escapara  
de ser esmagado por um carro que seguia a mesma direção que  
eu, graças aos esforços empregados pelo cocheiro, cujos gritos  
80 de aviso eu não tinha ouvido na minha preocupação.

"- Está ferido? perguntou-me de dentro do carro uma voz  
varonil.

"- Não,<sup>8</sup> felizmente, respondi-lhe eu.

A mesma voz que já tinha falado pronunciou uma desculpa a  
85 que não prestei atenção, e o carro pôs-se de novo em movimento.  
Com um olhar rápido e penetrante eu havia lhe devassado o interior  
e distinguira perfeitamente um homem e três senhoras...

Por sua vez tinha-se a moça tornado pensativa.

- O que tem, D. Elvira? perguntou o estudante, interrompendo-a.  
90 Dar-se-á caso que a minha aventura lhe provoque o sono?

- Oh! não!... pelo contrário... É que... parece-me que vou  
acreditar em todas as loucuras de que me falou há pouco.

- Ah!...

95 - Peço-lhe que continue. Desejo muito saber o fim da sua aventura...

- Alguns segundos depois o carro cessou novamente de rodar, e vi appear-se a família que ele conduzia. Acompanheia-a. Logo que ela parou fui postar-me na sua frente, e os meus olhos  
100 não se desviaram mais do lugar que ela ocupava. Mas eu só via uma moça de 15 anos pouco mais ou menos, de estatura menos elevada do que a Senhora<sup>9</sup>, mas que se lhe assemelhava de uma maneira espantosa.

Tinha o mesmo semblante, o mesmo olhar, o mesmo sorriso de  
105 minha visão. Foi então que eu fiquei completamente louco. Principiei a confundir o sonho e a realidade, a sombra e o corpo. Eu tinha sonhado e me parecera velar. Velava e me supunha sonhando. Quanto tempo durou a minha perplexidade? O que fiz durante ela? Não sei. O que posso assegurar-lhe é que via sempre a moça  
110 encantadora que me olhava e me sorria, e que, impelido por uma força irresistível, achei-me junto dela. Eu comprimia com as mãos o meu pobre coração que parecia querer despedaçar-me o peito; inclinei-me para ela, e murmurei em voz que a emoção tornava quase imperceptível:

115 "- Amo-a!

"- Insolente! exclamou a moça recuando e vibrando-me um olhar de indignação e desdém, ao passo que o homem que a acompanhava procurava chegar até a mim.

Fugi, e juro-lhe que não foi o receio que a tanto me obrigou. Fugi desatinado, ora atropelando uma criança, ora magoando  
120 uma senhora, empurrado e pisado pela multidão que me cobria de improperios. Cheguei a casa num estado de fadiga e de agitação que fazia pena. A porta estava aberta. O meu criadinho dormia na

mesma atitude em que eu o deixara. Sacudi-o brutalmente pelo  
 125 braço. O pobre menino acordou em sobressalto e não me reconhe-  
 cendo começou a gritar:

"- Ladrão! Ladrão!...

"- Cala-te, desgraçado! bradei-lhe eu furioso, e abando-  
 nando-o entrei no meu quarto e fechei-me por dentro. Tinha ver-  
 130 gonha de mim mesmo. Ao passar por diante do meu espelho, parei  
 estupefato. Eu próprio me tinha desconhecido! Depois desatei  
 numa estrepitosa gargalhada. Chinelas, calças de enfiar, um  
 paletô de brim, a camisa desabotoada e deixando aparecer o  
 pescoço e parte do peito; tudo isto coroado pelo sebento boné  
 135 do meu criado, caído sobre uma orelha à guisa de capoeira<sup>10</sup> e  
 encobrendo-me a metade do rosto com a sua aba respeitável: eis  
 aí o elegante toileté<sup>11</sup> em que fiz a minha primeira declaração de  
 amor! Já me parecia mais natural que me tivessem chamado - in-  
 solente...

140 - Pois creia que o mesmo lhe teria, então, acontecido, se  
 se apresentasse no seu traje o mais apurado, disse a filha de  
 Duarte Passos.

- Acha que sim? perguntou Eduardo.

- Estou certa. Mas, então guardou rancor à pobre moça?

145 - Eu?... pelo contrário!...

- Ah!... ainda ama essa mulher?...

- Vou falar-lhe com toda a franqueza, D. Elvira. Quatro  
 anos passados tinham-me feito esquecer a moça que me tratou  
 com tanto rigor, mas, agora que a sua presença veio recordá-la,  
 150 parece-me... creio mesmo... que ainda a amo um poucachinho...

- Ah!... felizmente!...

- Felizmente? por quê?...

- Porque... porque essa mulher... era eu.

## V

## UMA VISITA SEM CERIMÔNIA

Mocidade!

Eis a página mais bela do livro da vida! eis a mais doce  
5 e a mais risonha das suas fases, aquela que deixa após de si  
mais gratas recordações e mais saudosas!

Salve oh mocidade! Eu te saúdo, venturosa estação dos pra-  
zeres e dos risos, dos sonhos e das crenças, da esperança e do  
amor!

10 Amor!... amor!...

Velhos, que já curvais, sob o peso dos anos, a fronte en-  
canecida! qual dentre vós não sente pulsar mais acelerado o co-  
ração mirrado pelos ventos do inverno da vida, ao ouvir ainda  
pronunciar a mágica palavra - amor -?

15 É que, quem diz - amor - diz - mocidade -; quem diz - mo-  
cidade - diz - vida. -

Qual de vós, lançando uma vista pesarosa sobre o seu pas-  
sado, não derrama uma lágrima de saudade por esses tempos fe-  
lizes da mocidade e do amor, como o viajante que contempla do  
20 alto de uma colina o caminho percorrido, e saúda, com um olhar  
de gratidão e de tristeza, a pedra em que repousou os membros  
lassos, e a fonte que lhe extinguiu a sede?

Qual de vós, carregado de honras e de divícias, ou<sup>1</sup> cober-  
to de andrajos esmolando o pão da indigência, assentado no lar  
25 tranqüilo e solitário,<sup>2</sup> ou martirizado pela enfermidade no leito  
de dor, não guarda ainda uma lembrança remota, bem íntima e bem  
doce, e não evocava memórias de tempos felizes, que não devem  
voltar mais?

Quantos, dentre vós, não dirão neste momento como o autor  
30 das "Folhas do Outono"<sup>3</sup>:

*Que vous ai - je done fait, oh mes jeunes années!  
 Pour m'avoir fui si vite, et vous être éloignées  
 Me croyant satisfait?  
 Helas! pour revenir m'apparaître si belles  
 Quand vous ne pouvez plus me prendre sur vos ailes  
 Que vous ai - je done fait?*

35

Salve oh mocidade! tu que não conheces a desconfinça e a  
 dúvida, tu que sabes crer e amar! Primavera da vida, tu és para  
 a vida a quadra florida e perfumada, como a primavera é para  
 40 o ano a estação do perfume e das flores.

É, pouco mais ou menos, isto que vai pensando Eduardo de  
 Avellar, o qual caminha ligeiro e alegremente, às 11 horas da  
 manhã, pela rua do Rio Comprido, em direção à cidade.

E que outros pensamentos podem ocupar o feliz mancebo que  
 45 sente o coração repleto de amor e de ventura e a cabeça de so-  
 nhos os mais poéticos e sedutores?

Julgamos escusado dizer donde vem o estudante a esta hora.

São passados vinte dias depois daquele em que o mancebo foi  
 apresentado à família do Comendador Duarte Passos. De então pa-  
 50 ra cá, passa o moço, muito regularmente, uma boa parte da noite  
 em sua companhia, e, não contente com isso, vai quase todas  
 as manhãs e sob pretexto do passeio matutino, saber da precio-  
 sa saúde das Senhoras<sup>4</sup>, sem se lembrar de que faz o seu regresso nas  
 horas as mais impróprias para um passeio higiênico.

55 E como não há de ser assim? O Comendador e sua Senhora<sup>5</sup> mos-  
 tram-lhe tanta amizade!... e depois a filha do negociante pare-  
 ce tão feliz com a sua presença!... acolhe-o sempre com um sor-  
 riso tão cheio de amor e de gratidão, que o mancebo esqueceria  
 por ele todos os deveres e calcaria aos pés todas as conveniên-  
 60 cias.

Há quatro ou cinco dias teve ele com o Sr. Duarte Passos  
 uma larga conferência. Entretanto era bem simples o assunto de-  
 la.



O estudante fez parte ao Comendador dos sentimentos que  
65 nutria a respeito de sua filha e do quanto se julgaria feliz  
com a posse da encantadora moça. O velho negociante não lhe pro-  
curou disfarçar o prazer que lhe causava a sua proposta; apre-  
sentou-lhe, contudo, algumas objeções, sendo as principais: pri-  
meiro, o embaraço que deste passo poderia resultar ao estudan-  
70 te, quanto ao bom andamento dos seus estudos; e, em segundo  
lugar, o assentimento do velho Aveíllar que o moço ainda não ha-  
via pedido. Quanto à primeira não teve este grande dificuldade  
em resolvê-la e provou concludentemente que o seu casamento não  
lhe traria a menor desvantagem, antes pelo contrário; além de  
75 que faltava-lhe, apenas, pouco mais de um ano para a conclusão  
dos seus trabalhos acadêmicos. Pelo que toca à segunda, prome-  
teu o estudante dar-lhe, em breve, uma solução satisfatória.

O Comendador deu-se por satisfeito e os futuros genro e  
sogro separaram-se cada vez mais amigos.

80 Porém apesar da segurança que deu ao ex-negociante prevê  
o mancebo uma vigorosa resistência a sua vontade por parte de  
seu pai, cuja índole tenaz e violenta bem conhece, tanto assim  
que ainda não se atreveu a cometer a temível empresa de anun-  
ciar-lhe os seus projetos.

85 Agora que já inteiramos o leitor do que se tem passado  
nestes últimos dias, acompanhemos o moço que já se acha, ape-  
nas, a vinte passos da sua residência, à rua de S. Pedro núme-  
ro 93, sobrado.

À porta da casa estava sentado um rapazinho de cerca de  
90 14 anos, vivo e espigado, de olhar travesso e malicioso. Era o  
pequeno criado de Eduardo. Mal avistou o estudante, o rapazinho  
adiantou-se vivamente ao seu encontro.

- Senhor doutor!... disse ele, levando a mão ao seu boné de  
pano azul.

95 - O que temos, Sr. Antônio? perguntou o estudante, sorrindo-se ao notar o ar de mistério que assumira o semblante do seu criado. Dar-se-ã caso que os ratos me tenham assaltado a livraria?... Terã o gato de D. Rosa conseguido, afinal, papar o meu lindo canário belga?... Vamos!... desembuche!... acrescentou o moço, subindo o degrau da porta da rua.

- Nada... não Senhor... é um sujeito que aí está a sua espera...

- Como?... pois é sô isso? E somente porque há uma pessoa que me procura, vem o Sr. Antônio todo azafamado e aforçurado  
105 causar-me um susto de que ainda não voltei a mim?... Serã, ao menos, esse indivíduo, que me está esperando, defeituoso?... horrivelmente feio?...

- Não Senhor... mas é horrivelmente malcriado...

- O que diz, Sr. Antônio, perguntou o estudante que já se  
110 adiantava pelo corredor, parando e encarando o rapaz com a mais cômica indignação que pode afetar um estudante de medicina. Sabe Vossa Mercê<sup>6</sup> que acaba de servir-se de uma expressão altamente inconveniente e insultuosa para com essa pessoa que se digna honrar-me com a sua visita?...

115 - É que ele também não pôs dúvida nenhuma em puxar-me nas orelhas e dar-me um pontapé!...

- Nas orelhas?!...

- Não sei bem onde foi... em diversos lugares ao mesmo tempo, porque ele tem pé para tudo...

120 - Ah!... fez o estudante, tornando-se sério. Realmente é mal feito. Bater no meu fãmulô... e em minha própria casa!... É bem sem cerimônia a tal minha visita!

- E ainda Vossa Mercê<sup>7</sup> não sabe do mais...

- Sim?... Mas, por quê te bateu ele? O que lhe fizeste?Pro-

125 vavelmente alguma travessura das tuas...

- Os diabos me levem se eu lhe fiz alguma coisa, e senão Vossa Mercê<sup>8</sup> escute e verá...

- Pois vamos lá com isso... e seja breve, que tenho pressa de conhecer o Senhor. Sem-cerimônia, disse Eduardo encostando-se no  
130 guarda-sol, para, mais comodamente ouvir a exposição do seu pequeno Antônio.

- Esta manhã, umas duas horas depois que o Senhor doutor saiu...

- Foi, por conseguinte às 8 horas...

- Sim Senhor, às 8 horas. Eu já tinha escovado os seus bo-  
135 tins... os outros...

- Está claro, pois estes tinha-os eu levado nos pés...

- Isso mesmo é que eu ia dizer...

- Bem... bem... adiante.

- Depois, fiz a cama, espanei os livros, varri...

140 - Adiante... adiante.

- Depois não fiz mais nada...

- Era daí que o Senhor devia ter começado...

- Mas eu não tinha mais nada que fazer...

- Basta! Sr. Antônio. Quem é que lhe está perguntado por  
145 isso? Vossa Mercê<sup>9</sup> está se tornando sofrivelmente maçante!...

- Não, Senhor, eu já acabo...

- Pois sim, Sr. Antônio... acabe... mas lembre-se, ao menos, de que ainda não principiou.

- Sim Senhor... (eu princípio e acabo ao mesmo tempo...

150 - Parece-me um pouco impossível... mas enfim... vá feito.

- Como ia dizendo, eu já não tinha mais nada que fazer...

Ah!... é verdade!... antes disso eu tinha almoçado...

- Mau!... mau!... Senhor moço... Vossa Mercê<sup>10</sup> disse que ia começar e acabar, mas não que ia começar e descomeçar<sup>11</sup>...

155 - Já estou acabando... Como eu não tinha mais que fazer, fui para a janela que dá para o pátio... a que fica defronte da janela de D. Rosa... aquela onde ela pendura o papagaio...

- Engana-se, Sr. Antônio. O que ela pendura é a gaiola...

- Sim, Senhor... é a mesma coisa... Eu gosto muito daquele  
160 papagaio e ele também gosta de mim...

- Faço-lhes os meus cumprimentos...

- Apesar de que, outro dia deu-me uma bicada no dedo, porque eu puxei-lhe o rabo por detrás...

- Está visto, Sr. Antônio. Se fosse adiante puxar-lhe-ia a  
165 cabeça... o bico... ou outra coisa... porém nunca o rabo...

- Aí está!... Vossa Mercê<sup>12</sup> mesmo é que não me deixa acabar...

- E então!...

- Como ia dizendo... eu estava ensinando o papagaio a dizer como naquela história: Senhora! Senhora! cozeram o...

170 - Bonito! Sr. Antônio...

- Isto não faz mal... vem numa história...

- Sim... Porém o que não vem na história... é que eu tenha a paciência de escutar as suas intermináveis histórias... Nada... Prefiro ir saber desse Senhor que está a minha espera, o  
175 com que esmurra os meus criados em minha própria casa... Dizendo isto, Eduardo dirigia-se para a escada.

- Eu já ia acabar, disse o rapazinho em voz queixosa. Por força que o homem que está lá em cima há de contar o caso a seu favor...

180 - Tens razão, tornou Eduardo, parando de novo. É justo que eu ouça ambas as partes. Vamos... acabe. Porém, nada de mais preâmbulos... Passe-me por cima de todas essas histórias de papagaios e comece deste ponto: - Chegou um homem...<sup>13</sup> Vamos!...

- Sim, Senhor... Chegou um homem às oito horas...

185 - Pois foi, mesmo, às oito horas? Então há três horas que esse indivíduo me espera?... Safa! Deve estar desesperado!

- Qual!... está, pelo contrário, bem descansado!...

- Sim?... O que é que te faz supor isso?

- Se ele lá está a dormir, estirado a fio comprido!...

190 - Estirado a fio comprido!... Mas onde é que <o> homem está estirado a fio comprido, Sr. Antônio?...

- Na sua cama, Senhor doutor...

- Na minha cama!... E esta! não se pode <levar mais longe a inconveniência!...

195 A não ser algum colega...

- Nada... não, Senhor... Só se é seu mestre; <colega não pode ser... -

- Por quê?

200 - Havia de ser engraçado, disse rindo-se o travesso Antônio, um estudante só com quatro fios <de> cabelo e esses mesmos já brancos!...

- Então esse homem é velho? perguntou o estudante assaltado por um súbito pressentimento.

205 - É sim Senhor, porém anda forte e sacudido... O moço tornou-se preocupado.

- Logo que ele chegou, prosseguiu o Sr. Antônio, começou a bater com toda a força na porta <da> saleta. Corri imediatamente a abri-la e encontrei-me com o nosso homem que continuava <sempre a malhar na porta com o cabo de um chicote, um cabo de prata da grossura de uma laranja>

210 "- O que é isso, patrão? perguntei-lhe eu. Quer <deitar a porta abaixo?

"É para ver se, assim, ouvem... respondeu-me, e arregalou-me uns olhos!... (Aqui o travesso Antônio procurou imitar os

215 olhos arregalados do homem do chicote de cabo de prata.) Por  
causa das dúvidas, fui, logo, me arredando dele e perguntei-  
lhe ainda:

"- E o que deseja o Senhor?

220 "- Não é aqui que mora um estudante, por nome Eduardo de  
Avellar? tornou-me ele.

"- Sim, Senhor... mas ele já se trata por Doutor porque já  
está quase acabando os seus estudos...

"- E quem és tu, tratantete, que me estás a falar todo em-  
proado?

225 Fiquei esquentado com o homem!...

"- Eu sou o primeiro criado de meu amo!... Senhor patrão  
que eu não conheço...

230 "- Bravo! está adiantado! Senhor primeiro criado de seu amo,  
disse rindo-se o homem malcriado... Pelo que vejo, o Sr. Avellar  
filho tem uma numerosa criadagem!... Está feito!... Se Vossa Mercê<sup>14</sup> é  
o primeiro criado, o último deve ser uma criança de mama!...

235 "- Criança de mama, não Senhor!... que aqui não é a roda dos  
enjeitados... Eu sou o primeiro, mas também sou o último criado  
de meu amo... porque chego para tudo... Sirvo para tudo... ou-  
vio?...

"- Pois então... serve também para dizer-me se teu amo está  
em casa...

"- Não está, não Senhor.

"- E onde foi ele a esta hora?

240 "- Não sei. Meu amo, quando sai, não me diz para onde vai...  
O Senhor é bem curioso!...

"- E tu és bem desavergonhado!... Quando volta teu amo?

"- Meu amo não me costuma, também, dizer as horas em que  
deve voltar...

245 "- Nesse caso... tira-te do caminho, que quero entrar... Vou

esperar até que ele chegue...

"- Esperar!... Mas se meu amo não vem cá tão cedo!...

"- Ah!... já sabes disso, velhaquete? Pois esperarei até que ele venha...

250 "- E se ele não vier senão daqui a quatro horas?

"- Esperarei quatro horas.

"- Sim? E se ele vier à noite?

"- Ficarei até a noite.

"- E se ele não voltar hoje?

255 "- Oh! Pois ele costuma passar as noites fora de casa?...

"- E que passe... não tem que lhe dar satisfações...

"- Achas que sim?... Pois bem... ainda assim... esperá-lo-ei até amanhã... até depois... até o dia do juízo!...

260 "- E onde há de o Senhor jantar... ceiar... dormir, durante esse tempo todo?... Cuida que aqui é hotel?...

"- Oh grandíssimo velhaco! disse o homem encolerizado... Não estou mais para aturar-te... Retira-te do caminho, senão... esborracho-te...

265 "- Nada!... Sr. gatuno! bradei-lhe eu, também desesperado... Não há de entrar!... E fechei-lhe a porta na cara. Mas antes que eu tivesse dado volta à chave, o homem empurrou-a... agarrou-me nas orelhas com tanta força que me fez gritar... depois arrumou-me um pontapé... e entrou muito fresco pela casa a dentro... Eu tive vontade de gritar por socorro, mas fiquei com medo de que  
270 ele me enganasse... Assim, resolvi obrar com prudência e observar as tenções daquele intruso malvado...

O homem foi andando... olhando por toda a parte... acenando com a cabeça e rosnando entre dentes...

275 "-Bravo! Não está mau para estudante! Limpeza... aceio... ordem... Não tem dúvida... o rapaz é arranjadete... Bom!... esta

é a sala das consultas... Que livraria! Se ele já leu isto tudo, deve estar um sábio... já pode dar quinaus<sup>15</sup> no boticário da vila... Assim!... assim meu rapaz!... É pena andares com a cabeça virada... Mas hás de endireitar... oh! se hás de... Ai!  
 280 Santa Luzia!... Aqui está uma ossada... inteirita<sup>16</sup>... sem lhe faltar nada... Credo! Isto parece coisa de sacrilégio...Enfim... como é para aprender... para bem do próximo...

Isto dizia ele olhando, um pouco de longe, para o esqueleto que fica por trás da estante. Depois continuou, coçando a  
 285 orelha:

"- Santo Breve da Marca! Como a gente fica feia depois de morta! Safa!... Depois foi se encaminhando para o quarto de dormir. Viu a seringa de injeção, como o Senhor doutor chama, e que eu, entem, limpei e guardei no caixão dos serrotes, junto à  
 290 porta do quarto.

"- Capiste! que Senhora<sup>17</sup> seringa! disse ele, tirando-a fora da caixa e movendo com o cabo. Isto será para dar clísteres?!... Deus te livre... Só se for em alguma besta...

Finalmente largou a seringa e entrou no quarto. Atirou sobre uma cadeira o chapéu de palha e o chicote e endireitou-se  
 295 para a cama...

E eu dizendo cá comigo:

"- Querem ver que ele vai se deitar na cama de meu amo, e ainda em cima, de botas?...

300 Meu dito, meu feito!<sup>18</sup> Espichou-se o alarve na sua cama e começou a olhar para tudo, dizendo, sempre baixinho:

"- Muito bem! estou gostando... que ordem!... que arranjo!... Ninguém dirá que é casa de estudante!... Hum... resmungou ele, hum... aqui anda mão de mulher...

305 "- Não anda, não Senhor!... disse-lhe eu que não me pude conter. Sou eu quem cuida de tudo... Nós não precisamos cá de mu-



lheres...

310 "- Ah!... Estás aí, pequeno? perguntou ele, voltando-se para o meu lado. Está bem... está bem... Agora vejo que tens teu préstimo... Sim, Senhor... sim, Senhor... Não está mau, não ... não está...

Tornou a pôr-se de barriga para o ar e continuou a observar tudo e a falar consigo mesmo:

315 "- Cá estão os Santos do nosso homem... Bem!... É devoto... tanto melhor... Pois olhem, os médicos tem bem má fama a este respeito?... Mas que diabo de santo é este, que lhe não entendendo o nome?

- Sabe Vossa Mercê<sup>19</sup> o que ele chamava Santos?

320 Aqueles retratos de Doutores que Vossa Mercê<sup>20</sup> tem no quarto perto da cama.

O homem chegou-se um pouco mais para a parede e começou a ler e a gaguejar:

325 "- Hipo... Hipo... hipócrita!... Ui!... o que é isto?... Santo hipócrita. ... Não pode ser... Isto é uma asneira... e até blasfêmia... aqui há erro de imprensa... Ah!... esperem... Sou eu que não leio bem... Hipócrates<sup>21</sup>... agora sim... Santo Hipócrates... Está feito... não o conheço... também eles são tantos!... Cá está outro... vejamos... Ga... leno... Galeno!<sup>22</sup>... (disse ele batendo na testa) A modo que isso foi um médico... Não tem dúvida... tanto assim que há uma moda que diz:

330

D. Galeno que curava <sup>23</sup>  
Que curava a D. Anica ...&.

Ora vejam só!... E eu não estava tomando por santos toda esta corja de pagãos?!... Passa fora! canalha...

335 E dizendo isto tornou a deitar a cabeça no travesseiro. Depois continuou a passar o seu exame pelo quarto. Vendo o seu

violão pendurado em frente, deu um estalo com a língua e principiou outra vez a falar sozinho:

"- Olé! Lá está a bandurra<sup>24</sup> do moço!... E que grandíssima  
340 bandurra!... Bem mostra que é da roça!... Não faz mal. Antes assim do que de outro modo...

E fechando os olhos, entrou a cantarolar entre dentes:

345 Viola, minha viola,  
Viola do coração!...  
Levou-te o diabo as cordas...  
Ficou-te só o bordão!...<sup>25</sup>

Continuou por algum tempo, ainda com esta cantiga. Depois foi, cada vez, falando mais grosso e mais baixo, até que por fim desandou a roncar como um porco!...

350 Assim que eu o apanhei dormindo, disse comigo, saindo sem fazer bulha...

"Deixa-te estar, meu puxador de orelhas, que tu não as perdes... Agora, quer queiras, quer não queiras, hás de esperar que meu amo te venha ajustar as contas... e ele que não é para  
355 graças... E passando a chave para a parte de fora, fechei a porta e lá o deixei engaiolado...

Durante a narração de Antônio o estudante fora se tornando de mais em mais preocupado. Quando o rapazinho concluiu a sua exposição, o moço exalou um profundo suspiro e murmurou em voz  
360 quase ininteligível:

- É ele!...

Depois falando ao criadinho:

- Aonde está a chave? perguntou ele.

365 - Aqui, Senhor doutor, respondeu o pequeno, tirando-a do bolso e entregando-a. Agora, meu amo, eu lhe peço que faça conhecer aquele homem que isto não são modos de tratar a gente...

- Ai! meu pobre Antônio... Receio bem que fiques sem de-

sagravo dos teus puxões d'orelha e eu com alguma coisa pior do que isso, respondeu o estudante com um novo suspiro.

370 - O quê? meu amo!... Vossa Mercê<sup>26</sup> está com medo desse homem?... Admira!... Mas espere... eu vou chamar o inspetor...

- Não faças tal... O homem que lá está em cima tem o direito de fazer o que fez...

- Mesmo de me dar pancadas?...

375 - Pode ser... Escuta: Tens liberdade de ir passear até a hora do jantar... não preciso por agora de ti...

- Mas esse homem?...

- Deixa-o comigo... Ele não é tão mau como parece... Ouve... Quero que o respeites tanto como a mim... mais do que a mim próprio... Tens percebido?

380

- Sim, meu amo, disse Antônio muito admirado desta ordem, cujo motivo não compreendia. Sim, meu amo... obedecer-lhe-ei... mas é que Vossa Mercê<sup>27</sup> parece tão triste... tão penalizado com a sua visita...

385 - Penalizado?... não, Antônio... Estou, apenas, um pouco assustado... E entretanto, acrescentou o moço, como falando consigo mesmo, a sua visita em outras circunstâncias me causaria tanto prazer!

- Ah!... Se eu o tivesse adivinhado... dir-lhe-ia que Vossa Mercê<sup>28</sup> não morava aqui.

390 - Para quê?... Vai Antônio... Ah! Vais passear bem descansado!... És bem feliz!... Vai, meu filho... até logo.

Assim falando, o estudante foi subindo vagarosamente a escada do sobrado.

395 O pequeno Antônio seguiu-o tristemente com o olhar até que ele desapareceu no segundo lanço da escada.

Então, foi-se encaminhando lentamente e como contra a vontade para a porta da rua, fazendo o seguinte monólogo:

- Pobre moço! Parece bem triste!... Quem será este velho  
 400 malcriado? Será algum credor? Seria para admirar!... Nunca vi  
 entrar aqui nenhum... Além disso, dizem os colegas de meu amo  
 que ele é bem feliz por não ter credores... Não pode ser... Meu  
 amo tem dinheiro... oh! se tem!... tanto assim que o empresta a  
 toda essa súcia de vagabundos que aqui vem, e que só se lem-  
 405 bram de que são colegas de meu amo para lhe pedirem dinheiro,  
 que... verdade seja dita... nunca lhes vi pagar... Oh! mas este  
 homem... este brutalhão que me bateu... não me pode sair da  
 idéia... Quem será este maldito que, segundo parece, tem o di-  
 reito de me puxar as orelhas, e que com efeito mas puxou... dis-  
 410 so estou eu bem certo?... O que se irá passar entre ele e meu  
 amo?... Se eu o pudesse saber!...

Entretanto o rapazinho tinha já alcançado a porta da rua.  
 Aí deteve-se como que indeciso, e continuou a monologar em meia  
 voz:

415 - Se eu fosse espiar?... escutar o que eles dizem?... Na-  
 da!... acrescentou ele vivamente. Nada!... Meu amo que me man-  
 dou passear, é porque acha que a minha presença seria demais...  
 Pobre moço! Ele que vinha tão alegre!... Como mudou! Ah! malva-  
 do velho, brutalhão e malcriado! Meu amo ordena que eu te res-  
 420 peite e eu obedecer-lhe-ei... Mas agora que ele não está aqui...  
 toma estúpido!... toma estafermo!... toma puxador de ore-  
 lhas!... escoiceador!... toma alarve!...

E, ao passo que ia desfiando toda esta ladainha de impro-  
 périos contra o seu agressor da manhã, o bom Antônio arrumava  
 425 valentes punhadas no portal, como se realmente tivesse diante de  
 si o irascível intruso.

Depois de haver, por este modo, desafogado a cólera de que  
 se achava possuído, o rapazinho enterrou mais o seu boné na ca-

430 beça, meteu as mãos nos bolsos da calça e saiu assobiando na direção da rua Direita.

---

VI

DOIS HOMENS DE BEM

Deixando o fiel Antônio, Eduardo subiu mansamente a escada, introduziu sem ruído a chave na fechadura da porta, voltou-a o  
5 mais docemente que pôde e penetrou em casa com toda a cautela, a fim de não perturbar o sono de seu hóspede, caso este ainda estivesse dormindo.

- Meu pai aqui!... pensava o moço estremecendo; O que pretenderá ele?... Oh! tremo de o adivinhar!... É preciso que tenha  
10 tido um motivo bem imperioso, para abandonar assim os seus cômodos e vir à corte que tanto aborrece!... Saberá ele tudo?... Sim... deve sabê-lo... Que outro motivo o traria aqui?... Mas como o soube?... Por quem?... Pelo nosso correspondente... Não me resta dúvida alguma a este respeito... O traidor!... o intrigante!  
15 te!...

Que lhe terá ele mandado dizer?... Se, ao menos, lhe tiver mandado contar a verdade!...

Arrazoando consigo mesmo, por este modo, o moço havia chegado, pé ante pé, à porta que dava para a sala de estudo que o  
20 era também de visitas. Aí parou e aplicou o ouvido.

Um ronco sonoro e prolongado, privativo, a maior parte das vezes, das naturezas vigorosas, se fazia ouvir desde a alcova até a saleta de espera onde se achava o moço.

- É ele!... murmurou baixinho o estudante. É o seu dormir  
25 estrepitoso... Meu Deus! O que virá ele dizer-me?... Enfim!...

prosseguiu ele, como tomando uma resolução decisiva; está lançada a sorte!... E se me tem faltado a coragem para provocar, por mim mesmo, a explicação que vai ter lugar, ao menos... agora... em face do perigo, sobrar-me-á a energia para a resistência e para a defesa...

E continuou a avançar cautelosamente pela sala de estudo até defronte da porta da alcova. Parou de novo. O coração palpitava-lhe violenta e desmedidamente.

O mancebo tinha medo.

Sobre o leito, cujas cortinas estavam afastadas, dormia, muito a seu cômodo, um velho de sessenta anos, pouco mais ou menos. Era um homem robusto e reforçado, trajando, como trajam, de ordinário, os nossos fazendeiros.

O seu perfil severo e altivo, fortemente pronunciado, inspirava, à primeira vista, pouca simpatia. Mas quem analisasse, calmamente, as suas feições, não podia deixar de capacitar-se de que naquele invólucro áspero e duro se aninhava uma alma boa e generosa, se bem que ativa e contumaz. Os seus cabelos, quase completamente brancos, formavam um perfeito U, cujos ramos terminavam nas têmporas e cuja curvatura contorneava o occiput<sup>1</sup>, deixando a descoberto quase toda a abóbada da cabeça. As grossas sobrancelhas pintadas, como o cabelo, se vinham reunir por cima de um nariz de molde antigo. Não usava barba; apenas conservara a origem das suíças e somente até o nível do lóbulo da orelha. Bochechas bem fornidas e rubicundas, lábios grossos e vermelhos, mento quadrado e partido; eis aí o que se podia apreciar das feições do pai de Eduardo.

O estudante achava-se de pé, imóvel, com o corpo meio inclinado para adiante e os olhos fitos no velho adormecido.

Pouco a pouco, e quanto mais contemplava a nobre fisionomia de seu pai, o olhar do moço foi perdendo a expressão de va-

go terror que se lia neles e assumindo a de uma ternura e de  
uma doçura indizível. Como que involuntariamente, os seus bra-  
ços se alongaram para adiante, arredondando-se como se ele fos-  
se abraçar o ancião... Os seus lábios entreabriram-se e deixa-  
ram escapar em voz baixa e doce estas palavras:

- Meu pai!...

Apesar do tom fraco em que elas foram pronunciadas, o velho  
estremeceu, abriu os olhos e sentou-se no leito olhando espan-  
tado ao redor de si...

O primeiro objeto que feriu a sua vista foi o estudante  
que se conservava ainda na mesma atitude.

O fazendeiro saltou levemente do leito e caiu nos braços  
do filho...

70 - Meu querido Eduardo!...

- Meu bom pai!...

- Até que, afinal, chegaste!... disse o velho, depois de  
passada a primeira efusão da sua ternura paternal... Parece-me  
que me deixaste dormir, pelo menos uma hora!...

75 - Três horas, meu pai...

- Três horas!... ora vejam!... Vem cá... Chega-te cá para  
fora... quero ver-te bem na claridade... há um ano que não te  
vejo... Capiste!... Como estás gordo!... e bonito!... Sim, se-  
nhor... está um homem feito!... E a barba aí vem vindo... Estás  
80 bonito!... palavra de honra!...

- É tudo engano dos seus olhos, meu pai... Os olhos dos  
pais nunca são bem fiéis, disse o moço, a quem tranqüilizara um  
pouco o acolhimento de seu pai, e não podendo deixar de rir-se  
do exame por que estava passando.

85 - Nada... nada... tornou o velho Avellar. Estás um rapagão  
... afianço-to.

- Bem, meu pai; acredito. Mas que bom Santo fez o milagre  
de me dar o prazer da sua visita?...

- Ah!... disse o velho tornando-se subitamente sério. É  
 90 verdade... Estou aqui a papaguear, e já nem me lembrava mais o  
 que me traz aqui... São contos largos... Sabê-lo-ás daqui a pou-  
 co... Sentemo-nos... Vamos conversar de negócios sérios...

## VII

## DOIS HOMENS TEIMOSOS

- E como pagas tu o amor de tua virtuosa prima? exclamou  
 ele impetuosamente... esse amor que estás bem longe de merecer?... Como?  
 5 ... esquecendo-a!... desprezando-a!... E por quem?... por uma  
 namoradeira!... por uma delambida da corte!...

- Senhor!... exclamou, por sua vez, Eduardo, erguendo-se  
 arrebatadamente, como se houvesse sido picado por uma víbora.  
 Com que direito insultais a mais nobre... a mais pura... a mais  
 10 virtuosa das mulheres?...

A cólera do velho fez explosão.

- Ah!... bradou ele pondo-se igualmente de pé. É então,  
 verdade?... Não me tinham enganado?... Desgraçado!... Queres  
 reduzir-me à desesperação?... Queres matar-me de desgostos?...  
 15 É, então, verdade?... Esta carta não mente?... acrescentou ele,  
 apresentando violentamente ao estudante um papel que tirara do  
 bolso, já machucados pelos seus dedos convulsos. O mancebo to-  
 mou-a avidamente. Em um momento percorreu-a com os olhos e en-  
 tregou-a de novo ao velho, dizendo-lhe em um tom frio como a  
 20 lâmina de uma espada:

- Sim... é tudo verdade...

O fazendeiro recuou um passo e encarou o moço com assom-  
 bro.

A carta que Eduardo acabara de ler era do seu correspon-  
 25 dente. Eis, pouco mais ou menos o que ela dizia:



"Tenho-lhe já escrito, há dias, a cerca dos  
 "nossos negócios, tem esta somente por fim fazer-lhe saber  
 "que é hoje para mim fora de toda a dúvida que o nos-  
 30 "so homem está furiosamente apaixonado e, conforme tudo  
 "me leva a crer, firmemente decidido a satisfazer a sua  
 "paixão. A falar a verdade o menino não se apegou mal,  
 "pois a moça é bonita e o pai tem aquilo com que se com-  
 "pram os melões. É um negociante que se retirou, há  
 35 "alguns anos, do comércio, com alguma fortuna. Porém,  
 "como o meu amigo tem outras tenções a respeito do  
 "nosso Doutor, previndo-o, a fim de que dê as providências precisas  
 "enquanto é tempo. Adeus. Desejo-lhe saúde e todas as  
 "prosperidades, pois sou, como sabe

40

"Seu velho amigo"

"J.F. Teixeira"

Manoel d'Avellar não podia voltar a si da surpresa que lhe  
 causara a resposta de Eduardo. Era a primeira vez que seu filho  
 ousava resistir a sua vontade que, de resto, era também a pri-  
 45 meira vez que achava em oposição a do moço.

O que mais o surpreendeu e irritou foi a franqueza calma e  
 decidida dessa resposta. O mancebo nem, ao menos, tentou ate-  
 nuar a enormidade do que o velho reputava um crime! Nem, ao me-  
 nos, buscou um rodeio que lhe poupasse, em parte, a doloro-  
 50 sa impressão que lhe ia causar!

- É verdade... disseste?... Foi isso mesmo que disseste?  
 insistiu ele ainda, como se tivesse ouvido mal.

- É verdade... repetiu o estudante.

Manoel d'Avellar ficou rubro de indignação. Os seus olhos

55 desferiram chamas. As suas bastas sobranceiras, fortemente contraídas, formavam, abaixo da fronte, uma linha ameaçadora semelhante à negra faixa que orla o horizonte no momento da tempestade, e, por sob a qual os relâmpagos se sucediam rapidamente.

60 O velho fazendeiro avançou para o estudante com os punhos cerrados e os lábios a tremerem.

O mancebo empalideceu ainda mais, porém suportou, sem pestanejar, o terrível olhar de seu pai.

Manoel d'Avellar tinha encontrado um alter ego<sup>1</sup>.

65 - Mentos!... bradou ele com voz de trovão. Tu nunca desposarás essa mulher...

- Ainda que eu não a amasse como a amo... com todas as forças de minha alma... desposa-la-ia, porque, para isso, empenhei a minha honra... disse resolutamente o moço.

70 - A tua honra!... exclamou o fazendeiro. Ousas falar em honra?... E é com a quebra da minha que pretendes ressalvar a tua honra, desgraçado?...

- Com a quebra da sua?... Perguntou Eduardo. E em que pode ela achar-se comprometida neste negócio?...

75 - Em quê!... Ele pergunta-me em quê!... Mas este desgraçado está doido!... perfeitamente doido!... Não compreende nada! ... não pode compreender nada!... E a promessa que fiz a meu irmão?... ao nosso benfeitor no seu leito de morte?... Julgas, por ventura, que os nossos compromissos para com os mortos são menos sagrados do que para com os vivos? Estás enganado... mil  
80 vezes enganado... São - no muito mais... muito mais... tens percebido?...

Escuta, Eduardo, prosseguiu o fazendeiro acalmando-se um pouco. Tu não podes ter vistas sobre outra mulher que não seja Henriqueta... Hás de esposá-la... deves fazê-lo por muitas razões, por todas as razões... Primeiro, porque tal foi a últi-

ma vontade daquele a quem tudo devemos... depois, porque tua  
prima é um anjo e ama-te de todo o seu coração... porque é a  
fortuna de que seu pai a privou em nosso... em teu favor, que  
tu deves os conhecimentos que possues e o bem estar de que go-  
90 zas... porque desposando-a, conservarás inteiro o patrimônio  
dos Avellares, que o meu pobre José tanto trabalhou por conservar  
unido... porque enfim... eu o quero...

O estudante persistia calado.

Manoel d'Avellar começou a conceber esperanças de que ia  
95 levando a convicção àquela alma rebelde.

- Eduardo, meu Eduardo, continuou o velho, ameigando a  
voz. Isso que o meu amigo Teixeira chama uma paixão... não pode  
deixar de ser um namorico de estudante... um capricho de momen-  
to que a ausência, os conselhos de teu pai e os carinhos de tua  
100 prima farão esquecer em pouco tempo... não é assim?... Fala!...  
por que emudeces?... dize-me que eu não estou enganado... que  
as minhas razões te têm convencido... que és sempre o meu queri-  
do Eduardo... o meu filho obediente e submisso...

Eduardo parecia hesitar. O fazendeiro sentiu-se, cada vez,  
105 mais esperançado. Mas ele enganava-se quanto ao motivo dessa he-  
sitação, porque ela era, somente, devida ao pesar que o moço  
experimentava por ter de destruir as últimas esperanças do an-  
cião.

- Meu pai, pronunciou finalmente o mancebo, em um tom len-  
110 to e repassado de tristeza, sei que o vou afligir, e a certeza  
que disso tenho, despedaça-me o coração... Bem quisera cumprir  
os seus desejos, porque conheço quanto o tornaria feliz...mas...  
não o posso... não o devo...

- Não o podes!... não o deves!... disse o velho de um modo  
115 que revela a sua decepção e o seu profundo desgosto. E por quê?  
... Por que é que não podes?... por que é que não deves?... in-

sistiu ele, novamente dominado pela cólera.

120 - Porque estou plenamente convencido de que Vossa Mercê<sup>2</sup> se arre-  
penderá de me ter ordenado aquilo por que se mostra agora tão  
empenhado...

- Eu?!...

- Vossa Mercê<sup>3</sup> mesmo... Eu me explico, e peço-lhe, meu pai, que  
pese atentamente as minhas palavras, porque, então, longe de  
criminá-lo, estou certo que louvará o meu procedimento...

125 - Nunca!... bradou o fazendeiro. Mas fala... Não quero que  
digas que te nego o direito de defender-te... Não quero que su-  
ponhas que me arreccio da força das razões que vás produzir em  
teu favor...

Fala!...

130 - Em primeiro lugar, disse o estudante, sinto declarar-lhe,  
meu pai, que todas as razões que Vossa Mercê<sup>4</sup> me apresentou, e pelas  
quais sou obrigado a desposar minha prima, não há nenhuma que  
mereça verdadeiramente, tal nome...

135 - Sim?... perguntou o velho com um sorriso nervoso e irô-  
nico. Pois vamos!... vejamos como me provas isso!... Mas previ-  
no-te de que me não deixarei embair pelas tuas sutilezas de es-  
tudante.

140 - Predisposto como se acha contra mim, tornou o moço tris-  
temente, eu bem vejo que vosmecê<sup>5</sup> não examinará calma e desapaixona-  
damente, como é necessário, os motivos da minha resistência a  
sua vontade... Entretanto, diz-me a consciência que eles são  
tão puros quanto razoáveis...

- Nesse caso, por que hesitas?... fala!... gritou Manoel d'  
Avellar impaciente.

145 - Não... não hesito, meu pai, respondeu o mancebo. Ainda, há  
pouco, julgou vosmecê<sup>6</sup> conveniente recordar-me a generosa ação  
de meu finado tio para conosco, reproduzindo as próprias pala-

150 vras em que ele formulou seu último desejo. Pois bem; são essas  
mesmas palavras que me serviram para destruir o primeiro, o  
mais importante dos seus argumentos, meu pai...

Qual foi a condição imposta por meu tio, para a minha  
união com Henriqueta? Em que suposição deseja ele essa união?  
Não era, por acaso, na suposição de que eu e minha prima nos  
amássemos? E acha-se preenchida essa condição que meu próprio  
155 tio estabeleceu?...

- Sim!... exclamou o velho que se sentia muito contrariado  
com a direção que o mancebo ia dando à questão. Sim!... E tua  
prima não te ama? ...

- Não sei...

160 - Sei-o eu!...

- Seja assim, mas eu... não a amo ...

- Mas hás de amá-la!... não poderás deixar de amá-la...

- Não, meu pai, não! e disso tenho eu toda a certeza. O  
meu coração já não me pertence... dei-o e para sempre!...

165 - Impossível!... exclamou desesperado o fazendeiro...

- Vossa Mercê<sup>7</sup> nunca amou, meu pai, e eis o motivo por que  
fala desse modo...

170 - Nunca amei! E tua mãe?... Por ventura não a tratei, du-  
rante toda a sua vida com a mesma ternura... com o mesmo cari-  
nho?...

- Sim, Senhor. Mas o seu sentimento não era mais do que amiza-  
de... amizade calma e afetuosa que está muito distante destas  
paixões violentas que nos escravizam... que nos transportam...  
que nos fazem arrostar todas as dificuldades e vencer todos os  
175 tropeços...

- Sim... interrompeu o velho, e também esquecer todos os  
nossos deveres... tornar-nos ingratos... perversos!... filhos  
desobedientes e revoltosos!... Sim!... tens razão... Não era

desse gênero a afeição que eu tinha por tua mãe, e disso dou  
180 muitas graças a Deus!...

- Vossa Mercê<sup>8</sup> foi mais feliz, meu pai, respondeu tranquilamente o moço. Contudo, não vejo em que tenha a minha paixão prejudicado o cumprimento dos meus deveres, quaisquer que eles possam ser...

185 - É que ela te torna igualmente cego e obstinado no erro!...

- Não, meu pai, não! Vossa Mercê<sup>9</sup> engana-se ainda esta vez... Mas permita-me que prossiga na minha defesa. Além de não se dar a circunstância indispensável para a realização da última vontade  
190 de meu tio, opôs-se-lhe outra razão de não menor peso e que dela se deriva imediatamente; razão a que Vossa Mercê<sup>10</sup> não pode deixar de atender, sob pena de incorrer na pecha de ingratição para com a memória desse homem generoso, com a qual Vossa Mercê<sup>11</sup>, tão injustamente, me oprime.

195 - E qual é ela? perguntou Manoel d'Avellar, entre a surpresa e a dúvida.

- Meu pai; Vossa Mercê<sup>12</sup> prometeu a meu falecido tio que velaria sempre pela felicidade da filha que ele lhe confiou. Entretanto é a sua desgraça que Vossa Mercê<sup>13</sup> procura, persistindo em querer unir  
200 o seu ao meu destino. Eu sinto, por minha prima, muita afeição, muita amizade, muita gratidão... porém amor... esse sentimento poderoso que outra mulher soube inspirar-me... não! nunca o terei por Henriqueta... Desposando-a, eu não posso deixar de causar a sua desventura. Serei forçado a considerá-la sempre  
205 como a barreira que me separou da única mulher por quem meu coração falou, e tão alto que não há consideração alguma que possa abafar as suas vozes... Não poderei afazer-me a ver em minha prima senão a causa da minha própria desgraça, porque eu também serei bem desgraçado! A pobre moça só obterá de mim a

210 frieza e a indiferença, e não tardará a aperceber-se de que sa-  
 crificou a minha sem assegurar a sua felicidade. E se realmente  
 me ama, ainda será maior a desdita de Henriqueta, cujo coração  
 bom e sensível não só será despedaçado pelos seus próprios so-  
 frimentos, mas ainda pelos meus. Figura Vossa Mercê<sup>14</sup> o viver embarça-  
 215 so e cruel a que seremos arrojados... vendo um no outro a origem  
 de nossos males, e nem nos restando mesmo a triste consolação  
 de mutuamente nos confiarmos os nossos pesares pois que ambos  
 nos esforçaremos por evitar uma explicação que só poderá dar  
 em resultado recriminações e males maiores... Oh meu pai! meu  
 220 bom pai!... Eu lhe suplico! Não recuse a sua atenção às minhas  
 palavras... não queira fazer a desgraça de nós todos!...

O velho se conservava calado e absorto em sóbria e dolorosa  
 meditação.

O estudante prosseguiu.

225 - Quanto as suas outras razões, meu pai, elas são bem fáceis  
 de destruir! Como Vossa Mercê<sup>15</sup> dizia, há pouco, meu tio José d'Avellar  
 era bom e generoso. Ele seria o primeiro, estou bem certo disso,  
 a impedir que eu pagasse, a troco de toda a minha ventura nes-  
 ta vida, a educação e instrução que devo aos seus benefícios.  
 230 Quanto à vantagem de conservar unido o patrimônio da nossa fa-  
 mília, tranquilize-se, meu pai. Nunca foi intenção minha privar  
 Henriqueta daquilo que, a meu ver, pertence-lhe de direito. Para  
 mim, nada quero; de nada preciso. Sou moço e sadio, sinto-me cheio  
 de coragem e de ardor pelo trabalho. Diante de mim se abre uma  
 235 carreira nobre e esperançosa na qual, espero em Deus, hei de  
 distinguir-me, e posso assegurar-lhe, meu pai, que aquela, a quem  
 eu amo, acolherá o estudante pobre e sem nome, do mesmo que o  
 filho de Manoel d'Avellar o opulento fazendeiro. Pelo que diz res-  
 peito a última razão que Vossa Mercê<sup>16</sup> me apresentou, nada direi...

240        Apelo, porém, contra ela, para o seu coração, meu bom pai,  
para esse coração, onde, até hoje, encontrei sempre afago e  
abrigo, e donde somente tenho haurido forças e animação.

Eduardo parou e esperou a resposta de seu pai. As suas pa-  
lavras não deixaram de atuar no espírito de Manoel d'Avellar,  
245 porém como previra o moço, não produziram o efeito que ele de-  
sejava.

O casamento dos dois primos tinha sido sempre o sonho dou-  
rado do velho fazendeiro, sonho que ele, de contínuo, afagava  
e que nunca lhe passou pela imaginação que pudesse deixar de  
250 realizar-se. A resistência inesperada de Eduardo foi, portanto,  
um golpe cruel que o veio ferir súbita e dolorosamente nas suas  
mais caras esperanças. Manoel d'Avellar amava sua sobrinha até  
a loucura. Para ele, Henriqueta simbolizava a perfeição tal  
qual pode existir sobre a terra.

255        Ele não compreendia como alguém que tivesse conhecido, ou  
mesmo visto, a sua formosa e amável filha adotiva, se pudes-  
se apaixonar por outra mulher. De resto, na sua opinião, um só  
homem se podia julgar digno de aspirar a mão da moça: era Edu-  
ardo, de quem muito o velho se orgulhava e com razão. Entretan-  
260 to a união destes dois entes que pareciam ter nascido um para  
o outro, não podia ser levada a efeito. E por quê? Por um ca-  
pricho louco e inconcebível daquele que a deveria almejar com  
todas as forças de sua alma. O fazendeiro não se podia capaci-  
tar de que o mancebo se achasse tão seriamente apaixonado como  
265 dizia. Além disso, a ninguém era possível persuadi-lo de que,  
uma vez casado com sua prima, Eduardo esqueceria prontamente o  
seu ridículo namoro, cedendo à poderosa influência dos atrati-  
vos pouco vulgares e da natureza angélica de Henriqueta d'avel-  
lar.



270 Acostumado a não conhecer obstáculos a sua vontade, ou então, a combatê-los com encarniçamento e a vencê-los, marchando sempre firme e em linha reta para o fim que se propunha atingir, e tratando-se, agora, de mais a mais, da execução do mais caro e fagueiro dos seus projetos, do projeto em que ele  
275 fazia consistir o maior prazer que ainda podia esperar neste mundo, Manoel d'Avellar não podia, apesar de todas as razões que produzira o estudante, resolver-se a abandonar-lhe o campo.

Havia decorrido alguns segundos que o moço deixara de falar.

280 Manoel d'Avellar ergueu finalmente a cabeça e aproximando-se mais de seu filho, disse-lhe em voz seca e breve:

- Senhor...

O mancebo ficou aterrado com este tratamento cerimonioso.

- Senhor... Heis de escolher entre mim e essa mulher que  
285 não conheço... que não quero conhecer...

- Como, Senhor?... perguntou Eduardo consternado. Pois ainda insistis?...

- Sempre!... respondeu o velho. Eu prevejo d'antemão a sua escolha... Porém cuidado! senhor... acrescentou ele som-  
290 briamente. Cuidado, senhor!... ides matar-me!...

- Meu pai!... exclamou Eduardo em tom suplicante.

- Nem mais uma palavra, senhor! disse o fazendeiro.

E tomando de cima da cadeira, onde se achavam, o chapéu e o chicote, encaminhou-se para a porta.

295 - Pois quê? Senhor! perguntou Eduardo no auge da aflição. Deixais-me?... Não ficais comigo?...

- Não... respondeu Manoel d'Avellar, parando e voltando-se, ainda uma vez, para o mancebo. Não habitarei debaixo do mesmo teto que abriga a desobediência e a revolta. Eu não esperava o  
300 seu procedimento, Senhor, porém, ainda assim, tomei as minhas cau-

telas. É ali... continuou o velho, chegando-se a uma janela e indicando uma casa que ficava no lado oposto da rua, um pouco adiante. É ali... no Hotel da Florença<sup>17</sup>, que vou esperar a sua decisão. Dou-lhe todo o dia de hoje para meditá-la. Seja qual for, amanhã torno para a província.

Dizendo isto, o fazendeiro voltou desabridamente as costas ao moço e saiu sem olhar, sequer, para trás.

Já o velho se tinha retirado havia algum tempo, e Eduardo ficava ainda de pé, com os braços pendentes ao longo do corpo, e cravando um olhar vago e sem expressão na porta por onde desaparecera seu pai, como que atordoado e sem consciência de si. Depois levou lentamente a mão à frente, deu alguns passos pela sala e chegando junto da mesa de estudo, deixou-se cair sobre uma cadeira e ocultou o rosto nas mãos.

- Que fazer?... meu Deus!... que fazer?... murmurou o moço entre soluços.

Passaram-se vinte minutos, sem que ele mudasse de posição.

Subitamente, o rodar de um carro que seguia para o lado do Campo de Sant'Ana,<sup>18</sup> arrancou-o da espécie de entorpecimento em que jazia.

Sem saber porque o moço estremeceu e comprimiu o peito com as mãos...

Parecia-lhe que esse carro lhe rolava por cima do coração!...

---

## VIII

### DOIS HOMENS ZANGADOS

Julgamos ser já tempo de nos ocuparmos um pouco com alguns conhecidos nossos, de quem nos temos descuidado.

5 O comendador Duarte Passos acaba de apear-se de um Omnibus<sup>1</sup> e de entrar em casa. Elvira Passos não veio, como de ordinário, receber o velho negociante, na ante-sala, e apresentar a linda fronte ao ósculo paternal.

10 O velho ouvia os melodiosos sons do piano da moça vibrados com alma e paixão.

- É preciso que esteja muito entretida com a sua música para não ter sentido parar a diligência, disse ele consigo mesmo. Não se me dava de apostar que se fosse o noivo ela adivinharia até a sua chegada!... Estas mulheres!... É bem certo dizer-se que as mulheres só vivem para o amor e que nelas este sentimento eclipsa todos os outros...

20 Como que para compensá-lo da distração de sua filha, um magnífico cão da Terra Nova<sup>2</sup> completamente negro de cauda comprida e franjada, correu alegremente ao seu encontro e firmando-se nas patas traseiras, ergueu-se e apoiou as dianteiras nos ombros do comendador, fitando-lhe um olhar meigo e carinhoso.

- Bem!... bem... Abd el-Kader<sup>3</sup>, meu amigo, disse o negociante, correndo a mão pela cabeça acetinada do animal. Ao menos tu não te esqueces de mim, e não me abandonarás por ninguém...  
25 Vamos... abaixo!... O cão obedeceu a voz do seu senhor e foi seguindo o comendador que entrou na sala sem fazer ruído.

Elvira não se apercebeu ainda da chegada de seu pai.

O negociante colocou-se por detrás da cadeira da moça, conservando-se silencioso.

30 No fim de alguns instantes a moça parou.

- Desta vez foi um pouco melhor... disse ela falando consigo mesma e olhando satisfeita para a música que tinha diante de si; esfregando as lindas mãozinhas e distendendo os seus dedos compridos e torneados que o exercício fatigara.

35 - Muito bem! exclamou finalmente o comendador.

A moça soltou um gritozinho de susto e voltou-se vivamente para trás.

Reconhecendo seu pai, levantou-se prontamente e foi abraçar o velho.

40 O comendador beijou-a na fronte com ternura.

- Que susto que me causou, meu pai! disse Elvira. É muito malfeito!... Para castigá-lo eu não o devia abraçar... acrescentou ela ameaçando-o graciosamente com dedo.

45 - A culpa é tua; tornou o comendador. E, se há quem tenha razão de queixa, sou eu... Já desdenhas de ir esperar o pobre velho que chega morto de saudades por uma ingrata...

- Não tem razão... nenhuma razão, meu paizinho... E sabe?... Não quero que me fale assim... nem mesmo brincando... Não imagina o quanto me aflige...

50 - Está bom... está bom. O dito por não dito. Mas que música é essa que estavas tocando?... É a primeira vez que a ouço...

- Acha bonita?

- Eu só lhe ouvi o final... Não me parece má!

55 ... Não lhe parece má!... Bravo! Como está ruim de contentar! ... Pois é muito bonita... muito... muito. Sou eu quem lho diz...

- Basta... basta. A Senhora é quem o diz, e tanto basta para que a julgue deliciosa... sublime... E como se intitula essa preciosidade?

60 - Essa preciosidade, Senhor gracejador de mau gosto, é uma nova fantasia sobre motivos do Baile de Máscaras de Verdi<sup>4</sup>... de Verdi... ouvi(u)...

- De Verdi?!... disse o negociante com afetada admiração e inclinando-se profundamente. Dou já as mãos à palmatória, Sr<sup>5</sup> minha filha... Quando a compraste?

65 - Não a comprei, respondeu a moça corando involuntariamente. Foi o Dr. Eduardo que ma trouxe esta manhã...

- Ah!... disse rindo-se Duarte Passos. Bem me parecia que não era somente a sua predileção por Verdi que me fazia emprender, com tanto calor, a apologia da produção do célebre maestro!...

- Sim?... tornou a moça. Como está se tornando malicioso... e mau!...

- Oh! pois não! muito mau!... Vamos... façamos as pazes... já estudaste a tua brilhante fantasia?

- Toquei-a só duas vezes... mas creio que já se pode ouvir. Além disso, logo mais, tocá-la-ei ainda uma vez, e, à noite, espero cumprir a promessa que fiz ao doutor de ficar sabendo-a hoje mesmo.

- Não há dúvida... Tenho aqui um pequeno gênio musical!...

- Agora é que sabe disso?... Ande lá que não conhece a pérola que possuí e por isso não lhe dá o devido valor...

- Presumida!...

- Isto não se chama presunção, chama-se consciência do merecimento próprio.

- Ah!... Mas olha que há também pérolas falsas...

- Sim... Porém eu sou uma pérola verdadeira... de preço... e de bom quilate!...

- Acredito, minha jóia, acredito. Onde está Margarida?

- Creio que ainda na chácara, fazendo a sua colheita habitual.

- Bem... Vamos lá encontrá-la. Espera-me um pouco, enquanto tiro os botins e a sobrecasaca.

O comendador entrou na alvoca.

A moça chegou de novo para o piano e, mesmo de pé, principiou a exercitar-se, somente com a mão direita, em um pedaço da sua fantasia que achava mais difícil.

- Pronto! disse Duarte Passos saindo do quarto já de chi-

nelas, paletó de brim e chapéu de palha. Partamos!...

Elvira enfiou o braço no de seu pai e saíram ambos pela ante-sala, seguidos pelo fiel Abd el-Kader.<sup>6</sup>

Desceram a escada de fora e tomando a esquerda, caminharam ao longo do edifício até um pequeno portão que o negociante abriu.

Tinham, apenas, dado cerca de sessenta passos, quando viram D. Margarida que desembocava de uma alameda de ameixeiras e cajueiros.

A Sr.<sup>7</sup> Passos trazia ao braço uma linda cestinha cheia de morangos e outras frutas.

- Parabéns! disse o comendador a sua mulher. A colheita parece que foi boa?...

- Podia ser melhor... respondeu D. Margarida e acrescentou:

- Ah tratante! Vens protegido?... Deixa-te estar que tu não as perdes...

- Falas comigo querida? perguntou Duarte Passos, abraçando-a afetuosamente.

- Nada!... Falo com este maldito Argelino<sup>8</sup> negro, respondeu ela, ameaçando com a mão o lindo cão da Terra-Nova<sup>9</sup> que se refugiou atrás do seu senhor.

- Olhem o patife!... Como sabe que fez mal!... Parece que me entendeu!...

- Mas então? o que fez o meu bom Abd el-Kader?<sup>10</sup> perguntou Passos.

- Estragou-me, apenas, o meu canteiro de morangueiros...

- Ora, qual! coitado! É prevenção tua contra este pobre Abd el-Kader.<sup>11</sup>

- Ah!... sim... há de ser isso...

- O que é fato é que ele carrega com a responsabilidade de quantas diabruras fazem por aí os cães dos vizinhos.

- Não, Senhor, que desta vez apanhei-o em flagrante. Mas ele  
130 há de pagar-me caro a devastação do meu canteiro...

- Perdão! minha mãe, interveio Elvira, perdão para Abd el-  
Kader!<sup>12</sup> Só por esta vez... Eu intercedo por ele...

- Muito bem! Elvira... muito bem!... disse o comendador. A  
piedade assenta maravilhosamente em uma moça bonita como tu. A-  
135 gradeço-te em nome de Abd el-Kader.<sup>13</sup> Verdade é que também lhe de-  
ves alguma gratidão por...

- Por lhe haver despedaçado, outro dia, um caderno de mú-  
sicas, interrompeu a Sr.<sup>14</sup> Passos.

- Não, mas por ter-lhe, hoje, dado uma lição...

140 -A mim? perguntou a moça.

- Sim... Não foi ele receber-me em teu lugar?

- Mau!... disse Elvira, fazendo um engraçado momozinho de  
zanga. Ainda se lembra disso?...

- Ainda, mas hei de esquecer-me. O que eu vejo é que, ape-  
145 sar dos estragos causados pelo meu cão, traz a Senhora<sup>15</sup> uma provi-  
são menos má, acrescentou Duarte Passos introduzindo a mão na  
cestinha que trazia D. Margarida e tirando alguns morangos.

- Alto lá! meu amigo, disse a Sr.<sup>16</sup> Passos afastando-se dele.  
Quer concluir a obra do seu devastador animal?

150 - Como assim? minha querida. Pois não é a mim que destinas  
os teus magníficos morangos.

- Nada, não Senhor. Estes não lhe hão de fazer indigestão...

- Então para quem são eles?...

- Para mim? minha boa mãezinha, perguntou Elvira.

155 - Também não.

- Ah! já sei; disse o comendador. São para o Vieira.

- Isso queria ele!... Não adivinhou, meu rico Senhor. São para  
o Sr. Dr. Eduardo d'Avellar.

- Para o Dr. Eduardo d'Avellar? Oh! que homem endemonia-

160 do! Afinal hei de ver-me coagido a ser seu inimigo!...

- Não há de ser, não! disse Elvira, apertando com ambas as suas delicadas mãozinhas o braço de seu pai.

- Proíbo que lhe o seja! disse por sua vez D. Margarida, adiantando-se para seu marido com um ar comicamente ameaçador.

165 - E eu também, acrescentou a moça.

- Ah! exclamou o comendador. Mas é uma verdadeira rebelião! uma perfeita insurreição! Tomem cuidado! minhas Senhoras<sup>17</sup>, tomem cuidado! Lembrem-se de que tenho um aliado poderoso...

- Não temos medo... disseram afoitamente as duas Senhoras<sup>18</sup>.

170 - Havemos de derrotá-lo, continuou a Sr<sup>a</sup><sup>19</sup> Passos.

- Pulverizá-lo... acrescentou Elvira.

- Mas saibamos... quem é esse seu poderoso auxiliar? perguntou D. Margarida.

175 - Ei-lo!... pronunciou enfaticamente o negociante, apontando para o seu cão da Terra Nova<sup>20</sup>, que, nesta ocasião em que se tratava dos seus mais palpitantes interesses, estava indolentemente deitado e perfeitamente estranho ao que se passava.

As duas senhoras desataram numa estrondosa gargalhada.

180 - Riam-se!... riam-se!... Mas a hora da vingança há de soar!... Ai dos seus morangos! Sr<sup>a</sup><sup>21</sup> D. Margarida... Ai dos seus cadernos de música!... da sua fantasia sobre o Baile de Máscara do célebre Verdi,<sup>22</sup> Sr<sup>a</sup><sup>23</sup> D. Elvira.

185 - Ah!... É assim?... Pois olhe o que eu tenho para o seu aliado, disse a Sr<sup>a</sup><sup>24</sup> Passos apanhando no chão uma vara de marmeleiro.

- Nada, minha mãe, acudiu Elvira; temos coisa melhor; mais pronta e mais segura. Logo pedirei ao doutor uma dose de arsênico.

- Cala-te envenenadora! exclamou Duarte Passos. Terás ânimo de assassinar o meu fiel Abd-el-Kader?<sup>25</sup>

190 - Por certo!...



- Então o Sr. Dr. Avellar, não contente com roubar-me o amor de minha filha, já que nem se abala para me receber quando chego; não contente com roubar-me o amor de minha mulher, que já me recusa os seus morangos e os seus pequenos cuidados; privar-me-á, ainda<sup>26</sup>, da única afeição que me resta, do meu nobre e fiel Abd el-Kader?<sup>27</sup> Oh! Mas isto é uma crueldade! O que me dará ele em troca de tudo quanto me tira?...

- O quê?... disse vivamente a moça. Dar-lhe-á um filho bonito e talentoso, nobre e dedicado. Um filho que terá uma posição honrosa na sociedade, e que há de inscrever o seu belo nome no catálogo dos homens ilustres da sua pátria...

Os lindos olhos negros da moça lampejavam de animação e de entusiasmo, de amor e de orgulho.

Neste momento a filha do comendador estava bela... bela a ponto de tornar louco a quem a visse!...

O comendador não pôde resistir aos impulsos da sua ternura paternal.

Ele agarrou freneticamente na formosa cabeça da moça e cubriu-a de fervorosos beijos, dizendo:

- Sim... ele me dará isso tudo... bem o sei... Porém leva, em compensação, a mulher mais linda, mais espirituosa, mais elegante, mais sensível, mais virtuosa...

- Basta! interrompeu D. Margarida, arrancando dos braços de seu esposo a moça toda enrubescida e perturbada com este chuva-ro de beijos e de superlativos. Basta! Ela também é minha filha... Não pertence somente ao Senhor... acrescentou ela, abraçando e beijando também a moça com a maior ternura.

- Invejosa! disse Duarte Passos.

Neste instante o grupo familiar ouviu parar um carro na altura de sua casa.

Era o mesmo que, como vimos, havia causado tão inexplicável

e dolorosa sensação em Eduardo d'Avellar.

Pouco depois a campainha da entrada certificou-os de que tinham com efeito uma visita.

225 - O doutor janta hoje conosco? perguntou o negociante.

- Não, respondeu Elvira. Além de que nunca se faz anunciar pela campainha.

- Bom... tornou Passos. Joaquim, vai dizer-nos quem nos honra a esta hora.

230 Um negro já idoso, calçado e aceiadamente trajado; um desses escravos, tão raros como preciosos; que acabam por tornar-se membros da família, e que os pais legam aos filhos como um amigo e guarda fiel, acudiu apressado e dirigiu-se ao comendador:

- Então? Joaquim... perguntou este. Que novidade temos?...

235 - É um Senhor que eu não conheço e que quer falar com o meu Senhor...

- Como se chama?

- Eu perguntei o nome, mas ele disse que não era preciso porque meu senhor não conhecia ele.

240 - Está bom... Espero que será menos reservado para comigo. Fizeste-o entrar?

- Sim Senhor; está na sala de espera.

- Introduze-o no salão e dize-lhe que sou <sup>28</sup> com ele em um minuto.

245 O escravo retirou-se com a mesma pressa com que viera.

- Quem me procurará a esta hora? disse o negociante, como falando consigo mesmo.

- Não esperavas alguém? meu amigo, perguntou D. Margarida.

250 - Não. Enfim; não o quero fazer esperar muito. Até já. Faze servir o jantar pois sinto-me com bastante apetite.

Falando assim o comendador encaminhou-se expeditamente para casa, entrou para sala de jantar, e atirando o chapéu sobre uma

cadeira, dirigiu-se imediatamente à sala de visitas.

255 Aí achou-se em face de um homem que regulava, pouco mais ou menos, a sua idade, de aparência severa e respeitável.

Com efeito o comendador não conhecia o recém-chegado.

Mais perspicaz do que o negociante, já terá o leitor adivinhado que esta visita era, nem mais nem menos, o nosso conhecido velho Manoel d'Avellar.

260 Os dois velhos cumprimentaram-se gravemente.

- É com o Sr. Duarte Passos que tenho a honra de falar? perguntou o fazendeiro que se havia levantado, dando um passo ao encontro do comendador.

265 - Sim, Senhor... um seu criado; respondeu o outro convidando-o, por um gesto a sentar-se de novo e tomando, igualmente, assento defronte dele.

- Pois Sr. Passos, tornou o fazendeiro, eu chamo-me Manoel d'Avellar e sou pai de Eduardo d'Avellar.

270 - O Sr. Avellar!... exclamou o comendador levantando-se prontamente e estendendo a mão ao fazendeiro. Queira desculpar-me... mas estava tão longe de esperar o prazer da sua visita!...

Manoel d'Avellar pareceu hesitar, mas afinal resolveu-se a apertar a mão que lhe apresentava o negociante com toda a cordialidade.

275 - Permita-me que chame minha Senhora<sup>29</sup> e minha filha que terão muita satisfação em conhecê-lo, meu caro Sr. Avelar, acrescentou Passos querendo sair.

280 - Não... não... disse o fazendeiro, detendo-o. Não é preciso... peço-lhe que não incomode as Senhoras<sup>30</sup> por minha causa... A minha visita é de pouca demora...

- Ah!... fez o comendador olhando-o admirado.

- Nesse caso... a gosto, Sr. Avellar, prosseguiu ele em um tom que não era extreme de desconfiança, e tornando a sentar-se.

Estou ansioso por saber a que devo a honra da sua visita.

285 - Eu já me explico, Sr. Passos... eu já me explico, disse Manoel d'Avellar, sentindo-se bastante embaraçado sobre a maneira por que devia começar a sua explicação que, por fim de contas não deixava de ser bem espinhosa.

290 O pai de Eduardo tossiu, assoou-se, esticou os colarinhos e afinal pronunciou nestes termos:

- Saberá o Sr. Passos que meu filho Eduardo é um moço de muita capacidade e que tem dado até agora muito boas contas de si...

295 - Ninguém, melhor do que eu, avalia o merecimento e nobres qualidades do Sr. Dr. Avellar...

- Muito obrigado... Mas, contudo, meu filho tem, como todos nós, os seus defeitos. O principal é contar, apenas 21 anos.

- Defeito que, estou certo, muita gente lhe invejará.

300 - O Sr. Passos não me compreendeu... Quando digo que Eduardo tem 21 anos quero significar com isso que meu filho não tem experiência alguma dos homens e das coisas; que se deixa levar pelas primeiras impressões; que não tem a calma necessária para vencer as suas paixões e...

- Entendo... entendo perfeitamente...

305 - Muito bem. Ora, como ia dizendo, Eduardo, apesar de todas as boas qualidades que possui, e que o Senhor mesmo lhe reconhece, incorreu em uma grave falta, falta essa devida ao fogo e à inconsideração própria dos seus poucos anos, e que eu procurarei reparar a todo o transe...

310 O semblante do comendador tornara-se carregado. Ele julgava antever o ponto a que o fazendeiro queria chegar.

Este, depois de uma grave pausa, continuou:

- Esquecendo compromissos sagrados em que se achava empenhada a nos sa honra, enfeitado pelas perfeições da Ilustríssima<sup>31</sup> Senhora<sup>32</sup>

315 sua filha, que não tenho a honra de conhecer, mas que Deus me livre de pôr em dúvida, Eduardo aventurou um passo que está muito longe de merecer a minha aprovação...

- Como, Senhor? ... perguntou o comendador saltando na cadeira e tornando-se rubro de indignação.

320 - É o que lhe digo, meu caro Senhor, tornou o fazendeiro com toda a fleuma.... Peço-lhe que se modere. Julgo estar falando com um homem cordato e razoável e espero que não deixará de reconhecer o direito que me assiste de intervir em um negócio que, tão de perto, me interessa...

325

continua<sup>33</sup>

## NOTAS EXPLICATIVAS

### PRIMEIRA NARRATIVA: "O QUI-PRO-QUO"

#### CAPÍTULO I

1. Expressão latina que significa equívoco, confusão de uma coisa com outra. No latim escreve-se sem hífen. No português escreve-se quíproquô.
2. Nome oficial do Rio de Janeiro nos seus primeiros tempos. A inovação conferida ao Santo - São Sebastião - foi em homenagem a D. Sebastião, rei de Portugal. Hoje, chama-se apenas Rio de Janeiro. "São" é abreviado no original.
3. O mesmo que 'vacas taurinas', espécie doméstica de bovinos que em tempos remotos expandiu-se pela Europa e originou o chamado 'bos tauros', que adaptou-se ao clima temperado. As modernas raças de taurinos são praticamente todas de origem europeia.
4. Palavra não dicionarizada. Pelo que se deduz do contexto, parece tratar-se de uma espécie de peixe.
5. Os travessões (—) antes e depois do termo 'camalô' é 'foi

fô*í*' não foram alterados na transcrição do texto, por ser marca do estilo do autor. Observe que o travessão após 'foi fô*í*' é seguido do ponto.

6. Onomatopéia que imita o som de uma buzina.
7. Hotel na rua Fresca, atual Clapp, construído por Luís Adolfo Pharoux, exilado francês aqui aportado em 1817 e que obteve do Governo fazer por conta própria alguns melhoramentos no Cais Pharoux. Nele se reuniam os amantes da boa mesa, atraídos pela cozinha francesa. Intelectuais e jornalistas dele faziam um ponto habitual de encontro durante longas décadas do século passado.
8. Casa do Governo, corte.
9. O Largo do Paço é hoje a Praça Quinze de Novembro.
10. Peixe do rio Amazonas, de grande porte. Pelo que se deduz do contexto, trata-se aqui de uma estátua que compõe o chariz. No texto do jornal é escrita sem hífen.
11. O autor refere-se à fêmea do peixe-boi por relutar em mostrar o focinho como que por recato. Apesar de ser um neologismo, ela não é grifada no folhetim do jornal.
12. Vide nota (10) deste capítulo.

13. Contração do pronome "lhe" com o artigo "o" no jornal está "lh'o".
14. No texto do jornal, "daqueles" aparece de forma ainda não aglutinada, com o apóstrofo entre a preposição e o pronome demonstrativo.
15. Transcreveu-se "&&" como no original. Pelo contexto parece significar "etc".
16. Ivan Stepanovitch Mazeppa viveu de 1644 a 1709, sua vida e aventuras foram conservadas pela história e transfiguradas pela lenda, inspirando numerosas obras literárias e artísticas: Memórias, do polonês Chrysoston Posek escrito em 1836; Mazeppa, de Sulinsz, 1840; Orientales, de Victor Hugo, 1829; História de Charles XII, de Voltaire, 1731; Mazeppa, poema de Byron, 1819; Poltava, poema de Porche Kine, 1828; poema sinfônico Mazeppa, 1850.
17. George Gordon Noel Byron. Poeta inglês. Nasceu em Londres a 22 de janeiro de 1788 e morreu em Missolonghi, Grécia, a 29 de abril de 1824. Exerceu grande influência nos seus contemporâneos por representar a sensibilidade típica do "mal do século".
18. Moeda corrente na época. Valia vinte réis.
19. Alteração feita pelo autor do provérbio "Mais vale um gosto



do que dois vintêns". O Dicionário de aforismos, provérbios e refranes na p. 258 traz o provérbio "Mãs vale gusto que cien panderos" e explica o significado dizendo que prefere-se um prazer ao bem que pode resultar a omissão do mesmo.

20. Gíria da época que significa a pessoa que traja ao rigor da moda, que afeta uma certa originalidade.
21. Forma carinhosa de mãe.
22. Indivíduo vestido com excessivo apuro; elegante.
23. No original aparece a forma "peior" de uso corrente na época.
24. Teatro que nos meados do século XIX trazia aos cariocas artistas francesas. Foi a princípio na Rua da Vala, atual Uruguaiana.
25. Expressão correspondente a "mais ou menos"; algo mediano.
26. Traduz-se a expressão: primadonas; ou principais do gênero e celebridades, parisienses.
27. A palavra peixe-boi aparece no original sem hífen, neste caso particular. Para esclarecimento do termo, vide nota (10) deste capítulo.

28. Dos muitos rossios que teve a cidade, dois ficaram com esse nome na crônica do Rio: o pequeno, atual Praça Onze e o grande, a Praça Tiradentes.
29. Segundo Horácio de Almeida, em seu Dicionário de termos eróticos e afins, o termo camélia significa meretriz.
30. Interjeição que significa caluda, silêncio, chuta!
31. O termo artigo refere-se à camélia.
32. Expressão latina que significa: folhas encadernadas, volume de folhas, livro impresso em folhas inteiras, que não foram dobradas.
33. Do latim, significa: algemas, laço, prisão.
34. Eram assim chamadas as casacas usadas naquela época, que tinham a parte de trás comprida e rachada ao meio, lembrando a cauda desse peixe.
35. Abrevia-se no original algumas vezes "vmc.", como acontece nesse caso particular.
36. Vide nota (35).
37. Vide nota (35).

38. A expressão latina significa "ao começo".

## CAPÍTULO II

1. Inicial do nome do estudante companheiro de quarto de Júlio. O autor usa sempre "R" ao referir-se a esse personagem.
2. Uma das primeiras ruas do Rio de Janeiro. Abrangia o trecho entre a Santa Casa e a Praça Quinze de Novembro. (PROENÇA, Cavalcanti. "Geografia de Alencar". In: — Ficção Completa, Aguilar)..
3. A palavra número está abreviada no original "nº".
4. Na mitologia grega, Pitonisa é a sacerdotiza do templo de Apolo, em Delfos — cidade grega. O mesmo que Pítia. Os gregos davam o nome de Pitonisas a todas as mulheres capazes de proferir oráculos ou advinhar o porvir, ou que faziam profissão de adivinhadoras.
5. Vide nota (15) do capítulo I, desta narrativa..

6. Do latim traduz-se; e o grupo restante que acompanha. No contexto, a expressão latina refere-se às demais partes que compõem o esqueleto.
7. Relativo à Faial, região de Portugal.
8. Fez-se necessário acrescentar essa vírgula na transcrição depois de "R", para clareza do texto.
9. Expressão latina que significa: em trajes menores ou íntimos.
10. Confeitaria famosa em que, depois de uma sessão teatral, era de bom tom ceiar. Primitivamente situada na Rua do Ouvidor, mudou-se mais tarde para a Rua Direita, atual Primeiro de Março, que, no trecho entre a do Ouvidor e a travessa dos Barbeiros, passou a ser conhecida como "Boulevard Carceller". O nome era do confeitiro francês, seu proprietário. (PROENÇA, Cavalcanti. "Geografia de Alencar". In: — Ficção Completa, Aguilar).
11. Nesse trecho, conserva-se na transcrição as características da fala do povo registradas pelo autor.
12. No final dessa frase, é colocado o sinal de interrogação que faltou no original.
13. Vide nota (11) deste capítulo.

14. Vide nota (33) referente ao capítulo I, desta narrativa.
15. A vírgula após a palavra menos foi acrescida na transcrição por se fazer necessária ao perfeito entendimento da frase.
16. Acréscimo de vírgula necessário na transcrição após livrar-me.
17. Depois da palavra Sr.<sup>a</sup>, no original, há vírgula que foi eliminada na transcrição por dificultar o entendimento do texto.

### CAPÍTULO III

1. Vem grafada no original como uma única palavra e com um só "r": "Derepente".
2. Palavra inglesa incorporada atualmente ao nosso vocabulário sem nenhuma alteração. Espécie de luta em que se usam as mãos cobertas por luvas especiais.
3. Palavra usada no sentido irônico.
4. No original existe oscilação em relação à abreviatura da

palavra Senhora. Neste caso particular, abreviou-se Sra. Porém preferimos uniformizá-la, adotando a forma em vigor atualmente: Sr.<sup>a</sup> quando precede nome de personagem. Quando não precede nome, escreve-se por extenso: Senhora.

5. O autor refere-se a jacarês, que segundo a crença popular chocam seus ovos com os olhos.
6. Vide nota (4) deste mesmo capítulo.
7. IDEM.
8. Do latim: "por decência".
9. Vide nota (4) deste capítulo.
10. Depois da palavra afirma acrescentou-se na transcrição uma vírgula que se faz necessária ao perfeito entendimento do texto.
11. Vide nota (4) deste capítulo.
12. No original está grafado maltidos, provavelmente trata-se aqui de um erro de impressão.
13. Ressalta-se com grifo a palavra confraria para produzir efeito irônico.
14. Vide nota (4) deste capítulo.

15. IDEM.

16. Acrescentou-se aqui, depois da palavra pergunta, uma vírgula necessária ao perfeito entendimento da frase.

17. Do francês: espécie de monóculo muito comum na época. Ou óculos sem hastes, que numa mola mantêm-se no nariz.

18. Do latim: por formalidade. Corresponde à forma atual pro forma.

19. Vide nota (4) desse capítulo.

20. IDEM.

21. Vide nota (23) referente ao capítulo I, desta narrativa.

22. Expressão latina que significa: no fim da vida; até o último momento da vida.

23. Vide nota (4) deste capítulo.

24. Provavelmente, trata-se aqui de uma onomatopéia, procurando imitar o som de um espirro. No contexto é uma espécie de "último suspiro".

25. Refere-se ao personagem de Eurico, o Presbítero, de Alexandre Herculano. Antigo gadingo, enamorado de Hermengarda.

Não pôde desposá-la, impedidos de se unirem por causa de preconceitos aristocráticos. Tenta libertá-la das mãos dos árabes e consegue. Nesse episódio o amor renasce entre eles. Mas a dignidade do sacerdócio exige que se separem. Para remir sua falta, Eurico procura a morte na luta contra os árabes e Hermengarda elouquece. Essa obra aborda temas do sacrilégio e do sacrifício. (COELHO, Jacinto do Prado. Dicionário de literatura).

26. Do italiano: literalmente, um pequeno fogo no peito; ou uma paixão.
27. Vide nota (4) referente a este capítulo.
28. Idem.
29. Idem.
30. Idem.
31. Idem.
32. Idem.

#### CAPÍTULO IV

1. Vide nota (4) referente ao capítulo III.
2. Idem.



3. Depois da palavra "proceder" foi colocado, na transcrição um sinal de exclamação, pois no original constava um ponto de interrogação que estava deslocado no contexto, parecendo ser um erro de tipografia.
4. Aparelho para gerar eletricidade estática por indução. No texto, o autor compara a energia deixada pela moça nas suas roupas a de um eletróforo.
5. Do latim: palavras que se acrescentam a uma carta, no final, depois de escrita.
6. Plural de post-scriptum. Vide nota acima.

## CAPÍTULO V

1. Vide nota (4) referente ao capítulo III desta narrativa.
2. Vide nota (10) referente ao capítulo II desta narrativa.
3. No original está abreviada "v.<sup>a</sup>".
4. Vide nota (6) do capítulo IV desta narrativa.
5. Idem.
6. Do latim, significa "desejo".
7. Expressão francesa que significa "de qualquer jeito".

8. Eliminou-se, na transcrição, a vírgula de portanto (existente no original), por não ser correto segundo as normas gramaticais.
9. Do latim: argumento usado por alguém traído.
10. Depois da palavra terã, eliminou-se a vírgula que existia no original por não estar de acordo com as normas gramaticais.
11. Vide nota (4) referente ao capítulo III desta narrativa.
12. Do verbo cohonestar, significa aparentar honestidade; salvar as aparências; permitir.
13. No sentido figurado, significa "desconfiar-se".

## CAPÍTULO VI

1. Vide nota (1) do capítulo I desta narrativa.
2. Conservou-se a forma francesa do original, ao invés de aporuguesar-se para toalettes. Roupas. Em português equivale a vestuário mais apurado que o usual.

3. Conservou-se a forma latina como no original, ao invés de traduzir-se: "em mente".
4. Do latim significa: a sorte está lançada. Houve aqui uma inversão da frase pronunciada por Júlio César: "Alea jacta est".
5. Segundo Tassilo Orpheu Spalding em seu Dicionário da mitologia grego-latina: Era rei de duas pequenas ilhas do Mar Jônio: Ítaca e Dulíquio. Ulisses é a personificação da política e da habilidade dos tempos heróicos; representa o gênio da Antigüidade. Superava todos os mortais pela sua eloquência, sagacidade, coragem a toda prova, temeridade nos perigos e, principalmente, pelas suas manhas ardilosas e refinadas... Em Ulisses parece ajustar-se perfeitamente o princípio de que os fins justificam os meios...
6. Filho de Plístenes e irmão de Agamenon. Foi o marido de Helena. (SPALDING, Tassilo Orpheu - op. cit.)
7. Filha de Tíndaro, rei de Esparta, e de Leda, filha do rei de Etólia. Foi a causadora da Guerra de Tróia por ter traído Menelau com o jovem Páris. (SPALDING, Tassilo Orpheu - op. cit.)
8. Ilha do Mar Jônio, separado por um estreito braço do mar da Ilha de Cefalênia, que lhe fica a leste. Terra de Ulisses. Hoje Tiaqui. (SPALDING, Tassilo Orpheu - op.cit.)

9. Irmão de Menelau. Quando o irmão, ultrajado em sua honra conjugal, apelou para todos os reis da Grécia, Agamenon tomou em suas mãos a causa do Irmão e preparou exércitos a fim de sitiá Tróia. O nome de Agamenon está intimamente ligado à guerra de Tróia. (SPALDING, Tassilo Orpheu - op.cit).
10. O pontilhado, como se apresenta no original, foi conservado na transcrição por se tratar de estilo do autor.
11. Vide nota (4) referente ao capítulo III desta narrativa.
12. IDEM.
13. IDEM.
14. IDEM.
15. Vide nota (21) referente ao capítulo I desta narrativa.
16. Expressão popular que significa: adquirir soltura; tornar-se confiado, chegando ao ponto de ser enfadonho.
17. Vide nota (4) referente ao capítulo III desta narrativa.
18. IDEM.
19. IDEM.

20. IDEM,

21. IDEM.

22. IDEM.

23. IDEM.

24. IDEM.

25. IDEM.

26. IDEM.

27. Iniciais do nome do autor 'Lacerda Coutinho', Colocados ao pé da página do jornal significando o fim da primeira narrativa.

## SEGUNDA NARRATIVA: 'EDUARDO'

### CAPÍTULO I

1. Do latim, significa: para todos. Conservou-se a forma latina do original, assim como foram respeitados os demais estrangeirismos do texto. Nos fins do século XIX, eram carros utilizados no serviço público e eram puxados por cavalos.
2. IDEM.
3. Localiza-se atualmente nesse largo o terminal dos ônibus que levam à Zona Norte do Rio de Janeiro.
4. Vide nota (1) deste capítulo.
5. Bairro onde fica atualmente o Elevado Paulo de Frontim que leva ao túnel Rebouças, que liga a Zona Norte à Zona Sul.
6. Carro de dois assentos, sem boléia, com capota, de duas rodas e puxados por um só animal. Invenção do inglês Tilbury, circulando pela primeira vez em 1818, em Londres. Chegou ao Rio de Janeiro em 1830.
7. Vide nota (1) desse capítulo.
8. Atual Bairro São Cristóvão no Rio de Janeiro. Não se sabe se pela abundância de caititus em suas matas ou se por existir por ali criação e matança de suínos.
9. Vide nota (1) desse capítulo.
10. Afetado no trajar, janota, elegante.

11. Vide nota (20), capítulo I, primeira narrativa.
12. Luxuoso, festivo.
13. Vide nota (15), capítulo I, primeira narrativa.
14. Vide nota (20), capítulo I, primeira narrativa.
15. Vide nota (4) referente ao capítulo III da primeira narrativa.
16. Medida inglesa de comprimento, equivalente a 25,40mm do sistema métrico decimal.
17. Vide nota (4) referente ao capítulo III da primeira narrativa.
18. Vide nota (17) do capítulo III da primeira narrativa.
19. Do francês, significando: defronte; em face; pessoa sentada ou colocada na frente de outra à mesa, num bailado ou numa quadrilha, etc.
20. Mulher de vida desregrada; meretriz; mulher provocante; sedutora.
21. Vide nota (20), capítulo I da primeira narrativa.

22. Vide nota (1), do capítulo I, da segunda narrativa.
23. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
24. Vide nota (21), do capítulo I, da primeira narrativa.
25. Namoro.
26. Vide nota (20), do capítulo I, da primeira narrativa.
27. Vide nota (1) deste capítulo.
28. Vide nota (17) do capítulo III da primeira narrativa.
29. Vide nota (20) do capítulo I, da primeira narrativa.
30. IDEM.
31. Vide nota (1) deste capítulo.
32. IDEM.
33. Rua do Rio antigo.
34. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
35. Vide nota (1) deste capítulo.



36. Esse travessão foi conservado por fazer parte do estilo do autor.
37. Vide nota (20), do capítulo I, da primeira narrativa.
38. Vide nota (8) deste capítulo.
39. Vide nota (20), do capítulo I, da primeira narrativa.
40. Vide nota (1) deste capítulo.
41. Vide nota (4), do capítulo I, da primeira narrativa.
42. Vide nota (1) deste capítulo.
43. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.

## CAPÍTULO II

1. Palavra não dicionarizada, refere-se a cão e está metafori- camente, significando indivíduos desclassificados.
2. O autor refere-se aqui a Alcázar Lirique. Vide nota (24) do capítulo I, da primeira narrativa.

3. Dança francesa de movimentos muito rápidos e curtos.
4. Traduz-se do latim: "Ambos florescendo pela idade. Ambos Ar cades."
5. Acrescentou-se ao original essa vírgula que se faz necessá ria à compreensão da frase.
6. Refere-se a Jean Cruveilhier, médico francês (Limoges, 1791 - Sussac, perto de Limoges, 1874). Sucedeu a seu mestre Dupuytren como professor de anatomia patológica (1835). Escreveu vários tratados de anatomia.
7. Beclard (Pierre Augustin) anatomista e cirurgião francês (1785 -1825).
8. Vide nota (1), do capítulo I, da segunda narrativa.
9. Expressão latina, comumente usada por religiosos que significa: O Senhor esteja contigo!
10. Vide nota (1), capítulo I, da segunda narrativa.
11. IDEM.
12. IDEM.
13. Vide nota (4), capítulo III, segunda narrativa.

14. Rua diminuída pela construção da avenida Presidente Vargas.  
O nome, segundo Melo Moraes, veio de uma quitanda existente no seu cruzamento com a rua da Alfândega.
15. Vide nota (33), do capítulo I, desta narrativa.
16. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
17. Hoje, abrevia-se "Cia" ou "C.<sup>ia</sup>".
18. Conserva-se a forma original em francês — embora atualmente já haja a forma aportuguesada 'champanhe'.
19. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
20. IDEM.
21. Vide nota (1) do capítulo I, da segunda narrativa.
22. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.

### CAPÍTULO III

1. No jornal, aparece no singular - apreendido.
2. Jogo de cartas de andamento semelhante ao voltaretê e, no

valor das cartas, à manilha.

3. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
4. Grifo do autor para acentuar o significado irônico.
5. No original, Vieira aparece aqui representado pela inicial "V".
6. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
7. IDEM.
8. Nasceu em Lisboa em 1800. Foi poeta, sendo considerado um clássico da Língua por seu casticismo e elegância. Foi uma espécie de mestre do Romantismo. Presença da literatura portuguesa. AMORA, MOISÉS e SPINA, vol. II, p.150 e 151.
9. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
10. Nasceu em Porto em 1799. "Foi o mais acabado representante do espírito romântico em Portugal". Escreveu poesias, fez teatro, além de obras em prosa. Foi o responsável pela criação do teatro nacional em seu país. AMORA, MOISÉS e SPINA, op. cit. vol. III, p.103 e 104.
11. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
12. Dona Branca: poema da fase romântica de João Batista da

Silva Leitão de Almeida Garrett, de 1826. Este seu poema, da segunda fase romântica está entre os mais significativos do autor. Seus temas são medievais e quinhentistas. O Dona Branca é chamado também A conquista do algarve; ponto de partida do romantismo português.

13. Escritor alemão, Ernst Teodor Wilhelm Hoffmann, por amor a Mozart passou assinar Ernst Teodor Amadeus, ou simplesmente E.T.A. Hoffmann. Nasceu em Königsberg a 24 de janeiro de 1776 e morreu em Berlim a 25 de julho de 1822.

"... burocrata pontual e eficiente e bohémien extravagante; grande escritor, excelente desenhista e notável compositor de música de câmara, música sacra e de ópera; juiz de integridade corajosa e diretor de teatro cheio de iniciativas inovadoras, visionário de espectros, estudioso de ciências ocultas e humorista sarcástico... Foi o maior narrador da época do Romantismo". (Informações extraídas de O Romantismo de J. Guinsburg, p.161 e 162).

14. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.

15. Vide nota (13) deste capítulo.

16. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.

17. IDEM.

18. Vide nota (13) deste capítulo,
19. IDEM.
20. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
21. IDEM.
22. IDEM.
23. Vide nota (2), do capítulo III, da segunda narrativa.

## CAPÍTULO IV

1. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
2. IDEM.
3. Havia, no original, uma vírgula antes de que; porém a eliminamos na transcrição para clareza da frase.
4. Este travessão foi acrescentado na transcrição.
5. Palavra em itálico no original, significando outra alma. Destacada por ser palavra de outrem.

6. Escritor francês, nasceu em 8 de novembro de 1763. Morreu em 12/06/1852. Publicou Viagem ao redor do meu quarto, em 1795, seu livro mais conhecido. Precursor do Romantismo.
7. A rua da Ajuda começava na Praia de Santa Luzia, na altura do Senado e terminava na esquina das ruas São José e Ourives, atual Miguel Couto. Foi das mais importantes do Rio Colonial. Com a abertura da avenida Rio Branco dela restou o trecho que é hoje a rua Chile.
8. No original não há vírgula após a palavra não; porém, fez-se necessário o seu acréscimo na transcrição para clareza da frase.
9. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
10. Deve tratar-se de gíria da época.
11. Vide nota (2), do capítulo VI, da primeira narrativa.

## CAPÍTULO V

1. Havia no original uma vírgula depois da palavra ou que foi omitida na transcrição para clareza da frase.

2. Esta vírgula foi acrescentada na transcrição por razões gramáticas.
3. No original francês; Feuilles d'automne - coletânea de poemas de Victor Hugo (1802-1885) publicada em 1831. (Dictionnaire des Oeuvres, Laffont - Bompiani).
4. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
5. IDEM.
6. No original está grafado v<sup>m</sup>.
7. IDEM.
8. IDEM.
9. IDEM.
10. IDEM.
11. Neologismo do autor. Ele joga com as palavras para fazer humor. É usado no sentido de negação de começar. É o não começar, que simula começar, sem de fato o fazer.
12. Vide nota (6) deste capítulo.
13. Vide nota (15), do capítulo II, da primeira narrativa.



14. Vide nota (6) deste capítulo.
15. O mesmo que corretivos.
16. Diminutivo espanhol correspondente ao português inteirinha.
17. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.
18. Transformação do provérbio: "dito e feito". Significa: o pre visto aconteceu.
19. Vide nota (6) deste capítulo.
20. IDEM.
21. (460 - 370 a.C.) Um dos maiores cientistas da antiga Grécia. É considerado o "pai da medicina". A tradição atribui a ele setenta tratados de anatomia, fisiologia e química, com o título de "Corpus hipocratium". A Hipócrates se devem também os Aforismos e o célebre "juramento", lei moral válida ainda hoje para quem exerce profissão de médico. Sua efígie chegou até nós através de moedas gregas e de um busto do século III, conservado no Museu de Óstia.
22. Cláudio Galeno (129-201), Médico e filósofo grego. Renovou a tradição hipocrática introduzindo terapias específicas para cada órgão. Distinguiu três "espíritos" localizados, respectivamente, no cérebro, no coração e no fígado. Ampliou os co

nhecimentos sobre o sistema ósseo, rins, paralisiais locais e sobre a dietética. Sua escola foi importante até o Renascimento. Obras: Methodus medendi e Ars medica.

23. Trecho de uma modinha da época.

24. Espécie de guitarra de braço curto, cordas de tripa e bordões.

25. Trecho de uma modinha da época.

26. Vide nota (6), deste capítulo.

27. IDEM.

28. IDEM.

## CAPÍTULO VI

1. Termo latino que corresponde, em português, a occipício. Parte infero - posterior da cabeça. (Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, vol.2).

## C A P Í T U L O VII

1. Expressão latina: o outro eu. Amigo íntimo em que se pode ter a mesma confiança que se tem em si mesmo.
2. Vide nota (6) do capítulo v, da segunda narrativa.
3. IDEM.
4. IDEM.
5. IDEM.
6. IDEM.
7. IDEM;
8. IDEM.
9. IDEM.
10. IDEM.
11. IDEM.
12. IDEM.

13. IDEM.

14. IDEM.

15. IDEM.

16. IDEM.

17. Hotel de categoria da época.

18. Praça de passeio onde existiam cotias. Hoje em dia, há nos arredores o Ministério da Guerra, o terminal ferroviário, a Casa da Moeda, o Museu Marechal Deodoro, a Igreja de São Jorge, a parada central do metrô, o Hospital Souza Aguiar, etc.

## CAPÍTULO VIII

1. Vide nota (1), do capítulo I, da segunda narrativa.

2. Província do Canadá. A ilha foi a primeira colônia do Império Britânico por suas riquezas. Foi, desde então, importante reduto inglês. O texto refere-se aqui à raça de cães que se supõe originária da Terra Nova, de grande tamanho e pêlo negro e longo. É um precioso companheiro do homem.

3. Escreve-se "Abd el-Kader, chefe argelino, nasceu em Mascara, em 1807, e faleceu em Damasco, Síria, em 1883. Iniciou uma peregrinação a Meca em 1827 e estudou cinco anos em Bagdad e no Cairo. Voltando à Argélia em 1832, foi proclamado chefe da resistência, após derrotar os franceses em Oran. Com a vitória de Macta em 1835, Abd el-Kader obteve da França o tratado de Tafna (1837), pelo que lhe era reconhecida a autoridade sobre grande parte da Argélia, respeitada a sua soberania francesa. Com a paz, expandiu e reorganizou o seu reino.
  
4. Giuseppe Verdi (1813-1901). Compositor italiano. Demonstrando muito talento para a música, iniciou seus estudos muito cedo. É considerado dos maiores compositores de ópera do mundo. O título verdadeiro é Um baile de máscaras (1859): melodrama em três atos, sobre o livro de Antônio Somma (1809-1865), inspirado em Gustavo III, ou O baile de Máscara, de A. Eugène Scribe (1791-1861). Primeira representação: Roma, Teatro Apollo, 17 de fevereiro de 1859. (Dicionário de música, La opera e Maravilhas da música universal vol. II).
  
5. Vide nota (4), capítulo III, da primeira narrativa,
  
6. Vide nota (3) deste capítulo.
  
7. Vide nota (4), do capítulo III, da primeira narrativa.

8. Adjetivo pátrio referente à Argélia ou Argel, Refere-se ao  
cão. Conserva-se aqui a inicial maiúscula conforme origi -  
nal.
9. Vide nota (2) deste capítulo.
10. Vide nota (13) deste capítulo.
11. IDEM.
12. IDEM.
13. IDEM.
14. Vide nota (4), capítulo III, da primeira narrativa.
15. IDEM.
16. IDEM.
17. IDEM.
18. IDEM.
19. IDEM.
20. Vide nota (2), deste capítulo.

21. IDEM.

22. Vide nota (4), deste mesmo capítulo.

23. Vide nota (4), capítulo III, primeira narrativa.

24. IDEM.

25. Vide nota (3) deste mesmo capítulo.

26. Acrescentou-se vírgula depois da palavra ainda para clareza da frase.

27. Vide nota (3) deste capítulo.

28. O verbo ser é empregado no sentido de estar. Portanto, "di zer-lhe que sou com ele" é o mesmo que; dizer-lhe que es tou (ou estarei) com ele.

29. Vide nota (4), capítulo III, da primeira narrativa.

30. IDEM.

31. No original aparece abreviado "Ill.<sup>ma</sup>".

32. Vide nota (4), capítulo III, da primeira narrativa.

33. No final do texto original, a palavra, continua deixa-nos, à primeira vista, a impressão de que a narrativa está incompleta. Porém, não há provas concretas que confirmem esta última hipótese, nem a de que o autor tivesse a intenção de encerrá-la por ali.



## BIBLIOGRAFIA

## DO AUTOR:

## 1. POESIA:

Greenhalg. Rio de Janeiro, 1866, 23p. (com retrato do herói).

Ovidianas. Rio de Janeiro, Bernard Flores, 1910, 247p.

Páginas soltas.<sup>1</sup> (coletânea de versos incluindo Greenhalg), 1913.

Observação: publicou poesias nos jornais O Despertador, no Desterro; Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, O Mosquito, no Rio de Janeiro.

## 2. PROSA:

Cenas da vida de estudante.<sup>2</sup> In: — O Despertador, Desterro, 1863 a 1865.

## 3. PEÇAS DE TEATRO:

Casa para alugar (comédia)

A moça domingueira (comédia)

Quem desdenha quer comprar<sup>3</sup> (provérbio em um ato), 1868, Santa Catarina, 1868, 76p.

Observação: Segundo Henrique Fontes, as três peças estão perdidas, sendo que não há referência de data das duas primeiras.

4. DISSERTAÇÃO (tese de doutoramento):

Teorias das secreções, Rio de Janeiro, Universal, 1868,  
50p.

5. TRADUÇÕES:

Fromont jeune et Risle aîné<sup>4</sup> de Daudet.

Índias negras<sup>5</sup> de Júlio Verne.

Lendas escandinavas<sup>6</sup>, Rio de Janeiro, Besnard, Frères,  
1917, 240p.

NOTAS

1. Páginas soltas foi publicada por João Francisco de Lacerda Coutinho.
2. Maiores referências, consultar quadro da cronologia da publicação da obra.
3. Houve duas edições da peça.
4. Essa obra foi publicada em português pelo autor nos jornais da época.
5. Idem.
6. O título é Dânica história (tradução de contos escandinavos).

SOBRE O AUTOR: .....

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. vol. IV, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1970, p.364.

BOITEUX, José. "Catarinenses ilustres: Dr. J.C. de Lacerda Coutinho". In: — Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. vol. VI, Florianópolis, Tip. da Escola de Aprendizes Artífices, 1917.

BOITEUX, Lucas Alexandre. História da imprensa catarinense. 1915 (texto mimeografado).

\_\_\_\_\_. Imprensa de Santa Catarina. (extraído do jornal O Estado, ano I, domingo, 27 de junho de 1915, nº 30).

\_\_\_\_\_. A província de Santa Catarina nas guerras do Uruguai, e Paraguai; notas e apontamentos. Florianópolis, UFSC, p.168 a 173.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Medicina, médios e charlatões do passado. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1942, pp.200,230, 239,253,254.

---

\_\_\_\_\_. Nossa Senhora do Desterro. Florianópolis, vol.2, Lunardelli, 1979, p.125 e 126.

CARDOSO, Flávio José & CORRÊA, Nereu. "A palavra de Flávio José Cardoso". In: — Como quem acha um tesouro. Florianópolis, Lunardelli, 1986, p.26 a 29 e 36 e 37.

CORRÊA, Carlos Humberto. Os governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982 - notas bibliográficas. Florianópolis, Editora da UFSC, 1983, p.122.

COUTINHO, Afrânio. "O movimento romântico". In: — Introdução à literatura no Brasil. 3. ed., Rio de Janeiro, Livraria São José, 1966, pp.139 a 178.

COUTINHO, João Francisco de Lacerda. "Centenário do nascimento do doutor José Cândido de Lacerda Coutinho". In: — Autores e livros. nº 18, 3ª vol., p.279/81 (13-12-1942).

FONTES, Henrique. Digressões antroponímicas. Florianópolis. /s.ed./, 1950, p.192.

---

\_\_\_\_\_. Lacerda Coutinho. Florianópolis, Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1943, pp.299 a 301.

GALVÃO, Manoel da Fonseca. "Fala do vice-presidente Manoel da Fonseca Galvão". O Despertador, Desterro, 31/janeiro/1870.

- JUNKES, Lauro. Presença da literatura em Santa Catarina. Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.35 a 37.
- MARTINS, Wilson. História da Inteligência brasileira. São Paulo. vol. III, Cultrix, 1977, p.288.
- MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2.ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978. pp. 215 e 216.
- PIAZZA, Walter Fernando. Dicionário político catarinense. Florianópolis, Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p.189.
- \_\_\_\_\_. O Poder Legistivo catarinense: das suas raízes aos nossos dias (1834-1984). Florianópolis, Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, pp. 120,182, 156,183,104,309.
- \_\_\_\_\_. O presidente João José Coutinho; estudo biográfico. Florianópolis, Comissão Nacional de História, 1956, p.28.
- \_\_\_\_\_. Santa Catarina: sua história. Florianópolis, Lunardelli, 1983, p.472.
- \_\_\_\_\_. & BOITEUX, Lucas Alexandre. Notas para a Academia Catarinense de Letras. 3, Porto Alegre, Flama/ UDESC, 1971, p.42 a 44.

REIS, Antônio Simões dos & VALVERDE, Zélio. Pseudônimos brasileiros; pequenos verbetes para um dicionário. Rio de Janeiro, 1942, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> séries.

SACHET, Celestino. "Literatura". In: — História de Santa Catarina. Curitiba, Grafipar, 3:9-42, 1970.

—————. A literatura catarinense. Florianópolis, Luardelli, 1985, p.38 e 39.

SAN TIAGO, Arnaldo. História da literatura catarinense. Rio de Janeiro, /5. ed./, p.229 a 233.

SOUZA, J. Galante de. Índice de bibliografia brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1963.

—————. O teatro no Brasil. tomo III. Subsídios para uma bibliografia do teatro no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1960, p.197.



## G E R A L:

- ALMEIDA, Horário de. Dicionário de termos eróticos e afins. 2. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981, p. 62.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Os nossos folhetins. Jornal do Comércio. Sábado, 1 de out. de 1927.
- ALMEIDA, Manoel Antônio de. Memórias de um sargento de milícias. (Edição crítica de Cecília de Lara, direção do professor José Aderaldo de Castello), vol.2, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p.XIII a XXXIX.
- AMORA, Antônio Soares et alii. Presença da literatura portuguesa. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
- ARRIGUCCI, Jr, Davi. Crônica, a experiência impressa todo dia. In: — Folha de São Paulo. (Primeira Leitura), Sábado, 5 de out. de 1985 - Ilustrada, p.49.
- ASTI VERA, Armando. Metodologia da pesquisa científica. 5. ed., Porto Alegre, Globo, 1979.

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. 5. ed., Rio de Janeiro, Delta, 1964, 5 V.

AZEVEDO, Artur. O Tribofe. (estabelecimento do texto, notas e estudo lingüístico de Raquel Teixeira Valença), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1970, p.99 a 178.

BRAIT, Beth. A personagem. (Série Princípios), São Paulo, Ática, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.). Pesquisa participante. 3. ed., São Paulo, Brasiliense, 1983.

CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. O corsário. Porto Alegre, Movimento, 1985, 6. ed. com nota premilinar do professor Guilhermino César.

CANDIDO, Antonio. "O honrado e facundo Joaquim Manoel de Macedo". In: — Formação da literatura brasileira. Momentos Decisivos, 5. ed., São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

\_\_\_\_\_. "Sob o signo do folhetim". In: — Formação da literatura brasileira: Momentos Decisivos, 5. ed., São Paulo, Itatiaia, 1975.

- \_\_\_\_\_. "A vingança". In: — Tese e antítese. 2. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CÉSAR, Guilhermino. "O criador do romance". In: — História da literatura do Rio Grande do Sul. 2. ed., Porto Alegre, Globo, 1971, p.139-150.
- CHALMERS, Vera Maria. "A prole de Caim. (um estudo do folhetim para a imprensa anarquista)". In: — Libertários do Brasil: memória, lutas, cultura. (organização Antônio Amôni Prado), São Paulo, Brasiliense, 1986, p.288 a 307.
- CHIARI, Alberto. "La edizione crítica". In: — Técnica e teoria literária. vol. II, Milano, /s.ed./, 1948.
- COUTINHO, Afrânio (diretor). A literatura no Brasil. Rio de Janeiro, São José, 1959.
- CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares S.A., 1970, p.433.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 30 ed. (edição crítica de Walnice N. Galvão), Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- Dicionário de aforismos, provérbios e refranes. 3. ed., Barcelona, Editorial Síntes, s.d.
- Dicionário de música. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.

ECO, Umberto, Como se faz uma monografia. São Paulo, Perspectiva, 1984.

EULÁLIO, Alexandre, "Três folhetins, românticos inacabados".  
in: — Revista Ilustrada. nº 698, ano 20, Capital Federal, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Pequeno dicionário de língua portuguesa. 10. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961.

FERREIRA, Edda Arzúa. O texto literário: a prática da interpretação. Florianópolis, Lunardelli, 1983.

FISCHER, Ernest. "O Romantismo". In: — A necessidade da arte. 8. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

GARRET, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Frei Luís de Sousa e Viagens na minha terra. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969, pp.5 a 26.

GUINSBURG, J. O Romantismo. São Paulo, Perspectiva, 1978.

HADDAD, Jamil Almansur. "Introdução a Bernardo Guimarães". In: — Revista do Arquivo Municipal. nº CLII, São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo.

\_\_\_\_\_. "Introdução ao Romantismo brasileiro". In: — Revista do Arquivo Municipal. nº CXXV, Prefeitura do Município de São Paulo/Departamento de Cultura, 1949, p.15 a 22.

\_\_\_\_\_. "Românticos esquecidos". In: — Revista do Arquivo Municipal. nº CIX, São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo/Departamento de Cultura.

LAFONT & BOMPIANI. Dictionnaire des auteurs. Paris, Robert Laffont, 1980.

\_\_\_\_\_. Dictionnaire des oeuvres. Paris, Robert Laffont, 1984.

\_\_\_\_\_. Dictionnaire des personnages: Litteraires et dramatiques de tous le temps et de tous le pays. (Poesie — Téâtre — Roman — Musique), Paris, Robert Laffont, 1960, pp.341 a 344 e p.348 a 649.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O foco narrativo (ou a polémica em torno da ilusão). (Princípios 4), São Paulo, Ática, 1985.

Maravilhas da música universal. vol. II, Porto Alegre, Globo, 1959.

MEYER, Marlyse. "Folhetim para almanaque, ou Rocambole, a Ilíada de realejo". In: — Almanaque, 14; modos menores de ficção. São Paulo, Brasiliense S.A., 1982, p.8 a 18, (coordenação Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Júnior.

- \_\_\_\_\_. "O que é ou quem foi Sinclair da Ilhas".  
In: — Revista do Instituto de Estudos brasileiros, nº  
14, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1973, p.37 a 63.
- MOISÉS, Massaud. "Gêneros Literários". "Cap. III. In:— A  
criação literária. 9. ed., São Paulo, Cultrix, 1984.
- \_\_\_\_\_. Dicionário de termos literários. São Pau-  
lo, Cultrix, 1974, pp.231-2.
- \_\_\_\_\_. Guia prática de análise literária. 5. ed.,  
São Paulo, Cultrix, 1973.
- MONTENEGRO, Olívio. "Manoel Antônio de Almeida". Cap. V, In:  
— O romance brasileiro. 2. ed. (revista e comendada), Co-  
leção Documentos Brasileiros, (dir. Octávio Tarquínio de  
Sousa), p.62 e 63.
- MOURALIS, Bernard. As contraliteraturas (trad. Antônio Feli-  
pe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia). Coimbra,  
Livraria Almedina, 1982, p.43 a 69.
- MUZART, Zahide L. As duas versões do romance Lasthênia. Diá-  
rio catarinense, "Opinião", Florianópolis, 21/dez."1987, p.  
6.
- \_\_\_\_\_. O folhetim em Santa Catarina. Diário Cata-  
rinense. "Opinião", Florianópolis, 26/out./87.

\_\_\_\_\_. 'Guaraúna', um folhetim indianista. Diário Catarinense. "Opinião", Florianópolis, 23/março/88.

\_\_\_\_\_. Horário Nunes Pires e o folhetim. Diário Catarinense. "Opinião", Florianópolis, 23/nov./87, p.6.

\_\_\_\_\_. Outros folhetins. Diário Catarinense. "Opinião", Florianópolis, 9/nov./87.

La opera; Enciclopedia del arte lírico. Toledo, Aguilar, 1981.

PROENÇA, Cavalcanti. "Geografia de Alencar". In: — José de Alencar: Ficção completa e outros escritos. Rio de Janeiro, Companhia Aguilar Editora, 1965, pp.1056 a 1083.

SANT'ANA, Affonso Romano de. Análise estrutural de romances brasileiros. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1975.

SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

SPALDING, Tassilo Orpheu. Dicionário de mitologia grego-latina. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965, p.213.

SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

SUSSEKIND, Flora. Publicado folhetim de Aluisio Azevedo.  
Folha de São Paulo. Domingo, 8/set./85.

TRAVESSIA, nº 10, 1985 - Revista de Literatura Brasileira ,  
UFSC (número inteiramente dedicado à literatura catarinen-  
se).

VARELLA, Danila Carneiro da Cunha Luz. Edição crítica em 'Bu-  
lha d'Arroio'. Florianópolis; UFSC, 1976. Dissertação de  
Mestrado em Letras.

WOLF, Ferdinand. "Historiadores e críticos do Romantismo".  
In: — O Brasil literário. 1. contribuição européia:críti-  
ca e história literarária/seleção e apresentação de Guilher-  
mino César. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos,  
São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978,  
pp.174 a 180.

ZILBERMAN, Regina. "Literatura como objeto de pesquisa: ta-  
refa e campo de ação". In: — Letras de Hoje. Porto Ale-  
gre, PUCRS, 29:17-19, set., 1977.



A N E X O S

## ANEXO 1:

### CRONOLOGIA DA PUBLICAÇÃO DO FOLHETIM

Relação dos capítulos das duas narrativas de Cenas da vida de estudante com suas respectivas datas de publicação e números das edições do jornal, além do(s) número(s) da(s) página(s) em que aparecem. São também especificados os casos em que o folhetim aparece em suplemento especial do jornal — anexo contendo quatro páginas.

#### 1ª narrativa (O qui-pro-quo):

- 08 de setembro de 1863 (terça-feira), nº 68 - cap. I (pp. 3 e 4);
- 11 de setembro de 1863 (sexta-feira). nº 69 - cap. I (p. 3) e cap. II (pp. 3 e 4);
- 15 de setembro de 1863 (terça-feira), nº 70, cap. II (p. 3);
- 22 de setembro de 1863 (terça-feira), nº 72 - cap. III (pp. 3 e 4);
- 25 de setembro de 1863 (sexta-feira), nº 73 - cap. III (pp. 3 e 4);
- 29 de setembro de 1863 (terça-feira), nº 74 - cap. III (p. 3) e cap. IV (pp. 3 e 4);

02 de outubro de 1863 (sexta-feira), nº 75 - cap. IV (p.3) e  
cap. V (pp.3 e 4);

06 de outubro de 1863 (terça-feira), nº 76 - cap. V (pp. 3 e 4);

09 de outubro de 1863 (sexta-feira), nº 77 - cap. V (p. 3) e  
cap. VI (pp. 3 e 4);

16 de outubro de 1863 (sexta-feira), nº 79 - cap. VI (pp. 3 e 4);

20 de outubro de 1863 (terça-feira), nº 80 - cap. VI (pp. 3 e 4).

2ª narrativa (Eduardo):

26 de Março de 1864 (terça-feira), nº 134 - cap. I (pp. 3 e 4) -  
do suplemento);

06 de maio de 1864 (sexta-feira), nº 137 - cap. I (pp. 3 e 4);

10 de maio de 1864 (terça-feira), nº 138 - cap. I (pp. 3 e 4) e  
cap. II (p. 4);

20 de maio de 1864 (sexta-feira), nº 141 - cap. II (pp. 3 e 4);

10 de junho de 1864 (terça-feira), nº 147 - cap. II (pp. 3 e 4  
do suplemento) e cap. III (p. 4 do suplemento);

01 de julho de 1864 (sexta-feira), nº 153 - cap. III (pp. 3 e  
4);

26 de julho de 1864 (terça-feira), nº 160 - cap. III (pp. 3 e 4)  
e cap. IV (p. 4);

- 11 de novembro de 1864 (sexta-feira), nº 191 - cap. IV (pp. 3 e 4);
- 15 de novembro de 1864 (terça-feira), nº 192 - cap. V (pp. 3 e 4);
- 25 de novembro de 1864 (sexta-feira), nº 195 - cap. V (pp.3 e 4);
- 02 de dezembro de 1864 (sexta-feira), nº 197 - cap. V (pp.3 e 4);
- 09 de dezembro de 1864 (sexta-feira), nº 199 - cap. V (p. 3 do suplemento) e cap. VI (pp. 3 e 4 do suplemento);
- 21 de fevereiro de 1865 (terça-feira), nº 220 - cap. VII (pp.3 e 4);
- 07 de março de 1865 (terça-feira), nº 224 - cap. VII (pp. 3 e 4);
- 10 de março de 1865 (sexta-feira), nº 225 - cap. VII (p.3);
- 14 de Março de 1865 (sexta-feira), nº 227 - cap. VII (p. 3 e 4).

REPRODUÇÃO DO CABEÇALHO DE "O DESPERTADOR"

# O DESPERTADOR.

Director — José J. Lopes Junior.

REDACTORES — DIVERSOS.

PREÇO DA ASSINATURA.

Por trimestre	25 000 rs.
Por semestre	50 000 "
Por ano	100 000 "
Por trimestre	15 000 rs.
Por semestre	30 000 "
Por ano	60 000 "

Folha avulsa 100 reis

... de Terça-feira, 27 de Janeiro de 1965.  
 ... de 11. Logo, ...  
 ... por ...  
 ...  
 ...  
 ...

III      Terça-feira 27 de Janeiro de 1965.      N. 310

### DECRETO.

2.371 DE 7 DE JANEIRO DE 1965.

... para o serviço de guerra e o cumprimento das obrigações...

... em que se acha o país, e é urgente a necessidade de tomar as providências...

1.º São cedidas extraordinariamente...

decreto (três) de braços e que se uma das...

Art. 11. O governo concederá, em atenção...

Art. 12. Aproximadamente os pontos...

... e por conseguinte glórias: suas...

Lagnas, orre estepido!

Se a Brasil levar os bris, como é de esperar...

ANEXO 3:

REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA DAS FOTOS DO FOLHETIM

estincta; e não satisfeita de saugrat-lhe a  
herança, pretendia formar por si uma par-

## FOLHETIM.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

PRIMEIRA.

#### O QUI-PRO-QUO.

Historia de um dia.

I.

O AUTHOR DIZ EM TRES PAGINAS O QUE PODE-  
RIA DIZER EM DUAS PALAVRAS.

*Pequeno cavaco á um leitor da corte.*

São oito horas da manhã.

As solidas rodas das carroças do ba muito  
que abalão as calçadas desta leal e heroica ci-  
dade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, atur-  
dindo os ouvidos e enlameando as calças dos  
pacíficos madrugadores. A esta hora já o  
provinciano novato pode lembrar-se com sau-  
dades da calma e silencio do seo humilde tor-  
rão, ouvindo por entro a vozaria das quitan-  
deiras e o badalejar das campainhas das vac-

perdem no antro da corrupção!

Olha para o mundo, ainda o mesmo  
que ha um seculo antes, cheio de dores,  
e de lagrimas, como o inferno está cheio

saúga um pouco do solidão e do silencio. Es-  
timarias embrenhar-to por sombrias almas  
das, deixando abandonar-se o espirito ás ro-  
gitações vagas e melancolicas que nos segrega  
a solidão das florestas. Não desgustarias, me-  
mo, do que um vestido de muscelina lepra e  
vaporesa, um discreto chaposinho do palha  
do Italia passciando isolados e vagarosamente  
no fim de uma ala de copalitos trocos to vi-  
cessem despertar desse incerto scisma, vibras-  
sem em teu coração uma corda mais chria e  
mais alegre o te lizessem passar do genero ele-  
gisco para o erotico, do ideal para o positivo,  
do metaphisico para o palpavel. Em vez disto  
porom o que encontras? Ai! misero provin-  
ciano. Buscas o silencio e o isolamento, não?  
Pois bom, mil vozes garrulas e de timbres di-  
versos te forirão os ouvidos e te atordarão,  
formando uma harmonia mais desagradavel  
do que a do choro de lobos famintos que pr-  
seguiu Mazoppa na sua corrida desesperada.  
Mais infeliz do que o heroo de Byron, nem  
ao menos terás feito juz ao teu martyrio: não  
poderás dizer como talvez dissesse o magrão  
apczar dos seus soffrimentos: *Meus talz um  
gosto do que quatro rústicos.* Teda livras os  
membros, mas não te prestarão elles o serviço  
que deveu o formoso donzel ao bra poltro in-

..... assim:

— Tem-se passado um seculo do  
existencia e tu dormias!

cas tourinas, o infallivel — *camalô* — o o ca-  
denciado — *phóiphói* —. Puro provinciano!  
Quão diversa te figurasto a princurea cidade  
da America do Sul! Em vez dos edificios  
grandiosos o dos imponentes minumentos quo  
antovias, em vez dos templos de gravo e ma-  
gestosa apparencia, o dos clarizes de arto  
aprimorada, deparas, logo ao saltar no cáus  
do Pharoux, com o Paço, a Capolla Imperial  
e o Chafariz do Largo do Paço, e tiras pelos  
Domingos os dias Santos. Saudas respeitosa-  
mento essas reliquias dos tempos coloniacos o  
vaeas andando teu caminho, deixando adovi-  
nhar pela carranca alongada a decepção por  
que passas. Em lugar dos passeios e jardins  
publices, em quo tantos gozos te prometias,  
só achas uma amostra do passeio quo tom  
muita coisa bonita — um peixe boi tão reca-  
tado e escrupuloso om mostrar o socinho aos  
respeitaveis visitantes, que mais parece poi-  
xe-vaca do quo peixe boi; um menino de  
chumbo quo o util ainda brincando, o não só  
util como ato ollicioso; pois encarrege-se (sem  
quo ninguem lh'e peça) de refrescar as tibi-  
as d'aquelles quo ao lho accreão sem a devida  
cautella & c. Mas em compensação não pre-  
sue o principal predicado — o espaço. De-so-  
jatis procurar alli sem despoza e sem muita

alguma memozagem com a declaração de que Butler seria arrancado da sua barba e punido, por ser um desdouro de humanidade. Sempre imóvel respon-

dimto e infatigável; o qual, não grado as uzas e os capibuz, lá o levou a porto seguro. Ver-te has apertado por uma cañita do doudados passadores, que emperararã em pastrear. á despoito, cada qual, dos martyrios que inflige aos seus concorrentes.

Serás emjarrado, acovelado; saltar-to-ba o chão de baixo dos pés, e pizarás, ora sobre os joanetes do um velho militar que te recitará mil bombardas, ora sobre as callozidades de uma encarquibada matrona que to praguejará pela sardina.

Enfim, apossado pelas facécias insultas do muito leão apatetado, e pelas risadinhas moladoras de muita careta arrebicada o delambida, com o fato alagado de suor e o chapéo amarrotado, conseguirás alcançar o portão da saída. Deixarás, porém, por despojos no campo da batalha, um pedaço da corrente do relógio no colchete de uma mamã, o um bolso do paletó no cabo retorcido de uma bengala de janota.

E os theatros?

Nem fallar n'isso é bom. Basta dizer, que irá á um Dramatico onde se canta pessimamente, e á um Lyrico onde se recita ainda peor. Só no Alcazar Lyrico poderás apreciar alguma cousa mais assim, assim, pois alli

Terça-feira, 8 de Setembro de 1863.

Recita extraordinaria em festejo ao

todas as cantoras são—*de premières chanteuses de genre et de célébrités parisiennes*. Misero provinciano! Sonhaste uma mina inexgotavel de thesouros e recursos, o és tu a mina que não se canção do explorar os velhacos o gatunos com quo to esbarras em qualquer resquina. Ora é um cambista do theatro quo to empinge a porta uma cadeira para o espectáculo da vespera; e compras por uma bagatella de 25000 ou 17500 um solomno desampontamento o a honra do passar por galuno tu mesmo. Ora—é um officioso quo so to offroce para mostrar to o peixo foi do passio publico, o quo, á proposito d'isso, mungo-to com soffreguidão a bolsa, e vai chuchando o café, os sorvotos e o mais quo escurre. Notem era um larapio que, aproveitando o passo em quo to mergulhara a ascensão dos irmãos Buislay no largo do Rocio, prova-to que, so é grando a habilidade dos acrobatas em ir do baixo para cima, não o é menos a sua, porém do cima para baixo, isto é, cortando-to o bolso posterior da sobrecasaca, o deixando cahir pela abertura a caixa do rapé e o lenço do seda. Hoje é uma comedia, que.... Chiton!... em que a puris mo liza em mettendo!—Era bastante este simples artigo para encher um grosso in folio. Não; nada

ver ainda o pessoal da companhia para poder distribuir um drama.

THEATRO DE S. JOAQUIM, SUA TRINDADE N. 1

direi das aventuras amorosas do provinciano na côrte, o ontrianto não deitão de ser interessantes. Pobre provinciano! repito. Tu o gallo da tua aldeia, és aqui uma especie de poró desozado, a quem até os estudantes soldellos, raça de pintos malcreados e piadores, divertem-se em debicar. Cabo na ebia de te voltar-to contra tão insulto procedimento e tu—talvez juiz de paz mais volado da tua freguezia por duas ou tres vezes—curvar-to-has ante a faxa de um perrengue o encanzinado inspector do quartirão. Tu—o infurnto elector sem cujo poderoso auxilio não occuparia agora uma cadeira na camara temporaria o teo bojudo representanto, verás erguida sobre ti a robusta manopla de um pedestre ou permanoento quo te olhará de esquelba, e que não porá a menor duvida em lovar ad vincula o Sr. Eleitor o juiz de paz mais volado.

E tudo isto porque, Santo Deus! Porque quizeste ensinar á um gaiato atrevido que das provincias vem punhos vigorosos e corações valentes, assim como chapéus antiquados e casacas de rabo do bacalhão.

Continua.



# FOLHETIM.

## SCEAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

### PRIMEIRA.

#### O QUI-PRO-QUO.

##### Historia de um dia.

### I.

O ACTOR DIZ EM TRES PAGINAS O QUE PODERIA DIZER EM DUAS PALAVRAS.

Pequeno cararo á um leitor da corte.

Porém, o mais curioso é que, de volta aos antigos lances, nada dirás dos trites lances e largas decepções porque passaste. Contarás maravilhas d'esta Pariz americana, annunciando que aqui te divertiste muito!

— Mas quem lhe encommendou este serão? o que tem o Sr. com tudo isso? Quem é Sr. que nos massa ha boa meia hora e ainda o disse ao que veio?

\*) Vide o DESPERTADOR N. 62.

É um leitor zangado (da corte já so sabe) que me interrompe no melhor das minhas philosophicas considerações.

Agora eu:

— Não se esqueto, meu caro Sr.; vou já satisfazer ás suas questões, pontual e ordenadamente, segundo as fez.

— Quem me encommendou o sermão? Quem encommendou á Vmc. as suas interpe-lações — o despeito.

Aposto que desejaria Vmc.; agora, perguntar me ainda:

— Despeito?... e porque?

Sou tão obsequioso que vou incluir a resposta á esta na da sua segunda pergunta.

— Sou provinciano, meu amavel leitor — eis ahi tudo explicado. Passei por algumas, se não por todas, as provações de que fallei, e não deve estranhar que eu d'ellas mo recorde, pois bem sabe que: *Quem dá esquece, mas quem apanha lembra se.*

Quem sou, e ao que vonho? Sou o que Vmc. saberá mais adiantado e venho dizer-lho, alem do que disse, o mais que verá, so tiver paciencia o quizer fazer-me a honra de con-tinuar a ler.

Quanto ao phrascado da sua ultima pergun-ta, ainda algumas palavras; serão poucas, e

depois entraremos em materia como se diz nas camaras.

Acha que sou maçante, não? Serrei; con-fesso mosmo que o sou. Mas escute, uma vez que leu até aqui, dá-me ainda por algum tempo a sua benevolencia attenção.

Póde depois chamar me maçante ou o que melhor lhe parecer. Olhe; isto é um habito inveterado, ou antes, uma herança de familia que só abandonarei por morte, porque: *Abri-xo passar mais este proverbio) o que o brço dá, só a cová o tira.* E agora voltemos á *receptum.*

### II.

QUANTOS DE ESTUDANTES. O MOLEFOU: DE D. JOAQUINA.

São 8 horas, marcadas exactamente pelo res- peitavel e monumental chronometro do meu amigo, collega e companheiro de quarto R.

Antes do me apresentar o o meu ami.o á apreciação do leitor, digne-se este de lançar uma vista d'olhos pela humilde residencia d'estes seus criados.

Achamo-nos em um quarto do segundo an- dar, a rua da Misericordia n.º não sei qua- tos.

## BERTHA DE CASTIGO.

Quartos d'estudantes, ja advinha o leitor o que a ella encontrara.

Das camas de ferro, prolongadas com as paredes lateraes; uma meza, que não poderia deslizar á cabeça Pythoussa do Delphos, visto como não cinto mais do tres pés, mas, afirmada á parede do fundo, vai supportando se e supportando um mudo de objectos heterogeneos, taes como: livros encalhados, uma flautta, um gargalo de moringue improvisado em castical. (esta peça curiosa pertence ao amigo K.), dous semipentes, uma escova de feto inteira, uma dita para cabello, um cabo & c.; duas cadivras em bom uso; dous baldes, um lavatorio soffricamente deteriorado, que ainda conserva a barba, mas por contrapezo posuo, em lugar de jarro, um moringue ao qual ja falta um lado; dous vasos... de forma commum e habitualmente por baixo da meza e dentro d'agua, ex caixinha de salão, um cranee, um arcação, *et reliqua conitante caterva*, tudo de madeira com botijas de graxa, escovas para botins e sapatos velhos.

O espalho do apocento, de ordinario, tapado de ~~algum modo~~ tapado de tapetes, tapetes e meias em ~~algum modo~~ tapetes, acha se hoje desfilado, e a vista que nos fez hontem a Sr. Maria Pereira, filha Faydense que so

— Então! estas sempre reservado a saber ja pergunta ao K. entre dous bocejos.

— De certo; uma vez que tens tanto sono, deita te em paz, e vou pedir a Gatchler a minha classica chicara do cafe com leite.

— Mousttoso appetito! resma o meu amigo que como por trinda.

Vou retorquir-lhe quando batem a porta.

— Quem e?

— So e macho outro, diz o K., e so o meu... entre tambem.

A cabeça de um moleque introduz se pela porta entreaberta, mostrando duas longas filas de dentes alvos e largos.

Parece-me ter ja visto esta cara, ali pela escada, algumas vezes. Não me enganou. É o moleque da minha vizinhança do F. anlar, a Sr. D. Joaquina de nao sei o que.

— O que queres?

— Minha snha manda dizer ao Snh. estadante que ja a favor de chegar a la, que que falta com vosmoco.

— Mas! digo eu com os meus bocejos, K. paz, ohi opa! aqui moço dous estadante. A qual manda chamar tua Sr.?

— Não sei, moço, Snh.!

(Continua.)

encarega da mesma roupa branca, mediante uma retribuição não muito leve que lhe pagamos o mais pontualmente que podemos.

As paredes são decoradas com paltos, calças e mais atavios, pendurados a maneira de trophos e fazendo companhia á dous ou tres quadros que representão scenas um tanto hyeres.

Esquecia-me dizer que temos uma janella que olha para a rua.

Descripto o scenario passamos aos actores.

O amigo K. rapação de 22 annos, bem disposto e fornido de carnes, estrado na cama e ainda *in univitas*, resmungo estremebado contra o ruido que vai na rua e que o não deixa dormir mais meia hora. Eu ca, ja estou lavado, penteado, e de calças enfiadas. Pouco me importando com a algaratua que me vem de fora, so attendo aos brados com que o meu estomago de vinte annos me pede almoco.

Fica o leitor sabendo que tenho vindo annos, e saiba mais que conservo ainda todos os meus dentes.

Com estes predicados posso ir longe em aventuras aventureiras.

Estou, pois, quasi vestido e ao compo me, deo ra, em dar um beijo no cetro e preferendo so na minha gravata de seda preta.

# FOLHEM.

## SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

### PRIMEIRA.

### O QUI-PRO-QUO.

### HISTORIA DE UM DIA.

### II.

OCAROS DE ESTUDANTES. O MOLLELL DE  
D. JOAQUINA.

Não está má esta! O recado tanto se pode entender comigo como com o meu collega, e demais, este estorvo á satisfação do meu tomego, não me quadra de maneira alguma.

— Erovavelmente, digo eu ao K., o negocio é contigo, pois que não tenho a honra de entreter relações com a nossa respeitavel vizinha.

— Esta enganado... torna vivamente o proprio, embarralhando-se de novos tos leques e voltando-se para a parede; este enganado — nem tive ainda se quer o prazer de me avistar

(\*) Vide o FOLHEM N. 67.

com ella. E' contigo, não resta a menor duvida.

— Mas bem vêes que preciso saber já...

— Tanto melhor!... Como o recado não se refere á nenhum de nos positivamente, e como não se deve fazer esperar um Sr., se se se que aquelle que se atbar em circumstancias de mais promptamente satisfazer ao seu pedido, é obrigado á executar-o; ora, Vmc. esta quasi vestido, em quanto que eu trajo, pouco mais ou menos como um gladiador romano, logo...

— E' logico. Dou aos diabos a diptetica do meu amigo, e disponho-me, suspirando, a lavar-me o mais breve possivel, d'esta magada.

— Moleque, diga á Sr.ª, que já la vou.

O moleque parte, e eu atiro me pelas escadas atraz d'elle, perseguido pelas risadas do K., que não se envergonha de escrever a victima da sua puzença.

### III.

D. JOAQUINA — O QUE LHE A ME QUERER...

MEU AVIZINHADO ME RECADA VISUO

A VIZINHA ME DIZ...

D. JOAQUINA — O QUE LHE A ME QUERER...

MEU AVIZINHADO ME RECADA VISUO

A VIZINHA ME DIZ...

zala, cujo loga uma vez afilhado, que me senta.

— Entre, Sr. Estudiante! (primeira vez) — me foy a bater.

Enquanto resolutamente a entrar, o achamento cari com a minha respectavel vizinha que vem pensar a toda a volta do meu encanto, atira me a mão leve-me quasi a resistir a uma caducy, e sem fazer tempo, a mi para dizer de — bom dia — sou tu-me a mi — quasi a força, sem se n' outro, bem pertinho de mim, a cumprimentando as suas boas tardes de um bocado de palavras — e não posso responder por felicidade a mi.

— Como são atrevidos os Estudiantes de hoje! E se a apenas a deitar, que se me dá que me se desespere se a deitar! E se me dá a se a mi a sação — e se se esperar. Ainda bem que me mandou a deitar, que se a deitar! — Moleque, diga á Sr.ª, que já la vou.

Assim que se dá um bocado de palavras, e se a deitar, que se me dá que me se desespere se a deitar! E se me dá a se a mi a sação — e se se esperar. Ainda bem que me mandou a deitar, que se a deitar! — Moleque, diga á Sr.ª, que já la vou.

le de meu caracter. — 3.º A joven Lu-  
zia, equilibrista, executará em cima da  
mesma grandes e arrioados equilibrios,

mento como para rotirar-se, mas vendo que  
eu mo havia apercibido da sua presença, adi-  
antou se de novo, com as faces encendidas de  
pejo, fez mo uma graciosa inclinação do ca-  
beça e foi sentar-se á uma meza de costura.

Ainda comovido por esta apparição an-  
gelica, mal posso gaguejar algumas palavras,  
quo, nem ou mesmo entendo, em resposta á  
sua engraçada venia. A moça sorri-se.

— Apre! Quo susto que me causou! diz D.  
Joaquina, comprehendendo a causa do meu  
violento abalo.

É na verdade, nada mais comprehensi-  
vel.

Imagino o leitor uma moça de dezenove  
annos quando muito. Um rosto do mais bello  
contorno; negros e sedosos cabellos harmo-  
nizando-se perfeitamente com a tez entre mo-  
rena e clara; nariz irreprehensivel; labios ru-  
bros e frescos, que cerrados seduzem e abertos  
deslumbrão pela candidez e brilho das perolas  
quo resguardão; o sobretudo, uns olhos ne-  
gros, humidos, voluptuosos... Ah! que por  
uns olhos como estes, hei sei eu de que seria  
capaz!

Como ella é bonita n'esta attitude! A fron-  
ta para em que parece purar uma nuvem de

nia se vê vibrações quebradas e cabeças racha-  
das... Acalou tudo, graças á Deus!

Em quanto a Lda Sr.º faz a aplogia da il-  
lustre classe á que tenho a honra de pertencer,  
trebro eu o folego que me fez perder a sua  
arrebata da recepção, e inclinando-mo de vez  
em quando em signal de adhesão e agradeci-  
mento, occupo-mo em tirar as feições á minha  
amavel interlocutora.

D. Joaquina é uma Sr.º de cincoenta á cin-  
coenta e dous annos de idade, baixa e gorda;  
lesta e animada nas suas gesticulações e tra-  
zendo em continua mobilidade dous olhinhos  
verdes, vivos como os de um rato. Tem bons  
dentes e os labios constantemente arregaçados  
por um malicioso sorriso, que se converto as  
mais das vezes em estrepitosa gargalhada.

Depois de ter apreciado sufficientemente  
o physico de D. Joaquina, levo a vista em  
derredor para reconhecer o terreno, segundo  
o meu louvavel costume. Derepente levanto-  
me deixando escapar um grito de admiração.  
— O que é? pergunta mo D. Joaquina,  
algum tanto assustada. Soffreu alguma pon-  
tada?

Abria se uma das portas lateraes e por ella  
entrava uma moça alta, delicada e bem feita.  
Deprando com um estranho, fez um movi-

tristeza descaçando sobre a mãozinha aristoc-  
ratica; os longos cilios supitandolhe as lam-  
pejos do olhar fascinator...

— É minha sobrinha, diz mo D. Joaquina.  
É voltando so para a linda moça:

— Apresento-to o nosso visinho o Sr... co-  
mo é mesmo a sua graça?

— Julio, minha Sr.º.

A moça bonita ergue para mim os seus olhos  
formosos e sorri-se de novo.

Achará feio o meu nome? Não é possível.  
Ainda se eu me chamasso Matheus...

— A' gosto! á gosto! grita D. Joaquina.  
atirando-mo outra vez sobre a cadeira.

Irre! que punhos vigorosos! Deos me li-  
vre de jogar algum dia, o sóco com D. Joa-  
quina! Que formidavel bozer se podia arran-  
jar d'aqui, sujeitando-se ella aos preceitos da  
arte philantropica, tão cultivada pelos amigos  
inglezes!

— Não imagina n quanto sympathico com  
o Sr., prosegue a respeitavel Sr.º. Basta-lhes ser  
Estudante...

— Obrigado, minha Sr.º.

Continua.

Escolheu... e... suas...  
superiores faculdades, subordinando a tudo  
reza a seu serviço.

A natureza jamais se erguerá do estado de  
degradação em que vive para com o homem.

## FOLHEIM.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

#### PRIMEIRA.

### O QUI-PRO-QUO.

#### HISTORIA DE UM DIA.

#### MAE.

**D. JOAQUINA.** O QUE ELLA ME QUERIA, CO-  
MEÇO A FELICITAR-ME POR TER VINDO  
A CASA DE D. JOAQUINA.

— Gosto muito de Estudantes. Tenho um  
filhido que já estudou na Escola central, por  
signal que foi reprovado no 1.º anno... in-  
justamente, já se vê. E tanto foi assim que  
reconhecerão a capacidade do rapaz e lá o ad-  
mittirão outra vez... como porteiro.

Se eu tivesse um filho, manda lo-hia para a  
Escola de Medicina, não é lá que estuda?...  
— Sim, minha Senhora.

(\*) Vide o DESCRITADOR N. 70.

... se... a...  
do sobre a terra, o petroleo entraba-  
ra-se pela relva; mas continuára a ar-  
der. Apagada a chama com agua, os  
vapores subindo do chão, facilmente

— Infelizmente não tenho filho... não de-  
vo ter filho, acrescentou suspirando. Seu sol-  
teira... comprehendes?...  
— Perfeitamente, minha Sta.

Lanço os olhos para a linda sobrinha. Abai-  
xou a cabeça, mas vejo que está muito corada.  
Porque será? Não sei, por in em todo o caso  
é bom signal. O paiz é a melhor salvaguar-  
da de uma moça. Decididamente esta meni-  
na agrada-me muito.

— E entretanto, não me falariaõ bons e  
vantajosos partidos, continúa D. Joaquina ex-  
halando um novo suspiro. E porque não me  
casi eu? Porque não quiz: exquisitices de  
moça bonita; eu fui bonita... já fui muito  
bonita mesmo...  
— Ainda hoje, minha Senhora...

— Lisongeiro! interrompe D. Joaquina  
vibrando me um olhar tão ardente que se-  
ria capaz de chocar os ovos de um jacaré (se-  
moa).

Quo diabo fui eu dizer! Querom ver que  
a velha apaixonou se por mim? Ha do ser curi-  
oso! Para atugentar esto máo pensamento,  
volto-me para a sobrinha, o por minha vez  
dardejo lha um olhar dos taes chocadores  
Vejo a corar e empallidecer successivamente  
Não ha duvida que lha cattou impressão...

mas de que genero? Ah! que malhada sus-  
peita vem deita me aca na feitura! Se o  
meu olhar produza effecto identico ao d. ty!  
Sant! Barbara! Esta idé é horrivel! Quem  
me tirará esta duvida? B. ouçei la que ella pa-  
ra mim agora... aca de novos olhos...  
É claro que... não comprehendo...

— Que tal acha minha sobrinha, Sr. Jairo?  
pergunta D. Joaquina.

A' esta subita e inesperada interpellação  
sinto o abalo e o terror do tico tico que se  
desabar sobre si a poelha armadilha. Vello-  
me para a velha tão arrebatadamente como se  
um cão me tivesse filado a penna por esse ti-  
do. Um malito estorvo na garganta embar-  
ga-me a voz... Tisso... tuisse mais... no' a!  
Estou tão perturbado que á custo ouço a moça  
dizer á tia n um tom levemente queixoso:

— Ora tital...

A' final, consigo enganar o tal estorvo da  
garganta e respondo a nda memo engasgado e  
com o maior desazo do mundo:

— Mas... é bem bonita...

E só depois de haver deixado escapar esta  
estúpida sensaboria, é que me occorreu, mal  
phrases escripturas com que litar me do co-  
talação: Estou perdid! O que pensou de  
mim esta velha?... Que me importa...

cheiro de marido... e esses malditos que tem um almiscar mais activo que o do zorrilho... Ah! o que disse eu! Peribem me os veneráveis pais de familia... Eu ando desnortado... Não me vão agora suppor um fãublas ou um Tunante de igual quifate... Nada!... sou br-niem de hem. Acato muito a respeitavel confraria. Pretendo até entrar n'ella, mais dia, menos dia...

— Olhe, Sr. Julio. (é D. Joaquina que fala a ainja) Tome o meu conselho: não morra solteiro.

— Acredite, minha Sra., que não posso n'outra cousa. E' o meu mais bello sonho.

— Ah! sim? Aposto que já tem uma paixãozinha?

— Pode apostar sem susto. Mas não uma paixãozinha como a Sra. diz — é uma paixão, muito seria, muito profunda e que ha de durar toda a minha vida. Digo eu ao tom mais tragico que posso arremedar, e em voz de baixo profundo.

A formosa sobrinha volta se vivamente para dentro. Acha-a mais pallida. Será possível que eu esteja mais adiantado do que pensava!

Continúa.

...se comprar ou alugar um piano forte em bom estado; quem tiver, dirij--se a esta typographia. 3—3

vez, o'um tom de exprobação bem pronunciado.

Que voz maisioza! que doce voz! Era só o que faltava para acabar de derrotar-me! E a tal Sra. D. Joaquina? Não é bem fulgorosa?

— Calla-te; tão sales o que dizes. Pergunta á este maganão do Sr. Julio, e elle te dirá se tenbo razão ou não. Bem se vê que já estás no rol das velhas...

Visivelmente contrariada a moça, levanta-se e foi para a janella. D. Joaquina sacode os hombros e alonga o labio inferior, como quem diz: Anda lá, não sabes o que fazes.

Pois faz muito bem! Sou eu quem lh'o affirmo Sra. D. Joaquina.. (á parte, bem entendido) Posto que seji en o prejudicado, pois deixo por algum tempo de emberecer-me na contemplação d'aquelle rosto encantador, atéo que ella faz muito bem.

— Foi bem desarrazoada em não cazar-me! não acha, Sr. Julio?

Acho, pois não! Estou mesmo pensando n'isso agora! pois não! O que eu procuro achar é a decifração do seu já estás no rol das velhas, que não deixou de causar me sua apprehensão. Quereres ella significar que a sobrinha é casada? Não! não pode ser! não que eu que assim seji! Se eu não sinto a pa-

Mas o que pensará de mim esta moça? Ah! que tristissima idea fará ella agora de mim! Sou capaz de jurar que se está rindo á minha custa... Vejamos...

Contra a minha expectativa a linda sobrinha não se ti lo meo fãuco, parece-me até ler no seu olhar tanta benevolencia! tanto interesse! Dar so ha caso que lhe tenha agradado o meu retrato deusa?.. As mulheres tem ás vezes certas singularidades... Até a mesma D. Joaquina não mostra ler se aperebido de coisa alguma. E' cal bre!

Bás Sras. ! exreilentes Sras. ! cada vez gosto mais da sobrinha... e da velha tambem.

— Acha minha sobrinha bonita, não? Pois bem, dizem todos os que me conbecerão no meu bom tempo, que eu era enlão o seu bel retrato...

Tenbo vontade de dizer lhe como li em uma coxedia espanhola cujo titulo não me lembra:

— Com effeito! a mudança foi completa! Calla-me, porrem, *propier decantiam*

— Já, aconlecia amigo, prosegue D. Joaquina, que acabou presentemente com ellas os nomes dos rapazes devoravo-me...

— Minha tia, diz a linda sobrinha, d'esta

SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

PRIMEIRA.

TO-QUI-PRO-QUO.

Historia de um ella.

III.

D. JOAQUINA. O QUE VILIA ME QUERIA. CO-  
MEÇA. PENSAR-ME POR TER VISAO  
A CASA DE D. JOAQUINA.

— Então são já amores velhos? accode D.  
Joaquina.

— Velhos e novos ao mesmo tempo. No-  
vos porque são os primeiros que te vejo — e o  
meo primeiro amor! accrescente eu, passan-  
do do tragico para o sentimental. Novos por-  
que datão de pouco tempo. Estas ultimas pa-  
lavras disse-as eu fitando na encantadora so-  
brinha em olhar que procurei tornar muito  
expressivo.

(\*) Velhos, Discretissimo n. 72.

— É correspondido? pergante me a mo-  
ça com voz tremula.

— É a primeira vez que me cacha a sua pergunta,  
á par do prazer que me causa a sua pergunta,  
que interperio toda á meo favor, experimen-  
to em desgosto real.

— Como? Pois não me comprehendo? Estão  
os meos olhos não prestão para nada! E di-  
zem os qzistos que eu não de pincez nez so-  
mente pro formula!

— Não sei, minha Sra., respondo eu.

— U! exclama D. Joaquina. Como é que  
não sabe, moço?

— Porque não tive ainda occasião de per-  
guntar áquelle a quem amo...

— Não é possível!

— Não acho possível, minha Sra., digo eu  
encarando cuidadosamente a linda sobrinha, que  
eu não tenho tido ainda occasião de pergun-  
tar-lhe se correspondes ao meo amor?

— Sim...muitura ella. Note em seu sem-  
blante uma ligeira expressão de prazer, depois  
o seu rosto se annuvia e parece-me ver tre-  
mer-lhe uma lagrima nos negros olhos

— Para encobrir a sua emnoção, volta se el-  
la de novo para o rosto.

— O que significa isso? Aqui ha coisa... Sim  
tochar me honrivelmente uma orelha...

prior é que não distingo qual das duas! Estão  
tambem tão commovido! Commovido, sim...  
Pois duvidas? Suppõe-me por ventura algum  
decretos? Pensadame-se por me verem graca-  
jar, de que sou um homem do marmore?  
Não! mil vezes não! Isto é um habito de que  
hei de usar até ao extremo. Mas nem por  
isso deixo de ter um coração muito sensivel:

Sou feito de carne e osso  
Por força me hei de dober.

— Kasso seu amor ha de ser fogo de palha,  
diz D. Joaquina que não percebeo ou talvez  
fingio não perceber a mudança que se operou  
na sobrinha. O Sr. tem me cata de mago-  
não...

— Porquem ó! não fallo assim, minha  
Sra... O amor que me possui é um incendio  
inextinguivel, que em falta de alimento me  
devorará o coração, deixando-o em cinzas. Se-  
rá pois o ultimo. Por esse amor, abraçarei  
patria e familia; por elle exporei os meus  
prazeres da mocidade e os meus sonhos de glo-  
ria e de ambição... Não o sol dos meus dias  
o a orelha das minhas mãos... Será a minha  
ultima lembrança da terra e a minha primeira  
aspiração no céu... Será o meu ultimo  
beijo que me abraçará para o mundo ter...

o Dique de  
de Cadeira  
de A. A. A.  
de A. A. A.

de A. A. A.

Deante andou 13 annos pelos mares da America do sul, vendo com as leras: que tem corrido as seis partes do mundo, a Europa, a Asia, a Africa, a

al, e eu transportar á um mundo phantastico e mysterioso onde somente reinará os prazeres e os risos. Sem este amor que me anima, viverei vida ephemera, sem o sentimento e sem a idea. Amarrado ao proprio cadaver como Esau, os anjos, calaver galvanizado, caminharei por entre aquelles que ainda podem sentir e amar, até que cesse o influxo magnetico e que obdecerrei, e me deixo repossar d'essa vida forçada e ficticia...

Para para tomar respiração. Já não posso mais. Esta tirada violenta dita quasi de um só folego estufou-me o enthusiasmo. D. Joaquina está comibida. Quanto á gentil sobrinha da quem eu não despregava os olhos, observei que lhe causei viva impressão. Vi-a estremecer por vezes e levar a mão á fronte. Tambem, quem me ouvisse declamar com todo o fogo com confusão de amor, não poderia deixar de acreditar que me ia ainda in petto um espiral fútil. O que é certo, zombaria á parte, á que esta moça me agrada muito e grande. Que lhe inspire um sentimento bem forte, e que se a sua moral, como me parece, correspondente ao physico, não porci duvida em dar-lhe todo o amor.

Pelo que diz, devo concluir que tomara todo o meu conselho? pergunta D. Joaquina.

Sua avó.

Tem ramos o que significa o officio que sobre elle veio para a secretaria dos estrangeiros.

— Assim o espero.

A sobrinha voltou so ainda uma vez para dentro. Os seus labios descorados ahiem-se em um sorriso tao triste que me cortou o coração. Quantos signaes do soffrimento em todo o seu somblante encantador! Mas o que a faz soffrer?... Ah! se eu não attendesse so não ao meo coração, já me teria lançado á seus pés, supplicando lhe que me confiasse o motivo da sua tristeza, e se estivesse em meo poder o removel-a, por Deos que o ferial Cuztazo-me isso um anno... dous annos de vida... Duvida-o alguém? So assim é, faz muito mal; porque ainda não lhe dei o direito de duvidar de mim.

— Minha tia, diz a sobrinha de D. Joaquina procurando disfarçar o tremor da sua voz commovida. Já tem passado muitos estudos.

O Sr. Julio tem, de certo, deveres á cumprir e não é justo, que havendo já abusado da sua bondade por tanto tempo, sejamos causa de que falle á esses deveres.

Comprehendo. Deorja que eu me retire. Obdecer-to-hei, anjo, que parece sufficir com a minha presença. Obdecer tu he, o posso a minha ausencia restituir te a tranquillidade. Fico tambem triste.

26 do corrente se o tempo o permitir.

TVV. DR. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N. 1

Entretanto levanto me e tomo o meu chá-pé.

— Ah! Eu ainda não lhe disse o porque o mandei chamar... A sua companhia é tão agradável que me fez esquecer tudo! E verdade que eu esperava que o Sr. almoçasse com nosco hoje, e por tanto teriamos tempo de sobra... Mas virá para jantar, certo?... You sempre dizer lhe...

— Minha tia, diz a interessante moça, o Sr. Julio não pôde esperar mais tempo, e uma vez que volta logo...

— Tems razão, menina. Não o detenho mais... É a Sra. Bibi que não apparece ainda? ajunta ella falando com a sobrinha. Metteo-se lho em cabeça fazer hoje para o almoço, o bolo da sua invenção... ba de como lo sozinha... é incorrigivel!...

— Titia, interrompe ainda uma vez a moça, que conuicia do costume da tia, prevé já em longo arrazado sobre a demora da tal onheira, padeira ou o que quer que é. Logo haverá tempo...

— Forte pressa tems de ver o Sr. Julio pelas costas...

— Eu, não minha tia, pe' u contraria...

Continua



Drewesville.

Do exercito do Potomac nada havia de im-  
portante. Tinham sido passados pelos armar-  
mhos a maior solemnidade, alguns des rivos.

## FOLHETIM.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

#### PRIMEIRA.

#### O QUI-PRO-QUO.

Historia de um dia.

#### III.

D. JOAQUINA. O QUE ELLE N'Z QUERIA. CO-

MUNDO A FELICITAR-ME POR TER VINDO

A CASA DE D. JOAQUINA.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

— Já não vem Sr. Julio, mas não falta

com a minha Sra.

O tempo de Julia nunca se pata o sul do  
Rio Negro, onde se acham hoje concentradas  
não só as forças do general Flores, como os  
exercitos dos generaes Moreno e Medina, que,

— Juro-o até, exclamo eu, louco de pra-  
zer....

— Agora és tu quem demora o Sr. Ju-  
lio.... Até logo, Sr. Julio.

Adros, Sr. Julio... adecs... diz a formo-  
za sobrinha.

Não sei que estranha inflexão lho notei na  
voz, quando proferio a palavra — adecs — !  
Porque não me diria: — até logo? —

Saio do caso do D. Joaquina o disponho-me  
a subir a minha escada, quando ouço ainda a  
voz da velha:

— Sr. Julio... escote.

Retocado.

— Duas palavras só. É exquisiteso que o Sr.  
se vá, sem saber ao qué voto....

— Ora, minha Sra.

— Ouça, Sr. Um troço solteiro e sem fa-  
milis epmo o Sr. é, precisa de uma pessoa que  
se encarregue da sua roupa, que a faça lavar e  
engommar....

— Justo.... Justo....

— Uil como o Sr. está apressado! Eu  
concluo já. Minha sobrinha... a Luiza... co-  
nheco!

— Pois não! minha Sra....

— Ah! já a vio?....

— Pois não! pois não! tantas vezes!

— Bem; isso é outro caso.... Pois bem; a  
Luiza deseja encarecer se....

— Com muito gosto!... com muito gosto!...  
— Já ninguém se pôde entender com o  
Sr. l... aprei! que pressa! Einfm sabe o  
que Luiza quer, não?

— O que ella quer? sei... pois não! u  
está servida.

— Logo, então, ajustaremos as condições...  
— Sim; minha Sra.... até logo.

— Até logo, Sr. Julio.

O QUE FARIA ACREDITAR A SRA. MARIA RE-  
BEIRA QUE EL ESTOC DOUIDO.

Que feliz achado! que preciosissima desco-  
berta!... vou eu dizendo ao subir a escada  
que leva ao no-so sponente. E eu que nunca  
suspoitei a existencia d'este thesouro! Aqui...  
tão perto de mim... no 1.º andar... e eu que  
nunca a vi... Luiza! oh minha! em ta Luiz-  
za!... Luiza!... Bem podem ter lido d'gado  
outro nome... acho-o um tanto interessante....

— Logo, então, ajustaremos as condições...  
— Sim; minha Sra.... até logo.

— Até logo, Sr. Julio.

O QUE FARIA ACREDITAR A SRA. MARIA RE-  
BEIRA QUE EL ESTOC DOUIDO.

Que feliz achado! que preciosissima desco-  
berta!... vou eu dizendo ao subir a escada  
que leva ao no-so sponente. E eu que nunca  
suspoitei a existencia d'este thesouro! Aqui...  
tão perto de mim... no 1.º andar... e eu que  
nunca a vi... Luiza! oh minha! em ta Luiz-  
za!... Luiza!... Bem podem ter lido d'gado  
outro nome... acho-o um tanto interessante....

— Logo, então, ajustaremos as condições...  
— Sim; minha Sra.... até logo.

— Até logo, Sr. Julio.

O QUE FARIA ACREDITAR A SRA. MARIA RE-  
BEIRA QUE EL ESTOC DOUIDO.

Que feliz achado! que preciosissima desco-  
berta!... vou eu dizendo ao subir a escada  
que leva ao no-so sponente. E eu que nunca  
suspoitei a existencia d'este thesouro! Aqui...  
tão perto de mim... no 1.º andar... e eu que  
nunca a vi... Luiza! oh minha! em ta Luiz-  
za!... Luiza!... Bem podem ter lido d'gado  
outro nome... acho-o um tanto interessante....

— Logo, então, ajustaremos as condições...  
— Sim; minha Sra.... até logo.

— Até logo, Sr. Julio.

O QUE FARIA ACREDITAR A SRA. MARIA RE-  
BEIRA QUE EL ESTOC DOUIDO.

Que feliz achado! que preciosissima desco-  
berta!... vou eu dizendo ao subir a escada  
que leva ao no-so sponente. E eu que nunca  
suspoitei a existencia d'este thesouro! Aqui...  
tão perto de mim... no 1.º andar... e eu que  
nunca a vi... Luiza! oh minha! em ta Luiz-  
za!... Luiza!... Bem podem ter lido d'gado  
outro nome... acho-o um tanto interessante....

— Logo, então, ajustaremos as condições...  
— Sim; minha Sra.... até logo.

— Até logo, Sr. Julio.

luto, humo...  
em dracôis de 10 por cento de seu  
valor em cada vez de abate de sua  
apresentação do troco, na forma da lei  
de 6 de Outubro de 1935.

preferio que se chamam. Justifica-se, mas  
enfim, o que é verdade e ser via uma anda  
monetaria... que abuel que boca? que lo-  
dal que ferro para o amigo R... e he a minha  
futura e a do vel caveira? sacz prechuber de  
haja em diante o vacuo que sentia no cora-  
ção... como vou ser feliz?...

Todo preocupado com estes pensamentos  
chego ao mesmo quarto. U.K. esta quasi ves-  
tido. Apenas entro, pergunta-me logo:  
— Estão?... o que te queria a velhota?  
Em lugar do responder-lhe, pergunto-lhe  
tambem:

— Onde está o meu canivete?... a tua  
navalha? um recalpe?... qualquer coisa  
que corte... anda, homem!... Já m'ô cá  
apresento....

— Ah!... comprehendendo!... um ataque...  
uma epilepsia....

— Lave-lo o diabo mais as apoplecias....  
— É uma lençote que queres talvez...  
— Ora não me abatreça... ah! isto mes-  
mo serve... digo eu agarrando a navalha com  
que o meu amigo corta o fumo para o ca-  
chibano.

— Sangrar como uma navalha de cortar fu-  
mo?...  
— E quem te disse que vou sangrar, am-

pod? estas doido? torno-lhe eu, avançando  
para o banco e abraçando-o.

O.R. contempla-me estupefacto; mas vendo  
que são as camisas que ainda hontem trouxe  
a Sr. Maria Pereira, e que as amarrotei fru-  
nicamente, agarra-me no braço, gritan-  
do:

— Doudo estas tu!... larga demonio!...  
que accesso e esse?!...  
Fico furioso.

— Então, não sou senhor do que é meo?  
— Sim; mas nao do que é meo... É que  
tal está a maluquice?

Tinha-me enganado com o babú.

— Tem razão, Sr., digo eu; desculpa...  
enganet-me. Felizmente só amarrotei duas  
camizas....

— Esse pouco... 400 rs. perdidos! suspira  
o R., procurando reparar as avarias que lho  
causou.

Entretanto abro eu o meu babú e começo a  
tratar as minhas camizas do mesmo modo que  
as do R., com grande pasmo d'este que mur-  
murou:

— Esta doido!... não ha duvida....

— Mas não me explicaras o que quer di-  
zer tudo isto? pergunta-me elle ainda.

— Já lhe fallo, meu chato Sr. Tinha a

hondade de esperar um pouco, respondo em  
serviço mo da novidade para livrar as camizas  
e camizas dos respectivos botões. Fimda esta  
operação, esfrego, por algum tempo, no chão,  
toda esta trapalhada; depois sibho satisfeito  
para a minha cama que representa o valor de  
60000 e atarado a polijoneta e finalmente  
volto-me para o R. que continua a dizer:

— Esta doudo! não ha duvida....

— Tivez, meu amig, olivez; mas não  
imaginas quanto me agrava esta loucura!...  
Aposto que, quando os oueres tudo, acharas  
muito natural o meu modo de proceder?...

— Um... pombache duvida...  
— Ou vé.

E relato-lhe minuciosamente o que se pas-  
sou em casa de D. Joaquim.

— Mas, para que todo este acodamento...  
este desperdicio inutil? pergunta elle.

— Para que? Para ver-me ja debaixo da  
tutella d'essa mulher arrebatadaca... quero  
ter direito a ir, a todo o momento, saber  
da minha companhia; quero penetrar-me a és-  
tas camizas que me transmittira o appetito-  
das suas mãos tão delicadas... ao appetito-  
das suas mãos de produzir em mim o effeito da  
um effeito de... (O.R. suspira) que ap-

— Já lhe fallo, meu chato Sr. Tinha a

ameaçado dar a sua demissão, se fossem executados os capitães federais, aos quaes

# FOLHETIM. (\*)

## SCEAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

PRIMEIRA.

### O QUI-PRO-QUO.

Historia de um dia.

IV.

O QUE VARIA ACREDITAR A SRA. MARIA PEREIRA QUE EU ESTOU DOENTE.

Em quanto fallou, R. acalhou promptamente de vestir-se. Parece-me preoccupado.

— Então? não me achas razão agora? — Homem, não sei o que te digi... Mas deixemos estas ninharias... Não vras almoçar?

— Eu já não sinto a menor vontade de o fazer... o meu appetito, agora, é todo de outro genero; mas enfim, para não perder o costume, vamos.

(\*) Vhl. o DISPERTADOR N. 74.

— Nada... eu não vou... não tenho fome tambem.

Atmeçarei depois de sair da aula. Tenho que escrever ainda á meu pai; bem sabes que sabo amanhã o vapor para o Norte...

— Pois não me disseste que o llo havias já escripto?

— Simi... disse... ó verdadeiro... mas esqueço-me dizer llo coisa muito importante, e ho-me forcezo acrescentar um *post scriptum*, que nao será breve.

— Mão l, digo eu contigo mesmo; não ter como um gastronomo d'estes... lembrar so, á esta hora, de acrescentar *post-scripta*... um... os diabos me levem se elle não me disse, hontem, que já tinha levado as cartas ao correio... Começo a desconfiar do melro. Parece-me que llo noto um ar sorrateiro e souso muito meu conhecido e com o qual estou horrivelmente prevenido, pois ó sempre anuncio de alguma peça que me prepara. Mas o que pretenderá elle?... Com que fim?... Não... não... elle é meu amigo... tenho certeza d'isso... nada devo receiar d'elle, que me prejudique; alem do que não se devo desconfiar dos amigos.

— Então, até já, digo llo eu, pondo o chapéo e saindo.

aromaticos de gosto vivo e pertomes

— Até já, responde R., que já está sentado á meza, dispondo os preparativos de escripta.

V.

O QUE VARIA A SRA. MARIA PEREIRA CONSCIEA QUE R. É TÃO DOENTE COMO EU. BONS PARA EMA.

Ao passar pela porta de D. Joaquina, encorto o passo.

Quem sabe se não a abricião agora? E nesse caso poderei, talvez, ver ainda a encantadora Luizinha, e merecer della um sorriso daquelles com que ella soubo captivar este fragil e desmasiadamente sensivel mortal...

Baldada esperança! Nem ao menos apparece por aqui o maldito moleque... poderia obter d'elle certos esclarecimentos de que muito preciso. Mas enfim... logo estarei mais adiantado. Por enquanto trataremos de chegar ao *boulevard Carceller*, onde me espera o quolidiano café com leite. Ainda da porta da rua levanto os olhos para as janellas do primeiro andar. Nada!... absolutamente nada!... e não posso deixar de exalar um profundo suspiro. Em compensação, porém, parece-me ter visto na minha janela a cabeça do R., que se retirou rapidamente. ep. u.

olhei para cima. Não presto maior importância á este incidente, e saio.

Chego sem novidade a casa V. Carceller, Filho e Guimarães. Entro, sento-me á uma das mesas, e apesar do meu pouco appetite, faço honra ao modesto almoço. Satisfeito este impertinente necessitado, volto em busca do amigo R. que já devo ter concluido o seu longo post-scriptum.

Apenas ponho o pé no primeiro degrão da escada, retro-o logo, e retrocedo sufocando um grito do espanto...

É elle... é o traidor!... sahindo do casa de D. Joaquina... Ouçamos o que dizem...

— Até logo... Cá o espero com o Sr. Julio... É a voz do D. Joaquina.

— Não faltarei, minha Senhora, respondo o perdido, e escuto-lhe os passos na escada do segundo andar.

Mal ouço girar uma chave na fechadura, comprehendo que está desimpedida a barra e torno á entrar.

Não me é possível descrever os tumultuosos sensações e a alluvia de pensamentos que me acodem de tropel...

Indigno e falso amigo!... era este o post-scriptum que tinha á escrever!... todo...

... tudo me dá um illudido!... tudo me dá um...

tes cego que não quiz conhecer o laço que me armava... e firm-se lá em amigos... Ah! em adivinho o que me chinas e o que foste fazer á casa dessa mulher desusisada q' não pôo occupulo em receber qualquer badaqueo que se lhe apresenta, esquecida do que tom uma sobrinha tão bonital—Até logo—disso ella, o acrescentou—Cá o espero com o Sr. Julio—... vai jantar commigo e com ella... comigo não, que lá não pretendo ir... Vai traidor... vai... mancha com teu habito pochento essa flor pura e caudida... O que?... nada! isso queria o patife... heido contraminar ir... (Oh! se hei de ir... heido contraminar-lhe os planos... vou já disparatar com elle... vou... Mais bem inspirado, porém, resolvo-me á corresponder á astucia com astucia; á pagar traição por traição.

Firno neste proposito, subo mansamente a escada, á fim do surprehenber a fera desprevonida no seu antro. A porta está entreaberta, mas, para maior segurança, limto-me á espisar pelo buraco da fechadura.

Que diabo está elle fazendo em rocaras?... Estará... não... não está... Vejo-lhe os braços em profunda actividade... minhas mãos... não posso saber o que fazem as mãos... Fato perfectamto de costas para mim o malhe

tol... Bom!—volta-se para cá... Ah!... Não posso conter uma homérica gargalhada e entro no quarto... Foi-se no todo o futuro!... Sobresaltado, põe ao R. do pé, largando em meio a sua obra e olhando-me com um ar desapontado que ainda mais me faz rir... Adivinhem o que fazia o meu fiel amigo?... Ora... estava applicando á sua roupa branca, o m. s. processo que empreguei com a minha, nem mais, nem menos!...

Finalmente tomando a si do primeiro alabelo, o R. ri-se tambem, e diz-me com todo o descafo:

— Meu prezado Julio. Sobreja razão lidas quando me dizias, que eu approvava o teu procedimento. Não so o acho muito natural, mas até o imito, como vés. E, sem me dar tempo de responder-lho, trava-me do braço e pucha-me para o vão da janella.

— Escuta; diz-me elle, vou explicar-te a minha conduta que te deve parecer muito reprehensivel, e que, na realidade, não deora da ser. Mas estou certo de que me desculparás, tu que sabs, melhor que ninguém, e que excessos te obriga este tempo que hebraes do novo primario por...

... estão divididos em classes e gêneros, os costumes diversificam quanto aos hábitos dos cidadãos, mais ainda os.

## FOLHETIM. (\*)

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

#### PRIMEIRA.

#### O QUI-PRO-QUO.

#### Historia de um dia.

V.

O QUE FARIA A SRA. MARIA PEREIRA CONCLUIR QUE H. É TÃO DOBRO COMO EU. DOUS PARA UMA.

— Muito bem exordiado; passemos á narração.

— Não me interrompas; ouvo o julga—mo depois.

A maneira poetica e animada porque mo descrevesto a interessante Luizinha...

— Obrigado.

—...causou-me um invensível desejo de apreciar por mim mesmo esse cuíro do graças, tão vantajado por ti. A tua presen-

(\*) Vid. o DESPERTADOR n. 7a.

nada servirá pergat a pureza de costumes, e mostrar por nossos desregramentos que praticamos ao contrario d'aquillo que aconselhamos. O genero humano

ca era mo enão... desnecessario... bastantto desnecessaria mesmo...

— E o Sr. descartou so do mim, mandando me almoçar.

Não precisa ontrar em explicações sobre esse facto; avalio-o perfectamente...

— Não... não... Mas, em somma, ou precisava ficar só. Para realisar esse *desideratum*, o mais depressa possível, deixei mo ficar em casa, allegando o pretexto quo sabos, o apenas subisto, postei-me á janella, na osperança do quo a bella vizinha não se dedignaria do apparecer.

— Bem me tinha parecido!...

— Effectivamente; mal havia sabido a porta da rua, vi a chegar áquella janella... a ultima. Não mo restou duvida quo fosse a mesmo de quem me falláras, (apezar do achala muito acima da tua poetica descripção) porque, alem do não mo constar a existencia de outra moça em casa do D. Joaquim, disse me o coração quo tinha a vista a fada quo to enfeiticára. Comprehendi então os tous transportes o arrebatamento, o victima, como tu, do mesmo encantamento, não mo pudo furtar ao seguinte raciocinio: a nossa amavel vizinha não se pronunciou ainda em favor do

...mento de seus filhos, e como as aves de arribação, que em certas e determinadas epochas transmigram e deslocam no seu trajecto os paizes que percorrem.

meu amigo; é mesmo possível que não se pronuncie nunca...

— Agradeço lho a hypothese gratuita... De duas um; (pensei eu) ou ella posta de fútilio, ou não. No primeiro caso—cedo lho o terreno; no segundo—apresento mo candidato o talvez seja mais bem succedido. E, o quo ainda é melhor: em nenhum dos dous casos prejudico ao meu amigo, quo o não supponho tão trolhoncado quo queira ser amado d'fort et á travers... Fiquei por tanto, completamente tranquillo...

— E, na verdade, é muito tranquilizador o tal seu *argumentum cornutum*? Queira Deos que so não espelo nas pontas quo voltou contra mim... Não quero indagar se é ou não rigoroso o seu dilemma; prescindindo da questão logica Não sei, porém, se terá, moralmente experimentado a mesma tranquillidade

— Ora... pois não l... uma é resultado da outra, porque...

— Ta... ta... ta... A razão manda muitas vezes o quo o coração desappetava. Mas não entremos em discussão. Nunca chegamos á um accordo. O que era fado, está fadado. Heblatou me a garota. Pois bem, disp-

José Maria Martins Leoni da lições de  
música, canto e piano; em casas particu-

temos o amor do bella do primeiro andar, ac-  
rescento eu, resignando-me á este concurso,  
em que vou ser talvez levado á parede, mas  
qu'infelizmente não ha meios de recusar.

Até o meu amor proprio, se conspura contra  
mim.

— Fazemo nos, porém, guerra leal e á des-  
colerto, continuo eu, bem resolvido á atrai-  
ção na primeira occasião que se me offere-  
cer.

— Aceito! guerra franca e leal! diz o meu  
amigo que pensa provavelmente do mesmo  
modo que eu; e, para prova da minha vince-  
ridade, vou contar te os passos que tenho da-  
do, e o que pude, por ora, obter. Quando a  
nossa Luizinha...

Experimento um horrivel estremecimento,  
quando este indigno diz a *nossa Luizinha*...  
— ... e briga á janella, ergueu logo os os-  
culos olhos negros para os nossos dominici-  
os. Pela primeira vez, e tambem pela ultima,  
como vezes, cruzarão os os nossos olhares.

Ficou elle muito respeitavelmente meu cha-  
mo, e suspirando muito com toda a amabili-  
dade. Depois voltou se ella para o lado da  
rua por onde se retirou, e quando desappareste  
no meio da rua, e quando se da janella, com  
o olhar de uma filha e de um simples olhar de pa-

au menos. Confesso-te que fiquei medincres-  
mente satisfeito com este introito. O ciuime,  
companheiro inseparavel do amor, fez-me  
ver, na coincidência da sua retirada com o  
teu desapparecimento, um principio de inci-  
nação por ti...

— Ora, qual! interrompo eu, interior-  
mente lisoiçado com esta noticia que accredi-  
to piamente.

— O que é verdade é que não mo dei por  
vencido; tanto assim que, d'ali á alguns mi-  
nutos, batia á porta de D. Joaquina. Foi esta  
quem mo recebeu. Depois de lhe haver dito  
quem era e de expôr-lhe o fim da minha visi-  
ta, isto é, que lhe ia pedir por obsequio, o  
que tão espontaneamente to offerecera, tive  
do ouvir os seus longos arrazoados e theorias  
sobre economia domestica, que deixei passar  
incolumes, tão empenhado estava em descor-  
tinar a verdadeira causa da minha visita e tão  
preocupado e zangado por não l'obriga-lo.  
Fallou tambem de ti, e com muitos elogios,  
cumpre-me confessar; fallou me de tudo, em  
summa, menos d'aquillo que me interessava.

Conhecendo, a final, que ja seria inconve-  
niente prolongar por mais tempo a minha co-  
tada em sua casa, tomei, desanimado, a re-  
solução de retirar me. Foi então que a

rabara velha lembrou se de deixar a sobri-  
nha que não podia apparecer, por estar pre-  
parando para ir a casa de uma prima, ac-  
rescentando que pouco se demoraria lá. De-  
me ainda muitos conselhos, que me julguei  
dispensado de guardar de memoria, e achando  
convidando-me para jantar hoje com elle,  
convite que me renunciava com a sua grati-  
co

Eis aqui o resultado que obtive por ora  
que, assim mesmo, não é pequeno.

— Não, não por certo. Estás, portanto,  
resolvido á aproveitar-te do offerecimento de  
D. Joaquina?

— Se esteu! Mais do que agora... E  
ponde elle, olhando para o relógio. Admitto  
horas de aula, mas antes d'isso quero concluir  
o meu trabalho que interrompenteão  
de proposito. E dizendo isto, esfrega o  
edjuamente no assalho as alvas com  
amarr todas, que tanto derão que l'arr  
unhas da Sra. Maria Pereira.

E achava me duvido!

— Para que te demoras a chegar, cohe  
desperdiçar o tempo que se perde eu por

cento

Ainda mesmo as intelligencias supe-

# FOLHETIM.

fim

SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

PBIMEIRA.

O QUI-PRO-QUO.

Historia de um dia.

V.

O QUE FARIA A SRA. MARIA PEREIRA CONCLUIR QUE ELLE É TÃO DOBRO COMO EU. DOUS PARA UMA.

— Os herões do paganismo sacrificavam as divindades cuja protecção querião conseguir; eia tambem, como elles, faço o sacrificio que me devo facilitar as boas graças da deusa a quem adoro.

Alem disso, preciso de um pretexto que cobrasse as minhas visitas á casa de D. Joaquina, que pode á final encordar com ellas; e, ou eu muito me engano, ou ella não sympathysa muito commigo.

(\*) Vid. o DESPERTADOR n. 76.

A censura é um correctivo apreciavel

Agora podemos ir, acrescentou elle, finda a operação.

— Vamos.

VI.

O QUI-PRO-QUO. UMA PARA TRES.

Para apenas um quarto de 1 hora da tarde.

Não obstante ser ainda muito cedo, eu o R. dispomo-nos, desde já, á entrar em campo, com todas as probabilidades de bom exito, isto é: procuramos, cada um por sua parte, arranjar os nossos *foisettes* do modo o mais elegante que podemos, e estudamos, *in mente*, o plano que se nos mostra mais azado, as maneiras que nos parecem mais apropriadas para a conquista que ambos projectamos. Neste momento solemne de anciosa espera, nenhum de nós falla, mas, em compensação, cada qual pensa por quatro. Não sei o que se passa lá no interior do meu amigo; quanto á mim, sinto uma especie de desanimo que não é de bom agouro. Eia! coragem! *juca est alea!*

O medo antes do combate é meia derrota, e portanto nada de medo.

Emfim... soba a hora eprazada. Passamos um ultimo exame em toda a nossa pessoa,

ilamos no derradeiro toque as pentas e depois, sem nos podermos muito amento empolhar a emoção que nos possue, esdamos a um tempo.

— Até que á final!

Já estamos em meio da escada, l'ar-

— Sabes ainda alguma coisa de basketta? perguto eu ao R.

— Tudo, á excepção de datas e nomes proprios.

— Qu'ros dizer; á excepção de tudo? ...

— Não; mas á que vem isso agora?

— Recordas-te, ao menos, da formosa Helena, causa da ruina de Troia?

— Sofrivelmente.

— Deves tambem lembrar-te do accordo á que chegarão os seus amores á prelo lentes?

— Sim; comprometterão-se á respeitar a escolha da requestada princeza, e ainda mais: á proteje-la.

— Justamente. Já vejo que estas mais forte do que eu pensava. Pois bem; fr'ponto te um igual pacto: Ulysses respecta e protejerá a ventura de Meneláo...

— Seja; mas, parece-me que este é um exemplo de máo agouro...

— Porqu?

— Porque verdadeiramente he...

de com a qual se...  
Desterro 8 de Outubro de 1915.  
Augusto Fausto da Luz.

TYP. DR. J. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N. 1

...entendo... aquella era minha sobrinha Ju-  
lia... Pois devers...  
do?...  
Julia! penso eu. Não era Luiza!... Ju-  
lia!... E eu que tanto desajava que ella se  
chamasse Julietta. Eis ahí porque ella sorri-  
se quando lho disse o meu nome... Mas en-  
de está ella! quero vel-a!...

Então o Sr. suppunha... Ah! percebo...  
continuou D. Joaquina rindo-se cada vez me-  
is. O seu engano foi todo por culpa minha.  
E eu pensei ter-lhe dito claramente... Tem-  
bem o Sr. tinha tanta pressa!... Nem deu  
tempo a que Luiza o visse ver...

Depois moderado-se um pouco disse:  
— Mas o Sr. fallou-me de modo que  
entendi ter já conhecimento de Luiza!...

que já a tinha visto. Mas emfim vou expli-  
car-lhe tudo. Minha sobrinha Julia não mora  
comigo. É casada (e carregou n' esta palavra.)  
Vinha hoje passar o dia conosco, mas o ma-  
rido que é um velho rebugento veio hucal-a.  
ba do haver meia b'ra, dizendo que não po-  
dia passar sem ella em casa.

A pobre menina não teve outro remedio  
senão obedecer lho. Esta é que é Luiza! e  
Bibi, como o Sr. quizer.

Continua.

...do com a qual se...  
Desterro 8 de Outubro de 1915.  
Augusto Fausto da Luz.

...entendo... aquella era minha sobrinha Ju-  
lia... Pois devers...  
do?...  
Julia! penso eu. Não era Luiza!... Ju-  
lia!... E eu que tanto desajava que ella se  
chamasse Julietta. Eis ahí porque ella sorri-  
se quando lho disse o meu nome... Mas en-  
de está ella! quero vel-a!...

Então o Sr. suppunha... Ah! percebo...  
continuou D. Joaquina rindo-se cada vez me-  
is. O seu engano foi todo por culpa minha.  
E eu pensei ter-lhe dito claramente... Tem-  
bem o Sr. tinha tanta pressa!... Nem deu  
tempo a que Luiza o visse ver...

Depois moderado-se um pouco disse:  
— Mas o Sr. fallou-me de modo que  
entendi ter já conhecimento de Luiza!...

que já a tinha visto. Mas emfim vou expli-  
car-lhe tudo. Minha sobrinha Julia não mora  
comigo. É casada (e carregou n' esta palavra.)  
Vinha hoje passar o dia conosco, mas o ma-  
rido que é um velho rebugento veio hucal-a.  
ba do haver meia b'ra, dizendo que não po-  
dia passar sem ella em casa.

A pobre menina não teve outro remedio  
senão obedecer lho. Esta é que é Luiza! e  
Bibi, como o Sr. quizer.

Continua.

...do com a qual se...  
Desterro 8 de Outubro de 1915.  
Augusto Fausto da Luz.

...entendo... aquella era minha sobrinha Ju-  
lia... Pois devers...  
do?...  
Julia! penso eu. Não era Luiza!... Ju-  
lia!... E eu que tanto desajava que ella se  
chamasse Julietta. Eis ahí porque ella sorri-  
se quando lho disse o meu nome... Mas en-  
de está ella! quero vel-a!...

Então o Sr. suppunha... Ah! percebo...  
continuou D. Joaquina rindo-se cada vez me-  
is. O seu engano foi todo por culpa minha.  
E eu pensei ter-lhe dito claramente... Tem-  
bem o Sr. tinha tanta pressa!... Nem deu  
tempo a que Luiza o visse ver...

Depois moderado-se um pouco disse:  
— Mas o Sr. fallou-me de modo que  
entendi ter já conhecimento de Luiza!...

que já a tinha visto. Mas emfim vou expli-  
car-lhe tudo. Minha sobrinha Julia não mora  
comigo. É casada (e carregou n' esta palavra.)  
Vinha hoje passar o dia conosco, mas o ma-  
rido que é um velho rebugento veio hucal-a.  
ba do haver meia b'ra, dizendo que não po-  
dia passar sem ella em casa.

A pobre menina não teve outro remedio  
senão obedecer lho. Esta é que é Luiza! e  
Bibi, como o Sr. quizer.

Continua.



# FOLHETIM.

## SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

PRIMEIRA.

### O QUI-PRO-QUO.

#### Historia de um dia.

VI.

O QUI-PRO-QUO. UMA PARA TRES.

Casada!... casada!... Oh! minhas esperanças de amor e de ventura, morreste quando vos cria á ponte de ser realisadas! Julia! perdi-te para sempre! E entretanto eu me esongava de haver lido em teos olhos tanto interesse por mim! Perdi-te para sempre... para sempre?... quem sabe?

— Beirou-se ha de haver meia hora, diz ainda D. Joaquina.

— Não está mais ahí! murmuro eu, sem poder encobrir o meu descontentamento.

(7) Voto o ESPERTALHO a. 77.

..... para diante »

— Não; mas antes de ir-se, pedio me que lho desseo este recado, palavra por palavra: diga ao Sr. Julio que não pude cumprir a minha promessa, porque tenho tambem á cumprir serios deveres, e esforço me por desempenhá-los fielmente. Peço-lho finalmente da minha parte que não liquo mal comigo por isso.

Entendo. Ella foge-me. Estou convencido de que não foi seu marido quem lho ordenou que voltasse para casa. Mas porque me foge? Porque receia desagradar-me? O que significavão aquellas lagrimas?... tudo emfim? Ah! so eu me atrevesse á supportar!..

— Então em que pensa Sr. Julio? pergunta D. Joaquina.

— No recado de D. Julia, minha Sra.

— Ah! pobro meninal Não encontrou o que merecia.

O marido que já não é nonhuma criança, é um rabugento que lhe faz passar uma vida bem aborrecida.

— Mas como se resolveo D. Julia, tão bella, tão moça, tão cheia de encantos, á despozar esse Sr.?

— Ora, foi um d'esses casamentos por conveniencia.

A mãe d'ella é minha irmã, que Deus te-

nha em sua santa gloria, julgou que não podia entregar a filha em melhores mãos do que nas do Sr. Pedrozo, que tinha seu par de contos e que, suppunha minha irmã, era homem do juizo... juizo tem ell: tanto como o meu irmão Pedro. Pois ha de arriscitar que ainda tem pretensões á namorada? Um sujeitinho que é mais velho do que eu cinco annos.

Ora, eu fiz cincuenta e hum contadinhas no Domingo de Paschoa, veja lá o Sr. que tal é a infancia.

— Que lindo quadro! diz o R., ajustando-so como para examinar uma pintura, mas na realidade para disfarçar o seu máo humor. Provavelmente lembra-se da asneira que fez em estragar a sua roupa branca.

— Eis ahí como se sacrifica o porvir de uma moça tão digna de melhor sorte. digo eu em meia voz.

— Não accuso os mortos, moço, torna-me D. Joaquina, assegurando-se de que na distancia em que se acha não a pode ouvir o R. Minha irmã julgou que dava um pisso muito acertado, o demais... escute.

O Pedrozo era hotentim de minha irmã, a qual, viuva, pobre e quasi sempre inbente, devia-lhe já uma boa quantia. Mas talvez do casbado havia tambem contradeido para

comentou de sua mãe, pelo que, des-  
tado esposa e mãe; pelo que, des-  
de já, protestou seu eterno agrá-  
decimento.

Desterro 11 de Outubro de  
1863.

com elle um empenho consideravel. Alem  
d'isso era o mesmo Pedrozo quem adiantava a  
minha irmã o dinheiro com que ella occorria  
as suas precizes. Vendo-se as portas da mor-  
to, não sabia da idea á triste mãe, que, ape-  
nas fechasse os olhos, seria ven-hida, para  
amortização da dívida, uma cazimba, unico  
bem que possuia, e que sua filha ficaria redu-  
zida a miseria.

Demais, a delicadeza que affectava o Pe-  
drozo, nunca lhe fallando em dinheiro, nunca  
pando dívida em adiantar-lhe; tudo isso foi  
causa de que, apenas lhe tocou elle em casa-  
mento, pegou-lhe logo na palavra, não vendo  
n'elle mais do que o homem generoso que lhe  
arrancava a filha das garras da indigencia.

— E o infeliz meça foi votada á uma sorte  
mil vezes peor que a miseria.

— Escute; disse D. Joaquina lançando um  
olhar um tanto desconfiado para o K.

Posto que muito me captivasse a attenção  
as revelações da velha, havia, contudo, al-  
guns minutos, que eu ouvia, segarmente, uma  
especie de dialogo que se travava per detraz  
de mim. Eu distinguia a voz do meu amigo á  
qual respondia uma outra voz, frouco e surda,  
que nem me foi preciso voltar me para saber  
que era a da encantada Luiza.

Janciro pianos avançados, musicos e m-  
do quanto diz respeito á sua arte.

## Manoel Francisco da Costa

participa a todos seus devedores em  
geral que definitivamente tem delibe-

R tinha conseguido domesticar o monstro  
arisco, que já começava á doitar os mangui-  
tos de fora.

Este rapaz é de uma habilidade espantozal  
Que diabo pretenderá elle d'esta rapariga?

Vendo que o meu collega esta entredido  
com a sobrinha, fez-me D. Joaquina signal  
para que a acompanhasse, chegando-so para  
a janella.

— Confio muito no Sr.

— Muito obrigado minha Sra.

— Estou convencida de que é um excellen-  
te meço. Quanto ao seo amigo...

— Não o é menos...

— Não duvido, mas... eu cá me entendo.  
Escute; vou fallar-lhe com toda a franqueza.  
Depois que soubo, ha pouco, do engano em  
que involuntariamente o fiz cahir, compre-  
hendi muita cousa, que nem se quer me pas-  
sava pela imaginação.

Recordando o seu modo de proceder esta  
manhã e rotejando-o com o d'esta tarde, con-  
cluo...

— O que minha Sra.?

— Que minha sobrinha Julia não deoou  
de causar-lhe seo impresseo.

— Immens' immensissimas' minha Sra...

Desterro 8 de Outubro de 1863.

Augusto Furtado da Luz.

TYPE DE J. J. LOPES, RUADA TRINDADEN. 1

Já vê que correspondo á sua franqueza, com  
outra igual.

— Muito bem. Agora, ouça o poste no  
com juizo o segundo o seu bom coração.

Todo o erro de minha irmã consistio em  
divulgar do mim. Não me julgou digna de  
contiar-me sua filha; dividiu do meu coração.  
E entretanto eu amaria e amo Julia com a  
mesma ternura de uma mãe. Os meus braços  
que se abriação para uma, continuou D. Joa-  
quina designando Luiza com o olhar, não se  
fechrião para a outra.

Julia não teria sido rica, mas seria feliz.

Achar lhe hia um marido meço e digno co-  
mo o Sr. ... Não e verdade que o Sr. a fara  
feliz?

— Oh! minha Sra., pois duvida?

— Não. Pobre Julia! Ella não se vera  
encadeada a um velho repulsivo, que a ama-  
tina com desgostos e a multissima e marta-  
los embelesos a um repulsivo...

— Pois não estáy...

## FOLHETIM. (7)

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

#### PRIMEIRA.

#### O QUI-PRO-QUO.

#### Historia de um dia.

#### VI.

#### O QUI-PRO-QUO. UMA PARA TRES.

— Modere-se meu filho. Permitta-me que o trate assim... Elle ainda não chegou á esse ponto... Tocar na filha de minha irmã l... na sua infeliz martyr l... Olhe, Sr. Julio; eu sou uma cretlera inoffensiva, mas se elle commettere tal indignidade... era eu muito capaz de quebrar-lhe na cara todos os seus frascos de drogas e baleragens. Esse homem, cujo ciume impõe á triste moça a norma de proceder a mais rigorosa e acatarrubadora, é, entretanto, um velho libertino... um devasso... em bandalho... Mas não fallemos mais n'isto... Bem vejo que o estou affligindo...

— Oh! como a Sra. não imagina... Mas diga-me... peço-lhe que me não occulte a

(7) Vid. o Despertador n. 72.

Cheguri-me a este D.ossa que dormia,  
E um brijo lhe dei de amor sómente.

verdade... Foi D. Julia que se quiz retirar esta manhã para casa... Não foi esse infame Pedrozo quem a veio buscar... falle D. Joaquina o... p lo amor do Deus! não me queira enganar...

— Que ninço este! Ainda bem que eu não lhe disse nada... foi elle quem tudo adevinhou... E Julia que tanto se empenhava para que o Sr. o não ouvesse...

— Ella evita-me... Não lhe sou pois indifferente... exclamo eu, sem poder conter-me. Não lhe sou indifferente... e quem sabe se me não farei amar?...

— Meu D.oss!... Não falle tão alto... Que de cousas está o Sr., ahí, á dizer... Quem lhe metteu tudo isso na cabeça?...

— E o coração quem m'ó diz, o o meo coração nunca mente...

— Pois bem; seja assim... Serrei mais franca ainda... confessarei mesmo que, sem o pensar, despertou o Sr., na pobre menina, um sentimento que seu marido nunca lhe soube inspirar... Mas não conceba vás esperanças. É uma chamma que se extinguiu com a mesma rapidez com que se acendeu...

Filho da imaginação, mais do que do coração, Julia conseguirá soffocar esse sentimento que apenas nasce, e ainda assim, fendo de morte pela voz do dever que o condemna.

dra hespanhola, assim como aos outros de alto bordo.  
(Estr.)

— Ella ama-me!... ama-me!... oh Julia!... Julia!... eu ainda serrei feliz!... digo eu, não ouvindo mais do que a confirmação da minha esperança.

— (O que diz, Sr. ? atalha D. Joaquina, com uma severidade que me gelo o sangue nas veias. O que pretende? O que espera?... Que importa que seja amado, se nada mais obterá do que uma esp'rança que nunca será corouada? Quanto á minha sobrinha, fracoço ella, enternecida se gradualmente, e infeliz achou mais um esp'nto para a sua corôa de martyr, mil vezes mais precioso que todos os outros... Não lhe procure voltar o espinho contra o coração...

Não queira converter a victima para e resignada em uma mulher culpada e deitados seus soffrimentos... Peço-lhe por favor apontar o Sr. tem de mais chatear o mundo... por sua mã?... por ella mesma...

É a voz da razão e do dever que salta dos labios de D. Joaquina. Cava uma voz e a poderzai nada passava... Mas como essa razão me parecia... dever-se-me ligura... epheltes os mais... pularem me... boia, mas eu não... para dea te...

## Manoel Francisco da Costa

participa e todos seus devedores em geral que definitivamente tem debe-

transformar tudo o que me ser, devendo nella ca da vez mais impementamente!

— O jantar está servido! Entra o moleque Pedro, chegando a porta do fundo.

— Dê-me o seu braço, diz-me D. Joaquina e ajuntou em voz baixa:

— Lembra-se das minhas ultimas palavras ..

— Sr. R., diz ella ainda, faz-me o obsequio de conduzir minha sobrinha?

— Pois não, minha Sra., com todo o gosto! Passamos a sala de jantar.

Bem diverso do que eu o tinha ideado nos meus bellos sonhos corre este triste e desanimado. Os gestos da conversação são feitos apenas pelo R. que parece muito satisfeito e (quem o diria!) pela interessante Luiza que está na maior intuidade com o meu collega, por quem mostra decidida predilecção. O que posso assegurar é que não me zango por isso, nem pretendo fazer-lhe a guerra. Promette-me, deste modo, ser mais amigo d'elle do que elle uno.

Não se me dá de apostar que o espartilhão procura dos males o menor, e faz a corte á horrada donzella, para que ella lhe faça abastimento de um sintem em cada peça de roupa que lhe mandar lavar ou engummar. Pelo que me toca, como pouco e pouco ainda mecos. A lembrança do Julia é cada momento.

— Parece, de nome Antonio, não me enjoa, de 33 annos de idade, pouco mais ou menos, estatura regular, corpo bem feito, nao muito gordo, cara

to me preocupa e contrista. Pobre moço! Como devo sorrir! Tudo me está explicado — as suas lagrimas . . . a sua tristeza . . . D. Joaquina está tambem destrahida, e, de vez em quando, olha-me com ar compadecido.

Rôa mulher! Estou certo do que muito es-timaria ter-me por sobrinho.

Levantamo-nos, finalmente, da meza, e vamos para a sala esperar o café.

A Sra. Luiza propõe-nos, então, as suas condições ás quaes subscrevo, sem lhes pros-tar a menor attenção.

Depois do mais algum tempo que passamos tratando de assumptos sem importancia, le-vanto-me para me retirar. O R. imita-me e despedimo-nos das duas Sras.

— Sr. R., diz Luiza com a sua voz aspera o desagradavel, que debaldo procura tornar adocicada; espero que haja de apparecer por cá de vez em quando.

— Não deixarei de aproveitar-me do tão fisonheiro e honroso convite, respondendo o meu amigo, inclinando-se com toda a galanteria.

— Não se esqueça de nós, diz-me D. Joaquina. Venha ver nos algumas vezes. É ac-crescenta em voz mais baixa:

— Fallaremos d'ella... contar-lho-hei tu-do quanto souber á seu respeito . . . É o mais que posso fazer em seu favor . . . Mas,

Sabida nos cartazes o detalhe do es-pectaculo.

THEATRE DE J. LOPES. RUA DA TRINDADE, 3.

ainda uma vez lho supplico: não afunde do que a sua penetração lhe fez descobrir . . .

Pobre Sra! Pretendo esgar o incoherente com liquido combustivel.

Por uma resposta aperto-lhe vivamente a mão e saio.

— Que negocios trataste tu com aquella horrenda caricatura? perguntou ao R. logo que o pude fazer sem receo.

— Meu amigo, percebi que a velha era fe-da por ti, e tratei de procurar tambem um aliado.

— Ah! . . . É o que conseguiste por esse intermedio?

— O que te esteve á dizer a velha? perguntando-me elle igualmente.

— Nada . . .

— Justamente o que alcançei da sobrinha torna-me elle, sorrindo ironicamente.

Ainda persiste na luta! Embora! Não quero exigir d'elle o cumprimento do que me pro-mette . . . Não, que me seria preciso de-clarar-lho o meu segredo . . . Nada lhe direi. Insista muito embora nas suas pretensões, não o temo mais.

Ah! D. Joaquina! Bem combeço que Sra. falla em nome da honra e de futuro. Mas eu estou leuco . . . não discorro. Farei . . . o que puder.

... os corretores; foi por isso  
que não se pôde ouvir este pequeno dialogo que se

## FOLIETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

No Omnibus.

— Então, quando sabe?

— D'aqui a um quarto d'hora.

— Ainda um quarto d'hora de espera! ...  
Não ha outro omnibus ou diligencia que parta  
mais cedo?

— Não, Sr.

Este curto dialogo travava-se no largo de S.  
Francisco de Paula, um dos menores da cidade  
do Rio de Janeiro, em o dia 21 de Julho de  
1862, entre um recebedor do Omnibus do Rio  
Comprido e um moço de lva apparencia que se  
mostrava bastante apressado.

Quem tiver boa memoria recordar-se-ha que  
no Rio de Janeiro, durante toda a tarde e noite  
do dia 21 de Junho, choveu á bom chover.

Um quarto antes das duas horas da tarde em  
que começa a acção que vamos escrever, cahia

já um ligeiro chuvisco, que não era mais do que  
o preludio de uma d'essas tremendas carvas d'a-  
gua, que inundão as ruas da cidade, cullucando  
os viandantes sorprendidos na alternativa de  
sangrar as algibeiras, ou de cavalgar no dorso de  
algum preto do ganho, o que é muito mais hato-  
so e divertido.

Isto dito voltamos aos nossos dons interlocuto-  
res.

— Ainda um quarto d'hora de espera... re-  
pito o moço apressado, puzando pelo relógio.  
Prefiro tomar um tillury.

— Como quizer, redarguo o recebedor.

O moço abriu o relógio, porém um corpo es-  
tranho se lho intorpez entre os olhos e o mostrá-  
dor, envolvendo tanto o relógio como a mão que  
o sustentava.

Era um lenço de finissima cambrala, um len-  
ço de moça e de moça elegante.

O mancebo levantou a cabeça e vio, moldura-  
do pelo postigo que lhe ficava superior, um d'es-  
ses rostos de mulher que vistos uma vez não se  
esquece mais e que fazem o tormento de um ca-  
ração apaixonado.

Era o typo perfeito da belleza brasileira.

Pallida, não d'essa cor desbotada que caracte-  
riza uma natureza minada pela enfermidade,

mas d'aquella que dá a estrover e sempre gize-  
ria a través da epilepsia.

Seus olhos brilhantes e negros como os cabel-  
los, estavão em perfeita harmonia com os labios,  
por ventura um pouco grossos, porém de qual fi-  
no voluptuoso e provocador.

Não era necessario ser grande physionomista  
para conhecer do tudo d'esse gentil ambiente  
que, se aquella mulher e amasso algum dia, sabo-  
ria amar como ninguém.

O nosso mancebo pensou provavelmente como  
nós, pois desfranzia immediatamente o subalho  
que, de leve, se carregara com este pequeno in-  
cidente.

— Mil perdões, Sr.; modului a moça do Om-  
nibus, e na sua voz doce e sem ra perre-lis-se  
uma emoção de moço algum justificada pela  
pouca importancia do facto.

O mancebo estremeceu ao sum d'essa voz, sem  
que elle proprio soubesse porque, mas assim mes-  
mo, respondendo á supplica da moça com a galan-  
teria que era de esperar da sua lva apparencia,  
restituindo o mimoso lenço que uma mão delicia,  
da e elegantemente calçada se calçava para  
receber.

É sem mais imputar-se com as horas que  
marcava o seu chronometro, guardou o lenço e



Westero, Capit-1 da Provincia de Santa Catharina seu termo na forma da lei N.º. Fez saber que pelo juizo de orphaus no dia 28 do corrente mez á porta da sala

remittiu se para a portinhola do pezado vehiculo, dizendo por ultimo, ao recebedor:

— Para em *Mata purcos*

Das oito lugares do *Unibus*, apenas dous eslavão por occupar, alem do primeiro da esquerda que pertencia ao recebedor; erão o terceiro e o quarto da direita. Ao lançar a vista para o interior, deixou o moço escapar um signal, quasi imperceptivel, de descontentamento. O assento fronteiro áquillo que occupava, á esquerda, a moça do lenço, tinha sido tomado por um d'esses homens de apurado e pretencioso traçar, de maneiras affectadas e de voz assucarada, que constituem em toda a parte um typo bem conhecido e extremado, o que sao designados pelos nomes de: *dandy, leão, taful &c* conforme o theatro das suas proezas. O que tambem não soffria contestação é que era elle um bonito rapaz, e isto explica o descontentamento do novo passageiro.

Entretanto se a sua modestia o fazia duvidar de si mesmo, não era elle das que mais devião receber a concorrência. Posto que se não pudessem dizer honito, possuia uma d'estas physionomias francas e abertas que agradão á primeira vista. Seu olhar era firme e leal. Negros e brancos supercilios de ordinario unidos por uma contracção que se tornava habitual, deixavão aderi-

para esta pia instituição, cuja sédo se acha estabelecida no Rio de Janeiro, que tem em vista o humanitario e patritirico fim de intervir beneficentemente nos casos de miseria

nar que elle tinha tanto de bom como de irascivel.

De resto, todos os seus gestos e movimentos denunciavão um certo descuido e pouca opinião de si, o que é, quasi sempre indício de um merito real.

Reduzido á optar entre os dous ultimos lugares da direita, preferio o terceiro e foi sentar se ao lado do formoso *leão*. Apenas acomodado, empurrou a moça do lenço e á uma outra Sr.<sup>a</sup>, que se achava á par d'ella, e a qual, á despeito dos annos, conservava ainda bastante simpatia com a moça para dar logo á conhecer que era sua mãe. Ao tirar o seu chapéo descobrio o moço uma fronte intelligente e pensadora. No angulo esquerdo superior d'essa fronte elevada podia-se notar uma cicatriz estreita e de uma pollegada de extensão, pouco mais ou menos. Mencionamos esta pequena particularidade porque, como verá o leitor, não deixa de ter sua importancia.

As duas Sr.<sup>as</sup> corresponderão á saudação do mancebo com muita amabilidade, e a linda filha envolvo em um longo olhar que, por muito expressivo deixou-o em completa indecção. Elle leu n'esso olhar tanta benevolencia, tanto interesse e ao mesmo tempo tanto prazer, que não pôde comprehendê-lo.

tune.

Principiara á 8 horas

Typ. BKT. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N.º 1.

Dir-se bia que essa moça que o encarava tão estranhamente o conhecia de muito perto e de longa data, mas contra essa supposição protestavão as suas mais recuadas reminiscencias.

Contudo ao fixar esse rosto delicado, sentio mancebo despertar-se lhe vagas e fogitizas lembranças de algum cujo nome lhe não podia occorrer, e no seu interior se passava alguma cousa de estranho que elle não sabia explicar.

— Será ella loureira? pensava elle com sigo mesmo

E, respondendo á sua propria pergunta, acrescentou, olhando de esguelha para o seu elegante vizinho, o qual assustava descaradamente o *pince nez* sobre o gentil vis-à-vis:

— Não; este olhar não é o de uma loureira, e demais, se o fosse aqui achava quem lhe fizesse muito mais conta do que eu.

A moça pareceu adveinhar-lhe o pensamento: sorrio-se, e como querendo confirmá-lo, voltou-se de perfil para o atrevido *leão* e derramou sobre o feliz recém-chegado os doces effluvia do seu olhar magnetico.

O mancebo não sabia o que pensar d'esta sobreta e pronunciada sympathia.

(Continua.)

vamos quo, por qualquer motivo, tomem parte na questão. Nesta intima convicção em que es- tábada, urge que insistamos no publicação de uma

## POLIETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SE USÓDA.  
EDUARDO.

No *Omniaibus*.

Vestido recumbente como si ficasse rajada do ven- to e cheio de pólos postigos do *Omniaibus* impellin- da a chuva a pice começa a cahir em torrentes. A moça vê a chuva e começa a cair em torrentes. O pai chega e levanta-se a meio e incli- na-se para ella.

Supõe então a moça e movimento as suas mãos ao encontrar. Não saber o que fazia, elle aper- tou o braço e esse movimento delicada. A moça estava estupefacta, mas não retirou a mão de sobre o braço, e brandamente correspondido ao signal da sua pice.

Tomou-se da mão o seu lugar, com os olhos

de um lado e o outro de outro.

— Alguns... &...  
— Vamos,

Julho 62 citelo, S. 45 e seguintes até 49, só o pice a ser em toda publicação do juiz, precau- dendo a dita e produzidos de 20 dias com a de-

em logo e o oração á querer saltar lhe do peito. Por sua parte fizeram-se a moça muito curada. Já não olhava ao mundo.

O seu olhar era muito menos cruzado, mas em compensação era tão terno! É os seus moços se eplegáram ao encanto d'essa muda e eloquente correspondencia em quanto a boa mamã que não prestava ou lingua não prestar attenção á esse innocente *derriço*, divertia se em ver o que se passava no largo.

Veu arranca los ao seu enlevo uma pequena alteração entre o formoso *leão* e o seu v zumbo da esquerda, homem refrendo, de feições vul- gares e de modos mais vulgares ainda.

Trazia elle debruçada sobre o hombro uma criança atornecida. Despertado em sobresalto pelo ruido da chuva que acoutava violentamente as vibrações do *omnibus*, saltou o fedelho um agu do guincho que se foi ambar no curvado do mo- ço elegante, e com um movimento do braço ar- rancou lhe do cima do nariz o doutado *pince- nez*.

O *leão* voltou ao rubro do colera para o pai da criança.

— Sr. faz me o obsequio de aquietar o seu menino?  
— Aquiete l'c Pois não está elle quieto? Que to piceos?...

de delle sem primeiro o requerer é este Juizo para haver a competente licença e p gar o lu- dínio do quarenta — um — se não com a re- tucar-se o mesmo terreno para a mesma fabrica

O Sr. á modo que não gista da criança?...? Muito pouco, e ainda menos que me e a m os olhos.

Vazar lhe os olhos?... É que tal? Mas eu vejo-lhos em perfeito estado...? O se foi...? heim?... que te parece, Mamã...?

O Sr. Mamão não respondia ás interpeleções do seu pai pelo simples razão de não fallar ainda, mas desafiava-se em gritar cada vez ma- is alto.

Vendo que não havia partido á tirar com tres sujeitos, inclinava-se o *omnibus* para fóra. Gri- tando:

— Então, Sr. receber? s. humos em não?

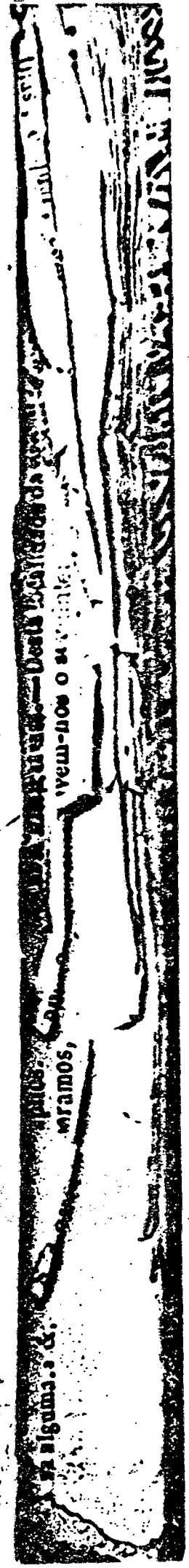
— D'aquí á pouco, responde o outro da por- ta. Falto preencher mais um lugar.

— Tomo o eu, diz um homem gordo e largo, do circa de cinquenta annos de idade, que ho- gou todo estafado, e enfiou-se nestas este no *omnibus*.

O receber entrou logo apoz: curvado se o sig- nal da partida e o *omnibus* começou a andar.

— Oh meu Sr. l' par aqui? exclama o gordo recém-chegado, mal tem com os olhos no moço que o precedia, apertando lhe amavelmente a mão e tomando assento á sua direita.

— Eo Sr. tambem, meu chorobuquerque! responde aquelle a quem o *omnibus* cobrava





Pelo Vice-Consulado de Fran-  
ça, se ha de arrematar no dia 21  
do corrente mez de Maio, a por-

Dr. P. eo que julgava acudir tarde ao empreza-  
mento do do confessor que desmentiu hoje a  
sua proverbial pontualidade. . . .

— E' verdade, meu joven amigo e Sr. Ednar-  
do. . . Mas o que quer? O humem põe e thous  
diz-pir. Neg eus imprevistos e impreteriveis  
obrigarão me a fallar ao nosso ajuto. Figure o  
Sr. . . .

E o gordo banqueiro principiou a expor á Edu-  
ardo os negocios que o tinhão retido. O moço pa-  
recia ouvir muito attentamente as suas razões.  
purem os seus olhos constantemente cravados na  
moça do lenço pruvavão exactamente o contrario.  
A moça inclinou a cabeça para sua mãe, e dis-  
so-lhe algumas palavras em meia voz.

Por mais que applicasse o ouvido, Eduardo  
apenas pôde perceber as ultimas: *rua do Hospi-  
cio.*

A Sra. idozza ficou então no mancebo um olhar  
curioso e indagador, como que procurando reco-  
nhece-la, e depois respondeu em voz baixa, mas  
nao tão baixa que não a pulesse ouvir o mancebo  
que era todo ouvidos.

— Não. . . não é elle. . .

A moça fez um momosinho de impaciencia.

— Tenho cert za. minha mãe, acrescentou ella  
em tom um pouco mais alto. A mãe encolheu lo-  
vemente os hombros como dizendo:

ha nesta cidade, mui novo,  
manso e garboso. Trata-se na  
rua da Trindade n. 16. 3—1

— Não pode ser.

— Já vê pois. Doutor, que não foi culpa minha,  
dizse o homem gordo, terminando a sua exposi-  
ção.

— Não comprehendo, respondeo irreflectida-  
mente o mancebo todo preoccupado com as pala-  
vras trocadas entre as duas senhoras.

— Como l não comprehende? Pois é bem cla-  
ro, retrucou vivamente o outro.

P'rdão, disse Eduardo fazendo-se vermelho,  
queria dizer não contesto. Antes mesmo de dar-  
mo as suas muito valiosas razões já eu o havia  
desculpado. Sei perfeitamente que o meo amigo  
não falla voluntariamente a um compromisso  
por muito insignificante que seja.

— Bem, isso agora é outro fallar. Passemos  
ao que serve. Diga me, está já resolvido a ir  
passar as ferias d'este anno com seu pai?

— Não, agora menos que nunca.

— Não creio.

— Pois verá.

— O Doutor não resistirá ao pedido de uma  
moça bonita. . . do uma priminha que tanto o  
estima. . . de sua noiva enfim. . . .

Ura, por favor: não fallemos mais d'isto, in-  
terrompeo Eduardo, visivelmente contrariado  
com a direcção que ia tomando a conversa. . . .

— Pelo contrario, disse o indiscreto gordo

que não ntenden ou não quiz entender o elo-  
quente olhar que lhe dirigo o mancebo; pelo con-  
trario é só disso que me devo occupar. . . Bem sa-  
bo que aqui sou eu quem represento seu pai. . .  
eu, seu correspondente e amigo velbo que recebi  
d'elle o direito do o aconselhar e guiar. . .

— Meu pai suppõe me ainda uma criança. . .  
— É o que é mais n Senhor, meu amigoinbo?

Pois já se julga velbo com 21 annos ap-nas? Vin-  
te e um annos! quem ó que não tem vinte e um  
annos hoje em dia? Seu pai é um homem hon-  
rado, de muito bom senso e que sabe o que lhe  
convem.

— Conheço perfeitamente meu pai, tornou o  
moço que começava a impacientar-se.

Mas o gordo correspondente não se amedroa-  
tava de caretas.

— Não parece, proseguiu elle; se o Senhor o  
conhecesse como diz, estaria convencido de que  
tudo quanto elle faz é para seu bem, e que se  
insiste por este cazamento. . . .

— Por quem é, meu amigo, deixemos para lo-  
go este negocio, a occasião é mal escolhida. . . .

— Toda a occasião é propria para se tratar  
d'aquillo que é licito e bom, mas enfim, fago-lhe  
a vontade. . . logo conversaremos.



Pera consistir no mesmo cemitério. (2) que assignou o Reverendo Arcipreste com as seguintes

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

I

No Omnibus.

Eduardo estava desesperado. Apenas o velho correspondente saíra de sua nuiva, a moça do lenço empalidecêra, lançando-lhe um ultimo olhar, tão magoado, tão cheio de exprobrações que o mancebo sentio-se commovido até o intimo d' alma. Depois ella voltou o rosto e não olhou mais para a sua frente. De todo o coração amaldiçoava o pobre moço a indiscrição do velho amigo de seu pai. Pareceu-lhe haver distillado lagrimas n' aquelles olhos que o fitarão tão expressivamente e a profunda afflicção que lhe assobrou o coração, mostrou-lhe que essa moça que via pela primeira vez, o havia seriamente impressionado.

— Ora isto já é demais! não se pode tolerar!

Vide o Despertador n. 137.

No relatório do ministério do império de 1846 vê-se que o nosso respectivo, recom-

quem tem crany são incommodas e deservol tas não as faz viajar de omnibus!

É ainda o leão ás bulhas com o pai do Sr. Mamede e com o proprio Sr. Mamede, o qual, muito pouco versado nas conveniencias sociais e não tendo lido nunca as *Leigas de civildade*, havia achado de bom gosto barrilar as e lças do visinho com um liquido amarelado que pouco se assemelhava as odoríferas essencias de que usa va o elegante rapaz.

— ( ) que foi? pergunta o homem que parecia dono do armazem de molhados; o que foi? Ah! tocou-lho tambem o seu bocachinho? consolo se amigo que estou com as enixas e partes circum vizinhas n' uma perfeita sópa. É's um tratante Mamede! és um gaiatão!... heim?

— Que o Senhor, que é pai ou quo ao menos o parece...

— Que o sou... que o sou... nada de duvidas!

— Pois bem; o Senhor... é justo que sofra as inconveniencias do seu menino mas eu que...

— Nenhuma parte teve na... entendo... mas tambem forão só uns pinguinhos...

Por ultima resposta o leão voltou-se para o recebedor.

— Faz-me o favor de mandar parar, disse elle.

O abaixo assignado Tenente Coronel Commandante do batalhão d'Artilharia e

— É mesmo o que ia fazer agora, acudiu o outro servindo-se do apito que trazia ao pescoço.

Depois dirigindo-se a Eduardo arrectorou:

— Estamos em Matapicos.

O velho correspondente levantou-se e puxou Eduardo pelo braço.

— Vamos, Doutor, vamos! em que está pensando.

— Ah! desculpe, meu amigo: mas não posso acompanhar-lo...

— Como! não pode?...

— Prometti á um amigo, que mora aqui ante, fallar-lhe hoje, antes das tres horas, sobre negocio de summa importancia.

— Ora... isso pode ficar para mais tarde... o depois não vê como chovo? Vai voltar logo ensopado...

— Não, levo guarda chuva...

— Ha de servi-lho de nuito e a lama do chão minho?...

— Paciencia! mas prometti...

— Mas a mim tambem me prometti...

— Meu amigo, o Senhor mesmo recomen- hoje que os maiores compromissos preterem o menores...

— Sim, masignora vê, o leão com a confiança para a moça da espedida, mas... mas de-me, ao menos, a sua palavra em con-

...fazendeiro 5 ruas de Se-  
 ban n. 139 pharmacia do Sr. Dr. Francisco  
 Zacharias Alves, em frente ao hospital, e  
 em Sant. Catharina na rua do Principe n.  
 3. casa de Viuva Ferrez & Filho.  
 TYP. DR. J. J. LOPES, RUA DA TRINDADE, N. 1.

boa presença o espirito cultivado lhe grangeario  
 triumphos de todo o genero.

Raras vezes o visto nos theatros e nunca no  
 Alcazar.

A palavra cancan causa-lhe calafrios...

Densdã nozes a quem não tem dentes, diz o  
 proverbio, e diz muito bem.

Por certo quem se referisse á mim e ao meo  
 collega não poderia dizer com o poeta:

Ambo florentes atate. Arcades ambo.

Os projectos do velho Avellar são, ou antes  
 erão, apenas concluisse o manrebo o seu curso  
 medico, manda-lo á Europa em companhia da  
 noiva que lhe escolheu; uma priminha que mor-  
 re de amores pelo ingrato, o qual retribue o seu  
 extremo com o mais injusto desleem. Será ella  
 feia, desonraçada, pobre ou tola?

Nada d'isso; é honita, rica, espiritosa e ama-  
 vel. Porque desdenha pois, Eduardo o amar de  
 sua prima? E porque não é o seu ideal?...  
 O seu ideal! Dever ser bem bom o poder-se ter  
 sua ideal! Se me fosse permitido ter também  
 um ideal, já me contentava com um que reunisse  
 a metade dos dotes da prima de Eduardo.

1866

... (ou menos) de um spe-  
 tro, 4 centímetros cubicos — 2902 con-  
 rós do novilho salgados, 2377 couros de  
 novilho secos — 200 couros secos para  
 ferro, 50 couros de cavallo ditos — e 3000

pregado no mesmo lugar com os olhos fitos na  
 casa em que havia entrado a mulher que o fos-  
 cinára, sem dar attenção á chuva que lho espu-  
 tava o rosto e lhe alagava o facto.

II.

*Um devedor que recorda ao credor a sua  
 divida.*

Eduardo de Avellar é um dos estudantes mais  
 esperanças da Faculdade de Medicina da Corte,  
 onde frequente actualmente as aulas do 5.º an-  
 no.

Enthusiasta pela sciencia, intelligente como  
 um demonio, e estudioso como poucos, gosta da  
 estima e consideração de toda a Faculdade.

É lho unico de um rico fazendeiro de Minas  
 que labe os ares por elle, dispõe de uma meza de  
 que bastaria á fazer nadar em prazeres quatr-  
 cinco cançados da minha bitola.

Entretanto porta-se elle com uma moderação  
 verdadeiramente notavel. Eú tambem suas  
 com uma pequena differença: o que elle faz  
 indole faço eu por não ter outro remedio.

Frequenta pouco as sociedades em que as suas  
 boas relações lhe dão facil ingresso, e onde a sua

de 1866.  
 Antonio Joaquim Irinkosa  
 2—2

estará em minha casa, o mais tardar, até ás tres  
 e meia.

— Fato dito.

— Neste caso até já.

O homem gordo sahio precedido pelo lindo le-  
 do que preferio a chuva e a lama aos borrifos do  
 S. nh. e Mamede.

O omnibus poz-se de novo em movimento,  
 U'oh á cinco minutos, a Sra. idoza fez signal ao  
 recolher. Ouvio-se, ainda uma vez, o estridi-  
 lo do apito e o omnibus parou de frente á uma  
 casa de bonita apparencia, com o seu jardimsi-  
 nbro na frente, limpo e cuidadosamente tratado,  
 como os tem quasi todas as chacaras do Rio Com-  
 prido.

Eduardo que não perdia o menor movimento  
 d'adoas Sras. deo-se pressa em saber o off. recco  
 a mão a Sra. idoza que desceo em primeiro lu-  
 gar e agradeceu a sua delicadeza com um sorriso  
 muito affectuoso. Mas a linda filha fingio não  
 ver essa mão que para ella se ostendia; saltou  
 lestamente, e tomando o braço do sua mãe en-  
 carnabão se ambas para a casa em frente á  
 qual parára o vehiculo. Em quanto esto se afa-  
 lava, enquanto mãe e filha desappareção por  
 detrás dos arbores e latadas do jardim, o pobre  
 Eduardo encontrando de dor o de desamparo ficava

as desta persuasão pretendia reformar o crime criminal na parte que trata dos crimes por abuso de expressão de pensamento! Veremos o que surte. Talvez não consiga levar o effeito suas pretensões: os

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

II.

*Um devedor que recorda ao credor a sua dívida.*

Mas qual! Por mais que me estafe em escrever a parentes e parentas, para que me arranjem um partidinho menos máo, e que me dispensem de aturar por mais tempo o Cruveillier e Beclart, obtenho sempre a mesma e desoladora resposta: « Meu amigo, Temos deitado barro á muitas paredes, porem sempre infructuosamente. Dizem os moços que és muito fofo, e as velhas que és um doido. Trata portanto de concluir os teos estudos; talvez sejas então mais bem visto ». E que tal? Feio e doido! Entao eu não presto para nada? Nem por dentro, nem por fóra?...

Vide o *Despertador* n. 139.

o seu proprio interesse, e para os seus compromettidos a sua tralha fina e delicada; nós pois o felicitamos pela praça, *bon pour toi, re!*.....

B. E. A.

— Sempre sou bem infeliz! Tão infeliz que a unica vez que tirei um premio na loteria e não era dos maiores; verificou-se no dia seguinte haver sido por engano!...

Deixemos porém de fallar do mim, e voltamos em ao meu amigo Eduardo, a quem deixamos em bem tristes circumstancias.

Havia cinco minutos, pouco mais ou menos que o pobre rapaz se conservava exposto ao máo tempo e sempre na mesma attitude. A sua roupa estava completamente molhada e elle começava a tiritar de frio.

Para cumulo de infelicidade um violento arressa de defluxo veio complicar a sua já tão lamentavel situação. Uma longa serie de estrombadoras espirros obrigando-o repetidas curvaturas e caretas o tornavão incrivelmente digno de lastimar. Tiverão, porem, para elle, a vantagem de despertá-lo do seu entorpecimento.

— Só esta me faltava, murmurou elle. Se ella mo estivesse vendol..... como não so havia de rir!

Lançou um olhar inquieto para a casa onde so recolhiera a moça do omnibus e afastou-se rapidamente cerca de trinta passos. Parou, então, do novo e continuou a espirrar muito á seu gosto.

— Maldito fallador! tomava elle, sempre in-

## AVISO AO COMMERCIO.

O abaixo assignado faz sciente a esta Praça, que assignou á sua casa de fazendas,

tercompido pelos times espirros. Que necessidade tinha elle de fallar mo de..... hi.....

— *Dominus tecum!* articulou por detrás d'elle uma voz jovial.

— Muito obrigado, respondeu o moço de máo humor voltando-se para o obsequioso importuno. Era um homem de estatura regular, de physionomia franca e alegre, trazendo suasas talhadas á indizeza, já quasi de todo brancas e um abalomen bastante desenvolvido.

Um riso meio ironico, meio amigavel deixava-lho ver hollos dentes alvos e iguaes. Trajava com muito accio e revelava logo á primeira vista o homem do bda sociedade.

— Não tom do que; tornou o recém-chegado. O senhor está bastante constipado!.....

— Não o felicito pela penetração.

O homem das suizas á ingloza fingio não ouvir e continuou:

— Perdô a indiscripção. Está á espera do omnibus das tres?

— Sim, senhor.

— Dar se-ha caso que elle tenha recostado para o deflexo os passos de omnibus?

— É o que e que o faz suppor isso?

— Aparente, ha pouco, de um om

# PRECISA-SE

mandar a frete para Londres, oitenta toneladas, pouco mais ou menos, do carregamento.

nibus, e não diz que está á espera de outro passageiro...

—( ) que me parece é que o Sr. pretende divertir-se á minha custa!...

—Deos me livre disso! O Sr. zanga-se por muito pouco. Faz mal

Não se deve tratar por isso modo os amigos velhos. Será possível que já se não recorde do mim?

—Curioso seria recordar-me eu do Sr. quando tenho plena convicção de o ver pela primeira vez.

—Pela primeira vez?... Já vejo que se esqueço completamente do mim. Malto bem! Faz-lhe isso muita honra.

—Continua?...

—O que?

—Ora; á zombar comigo, está visto!

—Nada, meu joven amigo, nada. Digo apenas que muito honroso lhe é o haver esquecido aquelle a quem prestou tão relevante serviço...

—Os diabos me levem se o comprehendo! O Sr. provavelmente toma-me por outro...

—Perdão... tomo o por quem é... pelo Sr. mesmo...

—Saiba quem eu se

—Não tenho essa

—Com mil diabos

vixante, e parali; a desenteria quando existe; augmenta o appetite; combato as constipações e as congestões da bilis; fortifica os intestinos, é util contra as colicas, hemorrhoides, e um bom vermifugo. Istando a boca com esse amargo fortifica as gengivas, e obsta a queda dos dentes. Deixar

a zombaria! De duas uma: ou o Sr. explica-se convenientemente ou então explico me eu, e juízo-lhe que lhe não ha de ser muito agradável a minha explicação...

—E o Sr. a zangar-se!... olhe que me zangou também... Escute, peço-lhe que me escute e responda com sinceridade as minhas perguntas. Havemos de entender-nos perfeitamente e depois que depois não ha de querer mais brigar comigo.

—Deos o permita...

—Amen. Mas não seria melhor que fossemos até á minha casa... alli... onde ha um portão verde. Explicar nos-hemos lá muito melhor do que aqui, incommodados por esta maldita chuva.

—Nada, respondeu Eduardo que nem olhou para o lugar que lhe indicava o outro. Nada, estamos aqui muito bem.

—Nem por isso... Mas já que assim o quer, vá feito.

—Por muito infiel que seja a sua memoria, ha de lembrar-se do que se passou no dia 18 de Abril do anno corrente?

—Pois confesso-lhe que faz ainda muito sa-

# DA BARRACA

vende-se tudo em conta no Largo de Palácio por baixo do Consulado dos Estados Unidos.

6-4

TYP. DE J. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N. 1.

moração da Paixão e Morte do nosso Salvador em diversas igrejas; procissão do Enterro á noite....

—Ab! porque não disse logo.—Sexta-feira Santa? Lembrou-me, lembro-me... podera não... Esse dia trago-o eu assignalado aqui... E dizem do estas palavras, Eduardo levantava a cabeça do chapéo e mostrava a cicatriz de que acima fallamos.

—Justo! é isso mesmo! exclamou o outro, transbordando de prazer... Se eu estava certo de que era o Sr. mesmo.....

—Mas diga-me que relação pôde haver.....

—Toda!... toda!... meu bom amigo... da noite de Sexta-feira Santa... na occasião da procissão... aquellas duas Sras. que tão carinhosamente livrou o Sr. dos insultos de meia dúzia de borrachos, os quaes com o favor do tumulto intentavão desrespeita-las...

—Na rua da Quitanda, esquina da do Hospício....

—Isso! isso... erão minha mãe e minha filha... Uma cnda de povo me dava a abraço do d'ellas... quando as tornei a encontrar... no momento em que o Sr. expunha o seu nome e nomeado a sua casa em defesa de seus parentes Srs. desobediencias....

6-4

...o ~~...~~, a antiga divisa das Comarcas, separando a Comarca do Norte o Termo de Lages, unidos aos de S. José, e da Laguna, e com elles formando a segunda Comarca. Ainda não tem consula-

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.  
EDUARDO.

II.

*Um devedor que recorda ao credor a sua dívida.*

— Fazia o meu dever.  
— Sim, meu bom e nobre amigo, atalhou o homem das barbas á inglaterra, travado lhe cabosamente da mão... sim... quando acudi... acudia tambem a policia que nos desembaraçou d'aquella casta de bebados... Já o encontrei ferido... Instei com o Sr... lembra-se?... para que me acompanhasse afim de pensarmos a sua ferida, mas o Sr., fortando-se precipitadamente ás minhas instancias e agradecimentos enbranhou-se no meio da multidão e não o vi mais até hoje...

— Não valha a pena... Mas não tratemos

Vide o *Despertador* n. 141.

...a ser segurado seus bens...  
Direito da Comarca, promovendo uma sessão armada de uma dminuta parte de habitantes do Termo para obriçarem nos dias 7 e 8 de Maio do anno passado, como

mais d'isto. Ainda ha pouco fallei lhe com algum arrebatamento, mas bem ve...

— Pois não... pois não... Não tem devida... em tambem fui assim quando moço.

— Alem de que acabo de sofrer contrariades que bastante me affligem, e contribuição para o máo humor de que lhe dei provas. Mas estou convencido de que me desculpa, não é assim?

— Pois ainda o pergunta? Meu amigo, hoje não o largo mais. Havemos de fazer cabal combinamento. Principio por dizer lhe que chamo-me José Duarte Passos, negociante retirado, antigo socio capitalista da extincta firma Duarte Passos, Vieira & C.

O mancebo inclinou se e disse por sua vez:  
— É eu — Eduardo do Avellar estudante de medicina.

— Bella o nobre profissão ó a que escolheu meu caro amigo e Sr. Doutor, tornou Passos inclinando so tambem Com os brinosos sentimentos que possui, agouro lhe um brilhante porvir.

É enfiando sem cerimonia o seu braço no do mancebo:

— Hoje junta comigo Celebraremos este feliz encontro com um cabreseinho de Champagne...

— Mas... interrompeo Eduardo.

...no, mereço, acuda a gravidade de...  
Assemblea Legislativa Provincial, contra o qual represento.

Pago da Camara Municipal da Cidade

— Por favor não me recuse esta graça! Comtinho o outro empuxado o sempre. Quero apresental-o a minha Sr. e filha. Ellas passarão o dia de hontem em casa de uma parenta e voltarão ha pouco... Vias passar ali... da janela da meu amigo Vieira. E verdade... O Sr. deve ter-as visto...

Dizendo isto haviam chegado em frente a casa em que haviam entrado as Sr. do Omilins.

— Chegamos, disse Passos, convidando-o por um gesto a entrar.

— Como? pois é aqui?...

— Sim... não lhe mostrei ainda agora...

— Não prestei muita attenção... Neste caso, as Sr. com quem viajei...

— Erão minha mulher e minha filha, que muito estimarão ter occasião de agradecer lhe o immenso serviço de que lhe souos devedores. E aproveitando a estupefacção do mancebo e fazendo levando por uma alca de roseiras e jasmintos que ia terminar no porta principal do edificio.

Eduardo sentia-se atalhadissimo. Mal dizeses pensamentos lhe atravessava o espirito já ella

Estava explicado a sympathia do moço e encanadela e as meias palavras que lhe ouvira trocava com sua mãe. Elle não e conheceu a sua

... que termino, por Ury: já vai longa es- ta carta. Não é minha intenção massar-lê; e se por ventura o tenbo feito, desculpa ao teu

Silvino.

TPP. DR. J. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N. 1.

a qual nutre secretas pretensões. É maior da guarda nacional e eleito na sua freguezia.

No fundo do salão recostadas em um divão, conversão duas Semboras, qualquer das quaes já passou a quarentena.

Uma é a Sra. do commendador com quem já travamos conhecimento. A outra é uma mulher alta e magra, activa e circumspecta. Passaria por irmã do Sr. Araujo, se se não soubesse que era sua esposa. Pertence á peor classe de mulheres: é litterata.

A direita o como para fazer d versão á esses grupos d'antiqualhas, um mancebo e uma moça ambos formozos; ambos regorgitando de amor e do vida parecerem estranhos á tudo quanto se passa em redor d'elles. Quem são já o adivinha o leitor.

A filha do commendador sentada ao piano, deixa errar sobre o polido marfim os dedos delicados. Os sons que arranca ao melindoso instrumento, ás vezes destacados e fracamente accoutados, parecem escapar-se á medo. Outras vezes precipitam-se tumultuosos e febrilmente accelerados.

Para um ouvido habil, seriam esses sons as indicações thermometricas do estado de agitação em que se achava a moça.

(Continua.)

... e aquellas que tal pretendem. O resultado será contrario ás suas pretensões pueris.

Para que assim aconteça, basta que os homons chamados para os conselhos da Corda tenham sentimentos verdadeiramente

Contente-se com os fins, mas por favor não nos pergunte os meios.

A um canto do salão, em roda de uma pequena meza do jogo tres velhos se entretem ao solo— Um d'elles é o dono da casa.

Os outros são amigos da familia e qua a visitão assiduamente. O que se assenta á direita do commendador é um homem de sessenta annos, alto, secco, grave, calvo e barbeado de fresco. Usa do grandes oculos de aros de ouro sobre o nariz curvo o adunco como o bico de um papagaio. Vê-se obrigado a voltar so á mão todas as vezes que se quer dirigir á algum dos parceiros porque a sua immensa gravata branca á que faz continuação um par de collinhos armados de pontas ameaçadoras não lho permite mover o longo e delgado pescoço. Falla sempre com uma morosidade e gravidade podantesca que lhos assentão ás mil maravilhas.

Este homem é o Sr. Procurador Araujo, f.º rico, cazado e sem filhos, o que é uma pena, pois pertence á uma especie que merece ser conservada.

O terceiro jogador parece menos idoso do que o precedente; é gordo, vermelho, estúpido e intratavel. Chama-se Vieira e é o antigo socio de Duarte Passos. Os unicos livros que conhece são os do commercio. No anno tres annos no mundo; o dinheiro, o vinho, e a filha do seu amigo sobre

... basta e vamos ao que serve.

Um pouco de politica de mistura com certos actos officiaes de autoridades = li-gueiras = ..... Que dizes? ..... Sei que não és apaixonado dessa fazenda tão

de que só a viu uma vez á muito. . . no meio de um tumulto. . . occulto o rosto por um véo . . . Como é bella!

É quanto elle é feliz por lho ter podido prestar um serviço! Vê lá ainda uma vez. . . fallar-lho em liberdade. . . justificar-se. . . O mancebo não cabia em si de contente. . .

### III.

*Elles se entendem.*

Quem, pelas 9 horas da noite d'esso mesmo dia penetrasse no jardim do commendador Duarte Passos, e levantando-se á altura das janelas lançasse um olhar curioso para a sala de visitas do ex-negociante, presenciaria alguma cousa não inteiramente desusada de interesse.

Para satisfazermos ao leitor, tentaremos a perigoza escalada em risco de sermos apprehendidos como ratoneiro. E não nos limitaremos á vêr no que em nada nos avantajariamos ou menos agl dos caratos. Ouviremos tudo. . . não perdemos a menor palavra, por muito baixo que seja o tom, por muito abafada que seja a voz em que for proferida. Como o conseguiremos? É segredo. Permitta o leitor que lhe revelemos os alliegos, mas que lhe cubramos os nossos.

propos, qu'on a vu...  
pouvez le faire...  
O general Lee...  
postado

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

ACTO I.

EDUARDO.

III.

*Elles se entendem.*

Eduardo, o feliz Eduardo, esta junto d'ella, abraçado a ella, e recebendo com avidez as suas palavras pronunciadas com voz trepada e commovida.

Faz ao cumprimento da mesma probrissa, ou quem o que dizem.

— Sa subesse quanto me fez soffrer boje...  
O Estudante.

— E em? acredita que nada soffris?

— Trabalhei com tanta crueidade... julgar-me... condemnar-me, sem me ter ouvido...

— E não tinha razão?

— Não.

*Folheto Despertador a. III.*

como o seu principio...  
que? nos pergunta...  
Porque quando o no...  
(\*) Vol. I. pag. 115.

— Apesar de estar intimamente convencido do contrario, juro-lhe que muito me arrependo do que lhe fiz, quando...

— Quando?...

A filha do commendador sorrio se, e acenando-lhe com os olhos para uma das janelas:

— Vá aquella cortina?... a do lado esquerdo?... Não se acha um pouco desviada do portel?...

— Sim; estou vendo.

— Pois bem; essa circumstancia não é casual...

— Perdão... mas não comprehendo.

— Quero dizer que, apenas nos separámos hoje, fiz dali o meu ponto de observação, e que tudo vi....

— Tudo?... disse Eduardo, á quem a lembrança dos espiritus fez tornar se excessivamente vermelho.

— Sim, tudo; respondo a moça sorrindo-se.

— Entretanto não quer acreditar nos meus juramentos...

— E sua prima?

— D. Elvira! supplico-lhe que não me falle mais do minha prima... Nunca serrei seu esposo... juro-o pelas cinzas de minha mãe... Ainda não me acredita?

O commovente de Elvira radiou de prazer.

— É resistirá o vontade de seu pai?

...tambem...  
estado de fazer mo...  
de que he resultará  
a copia vantagem de poder vender mais barato  
do que outros deitara y mesmo como de com.

— Sim; porque amo a... Mas não creio, nem tudo, que me seja preciso fazer ao officio de secretario de um dos senhores que me são mais gratos. Meu pai estubo me deitara e não puzera contra os votos do meu coraçon my respeito quando souber qual a situação das minhas esperanças e o quanto sou amarellado do objecto da minha escolha.

Depois de uma curta pausa, o mancebo continuou:

— E se o obstaculo vier, pelo contrario, da parte de seu pai? Terá a mesma coragem que eu?

— Meu pai é tão bom! Se subesse como elle me ama...

Não... não será elle quem se oppoinha á minha felicidade...

— Mas... se, infelizmente, assim acontecesse l... Se elle já tivesse em mente outras projectos á seu respeito?...

— Se elle intentasse suffocar o primeiro... o unico sentimento de amor que desabrochou em meu coraçon, eu não lhe desobedeceria... não... porque a minha morte prevenida a minha desobediencia.

— Como é isso? existiu um commovente?

A moça estremeceu se profundamente.

Eduardo voltou se para a filha e perguntou:

VAPOR IMPERATRIZ. — Pessoa vinda de Ca-  
nauca nos informa que o vapor *Imperatriz* da  
linha intermediaria esteve 8 dias encalhado  
no rio do Guape, e que somente no domingo  
19 do corrente e que pode seguir para a cur-  
ta.

TYP. DE J. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N. 1.

sua infeliz victima, que limitava-se a dizer de  
quando em quando, e nem sempre a proposto :  
— Oh! sim... como é bello!... meu De-  
us!... Oh!...

F. Incejava a pobre Sr.<sup>a</sup> a ponta do quasi  
deslincar a mandibula.

Entretanto os dois moços não perlião tempo.  
— Nunca amou? perguntava o Estudante.

— Nunca

Eduardo mordeu o tenue bigode, o que a  
nello indicio de duvida.

A moça pareceu comprehendel-o, pois acres-  
centou logo :

— Davida ?

— Não... não... Porque duvidaria?...  
Eu tambem nunca amei...

— Oh! esta agora...

— Continua a descobrir de mim? E' bem  
injusta para comigo...

— Eu?... Não, mas é que... os homens...

— São uns m... pode ser... Mas juro-  
lhe que digo a verdade: nunca amei... Apenas  
uma vez...

— Uma vez... repetiu a moça...

— O macho!... repetiu a moça...

... do publico em geral, dizem ser: certeza de  
ação saudavel, adoptabilidade a todos os momen-  
tos de qualquer idade e sexo, e não seja perigo-  
so, se por casualidade fór tomado em grande  
quantidade. Tratou-se realizado estas condições  
d'esta preparação, pois que, alcança o assento  
do molesta com uma certeza infalivel, e é ao

— Não são do Castilho cetera d'ouros versos delici-  
ozos:

Saudade l' gosto amargo d'infelizes  
Delicioso pungir d'acerto espinho!

— Isso creio que voio na folhinha do anno  
passado...

— Na folhinha!... céus!... que horror!...

Um sorriso de commiserção distenduo os la-  
bios do Procurador.

— Sr. Araujo, diz a illustrada Sra., tenha pa-  
ciencia; não ha remedio senão recorrer a sua  
infalivel erudição.

O Procurador empertigou-se todo na sua ca-  
deira e pronunciou emphaticamente a seguinte  
sentença:

— Esse pensamento... essa idea... esse ar-  
rojo imaginativo... não pôde ser d'outro que  
não do visconde d'Almeida Garrett.

— Justamente! exclamou a Sr.<sup>a</sup>

Araujo batendo as palmas Justamento!...

Garrett!... E' isso mesmo... O author da *D.*  
*Branca*... o cantor do principio dos cantores da  
lingua portugueza.

— Obrigada Sr. Araujo. Eu estava cetera de  
que o Sr. não me havia de deixar mal

E' depois de mimosar ainda com um sorriso  
o grave Procurador, contiueu a abormentar a

... estes objectos mais baratos do que em  
nuta qualquer parte. A premissa a qual-  
quer obra com brevidade e proficuo. A lujia  
conserva-se aberta até as 9 horas da noite.  
L. Desterro 24 de Junho de 1864.

Guilherme Christiano Lopes

— Então, não sair que curto páis?

— Ah! sim... é verdade, respondeu Vieira, á  
quem se dirigia o commendador. Estava distra-  
hido; accretocou o e' lançando um olhar rancor-  
oso sobre os d'ous moços, que tranquillizados  
continuaõ a' traversar em voz baixa.

— Tenbo espaldas, disse o commendador je-  
gando...

— Certo, torna o Sr. Araujo recolhendo a va-  
za, e jogou as copas.

— Cubro, disse Vieira.

— Não pôde ser!

— Como? não pôde ser?... O Sr. joga oito  
e eu culro de az.

— O Sr. caxon me invidamento uma ma-  
nilha. Tinha copas... negou me copas... nao  
devia negar me o az do copas.

— Não ha tal...

— Faz-me o obequio de examinar a sua se-  
gunda vaza?...

— Tem razão... não sei como foi isso...

— Ora, major, atallheu rindo-se o commenda-  
dor. Onde tem V. hoje a cabeça? Está pensa-  
ndo na proxima formatura do batalhão?

— Sr. Vieira! Porquem é... auxilio a mi-  
nha memoria...

E' a Sra. litterata quem falla.

— Como? minha Sra...



supposto julgo que mais se envergonhará se o ler em jejum natural ou ao menos antes que o Sol no meridiano tenha subido e as emanações das margens do Tejo o

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCEMAS DA VIDA DE ESTUDANTES.

SEGUNDA.

EDUARDO.

III.

*Elles se entendem.*

- Uma vez. . . insistiu ella ainda.
- Meu Deus ! . . . murmurou o estudante como se fallasse consigo mesmo. Mas é realmente espantoso ! . . .
- O que ? . . . o que é que acha tão espantoso ? . . .
- Escute, D. Elvira, tem lido Hoffmann ?
- Alguma cousa.
- A Sra o julgará como talvez todos o julguem : — um poeta de imaginação phantastica e arrojada, e que teve a arte de vibrar no seculo XIX com tal mestria a corda do maravilhoso, á ponto de não direi sómente captivar a attenção, pois elle o conseguirá em qualquer tempo, mas ainda, de impressionar profundamente ; porém que era elle o primeiro a não acreditar no que dizia. . Não é assim ?

Vide o *Despertador* n. 153.

o negociante não deve deixar remessas sem ter algum grão de certeza, não só em relação ao estado da praça para onde se en-

(?) Vilela n.º 153.

— Pouco mais ou menos. Mas qual o fim a que pretende chegar ?

— Logo o verá. Eu concordo com o seu e com o juizo de todos menos, todavia, na ultima parte.

Creio, e creio inabalavelmente, que Hoffmann dizia realmente o que via e o que sentia.

— Ora ! . . .

— Mas se eu tenho motivos para crê-lo. . .

— O Sr ?

— Eu mesmo.

— Então acredito na affimidade mysteriosa estabelecida entre dous espiritos que se adevinhão e que se buscão, na influencia poderosa e occulta, na força desconhecida que mantem essa affimidade o que os aproxima um do outro ?

— Oh ! se acredito ! E tenho razões para isso. So eu lho disser que ha quatro annos que a amo ! . . .

— Entretanto que, ha pouco mais do dous mezos, vio-mo pela primeira vez ? . . .

— E' verdade.

A moça não pôdo suster uma risadinha tão clara o argentina que chamou a attenção dos julgadores e das duas Sras. que conversavau no divan.

— Aposto que o Dr. to está contando alguma das suas travessuras de estudante, disse o com-

alguns conselhos de opposição, do que nos mehos favorecidos da fortuna; isto se dá realmente por ser velho no mundo, que os ricos, quando não têm consciencia, sempre encospilão suas velhacarias, e

mentador, e acrescentou recolhendo a vista que fizera:

— Oh! os estudantes. . . os estudantes. . .

— São uma formidável canalha ! . . . correu entre dentes o Sr. Vieira E ainda ha pais que se consiltão junto do suas filhas ! Deus sabe o que estará dizendo aquillo de vassal ! . . .

— Não, não, meu pai, disse a moça. O Sr. Eduardo fallava-me de Hoffmann.

Ao ouvir o nome de Hoffmann a Sra. litterata deu um salto no divan, estremeccendo como o cavallo de guerra ao clangor das lunas do combate.

— Hoffmann ! exclamou ella. O jurista preta ! o muzico litterato ! E' apologeta d' Hoffmann, Sr. doutor ?

— Nem d'elle, nem de porta algum. minha Sra. . Detesto os poetas; respondendo o estudante que suppoz livrar se d'esse modo da incumumda litterata.

— Detestar a poesia ! gritou indignada a Sra. Araújo. E' realmente incomprehenivel ! Eis ali o que se lucra com o estado da sciencia ! Ao passo que só se adquire a certeza do nada que podemos saber, e o desanimo que d'ahi resulta, perde se o gosto d'aquillo que nos suavisava a trancia, d'aquillo em que nos podemos elevar. . . sem que ninguém nos diga: — basta! . . .

o gosto da poesia, entim ! O que scita a xico-

## O Official da Secretaria

José Joaquim de M. Fontoura Junior.

cia sem as letras? Um punter em que não se enconstrão fibras. Uma fiôr que não teria perfume. Separai o util do agradável, e o util não será mais util.

Inzeri a substancia e proscreei o exercicio — morderes por excesso de substancia Limitai-vos a aridez e ao positivismo da sciencia, repelli as letras, e será o mesmo que proscreev o riço do rosto do homem, que se tornará monotonno e fastidioso à ponto de fazer inorrer de tedio..

O estudante estava pallido de raiva, e ia tal-vez dizer alguma inconveniencia, quando a filha do Duarte Passos veio em seu auxilio.

— Não se affija assim, D. Escholastica. . . A poesia tem felizmente innumerros e fervoros partidarios. . . minha mãe, por exemplo. Não é assim, minha mãe?

— Tens razão, respondeo esta, lançando-lhe um olhar tão malicioso que a moça cotou. Tens razão; sou eu, aqui, a unica pessoa que gosta de poesia.

E exbalou um d'aquelles suspiros de resignação, que, traduzidos em linguagem vulgar, quem dizer: « Seja tudo pelo amor de Deus! »

— Pois faz muito bem, disse a furibunda litteraria, afferrando se de novo á sua desditosa preza.

condemnação neste ponto, se receberão as propostas na chancellaria do Vice-Commodore de França, até o dia 31 do corrente mez. Desterro, 6 de Julho 1864.

Eduardo respirou. Estava livre! Porém o Sr. Vieira, á quem muito agradára a intervenção da Sra. Araújo, tornou-se mais vermelho, se é possível, e foi tal o seu desespero que passou com um sólo de duas vazas perdidas.

## IV.

*Um amor mais velho do que se suppunha.*

— Vamos. . . falle. . . estou ancioza por ouvi-lo, disse a filha do commendador, apenas des- embaraçada da velha litterata

— Vou contar-lhe cousas que a devem surprender, D. Elvira.

Vou fallar-lho dos meus delirios, e d'antemão prevejo que me tomará por um louco. . . Mas não importa. Não sei se conseguirei convencê-la do que lho vou dizer, mas, ainda uma vez lho juro — nada ha para mim do mais verdadeiro. Quando, n'essa noite em que tive a ventura de prestar-lhe o pequeno serviço pelo qual se mo mostra tão grata, acudi ao grito do angustia que lho arrancára o receio do insulto, não foi somente a generosidade que me impellio em sua defeza.

Não. Um outro sentimento, mais poderoso,

— Me, onde se vende os temerios do Sr. Ayr.

Vendo-se no Largo do Palacio por baixo do Conselho dos Estados-Unidos.

TYPEUR J. J. LOPES. RUA DA TRINDADE N. 1.

havia senh-reado de mim. Eu tinha reconhecido a sua voz. Esse grito de angustia, eu já o tinha ouvido á um phantasma de mulher, n'um dos meus sonhos de visionario], e essa mulher era a Sra. . .

— Eu?!

— E tão profunda foi a impressão causada pelo meu sonho que, horas depois de chamado á realidade, pareceu-me ouvir ainda esse grito de dôr, e emprestei, á mulher que o exbalara, as feições do meu phantasma — as suas feições, minha Sra. . .

— Meu Deos! Sabe o Sr. que me está seriamente assustando? . . . Mas, por favor. . . quem era essa mulher de quem falla?

— Não sei. Posso unicamente dizer-lhe, que, durante algumas horas, amei aquella mulher como. . . como a amo.

Os olhos de Elvira exprimião um secreto desassneço, e foi como vez mal segura que ella disse ao mancebo:

— Por quem é. . . começo á não comprehender-lo. . . peça-lhe que se explique, que me diga tudo. . . tudo, ouvio?

(Continua.)

Para o conhecimento da verdade, não se deve ter medo de investigar, e não se deve ter medo de ser investigado. A verdade é a luz que ilumina o caminho da vida, e a luz não se apaga quando se tenta apagá-la. Portanto, não se deve ter medo de investigar, e não se deve ter medo de ser investigado.

(1) Comunicação feita á academia de Sciencias de Paris em 16 de Novembro de 1862.

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCEAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

IV.

*Um amor mais velho do que se suppunha.*

Não é de balde que se meço e ardo, etc. . . Posso assegurar-te que as ardorosas feições da tua imaginação não aggrdão mais o teu por demais sensível coração, uma vez que n'elle impere alguma das divindades do nosso mundo real, as quaes, juro-te que valem mais cento por cento do que as mais delicias creações da imaginação e mais romanesca. Assim, pois, entravos desde já em curativo. Para principiar, levo-te ao fogo d'artificio no largo da Mãe do Bispo. Abi acharás muito com quem resarir a evaporação do teu phantasma. Fiu; prumpto-lo e partamos. São nove e meia, e as dez começa a folia. Então? O que esperas?

— Não . . . não vou . . . respondi eu. Dispensa-me ainda por hoje. Amaohá estarei á tua dis-

Vide o *Despertador* n. 104.

... não posso . . . não quero. Rogos, instancias e até ameaças, tudo foi posto em practica pelo meu collega, para demover-me do meu proposito, e tudo inutilmente. Vendo, á final, que nada havia a esperar, despediu-se do mim e partiu. Apenas o vi sair, tomei a precaução de fechar a minha porta, e entreguei-me ao tortuoso curso das minhas meditações.

— E foi só isso? perguntou Elvira. Parecia-me ter-lhe ouvdo fallar em uma mulher. . . .

— Lá chegatei. A minha aventura continúa ainda.

— Ah! ainda bem.

— O meu amigo se havia, pois, retirado. Mas as suas palavras ressoavam ainda nos meus ouvidos. Sem o querer as minhas cogitações tomavão uma direção nova. Secreto presentimento de continuo me assaltava e me fazia estremecer. Uma lula vin lentamente no meu espirito e contribuia para augmentar a perturbação e o atordoamento em que eu me achava. Sem consciencia do que fazia, erpui-me subitamente e sahi.

O rapazinho que me servio do criado, dormia no aposento immediato ao meu. Acudido-o, ordenei-lhe que se fizesse a porta e tomando o principio da péo que me cubrio de baixo das mãos, desci rapidamente as escadas e achei-me na rua. Eu caminhava com passo apressado, porém vacillante como o de um homem ebrio. Perfeitamente estabam os

rumores que se levantavão ao redor de mim, e via tudo como atrevez de um véo caliginoso. Parecia-me laborar em um sonho extravagante. Achava-me n'esse estado de apathia e de entorpecimento em que a alma ceia o lugar á outra, na phrasa do conde Xavier de Maistre. Um vigoroso impulso, seguido de um grito de susto vrio arreacar-me ao meu torpor. A violencia do choque foi tal que me fez ir de encontro á uma parede. Mas eu nada senti e somente preslei attenção á esse brando doloroz, á essa voz que era a voz do meu phantasma, a mesma que eu tinha acabado de ouvir no meu sonho.

Eu tinha chegado, pela rua da Ajuda, á entrada do largo da Mãe do Bispo, que estava então ajuboado de curiosos, e escapara de ser esmagado por um carro que seguia a mesma direção que eu, graças aos esforços empregados pelo cocheiro, cujos gritos de aviso eu não tinha ouvido na minha preocupação.

— Este ferido? perguntou me de dentro do carro uma voz terna.

— Não fliamente, respondi-lhe eu.

A mesma voz que já tinha fallado pronunciou uma desculpa á que não preslei attenção, e o carro por se de novo em movimento. Com um olhar rapido e penetrante eu havia-lhe desavido o interior e distinguira perfeitamente um homem e duas senhoras. . . .

... como se os meus membros pela ordem n.º 301 de 4 de Julho de 1862, dirigida á Theozauria do Rio-Grande do Norte. *Ed*

A vista de seurlhante decisão do Governo, que resta?

O filhotismo, o filhotismo. . . . o abuso . . .

*O patronato.*



...mundo celebrar ao Igreja da Ordem S.  
de São Francisco as 8 horas do dia 14  
do corrente. em signal de amizade e  
gratidão.

Por sua vez tinha-se a moça tornado preta-iva.  
—O que tem, D. Elvira? perguntou o estudan-  
te, interrogando-a. Dar-se-ha caso que a minha  
aventura lhe prouque o somno?  
—Oh! não!... pelo contrario... É: que...  
percebe-me que vou acreditar em todas as loucuras  
de que me fellou: ha pouco.

— Ah!.....  
—Faz-lhe que continue. Desejo muito saber o  
fim da sua aventura.....  
— Alguns segundos depois o carro cessou nova-  
mente de rodar, e vi atear-se a familia que elle  
conduzia. Acou-pouha-a. Logo que ella parou  
fui postar-me a sua frente, e os meus olhos não  
se desviaram mais do lugar que ella occupava. Mas  
eu so via uma moço de 15 annos pouco mais ou  
menos, de estatura menos elevada do que a Sra;  
mas que se lhe assemeelhava de uma maneira es-  
trañosa.

Tinha o mesmo semblante, o mesmo olhar, o  
mesmo sorriso da minha visão. Foi então que eu  
fiquei completamente louco. Principiei a confundir  
o semblante realidade, a sombra e o corpo. Eu ti-  
nha sonhado e me parecia ver. Viava e me  
suppunha sonhando. Quanto tempo durou a mi-  
nha perplexidade. O que fiz durante ella? Não  
sei. O que posso assegurar-lhe e que via sempre a

na ponta do Lado: a 1.º com 10 bra-  
ças de terras de frente e 50 de fun-  
dos, com casa coberta de telhas e  
ferrada, e um rancho para canoas também  
coberto de telhas, e agua corrente: e 2.º com  
30 braças de frente e 50 de fundos com casa

moça encantadora que me olbava e me surria, e  
que, impellido por uma força irresistivel, achei-me  
junto d'ella. Eu comprimia com as mãos o meu  
pobre coração que parecia querer despedaçar-mo o  
peito; inclinei-me para ella, e murmurei em voz  
baixa que a moção tornava quasi imperceptivel:

a— Amo-a!  
e— Insolente! exclamou a moça recuando e  
vibrando-me um olhar de indignação e desdem, ao  
passo que o homem que a acompanhava procurava  
chegar até a mim.

Fugi; e juro-lhe que não foi o receio que á tanto  
me obrigou. Fugi desatinado, ora atropelando  
uma criança, ora magando uma senhora, empur-  
rado e pizado pela multidão que me cobria de im-  
proprios. Cheguei á casa n um estado de fadiga  
e de agitação que fazia pena. A porta estava aberta.  
O meu criado não dormia na mesma attitute em  
que eu o deixára. Sacudi-o brutalmente pelo braço.  
O pobre menino acordou em sobresalto e não me  
reconhecendo começou á gritar:

a— Ladrão! Ladrão!.....  
e— Calla-te, desgraçado! bradei-lhe eu furioso,  
e abandonando o centro no meu quarto e fechei-me  
por dentro. Tinha vergonha de mim mesmo. Ao  
passar por diante do meu espelho, parei estupe-  
facto. Eu proprio me tinha desconhecido! Depois  
desatei n uma estrepitosa caralhada. Chamei-as,  
calças de enfiar, um pedaço de brim, e canoa

Vi o Almirante e a sua familia de grande  
do dr. Ayer. que se distribue gratuitamente,  
onde se vende os remédios do dr. Ayer.  
Venha se no Largo de S. Jacinto por Carta de  
sulado dos Estados Unidos.

TYP. DE J. LOPES. RUA DA TRINDADE 3. 1.

desbotada e deixando apparecer o mesmo a  
parte do peito; tu isto corrido pela selva, e me  
do meu criado, e chiffo sobre uma orca e sobre a  
capoeira, e encubrivo me a melancolia e a  
á sua alta respeitavel: ali ali o elegante e a  
que lizo a minha primeira declaração. De  
me parecia mais natural que me tivesse chama-  
do

— Insolente....  
— Pois creio que o mesmo lhe terá acontecido, se se a respeito do seu

apurado, disse a filha de Duarte Passa.  
— Acha que sim? perguntou Ella.  
— Estou certa. Mas, estão guardados  
pobre moça?

— Eu?... pelo contrario....  
— Ah!... ainda uma vez muito obrigado.  
— Vou fallar-lhe e a...  
vira. Quanto annos...  
que a moça que me falava...  
agora que a sua...  
me...  
cachinho....

— Ah!...  
— Felizmente...  
— Porque...  
cu.

... não obstante considerando V. Esc. todos estes direitos como adquiridos, depois de preterir aos agentes estrangeiros á cerca das operações de guerra e militares que são obrigados, não posso prescindir de manifestar a V. Esc. que me é impossível admitir por parte dos vassallos de suas Magestades a facilidade de visitar, reter ou aprezar os navios mercantes de minha nação que navegam debaixo da

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCEAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUCADO.

V.

Uma visita sem cerimonia.

Mocidade!

Éis a pagina mais bella do livro da vida! eis a mais doce e a mais tristonha das suas phases. aquella que deita após de si mais gratas recordações e mais saudosas!

Salve oh mocidade! Eu te saúdo, venturosa estação dos prazeres e dos risos, dos sonhos e das creanças, da esperança e do amor!

Anno I. . . . . amor! . . . . .

Velhos, que já curvados, sob o peso de 40 annos, a fronte encanecida, qual d'entre vós não sente pulsar mais acelerado o coração mirrado pelos ventos do inverno da vida, ao ouvir ainda pronunciar a magica palavra — amor — ?

É que, quem diz — amor — diz — mocidade — ; quem diz — mocidade — diz — vida. —

Vida o Despertador n. 191.

## MEMORIAS.

Até quando o Sr. bachelar Olympo Pilinga accumulára os cargos de Procurador Fiscal da Thezouraria, Secretario interino da

Qual de vos, lançando uma vista pezarosa sobre o seu passado, não derrama uma lagrima de saudade por esses tempos felizes da mocidade e do amor, como o viajante que contempla do alto de uma collina o caminho percorrido, e saúda, com um olhar de gratidão e de tristeza, a pedra em que repousou os membros lassos, e a fonte que lhe extinguiu a sede?

Qual de vós, carregado de honras e de officinas, ou, coberto de andrajos esmolendo o pão da indigencia, assoutado no lar tranquillo e solitario, ou martyrisado pela enfermidade no leito de dor, não guarda ainda uma lembrança remota, bem intuitiva e bem doce, e não evoca memorias de tempos felizes, que não devem voltar mais?

Quantos d'entre vós, não dirão n'este momento como o autor das e Folhas do Outono :

Que vous ai-je donc fait, oh mes jeunes années !  
Pour m'avoir fui si vite, et vous être éloignées

Me croyant satisfait ?

Hélas ! pour revoir n'apparaitre si belles  
Quand vous ne pouvez plus me pencher sur vos ailes

Que vous ai-je donc fait ?

Salve oh mocidade ! tu que não conheces a desconfiança e a duvida, tu que sabes crer e amar ! Primavera da vida, tu és para a vida a quadra florida e perfumada, como a primavera é para o anno a estação do perfume e das flores.

É, pouco mais ou menos, isto o que se pensava

FRANCISCA, SAO PEDRO APOSTOLO, COLONIA D. FRANCISCA, ANNOBURGO, PARATY. SAO PEDRO APOSTOLO e VIRGEN IMMACULADA da CONCEIÇÃO.

SIXO GEMINIO.

Piqueni de Santo Antonio, Arrayal de

do Edifício de Avellar, o qual caminha ligeiro e alegremente, as 11 horas da manhã, pela rua do Rio Comprido, em direcção a cidade.

É que outros pensamentos podem occupar o feliz moço, que ante o coração repleto de amor e de ventura e a ralução de sonhos os mais portuos e selectos?

Julgamos excusado dizer donde vem o estudante á esta hora.

São passados vinte dias depois d'aquele em que o moço foi apresentado á familia do Comendador Duarte Passos. De então para cá, passa o moço, muito regularmente, uma boa parte da noite em sua companhia, e, não contente com isso, vai quasi todas as manhãs e sob pretexto do passeio matutino, saber da paciencia saúle das Sr.ªs, sem se lembrar de que faz o seu regresso nas horas as mais proprias para um passeio hygiénico.

É como não ha-se ser assim ? O Comendador e sua Sr.ª mostram-lhe tanto respeito, e depois a filha do negociante porreção feliz com a sua presença . . . . . acollhe-o sempre com um sorriso tão cheio de amor e de gratidão, que o moço rebo espremeia por elle todos os deveres e calafrias aos pés todas as conveniências.

Ha quatro ou cinco dias teve elle com o Sr. Duarte Passos uma longa conferencia. Litteralmente era bem simples e os termos da conferencia

estabam vez mais em harmonia com os sentimentos que nutria e se puzerem suas

MEMORIAS DE FRANCISCA, SAO PEDRO APOSTOLO, COLONIA D. FRANCISCA, ANNOBURGO, PARATY. SAO PEDRO APOSTOLO e VIRGEN IMMACULADA da CONCEIÇÃO.

bisco, que vive na rua do Frio, n.º 36, onde encontrar-se-á um completo sortimento de generos tentes a seu negocio.

Desterro, 12 de Novembro de 1861

quanto se julgaria feliz com a posse da encantada moça. O velho negociante não lhe procurou desfazer o prazer que lhe causava a sua proposta; a-rentou-lhe, comu-to, algumas objecções, sen-das prime-pas: primeiro, o embarço que d'es-te passo poderia resultar ao estudante, quanto ao bom andamento dos seus estudos; e, em segundo lugar, o assentimento do velho Avel-lar que o moço ainda não havia pido. Quan-to á primeira não teve este grande difficulda-de em resolve-la, e provou coincidentemente que o seu casamento não lhe traria menor desvantagem, antes pelo contrario; além de que faltava-lhe, ape-nas, pouco mais de um anno para a conclusão dos seus trabalhos academicos. Pelo que toca á argun-da, comprometter o estudante dar-lhe, em breve, uma solução satisfactoria.

O commendador deu-se por satisfeito e os futu-ros generos logo separarão-se cada vez mais ami-gos.

Porém apesar da segurança que deu ao ex-ne-gociante por se o marido e uma vigorosa resisten-cia a sua vontade por parte de seu pai, cuja volun-tade não se atrevo a contrariar, tanto assim que se de-annunciar-lhe os seus projectos.

Agora que já intertados o leito do que so tem-porário e os ultimos dias, acompanhemos o mo-ço que já se achava, apenas, a vinte passos da sua re-sidencia, e rua de S. Pedro n.º 93, sobrado.

sua relojoaria para a rua da Lencoa n.º 17 ex-quina da Concórdia; continuò a concertar relógios de todas as classes, musicas, & afinan-do todo o seu trabalho, e tambem tem

A' porta da casa estava sentado um rapazinho de cerca de 14 annos vivo e espigado, de olhar travesso e malicioso. Era o pequeno criado do Eduardo. Mal avistou o estudante, o rapazinho adiantou-se vivamente ao seu encontro.

— Sr. Dr. !..... disse elle, levando a mão ao seu boné de pano azul.

— O que temos, Sr. Antonio? perguntou o es-tudante, sorrindo-se ao notar o ar de mysterio que assumira o semblante do seu criado. Dar-se-ba caso que os ratos me tenham assaltado a livreria?..... Terá o gato de D. Roza conseguido, á final, papar o meu lindo canario beiga?..... Vamos!..... desembrabe!..... acercseronou o moço, subindo o degrão da porta da rua.

— Nada..... não Sr..... é um sujeito que ahí está a sua espera.....

— Como?..... pois é só isso? E sómente per-que bo uma pessoa que me procura, vem o Sr. Antonio todo azafamado e afegurado causar-me um susto de que ainda não voltei á mim?..... Será, ao menos, esse individuo, quem esta espe-rando, desfeitooso?..... horrivelmente feio?.....

— Não Sr..... mas é horrivelmente malcriado... — O que diz, Sr. Antonio, perguntou o estu-dante que já se adiantava pelo corredor, para en-carar o rapaz com a mais comica indig-nação que pôdo affectar um estudante de medici-na. Sabe Vm. que acaba de servir-se de uma ex-pressão altamente tactenico e insolente para

Vende-se no Largo de Palacio por baixo do Consulado dos Estados Unidos.

TYP. DR. J. J. LOPES, RUA DA TRINDADADE, 1.

com essa pessoa que se digna honrar me com a sua visita?.....

— E' que elle tambem não poz duvida nenhuma em puzar-me as orelhas e dar-me um pontapó!.....

— Nas orelhas? !.....

— Não sei bem onde foi..... em diversos lugares ao mesmo tempo, porque elle tem pe para tudo.....

— Ah!... fez o estudante, tornando-se sério. Resoluto e mal feito. Bater no meu famulo..... e em minha propria casa!... E' bem sem cere-n-cia a tal maldade visita!

— Ainda Vm. não sabe do mais.....

— Sim?..... álas, porque te bates nelle? O que lhe fizeste? Provavelmente alguma travessura das tuas.....

— Os diabos me levem se eu lhe fiz a alguma coisa, e senão vai escute e verá.....

— Pois vá mais a comisso..... e seja breve, que tenho pressa de conhecer o Sr. Sem-ceremônia, disse Eduardo encostando-se no guarda-livros, mais commodamente ouvir a expisição do sr. puzo Antonio.

— Esta manhã, umas duas horas depois que o Sr. Dr. sahio.....

— Foi, por consequente ás 8 horas.....

— Sim Sr., ás 8 horas. Eu já tinha escovado os seus botins..... os outros.....

Continua

... para estas vigarras mandei pela dita  
Alcazivar os Bispos do Funchal e de Angra.

## FOLHETIM DO: DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

V.

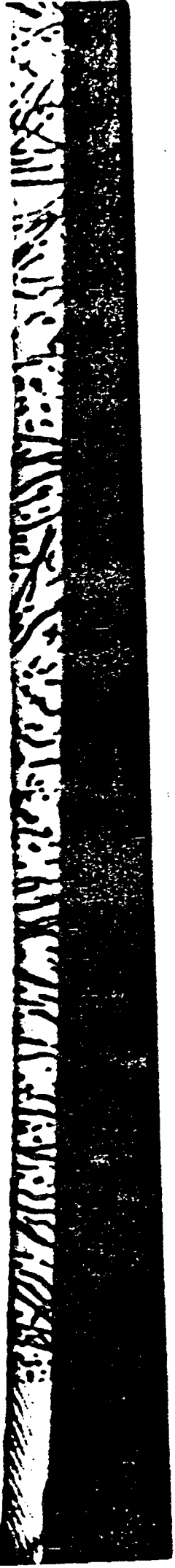
Uma coisa sem cerimonia.

- Esta claro, pois estas linhas os eu levado nos pés...
- Isso mesmo é que eu ia dizer...
- Bem... bem... .. adiante.
- Depois, fiz a camp, esperei os livros, varii...
- Adiante... adiante.
- Depois não fiz mais nada...
- Era d'ahi que o Sr. devia ter começado...
- Mas eu não tinha mais nada que fazer...
- Basta! Sr. Antonio, quem é que lhe esta perguntando por isso? Vin. esta se tornando soffivelmente maçante!...
- Não, Sr., eu já acabo...
- Pois sim, Sr. Antonio... acabo... mas lembre-se, ao menos, de que ainda não principiou.

Vide o Despertador n. 192.

- Sim, Sr... o primeirinho e acabo ao mesmo tempo...
- Parece-me um pouco impossivel... mas enfim... .. vá friso!
- Como ia dizendo, eu já não tinha mais nada que fazer... Ah!... .. é verdade!... antes d'isso eu tinha almocçado...
- Mão!... mão!... Sr. moço... Vin. disse que ia começar e acabar, mas não que ia começar e descomçar...
- Já estou acabando... Couro eu não tinha mais que fazer. fui para a janella que dá para o pateo... a que fica de frente da janella de D. Roderico, e quita onde ella pendura o papagaio...
- Enganase, Sr. Antonio. O que elle pendura é a gaiola...
- Sim, Sr... é a mesma cousa... Eu gosto muito daqu'elle papagaio, e elle tambem gosta de mim...
- Faço lhe os meus cumprimentos...
- Apartar de que, outro dia de-me uma historia no d'ello, porque eu puxei-lhe o rabo por detrás...
- Está visto, Sr. Antonio. Se fosse adiante puzer-lhe-hia a cabra... o bico... ou outra coisa...
- Ah! está!... Vin. mesmo é que não me doize acabar...
- É então!...
- Como ia dizendo... eu estava ensinando o

- papagaio á dizer, como n'aquella historia: Sraboa! Senhora! cozêdo o...
- Muito! Sr. Antonio...
- Isto não faz mal... vem n'uma historia... — Sim... Porém o que não vem na historia é que eu tenho a paciencia de escutar a suas interminaveis historias... Nada... .. Primeiro sabe desse Sr. que está a minha espera, o direito com que esmurra os meus criados em minha propria casa... Dizendo isto, Eduardo dirigia se para a escada.
- Eu já ia acabar, disse o rapazinho em voz queixosa. Por força que o bomrito que está la em cima ha-de contar o caso á seu favor...
- Tens razão, tornou Eduardo, parando do novo. É justo que eu ouça ambas as partes. Vamos... .. acaba. Porém, nada de mais preambulos... .. Passe-me por cima de todas as historias de papagaio e renove d'este ponto: — Chegou um homem... .. & Vanos!
- Sim, Sr... Chegou um homem a oito horas...
- Pois!.. mesmo, ás oito horas? Então ha tres horas que esse individuo me espera... .. Saiba-lhe estar des-sperado!
- Qual!... .. está, pelo contrario, bem descansado!...
- Sim?... .. O que é que te faz suppor isso?
- Se elle lá esta a dormir, estado a ler o meu livro!...





# MANTEIGA DAS COLONIAS

em barras, a 300 rs. a libra, vende-se no lar-  
go de Palacio n.º 9.

Official—José Joaquim de M. Fontoura J.º

— Estirado a fim comprado! .. Mas onde é que  
bomem está estirado a fim comprado, Sr. Anto-  
nio? ..

— Na sua cama, Sr. Dr. ....

— Na minha cama! .. E esta! Não se pôde  
ir mais longe a inconveniência! ..

A' não ser algum collega ..

— Não, .. não, Sr. .... Só se é seu mestre;  
llega não pôde ser. ....

— Porque?

— Havia de ser engraxado, disse rindo-se o tra-  
sido Antonio, um estudante só com quatro fios  
de cabelo, e esses mesmos joelhos! ..

— Então, esse bome'n é velho? perguntou o es-  
tudente levantando-se para um subito presentimento.

— É, sim Sr.; porém a nada facto e sacudido...  
O moço tornou-se preocupado.

— Logo que elle chegou, perguntou o Sr. An-  
tonio, começou a bater com toda a força na porta  
do quarto. Corri immediatamente á abrir-la e en-  
contrei-me com o mesmo bome'n que continuava  
a bater á machar na porta com o cabo de um chi-  
vete, um cabo de prata de grossura de uma lar-  
ga...

O que é isso patrão? perguntei-lhe eu. Quer  
dizer a porta aberta?

— É, para ver, assim, ouvem ... respondeu  
o Sr. Antonio e arregalou-me uns olhos! .. (Aqui o tra-  
sido Antonio procurou imitar os olhos arregala-  
dos do bome'n do chivete de cabo de prata.) Por

causa das duvidas, fui, logo, me arredando d'elle  
e perguntei-lhe ainda:

— É o que deseja o Sr.?

— Não é aqui que mora um estudante, por  
nome Eduardo de Avellar? tornou-me elle.

— Sim, Sr. .... mas elle já se trata por Dou-  
tor porque já está quasi acabando os seus estu-  
dios. ....

— É quem és tu, tratante, que mo estás á  
faltar todo emproado?

Fiquei esquentado com o bome'n! ..

— Eu sou o primeiro criado de meu amo! ..  
Sr. patrão que eu não conheço. ....

— Bravo! está adiantado! Sr. primeiro criado  
de seu amo, disse rindo-se o bome'n maliciado...  
Pelo que vejo, o Sr. Avellar filho tem uma nume-  
rosa criadagem! .. Está tudo! .. Se Vim, é o  
primeiro criado, o ultimo devo ser alguma crian-  
ça de mama! ..

— Criação de mama, não Sr. .... que aqui  
não é a roda dos engeitões .. Eu sou o primeiro,  
mas tambem sou o ultimo criado de meu amo...  
porque chego para tudo... Sirvo para tudo...  
ouvio? ..

— Pois então... serve tambem para dizer  
me se teu amo está em casa. ....

— Não está, Sr. Sr.

— E onde foi elle á esta hora?

— Não sei. Meu amo, quando sabe, não me  
diz para onde vai... O Sr. é bem curioso! ..

TYP. DR. J. J. LOPES. RUA DA TRINDADE N.º 1.

— E tu és bem desaberganhado! .. Quando  
volta teu amo?

— Meu amo não me costuma, tambem, dizer  
as horas em que deve voltar. ....

— Nesso caso... tira-te do caminho, que que-  
ro entrar... Vou esperar até que elle chegue...

— Esperar! .. Mas se meu amo não vem  
cá tão cedo! ..

— Ah! .. já sabes d'isso, velhaqueto? Pois  
esperarei até que elle venha... ..

— E se elle não vier senão d'aquí á quatro ho-  
ras? ..

— Esperarei quatro horas.

— Sim? E se elle vier á noite?

— E carei até á noite.

— E se elle não voltar hoje?

— Oh! Pois elle costuma passar as noites fóra  
de casa? ..

— É que passe... não tem que lhe dar subs-  
tações... ..

— Achas que sim? .. Pois bem... .. anda  
assim... espera-lo-hes até amanhã... .. até de ju-  
ris... .. até o dia do juizo! ..

— É onde ha-de o Sr. jantar... .. e até... ..  
dormir, durante esse tempo todo? .. Cuida que  
aqui é hotel? ..

— Oh grandissimo velhaco! disse o bome'n  
encolerizado... Não estou mais para aturar-te... ..  
Retira-te do caminho, Sr. Sr. .. esborrachate... ..  
Continua.



... a variedade alcança de-se pfeitos;  
então agora esse coberto a meus contos em

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCEMAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

V.

*Uma visita sem cerimonia.*

— Nada!... Sr. galano! bradei-lhe eu, tam-  
bém desesperado... Não se de rutilar!... E  
fechei-lhe a porta na cara. Mas antes que se tives-  
se dado volta á rebave, o homem empurrou-a...  
agarrou-me nas orelhas com tanta força que me  
fez gritar... depois arrumou-me um pontapé...  
e entrou muito fresco pela casa á dentro... Eu li-  
ve vontade de gritar por socorro, mas fiquei com  
medo de que elle me enganasse... Assim, resolvi  
obrar com prudencia e observei as tenções d'aquel-  
le intruzo malvado....

O homem foi andando... olhando por toda a  
parte... acenando com a cabeça... e rosnando  
entre dentes:

— Bravo! Não está máo para esta lante! Lim-  
peza... accio... ordem... Não tem duvida...

Vile o Despertador n. 125.

Não creio que se meente dos 10 saberes  
entende nenhum individuo dos matos que vive

o rapaz é arranjadete... Bom!... eu é a sala  
das consultas... Que livraria! Se elle ja leu isto  
todo, deve estar um sabio... já pode dar quinans  
no boticario da villa... Assim!... assim meu re-  
paz!... É pena andares com a cabeça virada...  
Mas has-de endireitar... oh! se has-de... Ai!  
Santa Luzia!... Aqui está uma usada... in-  
teirita... sem lhe faltar nada... Credo! Isto pa-  
rece cousa de accirgio... Enfim... como é para  
aprender... para bem do proximo...

Isto dizias elle olhando, um pouco de longe, para  
o esqueleto que seia por traz da estante. Depois con-  
tinuou, coçando a orelha:

— Santo breve da Marca! Como a gente fica  
feia depois de morta! Saca!... Depois foi se en-  
caminhando para o quarto de dormir. Viu a serin-  
ga de injecção, como o Sr. Dr. chama, o que eu,  
hontem, limpei e guardei no coizão dos serrotes,  
junto á porta do quarto.

— Caspité! que Sr. seringa! disse elle, tiran-  
do-a fóra da caixa e movendo com o rabo. Isto se-  
rá para dar clysteres?... Deus te livre!... Só se  
fôr em alguma bosta....

Finalmente largou a seringa e entrou no quarto.  
Atirou sobre uma cadeira o chapéo de palha e o  
cibicute e endireitou-se para a cama....

E eu dizendo cá comigo:

— Quetom vér que elle vai se deitar na cama  
de meu amo, e ainda em cima, de botas?...

Meu dito, mou feito! Espicbou-se o alarve ue

multo superior a 2000 rs., na rua de Ca-  
dés n.º 6.

sua cama e começou á olhar para tudo, deitado,  
sempre baixinho:

— Muito bem! estou gostando... que or-  
dem!... que arranjo!... Ninguém ciza que é  
casa de estudante!... Um... resmungou elle,  
um... aqui anda não de mulher....

— Não anda, não Sr. l... disse-lhe eu que  
não me pudes conter. Sou eu quem cu'ia de tu-  
do... Nós não precisamos cá de mulh-res....

— Ah!... Estás ahí, pequeno? perguntou  
elle, voltando-se para o meu lado. Está bem...  
está bem... Agora vejo que tras teu prestimo...  
Sim, Sr... sim, Sr.... Não está máo, não... não  
está...

Tornou á por-se de barriga para o ar e conti-  
nou á observar tudo e a fallar em si mesmo:

— Cá estão os Santos do nosso homem...  
Bem!... É' devoto... tanto e elho... Pois  
olhem, os medicos tem bem má fama á este res-  
peito!... Mas que diabo de santo é esse, que lho  
não entendo o nome?

— Sabo Ym. o que é: é o chamado Santos?  
Aquelles retratos de Doutores que vim. tem no  
quarto perto da cama.

O homem chegou-se um pouco mais para a pa-  
rede e começou a ler e á gaguejar:

— Hippo... Hippo... hypocrisia!... U!... o  
que é isto!... Santo hypocrisia!... Não pode ser...  
Isto é uma asneira... e até blasphemia... equi-  
ba erro de imprensa... Ah!... e-pelem... Sou

brancas e de cor 10. 80. 60. 70, 70 e 80.  
Baldes de panno e 50. 60. 70. 80. 90 e 100.

eu que não leio bem... *Hippocrátes*... agora sim... Santo *Hippocrátes*... Está feio... não o cubreço... também elles são tantos!... Ca es- ta outra... vejamos... *Ca... lene*... *Galeno*!... Ai L... (disse elle balanceando a teste) A modo que isto foi um medico... Não tem duvida... E tanto assim que ha uma moda que diz:

1) Galeno que curava  
Que curava a D. Annica! &

Ora vejino so I... Eru tão estava tomando por tanto toda esta corja de pagãos?... Passe fóra! caalha....

E diando isto tornou a deitar a cabeça no tra- vesseiro. Depois continuou a passar o seu exame pelo quarto. Vendo o sr violão pendurado em frente, deu um estalo com a lingua e principiou outra vez a fallar só-inho:

— Olé! Lá está a bandurra do moço I... E que grandissima bandurra!... Bem unstre que ó a roça!... Não faz mal. Antea assim do que de outro modo...  
E fechando os olhos, entrou a cantarolar, entre dentes:

Viola, minha viola,  
Viola da curaçá I...  
L vou te o diabo as cordas...  
Ficou te só o bordão I...

Continuou por algum tempo ainda com esta can- ção. Depois foi, cada vez, fallando mais grosso e

d'alguns pegando com um.  
Apparelhos de porcelena doureada com 34 peças a 300 e 350 rs., ditos de dite chinês para chá a 320 e 350 rs.

mais haixo, até que por fim desandou a roncocar como um porco I...  
Assim que eu o espanhei dormindo, disse com- migo, sabendo sem fazer bulha...

— Deixa-te estar, meu puzador do orelhas, que tu não as perdes... Agita, quer queiras, quer não queiras, has-de esperar que meu amo te venha ajustar as contas... e elle que não é para gra- ças... E passando a chave para a parte de fóra, ferrei a porta e lá o deixei engoliado....

Durante a narração de Antonio o estudante só- ra se tornando de mais em mais preoccupado. Quando o rapazinho concluiu a sua exposição, o moço exbalou um profundo suspiro e murmurou em voz quasi inintelligivel:

— E' elle I...

Depois fallando so criadinho:

— Aonde está a chave? perguntou elle.

— Aqui, Sr. Dr., respondeu o pequeno, tiran- do-a do bolso e entregando-a. Agora, meu amo, ru lhe peço que faça combrecer áquelle homem que isto não são modos de tratar a gente...

— Ah! meu pobre Antonio... Receio bem que siques sem desgraviar dos teus puzões d'orelha e ru com alguma coisa peor do que isto, respon- deu o estudante com um novo suspiro.

— O que? meu amo I... Vm. está com medo d'esse homem?... Admira I... Mas espere... eu vou chamar o inspector...

funesco, pelas autoridades do larajá.

E' que não era permitta d ser a respeito, por estar adi- antiado a hora dos trabalhos de impressão d'essa bulha.

1870. J. J. LOPES. BUA DA TRINDADE N. 1.

— Não sejas tal... O bonem que la está em cima tem o direito de fazer o que seia....  
— Mesmo de me dar pancelias?....  
— Pode ser... Escuta: Tens liberdade de ir passear até a hora do jantar... não preciso por agora de ti...

— Mas esse homem?...  
— Deixa o comungo... Elle não é tao moço como parece... Que... Quero que o respees tan- to como a mim... mais do que a mim proprio... Tens porrevido?  
— Sim, meu amo, disse Antonio muito admira- do d'cata ordem, cujo motivo não comprehendia. Sim, meu amo... obedecer-lh-h-h... mas é que Vm. parece tao triste... tao penalizado com a sua visita....

— Penalizado?... não, Antonio.... Estou, apenas, um pouco assustado... E entretanto, ac- crescentou o moço, como fallando consigo me- mo, a sua visita em outras circumstancias me ca- seria tanto prazer!  
— Ah?... Se eu o tivesse ad-viñho lo... dir- lhe hia que Vm. não morava aqui....  
— Para que?... Vou Antonio... Ah! Voes passear bem descanzado I... E's bem feliz... Vm, meu filho... até logo.

A sim fallando, o estudante foi subindo voga- rosamente a escada do sobrado.

Continua

# FOLHETIM DO DESPERTADOR.

## SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

V.

### Uma visita sem cerimonia.

O pequeno Antonio seguiu o tristemente com o olhar ate que elle desapareceu no segundo lanço da escada.

Entao, foi se encaminhando lentamente e como contra a vontade para a porta da rua, fazendo o seu grande monologo:

— Pobre moço! Parece bem triste! . . . Quem será este velho malencinado? Será algum credor? Será para admirar! . . . Nunca vi entrar aqui nenhum . . . Meu disão, dizem os collegas de meu amo que elle é bom feiz por não ter credores. . . Não pôde ser. . . Meu amo tem dinheiro. . . Oh! se o tem! . . . tanto assim que o empresa á todo es- ta hora de vagabundos que aqui vem, e que só se lembrão de que são collegas de meu amo para lhe pedirem dinheiro, que. . . verdade seja dita. . .

em *Vida o Despertador* n. 197.

Yellacs . . . . .

Somms . . . . .

101

quara lhes vi pagar. . . Oh! mas este homem . . . este brulhão que me hater. . . não me pode sa- bir da idéa. . . Quem será este malito que, so- rondo parece, tem o direito de me puxar as orelhas, e que com effeito m'as puxou. . . d'isso estao eu bem certo? . . . O que se irá passar entre elle e meu amo? . . . Se eu o podesse saber! . . .

Entretanto o rapazinho tinha já alcançado a por- ta da rua. Ah! deteve-se como que indeciso, e continuou a monologar em meia voz.

— So eu fôse o piar? . . . escutar o que elles dizem? . . . Nada! . . . acrescentou-lhe viva- mente. Nada! . . . Meu amo que me mandou pas- seiar, é porque acho que a minha presença seria de- ma s. . . Pobre moço! Elle que vinha tão ele- gante! . . . Como mudou! Ah! malvado velho, bru- talhão e malencinado! Meu amo ordena que eu te respeito e eu obedecer-lho hei. . . Mas agora que elle não está aqui. . . toma estúpido! . . . toma esta forma! . . . toma puxador de orelhas! . . . es- cudeador! . . . toma alarve! . . .

E, ao passo que ia desfilando toda esta ladainha de improperios contra o seu aggressor da manhã, o bom Antonio arrumava valentes punhadas no portal, como se realmente tivesse diante de si o irracivel intruso.

Depois de haver, por este modo, desafogado a colera de que se achava possuido, o rapazinho en- terrou mais o seu honé na cabeça, metten as mãos

1864, e 24 de maio de 1864.

Suppõe-se que este abito era, officia, de 1864.

mas a luz da calça e sabio esbaldando ao lado da sua Directa.

VI.

### Dois homens de len.

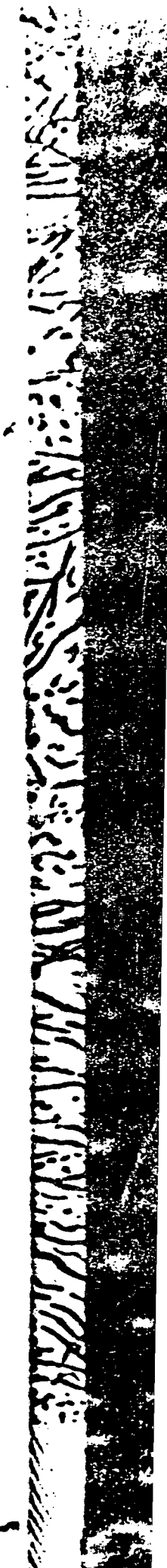
Deixando o fiel Antonio, Eduardo subio man- samente a escada, introduzio sem ruido a chave na fechadura da porta, voltou a o mais decenente que pôde e penetrou em casa com toda a cautella, a fim de não perturbar o sono de seu hospede, ca- so este ainda estivesse dormindo.

— Meu parâquil! . . . pensa o unço estrene- erudo. O que pretendia elle? . . . Oh! tremo de o adivinhar! . . . É preciso que tenha tido um motivo bem imperioso, para abandonar assim os seus commodos e vir á corte que tanto abarrece! . . . Sabe á elle tudo? . . . Sim. . . devo sabê-la. . . Que outro motivo o traia aqui? . . . Mas como o soube? . . . Por quem? . . . Peio mesmo cofre pendente. . . Não me resta duvida alguma á este respeito. . . O traidor! . . . o infeliz! . . .

Que lhe tem elle a ad do dios? . . . Se, a meus, he ty r mandado contar a verdade! . . .

Atrazando consigo mesmo, por este modo, unço havia chagado, pô oitepe, a porta que dava para a sala de estudo que era tambem de visita. Ah! parou e applicou o ouvido.

Um ronco sonoro e prolongado, privativo a mal cr ponto das vezes, das naturalezas vigorosas, se far



...o superior... tanto em porção...  
para negocio, como a vareja superior...  
...e a vareja superior...  
...e a vareja superior...  
...e a vareja superior...

Antonio Rodrigues d'Oliveira.

zando á descoberto quasi toda a abobada da cabeça. As grossas sobrancelhas pintadas, como o cabelo, se vinham reunir por cima de um nariz de molde antigo. Não usava barba; apenas conservava a origem das sobrancelhas e somente até o nível do lobo da orelha. Bochechas bem formadas e rubicundas, labios grossos e vermelhos, mento quadrado e partido; eis ahí o que se podia apreciar das feições do pai de Eduardo.

O estudante achava-se de pé, imóvel, com o corpo meio inclinado para adiante e os olhos fitos no velho adormecido.

Pouco á pouco, o quanto mais contemplava a nobre physionomia de seu pai, o olhar do moço foi perdendo a expressão de vago terror que se lia n'olhos e assumindo a de uma ternura e de uma dôçura indizível. Como que involuntariamente, os seus braços se alongarão para adiante, arrebaldando-se como se elle fosse abraçar o ancião... Os seus labios entreabrirão-se e deixároo escapar em voz baixa e doce estas palavras:

— Meu pai!...

Apezar do tom baixo em que ellas foram pronunciadas, o velho estremeceu, abriu os olhos e pendeu-se no leito olhando espantado ao redor de si...

O primeiro objecto que se lhe apresentou á vista foi o estu-  
dante que se conservava ainda na mesma attitude.

O fazendeiro saltou levemente do leito e cobriu nos braços do filho...

— Meu querido Eduardo!...

...o pai...  
...o pai...  
...o pai...  
...o pai...  
...o pai...

ouvir deita a alcova até a saleta de espera onde se achava o moço.

— E' elle?... murmurou baixinho o estudante. E' o seu dormir estrepitoso... Meu Deus! O que virá a dar-me?... Em fim!... proseguio elle, como levado a uma resolução decisiva; esta jançada e sorte!... E se me tem faltado a coragem para iruscar, por mim mesmo, a explicação que vai ter lugar, ao menos... agora... vou face do prigo, sobrar me-ba a energia para a resistencia e para a defeza...

E continuou a avançar cautelosamente pela sala de estudo até defronte da porta da alcova. Parou de novo. O coração palpitava-lhe violenta e desmeladamente.

O moço não tinha medo.

Sobre o leito, cujas cortinas estavam afastadas, dormia, muito á seu rumo, um velho de setenta annos, pouco mais ou menos. Era um homem robusto e refresco, trajado, como trajão, de offizaria, os olhos fazendeiros.

O seu perfil recto e altivo, fortemente pronunciado, impuava, á primeira vista, poucas sympathias. Não por se ter de capacitar se de que não puelle o objecto a quem se dava o seu olhar, mas porque se bem que alia e com uma bôa feição, quasi completamente branca, formavao um perfil U. cujo raimo terminavao nos templos e cuja suavidade contrastava o occipital, dei-

...este...  
...este...  
...este...  
...este...  
...este...

...este...  
...este...  
...este...  
...este...  
...este...

— Meu bom pai!...

— Até que, á final, chegaste!... disse o velho, depois de passada a primeira effusão da ternura paternal... Parece-me que me deitas e dormir, pelo menos uma hora!...

— Tres horas, meu pai!...

— Tres horas!... ora veja!... Vem cá... Chegate cá para fóra... quero ver te bem n'olhos... ha um anno que não te vejo... Caspate!... Como estás gordo!... e luto!... Sim, senhor... estás um b'rim feito!... É a b'ra-ha ahí vem vindo... Estás bonito!... palavra de honra!...

— É' tudo engano dos seus olhos, meu pai... Os olhos dos pais nunca são bem feitos, disse o moço, á quem tranquillizara um pouco o reboio de seu pai, e não podendo deixar de rir-se do estu-  
me porque estava passando.

— Nada... nada... tornou o velho. Avella. Estás um rapigão... affianço U.

— B m, meu pai; er' d'io. Mas que bom São to fez o milagre de me dar o prazer da sua visita?...

— Ah!... disse o velho tornando-se subitamente serio. É' verdade... Estou aqui a pouco mais de já nem me lembrava mais o que me traz aqui... São contos tag... Sobre lo-bos dá por a...  
Se-lemo nos... Vamos conversar de...  
rão...

...Contra...

mas profunda scolaridade.

L. C.

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

VII.

*Dous homens teimicosos.*

— E como pagas tu o amor de tua virtuosa prima? exclamou elle impetuosamente... esse amor que estas leste longe de merecer?... Como?... esquecendo-a?... desprezando-a!... E por quem?... por uma samuradeira!... por uma delambida da corte!...

— Senhor!... exclamou, por sua vez, Eduardo, erguendo-se arrebatadamente, como se houvesse sido picado por uma vibora. Com que direito insultas a mais nobre... a mais pura... a mais virtuosa das mulheres?.....

A colera do velho fez explosão.

— Ah!... bradou elle pondo-se igualmente de pé. E' enão, verdade?... Não me tinham envenenado?... Desgraçado!... Queres reduzir-me a desesperação?... Queres matar-me de desgosto...

Vide o *Despertador* n. 207.

todo mais facilmente furoo o que mais avultado sempre decau.

As benficcias prostradas ante Deus.

tos?... E', então, verdade?... Esta carta não merele?... acrescentou elle, apresentando violentamente ao estudante um papel que tirara do bolso, já machucado pelos seus dedos convulsos. O moço tomou a evidência. Em um momento percorreu a com os olhos e entregou-a de novo ao velho, dizendo lhe em um tom frio como a lamina de uma espada:

— Sim... é tudo verdade...

O fazendeiro recuou um passo e encarou o moço com assombro.

A carta que Eduardo acabara de ler era do seu correspondente. Eis, pouco mais ou menos o que ella dizia:

« Meu velho amigo »

« Tendo-lhe já escripto, ha dias, á cerca dos nossos negocios, tem esta somente por fim fazer-lhe saber que é hojo para mim fora de toda a duvida e que o *nosso homem* está furiosamente apaixonado e, conforme tudo me leva á crer, firmemente decidido á satisfazer a sua paixão. A' fallar a verdade o *meu* não se espegou mal, pois a moça é bonita e o pai tem aquillo com que se compra os meliores. E' um negociante que se retirou, ha alguns annos, do commercio, com alguma fortuna. Porém, como o meu amigo tem outras tentivas á respeito do *nosso Dr.*, previno-o, á fim de que de as providencias precisas em quanto o tem-

e po. Adens. Depois lhe sah por todas as propriedades e unhas, pois sou, como sabe

« Seu velho amigo »

« J. F. Lacerda »

Manoel d'Avellar não podia acreditar no que se que lhe cabera a resposta de Eduardo. Foi a primeira vez que seu filho ouzava resolve a sua vontade que, de texto, era tambem a primeira vez que se achava em opposição a do tio.

O que mais o surpreendeu e irritou foi a tranqueta calma e deridida d'essa resposta. O moço, no nem, ao menos, tentou atenuar a enormidade do que o velho repulava um crime! Nem, ao menos, buscou um motivo que lhe poupasse, em parte, a dolorosa impressão que lhe causou!

— E' verdade... disseste?... Foi isso mesmo que disseste? insistiu elle ainda, como se tivesse ouvido mal.

— E' verdade... repetiu o estudante.

Manoel d'Avellar ficou rubro de indignação. Os seus olhos deslucidos chammas. As suas mãos e bracoellas, fortemente contractadas, estufavam abaixo da fôrça, um fútil e agudo grito seu. Logo to á negra faixa que orla o barrete, no momento da tempestade, e, por sob a qual os focinhos se succediam rapidamente.

O velho fazendeiro avançou para o estudante com os punhos cerrados e os olhos brilhando.

O moço, em pallidez, avançou para o velho.

portou, sem pestanejar, o terrível olhar de seu pai Manuel d'Avellar sobre o encanecido um *alter ego*.

— Mentel!... braçou elle com voz de trovão. Tu nunca desposarás essa mulher....

— Ainda que eu não a amasse como a amo... com todas as forças de minha alma... desposo-lhe, porque, para isso, emprobeta minha honra... disse resolutamente o moço.

— A tua honra!... exclamou o fazendeiro, cujas fallas em honra? ... E é com a quebra da minha que pretendes resalvar a tua honra, desgraçado?....

— Com a quebra da sua? ... perguntou Eduardo. E em que pode-lhe achar-se compromettida neste negocio?....

— Em que?.. Elle pergunta-me em que?.. Mas este desgraçado está doente!... perfeitamente doente!... Não comprehende nada!... não pôde comprehender nada!... É a promessa que fiz á minha irmã?... ao nosso benfiteitor no seu leito de morte?... Julgas, por ventura, que os meus compromittos para com os mortos são menos sagrados do que para com os vivos? Estas enganadas... mil vezes enganadas... São-n'as muito mais... muito mais... tuas petichejas?....

Escuta, Eduardo, prosegue o fazendeiro sealmente um pouco. Tu não podes ter vistas sobre a mulher que não seja Henriqueta... Não desposes-a... deveo sabê-lo por muitas razões, por todas as razões... Primeiro, porque tal foi a

Antonio Francisco de Faria.

ultimo vontade d'aquelle á quem tudo devemos... depois, porque tua prima é um anjo e ama-to de todo o seu coração... porque é á fortuna de que seu pai a privou em nullo... em teu favor, que tu deves os conhecimentos que possúes e o bem estar de que gozas... porque despoz-n'la-a, conservas inteiro o pair monio dos Avellares, quo o meu pobre José tanto trabalhou por conservar unido... porque rinhim... eu o quero....

O estudante persistia callado. Manuel d'Avellar começou a conceber esperanças de que ia levando a convicção aquella alma rebelde

— Eduardo! meu Eduardo continuou o velho, a meigando a voz. Isso que o meu amigo Teixeira chama uma paixão... não pode deixar de ser um namorico de estudante... um capricho de momento que a auzenha, os conselhos de teu pai e os carinhos de tua prima farão esquecer em pouco tempo... não ó assim?.. Falla!... porque emudesces?... Dize-me que eu não estou enganado... que as minhas razões te tem convencido... que és sempre o meu querido Eduardo... o meu filho obediente e submisso...

Eduardo parecia hesitar. O fazendeiro sentio se, cada vez, mais esperançado. Mas elle enganava-se quanto ao motivo d'essa hesitação, porque ella era, sómente, devida ao przar que o moço experimentava por ter de destruir as ultimas esperanças do avô.

— Meu pai, pronunciou finalmente o moço, em um tom lento e repressado de tristeza, sei que o vou affligir, e a certeza que d'isso tenho, despedaça-me o coração... Bem quizeta cumprir os seus desejos, porque coubeo quanto o tornaria feliz... mas... não o posso... não o devo....

— Não o podes!... não o deves!... disse o velho de um modo que revelara a sua decepção e o seu profundo desgosto. E porque?... Porque é que não podes?... porque e que não deves?... insistiu elle, novamente dominado pela colera.

— Porque estou plenamente convencido de que Vin, se arrependerá de me ter ordenado aquillo porque se mostra agora tao empehadado....

— Eu?!

— Vin, mesmo... Eu me explico, e peço-lhe, meu pai, que peze attentamente as minhas palavras, porque, entao, longe de crimina-lo, estou certo que louvará o meu procedimento....

— Nunca!... bradou o fazendeiro. Mas fallal... Não quero que digas que te nego o direito de defender-te... Não quero que supponhas que me arreceio da força das razões que vas produzir em teu favor....

Falla!...

— Em primeiro lugar, disse o velho, sinto declarar-lhe, meu pai, que de todas as razões que Vin, me apresentou, e pelas quaes sou obrigado a depositar minha prima, não ha nenhuma, que mereça, verdadeiramente, tal nome... (Continua)

o vencedor de todos os combates, a paz e a liberdade pública e a justiça. E as consequências de esta vida são as seguintes: a paz, a liberdade e a justiça.

# FOLIETIM DO DESPERTADOR.

## SCENAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

VII.

Dois homens tímidos.

— Sim?... perguntou o velho com um sorriso nervoso e irônico. Pois vamos!... vejamos como me portar isto!... Mas preveni-te de que me não deixarei embalar pelas tuas subtilidades de estudante.

— Predisposto como se acha contra mim, tornou o moço tristemente, eu bem vejo que vim, não ex-aminará calma e desapaixadamente, como é ne-cessario, os motivos da minha resistência á sua von-tade... Entretanto, diz-me a consciencia que elles são tão puros quanto rezasreis.

— N'esse caso, porque hesitas?... Salla!... gritou Manoel d'Avellar impaciente.

— Não... não hesito, meu pai, respondeo o moço. Ainda, bs pouco, julgou vim. convenien-te recordar-me a generosa acção de meu finado tio para comecar, reproduzindo as proprias palavras em que elle formalis o seu ultimo desejo. Pois

Vido o Despertador n. 220.

Do teu vil proceder chamado a culpa. Vou livre perguntar-te como entendes as palavras — razão, dever, justiça. Dispõe-te a esse requirido treinamento,

reacção... que nos transporta... que nos se-zam afrontar todas as dificuldades e vencer todos os tropeços...

— Sim... interrompeo o velho, e tambem es-quecer todos os nossos deveres... tornar nos in-fernos... perversos!... filhos desobedientes e revoltosos!... Sim!... tua razão... Não era d'ou-se genero a affeição que eu tinha por tua mãe, e d'ou-ros das muitas graças á Deus!...

— Vim foi mais feliz, meu pai, respondeo tran-quillamente o moço. Contudo, não vejo em que tenha a minha paixão por julgado o cumprimento dos meus deveres, queresquer que elle se não sa-ber... É que ella te torna igualmente cego e obste-nado ao erro!...

— Não, meu pai, não! Vim, enxada-se ainda es-ta vez... Mas permitte-me que proveja as tuas de-feza. Além de não se dar a circumstancia in-le-pensavel para a realisação da ultima vontade do meu tio, oppo-se-lhe outra razão de não meo-ber a que vim, não pode deixar de attender, sob pena de incurrir na pecha de ingrato para com a me-moria d'esse homem generoso, com a qual vim, não injustamente, me oppo me.

— E qual é ella? perguntou Manoel d'Avellar, entre a surpresa e a duvida.

— Meu pai; vim, prometteu a meu finado tio que velaria sempre p. a felicidade de tua mãe...

bem; são essas mesmas palavras que me servirão para destruir o primeiro, o mais importante dos seus argumentos, meu pai...

Qual foi a condição imposta por meu tio, para a minha união com Henriqueta? Em que suppi-sição desciava elle esta união? Não era, por acaso, na opposição de que eu e minha prima nos emas-semos? E acha se preenchida essa condição que mey proprio tio estabelecera?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...

— Não, meu pai, respondeo o moço, não se trata de um contrariado com a direcção que o manuebo te dan-do á questão. Sim!... É tua prima não te ama?...



criação, e tanto a da Gedris, avaliada por dois contos de reis; bem como os bens movíveis e semovíveis pertencentes ao espólio do fidei-

lbe confiou. Entretanto é a sua desgraça que Vm. procura, por estiado em querer unir o seu ao meu destino. Eu sinto, por minha prima, muita aflicção, muita amizade, muita gratidão. . . porém amor. . . esse sentimento poderoso que outra mulher sobre inspirar me. . . não é. . . nunca o trize por Henriqueta. . . Desposando-a, eu não posso deixar de causar a sua desventura. Seria forçado á consideração sempre e mo a traição que me separou da união e a mulher que quem meu coração fallou, e tão alto que não ha comi eração alguma que possa abafar as suas vozes. . . Não poderei offazer-me á ver em minha prima senão a causa da minha propria desgraça, porque eu tambem secri bem desgraçado! A pobre moço só chorará de mim a friza e a infelicidade, e não tardará á apertar-se de que sacrificou a minha sem assegurar a sua felicidade. E se a abençoar, ainda será maior a desdita de Henriqueta, cujo coração bom e sensivel não só se dá de desgraça a polos seus proprios soffrimentos mas ainda pelos meus. Figure Vm. o viver e o barçoso e cruel a que seremos arrojados. . . vendo um no outro a origem de nossos males, e nem nos restarem a tristeza consolação de mutuamente nos confortarmos por estar uma explicação que só pode soar em resultado recriminações e males maiores. . . (De um pai a um filho). Eu lhe suplico! Não recorra a sua allenção ás minhas palavras. . . Não queira fazer a desgraça de nos termos. . .

O velho se conservava callado e aborço em sombria e dolorosa meditação.

O estudante proseguio. — Quanto ás suas outras razões, meu pai, ellas são bem fôrças de dostruirl Crmo Vm. dizia, ha pouco, meu tio José d'Avellar era bom e generoso. Elle era o primeiro, e-tou bem certo d'isso, a impoer que eu pagasse, a troco de toda a minha ventura n'esta vida, a educação e instrução que devo aos seus beneficios. Quanto á vantagem de conservar unido o patrimonio da nossa familia, tranquillozize-o, meu pai. Nunca foi intenção minha privar Henriqueta d'aquillo que, á mru ver, pertence-lhe de direito. Para mim, nada quero; de nada preciso. Sou moço e saudio; sinto-me cheio de coragem e de ardor pelo trabalho. Diante de mim se abre uma carreira nobre e esperançosa na qual, espero em Deus, hei de distinguir-me, o posso assegurar-lhe, meu pai, que aquella, á quem eu amo, acobheará o estudante pobre e sem nome, do mesmo modo que o filho de Manoel d'Avellar o opulento fazendeiro. Pelo que diz respeito a ultima razão que Vm. me apresentou, nada direi. . .

Appello, porém, contra ella, para o seu coração, meu bom pai, para esse coração, onde, até hoje, encontrei sempre allago e abrigo, e donde somente tenho havido forças e animação.

Eduardo parou e esperou a resposta de seu pai. As suas palavras não deixaram de actuar no espirito de Manoel d'Avellar, porcau como previra o moço,

não produzirão o effeito que elle desejava.

O casamento dos dous primos tinha sido sempre o sonho dourado do velho fazendeiro, sonho que elle, de continuo, allagava e que nunca lhe passou pela imaginação que pudesse deixar de realisar-se. A resistencia in pinada d' Eduardo for, portanto, um golpe cruel que o vio ferir subto e colerosamente nas suas mais caras esperanças. Manobred'Avellar amava suas brinbas até a loucura. Para elle, Henriqueta symbolisava a perfeição tal qual pode existir sobre a terra.

Elle não comprehendia como algem que tivesse conhecido, ou mesmo visto, a sua formosa e amavel filha adoptiva, se pudesse aporcionar á outra mulher. De resto, na sua opinião, um so homem se podia julgar digno de aspirar a mão da moça: era Eduardo, de quem o velho muito se orgulhava e com razão. Entretanto a união veses d'ouros entes que parecia ter nascido um para o outro, não podia ser levada a effeito. E porque? Por um capricho louco e inconcehivel d'aquelle que a verdade almejar com todas as forças de sua alma. O fazendeiro não se podia capacitar de que o natural de sua classe não se podesse tratar como um nobre. Alem disso, a ninguém era possível a supposição de que, uma vez casado com sua filha, Eduardo requereira promptamente a unificação dos seus bens cedendo a poderosa influencia dos abastados e fôrças de vilzares e da natureza angelica de Henriqueta d'Avellar.



o mesmo tempo e em fins das lanchas, e  
e mais garrido pelo e em fins das lanchas, e  
e para os olhos que o admiravam se com o pe  
o mar, que e agora se apresenta, e entronha  
o mo marceiro, N. P. A., escrevo ao lancha  
o do Lanchista é, que eu sou que a lancha co-

## VOLUNTÉ DO DESPERTADOR.

### SUAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

VII.

*Dous homens teimosos.*

Acostumado á não conhecer obstaculos á sua  
vontade, eu então, á combater-lhos com encarniça  
mento e vencer-lhos, marchando sempre firme e em  
linha recta para o fim que se propunha atingir, e  
tratando-se, agora, de mais a mais, da execução  
do mais claro e saguero dos seus projectos, do  
projecto em que elle fazia consistir o maior prazer  
que ainda podia esperar n'este mundo, Manoel  
d'Avellar não podia, á pezar de todas as rasões  
que produzira o estudante, resolver-se á abando-  
nar-lhe o campo.

Houve decorrido alguns segundos que o moço  
deixara de fallar.

Manoel d'Avellar ergueo humilmente a cabeça e  
aproximando-se mais de seu filho, disse-lho em  
voz secca e breve:

— Senhor . . .

Vide o *Despertador* n. 223.

Breve de Manoel d'Avellar de N. P. A., escrevo ao lancha  
o do Lanchista é, que eu sou que a lancha co-  
o mar, que e agora se apresenta, e entronha  
o mo marceiro, N. P. A., escrevo ao lancha  
o do Lanchista é, que eu sou que a lancha co-

O marceiro ficou atterado com este tratamento  
cerceante.

— Senhor . . . Heis de esculher entre mim e essa  
mulher que não conheço . . . que não quero co-  
abrecer . . .

— Como, Sr. ? . . . perguntou Eduardo conster-  
nado. Pois ainda insistis ? . . .

— Sempre . . . respondeu o velho. Eu previso  
d'antemão a sua escolha . . . Parem, quando o se-  
nhor . . . acrescentou elle sombriamente. Quando,  
senhor . . . ides marar-me ! . . .

— Meu pai ! . . . exclamou Eduardo em tom  
supplicante.

— Nem mais uma palavra, senhor ! disse o fa-  
zendeiro.

E tomando de cima da cadeira, onde se achavão,  
o chapéo e o chicote, encaminhou-se para a porta.

— Pois que ? Senhor ! perguntou Eduardo no  
auge da afflicção. Deixaes-me ? . . . Não ficars  
commigo ? . . .

— Não . . . respondeu Manoel d'Avellar, patan-  
do e voltando-se ainda uma vez, para o marceiro.  
Não habitarei debaixo do mesmo tecto que abriga  
a desobediencia e a revolta. Eu não esperava o seu  
procedimento. Sr., porém, ainda assim, tourei as  
minhas coutellas. E' alli . . . continuou o velho,  
chegando-se a uma janella e indicando uma casa  
que ficava no lado opposto da rua, um pouco adri-  
ante. E' alli . . . no *Hotel da Florença*, que vou  
esperar a sua decisão. Vou-lhe todo o dia de hoje

o mesmo tempo e em fins das lanchas, e  
e para os olhos que o admiravam se com o pe  
o mar, que e agora se apresenta, e entronha  
o mo marceiro, N. P. A., escrevo ao lancha  
o do Lanchista é, que eu sou que a lancha co-

para mecha-la. Seja qual for, amei-o e quero para  
a procriança.

Dizendo isto, o fazendeiro voltou desoladamente  
para as costas ao moço e sahio sem olhar, sempre  
para traz.

Ja o velho se tinha retirado havia algum tempo,  
e Eduardo ficava ainda de pé, como se não se pu-  
desse ao longo do corpo e travando um calaf-  
vago e sem expressão a parte por onde arrojara  
rredia seu pai, como que abalroado e sem consci-  
encia de si. Depois levou lentamente a mão á  
fronte, deu alguns passos pela sala e chegou ao ju-  
to da meza do estudo, detentou-se e calou sobre uma  
cadeira e occultou o rosto nas mãos.

— Que fazer ? . . . meu Deus ! . . . que fazer ! . . .  
murmurou o moço entre soluços.

Passarão-se vinte minutos, sem que elle mudas-  
se de posição.

Subitamente, o rodar de um carro que se foi  
para o lado do Camp. de São Anna, atrahido a  
da especie de entorpecimento em que estava  
Sem saber porque o moço estremeceu e compun-  
mo o pebo com as mãos . . .

Parecia-lhe que esse carro lhe tocava por cima  
do creção . . .

VIII

*Dous homens teimosos.*

Julgamos ser já lancha . . .

Amã, (Pouco se lembra)  
Treme o barbaço imã, (que a luz)  
Vai soar de cruel pontão!

pouco com alguns combalidos nossos, dr quem nos temos descuidado.

O commendador Duarte Passos acaba de aprar ar de um *Quintão* e se enitar em casa. Elvira Passos não veio, como de ordinario, trazer o velho negociante na ante-sala, e apresentar a liada frente ao osculo patreal.

O velho ouviu os melodio-ossos do piano di-mã, vibrados com alma e paixão.

— E' preciso que estrji muito entretida com a sua musica para não ter sentido para a diligencia, disse elle consigo mesmo. Não se me dava de a postar que se fosse o noivo ella alevinharia até a sua chegada!... Estas mulheres!... E' bem certo dizer-se que as mulheres só vivem para o amor e que n'ella este sentimento eclipsa todos os outros...

Como que para compensa-lo da distracção de sua fibra, um magnifico cão da Terra Nova completa mente negro de cauda comprida e franjada, correto alegremente ao seu encontro e tirando se nas patas trazeiras, vigueu-se e apuiu as diuoltriras nos hombros do commendador, fitando-lhe um olhar melancolico e curiuhoso.

— Bem!... bem... Abul-el Kader, meu amigo, disse o negociante, correndo a mão pela cabeça do animal. Ao menos tú não te esqueces de mim, e não me abandonares por mim-guem... Vam's... abaixo!... O cão obedeceu a

viz de seu snhor e foi seguindo o commendador que entrou na sala sem fazer ruido.

Elvira não se apercebeu ainda da chegada de seu pai.

O negociante collocou-se por de traz da cadeira da moça, conservando-se silencioso.

No fim de alguns instantes a moça parou.

— D'esta vez fui um pouco melhor... disse ella fallando consigo mesma e albandu satisfrita para a murica que tinha diante de si; esfregand' as lindas maosinhas e distendendo os seus dedos compidos e torneados que o exercicio fatigára

— Muito bem! exclamou finalmente o commendador.

A moça soltou um gritosinho de susto e voltou-se vivamente para traz.

Reconhecendo seu pai, levantou-se promptamente e foi abraçar o velho.

O commendador beijou-e na fronte com ternura,

— Que susto que me causou, meu pai! disse Elvira. E' muito malfeito!... Para castiga-lo viuo o devia abraçar... accrescentou ella emcucando-o graciosamente com d'elo.

— A culpa é tua; tornou o commendador. E, se ha quem tenha razão de queixa, sou eu.... Já deslumbas de ir esperar o pobre velho que chega morto do saudades por uma lugtatu....

— Não tem razão... nenhuma razão, meo pai-sinho... E sabe?... Não quero que me falle as-

TEP DEZ. 2. 1878. N. 1. A. O. T. B. D. N. 1.

sim.... nem me-o brincando.... Não imergira o quanto me afflige....

— Está bom.... está bom. (E d'ito por não d'ito Mas que musica e esse que estavas tocando?... E a primeira vez que a ouço?)...  
— Acha bonita?

— Eu só lhe ouço final... Não me parece má!...

— Não lhe parece má!... Bravo! Como eu ruim de contentar!... Pois é muito bonita... inuito... muito. Sou eu quem l'ho diz....

— Basta... basta. A Sr. é quem o diz, e tanto basta para que eu a julgar deliciosa.... sublime.... E como se intitula essa preciosidade?

— Esse preciosidade. Sr. graccjador de mau gosto, é uma nova prantasia sobre motivos do *Bar-le-de-Mascara* do Verdi... de Verdi... ouviu....

— Do Verdi?... disse o negociante com affectada admiracção e inclinando se profundamente Dou já as maos á palmaria, Sra. minha fibra... Quando a compraste?

— Não a comprei, respondeu a moça corand involuntariamente. Foi o Dr. Eduardo que me trouxe esta maubã....

— Ah!... disse rinto se Duarte Passos. E-me parecia que não era somente a sua predilecção por Verdi que te fazia emprebender, com tanta color, a apologia da producção do celebre *Bar-le-de-Mascara*....

— Sim?... tornou a moça. Como esta se tornou quando malicioso... o mau!... (Continua)

estava ao olhar para quem lhe falava...  
mas que, em um momento de  
de José da Costa, é de muito mais...  
Todos compreendem que o...  
em casa as abstracções que he...

## FOLHETIM DO DESPREZADO.

### SCENAS PA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

VIII.

*Dois homens zangados.*

— Oh! pois não! muito máo!... Vamos... laca-  
nos as partes... já estudaste a tua trilhante plan-  
taria?

— Não, não sou das duas vezes... Mas creio que já  
estudei a tua. Além d'isso, logo mais, toca-la hei  
com a tua vez, e, a noite, espero comprar a pro-  
pria que fiz ao Dr. de ficar sabendo a boja mes-  
ma.

— Não ha duvida... Tenho aqui um pequeno  
falso natural!

— A tua e que sou d'isso?... Ande lá que não  
conheço a perola que possue e por isso não lhe dá o  
seu valor...

— Creunha!

— Não não se chama presumpção; chama-se  
sinceridade do merecimento proprio.

*Desprezado n. 225.*

... e a vida...  
... e a vida...  
... e a vida...

... e a vida...  
... e a vida...  
... e a vida...

... e a vida...  
... e a vida...  
... e a vida...

— Ah!... Mas olha que ha tambem perolas  
falsas...

— Sim... Porém eu sou uma perola verdadei-  
ra... de preço... e de bom quilate!...

— Acredito, minha joia, acredito. Onde está  
Margarida?

— Creio que ainda na chácara, fazendo a sua  
colheita habitual.

— Bem... Vamos lá encontrar-la. Espere-me  
um pouco, enquanto tiro os botins e a sobreca-  
sa.

O commendador entrou na alcova.  
A moça chegou de novo para o piano e, mesmo  
de pé, principiou a exercitar-se, somente com a  
mao direita, em um pedaço da sua phantasia que  
achava mais difficil.

— Prompto! disse Duarte Passos sabindo do  
quarto já de chinellas, pelete de brim e chapéo do  
palla. Partamos!...

Elvira enfiou o braço no de seu pai e subirão am-  
bos pela ante-sala, segu dos do fiel Abd-el-Kader.

Desceirão a escada de fóra e tomando á esquer-  
da, caminharão ao longo do edificio até um peque-  
no portão que o negociante abriu.

— Tinha, apenas, dado cerca do roseote passos,  
quando viu D. Margarida que descubocava do  
uma alameda de ameiziteiras e capujinas.

A Sta. Passos traxo ao braço uma linda cestu-  
cha cheia de morangos e outras frutas.

... e a vida...  
... e a vida...  
... e a vida...

... e a vida...  
... e a vida...  
... e a vida...

... e a vida...  
... e a vida...  
... e a vida...

— Parabens! disse o commendador raso e ing-  
herr. A colheita parece que foi boa!

— Pôdo ser melhor... respondeu D. Margari-  
da o acrescentou.

— Ah! tratando! Vens protegida... Deves  
estar que tu não as pedes...

— Falias commigo, querida? perguntou a he-  
ra Passos, abraçando-a affectionadamente.

— Não!... Falo com este meu filho Arabella  
negro, respondo ella, amezcandolhe com a minha  
lindo cão da Terra-Nova que se refugava entre os  
seu senhor.

— Olhem o palife!... Como sabe que faz mal!  
Parece que me entendeu!

— Mas então? o que fez o meu filho Abd-el-  
Kader? perguntou Passos.

— Estragou-me, apenas, o meu canteiro de an-  
rangueiros...

— Ora, qual collado! E' prevenção tua com  
tra este pobre Abd-el-Kader!

— Ah!... sim... ha desrisas... e o que  
— O que é facto é que ha a responsabilidade  
possibilidade de quantas lacaiozinhos por  
os cães dos vizinhos.

— Não, Sr. que d'esta vez...  
grante. Mas elle ha de pagar o meu cão...  
do meu canteiro...

— Pôdo o nome me...  
do por Abd-el-Kader...  
ha intercedido por...

Pela prostração de Innocencio N. com a sua concubina D. Olympia Malachini. A maldade e retidão.

— Muito bem! Elvira... muito bem!... disse o commendador. A piedade asenta maravilhosamente em uma moça bonita como tu. Agradeço-te em nome de Abd-el-Kader. Verda-te é que também lhe deves alguma gratidão por...

— Por lhe bovir de pedaçado, outro dia, um quaderão de musicas, in errompo a Sra. Passos.

— Não; mas por ter-lhe, beijo, dado uma lição...

— A mim? perguntou a moça.

— Sim... Não foi elle receber ma em teu lugar?

— Mas... disse Elvira, fazendo um engraçado monesinho do zanga. Ainda se lembra d'isso?

— Ainda, mas beí-de esquecer-me O que eu vejo é que, apzar dos estragos causados pelo meu cão, tua a Sra. uma puzisão n'eu, mã, accrescentou Duarte Passos, introduzindo a mão na cacha que trazia D. Margarida e tirando alguns morangos.

— Alto lá! meu amigo, disse a Sra. Passos afastando se d'elle. Quer concluir a obra do seu devastador animal?

— Como assim? minha querida. Pois não é a mim que deitas os teus magníficos morangos?

— Não, não Sr. Estes não lho dão-de fazer inervante...

— Então para quem são elles?...

(Estruchidas)

— Para mim? minha boa mãeinha, perguntou Elvira.

— Também não.

— Ah! já sei; disse o commendador. São para o Vieira.

— Isso queria elle!... Não adivinhou, meu rico Sr. São para o Sr. Dr. Eduardo d'Avellar.

— Para o Dr. Eduardo d'Avellar? Oh! que homem endemonilhado! A final hei de ver me cogido à ser seu inimigo!...

— Não ha de ser, não! disse Elvira, apertando com ambas as suas delicadas mãozinhas o braço do seu pai.

— Prohibo-lhe que o seja! disse por sua vez D. Margarida, adiantando-se para seu marido com uma ar comicamente ameaçador.

— E eu tambem, accrescentou a moça.

— Ah! exclamou o commendador. Mas é uma verdadeira rebelião! uma perfida insurreição! Tu, quem cuidado! minhas Sras., tomem cuidado! Lembrem-se do que tenho um aliado poderoso...

— Não temos medo... disserão affeitamento as duas Sras.

— Havemos do derrotá-lo, continuou a Sra. Passos.

— Pulverisa-lo... accrescentou Elvira.

— Mas sathamos... quem é esse seu poderoso auxiliar? perguntou D. Margarida.

— Não!... pronunciou emphaticamente o commendador, apontando para o seu cão da Terra Nova, goscante, apontando para o seu cão da Terra Nova,

TOP. DE J. LOPES, RUA DA TRINDADE 1.

que, a vela e a vela... se tratava das duas mais pupit... sua moralmente detidado e... que puzo passos As duas... uma estorçada garalhada.

— Não se... Mas a... vingança ha-do... At dos seus mar... Sra. D. Margarida... Al dos seus quader... musica... da sua phantasia sobre o *Bande de Mar* cara do celebre Verdi, Sr. D. Passos.

— Ah!... Assim... Para... que... tenho para o seu aliado, disse a Sra. Passos, at... nhando no chão uma vara de marmelito.

— Nada, minha mã, acudio Elvira, com o... melhor; mais prompta e mais segura. Logo... reio Dr. uma dose de arsen co.

— Cala-te envenenadora! exclamou... Passos. Terás animo de assassinar o meu... el Kader?

— Por certo!...

— Então o Sr. Dr. Avellar, não... roubar-me o amor de minha mã, q... abela para me receber quando... com rochar-me o amor de minha mã... me recusa os seus morangos e os seus... cuidados; privar-me ha, mã, de... que me resta, do meu nobre e... Oh! Mas isto é um crueldade! O... elle em troca de tido, quando... (Coo)

de Londres, 1. — Lord Palmerston disse que não tinha recebido comunicação algu-

## FOLHETIM DO DESPERTADOR.

### SCEMAS DA VIDA DE ESTUDANTE.

SEGUNDA.

EDUARDO.

VIII.

*Dois homens zangados.*

— O que?... disse vivamente a moça. Dar-lhe-  
ba um filho bonito e talentoso, nobre e dedicado.  
Um filho que terá uma posição honrosa na socie-  
dade, e que ha de inscrever o seu bello nome no  
catalogo dos homens illustres da sua patria....

Os lindos olhos negros da moça lampejavão  
de animação e de entusiasmo, de amor e de or-  
gulto.

N'este momento a filha do commendador estava  
bella... bella á ponto de tornar louco á quem a  
visse!....

O commendador não pôde resistir aos impulsos  
da sua ternura paternal.

Elle agarrou freneticamente na formosa cabeça  
da moça e cubri-a de fervorosos beijos, dizendo:

— Sim... elle me dará isso tudo... brin o  
sei... Porcuo leva, em compensação, a mulher

Vide o *Despertador* n. 226.

esperava-se com interesse a abertura do  
Parlamento francez.

Além da questão religiosa que prometteria  
um encorço para interessante debate, esperava-

mais linda, mais espirituosa, mais elegante, mais  
sensivel, mais virtuosa....

— Basta! interrompção D. Margarida, arruan-  
cando dos braços de seu esposo a moça toda em-  
becida e perturbada com este chuveiro de beijos e  
de superlativos. Basta! Ella tambem e minha fi-  
lha... Não peitente somente ao Sr.... accrescen-  
tou-lha, abraçando e beijando tambem a moça  
com a maior ternura

— Invejosa! disse Duarte Passos.

N'este instante o grupo familiar ovio parar um  
carro na altura de sua casa.

Era o mesmo que, como vimos, havia causado  
tão inexplicavel e dolorosa sensação em Eduardo  
d'Avellar.

Pouco depois a campainha da entrada certificou-  
os de que tinham com effeito uma visita.

— O Dr. jante hoje connosco? perguntou o  
negociante.

— Não, respondeu Elvira. Além de que nunca  
se faz annunciar pela campainha.

— Bom... tornou Passos. Joaquim, vai dizer-  
nos quem nos honra á esta hora.

Um negro já velho, calçado e accidentalmente  
trejado; um desses escravos, tão raros como premo-  
sos, que acabão por tornar-se membros da familia,  
e que os pais lezão nos filhos como um antigo e  
guarda fiel, accudio apressado e dirigirse ao com-  
mendador:

2. — Resobramento de Eduardo...  
vindo cada um dos diretos... que...  
...do...  
...do...  
...do...

— Está o Joaquim... perturbado este que  
mostra temer...?

— É um Sr. que eu não conheço e que quer  
falar com o meu Sr....

— Como se chama?

— Eu pergunter o nome, mas não disse que  
não era preciso porque meu senhor não conhece a  
elle.

— Esta bem... Espero que seja menos resova-  
do para commigo. Fizeste o retrato?

— Sim, Sr.; está na sala de estudo.

— Introduze o no salão e dize-lhe que sou eu  
elle em um minuto

O escravo retirou-se com a mesma pressa que  
que vierá.

— Quem me procurará á esta hora? hesitou  
o negociante, como fallando consigo mesmo.

— Não esperavas alguem? não esperavas alguem?  
tuo D. Margarida.

— Não Em fim; não o que fiz esperar...  
to. Até já fize servir o jantar...  
bastaite appetito.

Fallando assim o commendador...  
exped...  
tar, o atirando o chapéo sobre a cabeça...  
gio-se immediatamente á sala de estudo.

Ahi achou-se em face de um...  
lava, pouco mais ou menos a sua...  
toda revolta e torpedada!

qualquer hora e gozo em que o serviço publico os reclama; o facto de seffin quasi lu-

Como d'rito o commendador não conhecia o recebido.

Mais perspicaz do que o negociante, já terá o melhor adivinhado que esta visita era, nem mais nem menos, o nosso conhecido velho Manoel d'Avellar.

Os dois velhos cumprimentarão-se gratamente. — E' com o Sr. Duarte Passos que tenho a honra de falar? perguntou o fazendeiro q' e se havia levantado, dando um passo ao encontro do commendador.

— Sim, Sr. . . um seu criado; respondeo o outro convidando-o, por um gesto á sentar-se de novo e tomando, igualmente, assento defronte d'elle. — Pois, Sr. Passos, tornou o fazendeiro, eu quero ao Manoel d'Avellar e sou pai de Eduardo Avellar.

— O Sr. Avellar! . . exclamou o commendador vantando-se prontamente e estendendo a mão ao fazendeiro. Queria desculpá-me . . mas estava tão longe de esperar o prazer da sua visita! . . Manoel d'Avellar pareceu hesitar, mas á final sobre-se a apertar a mão, que lhe apresentava o gozante com toda a cordialidade.

— Permitta-me que chame minha Srá. e minha ta que estão muito satisfeitas em conhece-lo, e chamo Sr. Avellar, acrescentou Passos que do sair.

— Não . . não . . disse o fazendeiro, detendo. Não precisa . . p'ço-lhe que não incom-

Amosim e Ju lino Rodrigues Coimbra & comp. e Coimbra & comp. participo que se achou em liquidação por isto pedem a le-

mode as Sras. por minha causa. . . A minha visita é de pouca demora . . .

— Ah! . . fez o commendador olhando-o admirado.

— N'esse caso . . á gosto, Sr. Avellar, proseguio elle em um tom que não era extremo de desconfiança, e tornando á sentar-se. Estou ansioso por saber á que devo a honra da sua visita.

— Eu já me explico, Sr. Passos. . . eu já me explico, disse Manoel d'Avellar, sentindo-se bastante embaraçado sobre a maneira porque devia explicar e sua explicação que, por fim de contas não deixava de ser bem espinhosa.

O pai de Eduardo tussio, assoou-se, estirou os collarinhos e á final principiou n'estes termos:

— Sabrá o Sr. Passos que meu filho Eduardo é um moço de muita capacidade e que tem dado até agora muito boas contas de si. . .

— Ninguém, melhor do que eu, avalia o merecimento e nobres qualidades do Sr. Dr. Avellar. . .

— Muito obrigado . . Mas, contudo, meu filho tem, como todos nós, os seus defeitos. O principal é contar, apenas, 21 annos.

— Defeito que, estou certo, muita gente lho invejará.

— O Sr. Passos não me comprehendo. . . Quando digo que Eduardo tem 21 annos quero significar com isso que meu filho não tem experiencia alguma dos homens e das cousas; que se deixa levar pelas primeiras impressões; que ou tem e

THE DR. J. LOPES, RUA DA TRINDAD, 3, 1.

calma necessaria para verter as suas paizes e. . .

— Entendo . . . entendo perfeitamente. . .

— Muito bem. Ora, como ia dizendo, Eduardo apraz de todas as boas qualidades que possui e que o Sr. mesmo lhe reconhece, incorréo em um grave falta, falta es a devida ao fogo e a incensuração propria dos seus poucos annos, e que eu procurei reparar á todo o transe. . .

O remban'o do commendador tornára-se esregado. Elle julgava antever o ponto á que o fazendeiro queria chegar.

— Este, depois de uma breve pausa, contou o se acha emprehada a nossa honra, eudicidado pelas perficiões da Ill. Sr. sua filha, que não tem abo a honra de conhecer, mas que Deus me ajuda de pôr em duvida, Eduardo aventurou um passo que está muito longe de merecer a minha approvação. . .

— Como, Sr. . . perguntou o commendador saltando na cadeira e tornando-se rubro de indignação.

— E' o que lhe digo, meu chato Sr. . . tornou o fazendeiro com toda a liberdade. . . Peça-lhe que se modere. Julgo estar falando com um honrado e cordato e razoavel, e espero que não deixará de reconhecer o direito que me assiste de obter em um negocio que, tão de perto, me interessa. . .

Continua.